



petulante  
insensível

SE ENTREGANDO AO AMOR | *livro 3*

AGATHA SANTOS





**AWF Santos**



Copyright© 2018 AWF Santos

**Revisão:** Hellen Caroline, Helô Coimbra.

**Capa:** AWF Santos.

**Diagramação:** Mari Sales.

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento por escrito da autora.

# Sumário

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a Autora](#)



*Dedico esta obra a pessoa que me ensinou que o melhor caminho é o do amor e da caridade. Obrigada por me ensinar que posso sempre ser o melhor de mim, a você Mãe Denise de Iansã.*





Mais uma obra concluída e mais um pedaço de mim sendo eternizado de alguma forma. A sensação disso chega a ser quase indescritível, eu disse quase, pois o que prevalece no meu coração neste momento é a gratidão.

Com isso, sempre sendo grata a Deus e todo o plano espiritual acima de tudo, pela oportunidade de estar aqui, viver aqui e aprender aqui.

À minha família espiritual e de sangue, por serem um apoio incondicional nos meus momentos de dúvida.

Às pessoas maravilhosas que denominamos leitoras, mas no meu íntimo as vejo como acolhedoras de sonhos, que através das páginas lidas e das oportunidades dadas, me permite sonhar um pouco mais a cada dia.

Aos anjos da minha vida literária Milena, Helô, Mari Canan, Hellen Caroline e Mari Sales, não tenham nunca dúvidas com a consideração, carinho e imensa gratidão que tenho por cada uma de vocês. Obrigada especialmente por me aturarem em todo o meu louco processo de produção e me ajudarem a realizar minhas mais reconfortantes ideais.

E mais uma vez expresso minha gratidão aos grupos literários, blogs, páginas, profissionais da área, que dedicam seu tempo e talento para ajudar a promover a literatura nacional.

Se me permitem, estou numa fase “Lispector” de ser, então deixo uma frase dela que define muito de mim no momento e que pode vir a inspirar vocês:

*“Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.”*

**- Clarice Lispector**



# Caio

A chuva cai fina e eu observo o fraco movimento da rua pela pequena janela do meu apartamento. A pouca iluminação vem do poste que fica do outro lado da calçada, solto o ar dos meus pulmões com pesar.

— Caralho! — desabafo e chuto a mesinha que fica no canto da pequena sala. Ela é lançada longe e já cai sobre o velho assoalho, toda desmontada.

Aquela mimada maluca está me testando. Pensa que só porque teve de tudo na vida, tem o direito de passar por cima de qualquer um. Ela está muito enganada. Eu não sou o irmãozinho dela que se derrete com meia dúzia de palavras doces, principalmente quando solta seu sorriso de menina levada e faz festa quando consegue o que quer.

Olho o relógio na parede e já passam das 4h15 da manhã. Preciso descansar. O caso do Júlio com o senador corrupto manteve-me na ativa por tempo demais.

Mantenho meu corpo em constante movimento e tento ocupar minha mente com tudo que posso, assim evito pensar nela. Não gostei da discussão entre ela e o irmão na fazenda, mas não pude falar nada.

Não tenho esse direito.

Por Deus! Ela é uma criança e eu, como um bom pervertido que sou, não passo um minuto sequer sem desejar aquele corpo perto de mim. Principalmente quando estamos sozinhos, o que eu evito ao máximo que posso. Ela se transforma.

A criança que ela mostra a todos dá lugar a uma mulher com curvas envolventes, movimentos provocadores e aquela maldita boca petulante, que se torna o desejo de qualquer homem.

Ela consegue provocar o devasso que habitem mim com apenas um olhar, que parece inocente, mas, quando eles se encontram com a perversão que carrego em minha alma, acendem feito brasa e me queimam.

Sinto meu sangue ferver agora, só que desta vez ele se concentra em uma região muito específica do meu corpo e que não tem como ser ignorada.

Meu pau.

Só de imaginar minhas mãos tocando aquela pele macia, eu entro em transe. Meu amigo

muito necessitado pede por atenção e eu não consigo mais ignorar todas as imagens que se formam na minha cabeça.

Sento no meu sofá de qualquer jeito e puxo o moletom para baixo. Como estou sem cueca, meu membro salta livre, firme e duro, feito rocha. As imagens de uma Amanda sendo amordaçada, de quatro, e tomando belas palmadas na bunda inundam minha mente.

Minha mão trabalha furiosa com a cena tão clara em minha cabeça. Têm sido tortuosos meses de tesão acumulado por essa menina e ela tem me testado a cada maldita oportunidade.

Sim. Menina!

Uma raiva incomum que sempre brota no meu peito me invade e me faz masturbar meu pau com mais afinco. Imagino-a agora de joelhos engolindo meu pau em sua boca. Aquela mesma boca petulante que adora me provocar.

Meu coração troveja no peito e sinto que estou próximo. Quando sinto o primeiro espasmo percorrer minha coluna, seguro minhas bolas e aumento o movimento da minha mão. E então eu explodo.

— Amanda... — grunhi feito um animal.

E mais uma vez termino frustrado. Há meses a mesma cena se repete.

Amanda Machado Souza, uma pirralha provocadora, mimada e petulante, tem testado todos os meus limites. Não sou um cara feito para ser colocado à prova. E eu não sei por que meu pau resolveu reverenciá-la a cada desafio, discussão ou provocação dela.

Ela sumiu desde o retorno da fazenda. Não apareceu mais na casa do irmão e não tem ido às aulas de defesa pessoal com Aldria e Vega.

Minha irritação aumentou muito por conta disso e nem eu tenho me aguentado. Passo o dia atolado em trabalho para esquecê-la, mas quando a noite chega, traz tudo aquilo que eu tento matar dentro de mim.

Tento a todo custo manter-me firme e determinado.

*Ela não pode ser minha!*



Capítulo 1  
Enfrentaría Cualquier Obstáculo su Desafío por Ele

# Amanda

*Um, dois, três, quatro. Vira, estica, roda e crava. Um, dois, três, quatro. Vira, estica, roda e crava. Um, dois, três, quatro. Vira, estica, roda e crava.*

Repasso mentalmente a sequência, enquanto executo os passos da coreografia da minha próxima apresentação.

Controlo minha respiração para que eu não perca o ritmo. Dessa vez escolhi *Back to Black*, da Amy Winehouse. Ela tem uma batida mais intensa e isso exige muito mais de mim na harmonização com a música.

Estou de olhos fechados. Mesmo sabendo que é importante eu estar atenta ao espelho para corrigir qualquer erro na minha postura e posições, gosto de me desligar.

Quando danço, algo de muito bom toma conta de mim. Me sinto livre e enfim encontro uma serenidade. É como se tudo à minha volta se encaixasse, e meu coração, mente e espírito entrassem em contato com algo maior.

De olhos fechados eu me permito sentir a plenitude de cada movimento e minha mente viaja em lembranças, sonhos, desejos e esperança.

— Amanda, abra os olhos! — Ouço ao longe o comando da coreógrafa que está me auxiliando com alguns movimentos de jazz que incorporei no meu solo para a apresentação no mês que vem.

Não obedeco ao que diz. Não tenho a menor vontade de me tornar um robô ou uma escrava de meu corpo na postura perfeita. Por isso segui o rumo contemporâneo.

Quero a liberdade de sentir cada movimento dos meus membros, passando o sentimento que interpreto de cada melodia escolhida e assim a mágica se faz.

— Amanda! Atenção no giro! — Agora sua voz está mais próxima e mesmo assim continuo ignorando.

Sinto a batida trovejar em meu peito e a cada movimento que faço tento exprimir ao máximo a intensidade que grita em minha alma.

Pode parecer exagerado para quem não entende o que é uma dança.

Ela vai além de movimentos coreografados e treinados para o objetivo de mostrar ou competir.

Para mim, dançar transcende a barreira do carnal com o divino. Dançar *te* conecta a algo que vai além da sua compreensão racional, *te* mostra a liberdade infinita que tua alma te cobra de tempos em tempos.

Meus pensamentos estão longe. Envolver-me no tudo e no nada que me consomem e só percebo que a música acabou quando sinto uma lágrima descer pela minha face.

Ultimamente tem sido assim, dançar me faz pensar em minha vida e nas escolhas que meu coração tolo fez tempos atrás, e que hoje cobram pesadamente seu preço.

— Amanda! Onde está sua cabeça, garota? — Carla se aproxima, me entregando minha garrafa de água.

— Eu não sei — respondo constrangida, limpando a única lágrima que desceu pelo meu rosto.

— Você está aérea! Faz meses que ensaiamos esta coreografia e você de umas semanas para cá está simplesmente desconectada de tudo que já trabalhamos. É um solo, Amanda!

— Eu sei, ok?! Vou melhorar. — Olho o relógio na parede e percebo que estou perdendo a hora do meu próximo compromisso. — Preciso correr.

— Você deveria continuar treinando. Principalmente com o mau desempenho que tem apresentado.

— Eu já disse que vou melhorar, Carla! *Relaxa!*

— Tudo bem! Está indo ver as crianças? — Vendo minha irritação, ela ameniza seu tom.

— Sim! Elas me esperam — falo sorrindo.

Pego minha mochila e despeço-me dela, remarcando o ensaio para cedo do dia seguinte.

Saio da sala e vou em busca do meu carro no estacionamento da faculdade. Desde que comecei a faculdade de dança, tenho estado muito ocupada com minha nova rotina.

Passo praticamente o dia aqui dentro e ainda preciso revezar meu tempo com o projeto de dança das comunidades.

Meu maior sonho é me formar e abrir meu *Studio* de dança, trabalhar com os pequenos e mostrar a eles o quanto é possível sonhar e viver a fantasia através da dança.

Quando concluí meu período na academia de dança, procurei por um projeto que incentivasse crianças carentes ao caminho das artes e da dança. Na realidade do nosso país eu sei que conseguir ser um bailarino dentro das condições deles é bastante complicado, por isso sonho

com o dia onde poderei dar o suporte a todos, sem distinção de classe ou condições de vida.

Dirigindo no trânsito caótico de São Paulo, vejo pelo retrovisor o mesmo SUV preto me seguindo e eu sei que são eles. Quando discuti com meu irmão meses atrás na fazenda dos pais da Aldria, eu disse que não queria mais nada vindo dele.

Cortei minhas visitas a sua casa e tenho passado mais tempo dentro da faculdade ou em casa com meu pai.

Claro que isso não aconteceu somente por aquela discussão, mas resolvi dar um basta para o meu coração torturador, que sempre quis estar em torno do único homem que despertou meus desejos e sonhos mais eróticos.

Tenho dezenove anos e desde que completei a maioridade tento de todas as formas mostrar para aquele ogro insensível que eu sou interessada nele.

Tudo bem que eu estou mais para apaixonada loucamente e cega de amor. Mas ele não precisa saber com tantos detalhes.

Não devo ser tão bonita e sensual quanto eu pensava, pois todas as vezes que tentei uma brecha ou conversa, ele me cortou. Ele simplesmente me trata como a irmãzinha mais nova do chefe.

Acho que é essa a distância que anda afetando diretamente meu desempenho na dança. Cada vez que me movimento na coreografia, fecho meus olhos imaginando que ele está ali, me olhando dançar e admirando meu corpo e meus passos.

Chego ao centro de recreação e avisto Claudinha, minha melhor amiga e fiel escudeira nesses anos de vida. Desde que perdi minha mãe aos nove anos de idade, nós nos aproximamos e praticamente vivemos juntas.

Ela foi um grande apoio no momento em que eu tive que aprender a lidar com a perda e a saudade da melhor mulher que conheci na vida.

Foi minha mãe que me incentivou a começar a dançar em um estúdio de dança conhecido da cidade, e lá eu conheci Claudinha. Por isso sinto essa vontade de fazer algo grandioso para todos. Quero homenagear minha mãe e mostrar ao mundo de onde vim.

Apesar de não ter conhecido a pobreza, pois meu irmão enriqueceu logo que nasci e ele sempre deu todo o suporte e respaldo que nós precisássemos, eu quero unir as origens da minha família ao que eu amo fazer.

Desço do carro e vou ao porta-malas pegar o material para a aula de hoje. Como o



Centro Recreativo não tem segurança nenhuma e por ser uma área um pouco perigosa, tenho que levar e trazer o material todas as vezes que venho dar aula.

— Essa bolsa é pesada pra burro! — Ela comenta, pegando a mala de roupas de balé.

— *Pega logo e não reclama!*

— Nossa! Não tomou sua dose de *Caiolicios* hoje?

— O quê? —Paro o que estou fazendo e encaro-a rindo, terminando de tirar a bolsa do carro.

— Sim! Desde que se rebelou com seu irmão, você não tem visto seu ogro delicioso ou “*Caiolicios*”, e seu humor tem piorado em níveis calamitosos.

— *Para* de ser ridícula! —esbravejo, mas não resisto ao apelido mencionado e rio.

Recolhemos tudo que precisamos e rumamos ao ginásio onde funciona o Centro de Recreação e Apoio Infanto-Juvenil.

Não me dou ao trabalho de contestar a piada de Claudinha. Ela me conhece bem demais para eu tentar mentir que não o ver nesses últimos dois meses tem realmente mexido com meus nervos.

Entramos no ginásio e as crianças já estão fazendo a festa, correndo e brincando enquanto a aula não começa. Claudinha posiciona todo o material e eu ligo o rádio portátil para começarmos a aula.

As crianças vão se aquietando e uma a uma vem buscar suas roupas para a dança. Como elas não têm condições de adquirir as roupas, Claudia e eu temos nos revezado para manter um estoque de roupas para empréstimo.

Contamos com a ajuda de algumas mães que costuram, e elas fazem os ajustes necessários.

Claudinha insiste que eu fale com meu irmão, afinal, com uma boa doação tudo isso poderia ser resolvido num piscar de olhos, mas penso diferente. Quero que essas crianças busquem por seus sonhos, batalhem dentro de suas dificuldades e mesmo eu, quero conquistar isso a cada passo junto delas.

Com a mesada que tenho ganhado desde que meu irmão passou a ter uma condição financeira melhor, poupo cada centavo para montar meu estúdio. Já consegui alguns patrocinadores interessados e meu querido e amado pai tem me ajudado nesse projeto.

Apesar de não ter enriquecido de forma direta, meu pai sempre foi um homem centrado e sábio. Quando minha mãe partiu, ele aquietou toda a sua dor e focou em dar o suporte que eu e Antônio precisávamos.

Eu o admiro demais e temos uma ótima relação. O senhor Claudio sempre foi um homem de bem, tranquilo e com os melhores conselhos para todas as horas.

Como minha mãe morreu e eu ainda era muito nova, ele assumiu o papel de me ensinar tudo sobre ser uma adolescente. É até engraçado pensar nisso, mas nunca tive segredos com meu pai e desde minha primeira menstruação até os namorados que arrumei, ele sempre soube de tudo.

Em casa, o papel do ser rabugento e controlador sempre foi do meu amado irmão, que no momento não tem sido tão querido assim.

— Atenção, alunos! Vamos aquecer e alongar, sim?! — Dou o comando para que eles comecem com os exercícios base de aquecimento e passem a alongar.

— Como estão as coisas com seu irmão?

— Na mesma. Eu não ligo e ele não procura. Só sei que ele está de olho em mim, pois os “sombras” continuam me seguindo.

— Isso nunca vai parar. Você sabe que ele é um neurótico.

— Sim, eu sei. Tenho conversado com a Vega e ela diz que está a ponto de trazê-lo pelas orelhas à casa do meu pai. — Rimos da cena, pois vindo da espanhola, eu não duvido nada.

— Isso seria ótimo de se ver.

— Sim. — Observo a turma e vejo algumas alunas mais novas fazendo movimentos errados.

— Atenção na postura! Vamos realizar os movimentos juntas!

Claudinha e eu cortamos o assunto e começamos a aula, dando total atenção aos alunos mais novos que ainda não conhecem o básico no balé.

Quase duas horas depois, recolhemos todo o material e partimos dali.

Dou uma carona para minha amiga até ao seu apartamento e vou para casa. A única coisa que necessito neste momento é de descanso e um ótimo banho relaxante.

Chego a casa e já está quase anoitecendo. Hoje o dia foi puxado. Aliás, meus últimos dias, semanas e meses vêm sendo nesse mesmo ritmo. Meu pai diz que qualquer dia tenho um

colapso e sossego um pouco.

— Olá, minha princesa!— Paro na sala e vou até a poltrona onde meu pai está sentado com um livro na mão.

Ele sempre está assim. Meu pai sempre gostou de ler e ensinou esse hábito a mim, fazendo com que até o Antônio se contaminasse.

— Oi, pai. Cheguei.

— Estou vendo. E o que aconteceu?

— Nada.

— Amanda, minha princesa... Conheço você melhor que a si mesma.

— Pai, não é nada.

— Tudo bem. Quando quiser falar, estou aqui. — Ele me dá um sorriso conciliador.

Viro em meus calcanhares. Às vezes acho que ele é uma espécie de telepata. Sempre sabe o que acontece comigo, mesmo que eu não queira admitir.

Nos últimos dias ele tem insistido em saber o porquê de eu estar tão abatida, e eu fujo dele feito doida.

A única coisa que não tive coragem de contar a ele foi sobre minha paixão louca pela segurança do meu irmão. Sempre tive o cuidado de disfarçar. Me apaixonei por Caio logo que ele veio trabalhar para o meu irmão.

À época eu tinha só 14 anos e ele 24. Tinha medo de alguém perceber e isso prejudicá-lo e, pior, me afastar de pelo menos vê-lo.

Entro em meu quarto e jogo as bolsas num canto para desocupar depois. Tiro as roupas pelo meio do caminho e vou até a banheira preparar um bom banho para eu relaxar.

Pego minha caixa de som e coloco a minha *playlist* favorita para tocar. Ultimamente tenho escutado músicas românticas, sofredoras, dramáticas que falam de dor e abandono. Sim, eu gosto de sofrer feito um cão doente abandonado no frio da noite.

Entro na água devagar, deixando-a me aquecer e relaxar meus músculos doloridos pelo esforço do dia. Fecho meus olhos e escuto *I Know You*, *Skylar Grey* invadindo meus ouvidos e sorrio fracamente.

Todas as palavras da letra tocam diretamente minha mente e coração, não haveria música melhor para definir tudo que eu penso se ele ao menos me notasse. Apesar de não

conhecer absolutamente nada sobre a vida do Caio, suas origens, por onde andou ou o que fez, eu vejo em seus olhos que ele é um bom homem.

Se ele ao menos desse um pequeno indício de que me quer, que me deseje, eu não me importaria com mais nada e ninguém. Enfrentaria qualquer obstáculo ou desafio por ele.

Devagar escorrego meu corpo na banheira para me afundar totalmente na água e tentar não pensar nos “se’s” da minha vida. Eu preciso aproveitar esse período que estou mais afastada do meu irmão e focar em minha vida.

Não sei se consigo um dia esquecer o homem que conquistou meu coração com um olhar, mas eu preciso tentar viver e me libertar deste sentimento que está se tornando doentio.

Termino meu banho, enxugo-me e coloco um vestido solto e uma rasteirinha no pé. Não pretendo sair para lugar nenhum e quero ficar o mais confortável possível.

Desço as escadas e escuto risadas vindas da sala de jantar, um cheiro maravilhoso invade minhas narinas e minha boca saliva.

Entro no ambiente dando de cara com o homem que ocupa todos os meus pensamentos e sonhos. Caio está parado no canto da sala e sorrindo de alguma coisa que provavelmente meu pai disse.

Fico hipnotizada. É a coisa mais rara do mundo ver este sorriso e cada vez que ele o faz, eu me perco em cada detalhe da sua expressão facial. Ele seria ainda mais lindo, se é que isso é possível, se sorrisse sempre.

— Cunhadinha! — Vega levanta e vem me abraçar.

— Oi! — Me assusto com seu abraço acalorado. Eu estava distraída demais olhando para Caio.

— Resolvi vir *te* visitar, já que esqueceu que tem irmão, cunhada e sobrinho a caminho —ela fala em tom de repreenda, mas seus olhos transparecem carinho.

— Jamais me esqueceria de você ou do meu sobrinho ou sobrinha, já do meu querido irmão, dispenso comentários.

— Eu ouvi isso, pirralha! — Antônio fala, entrando no ambiente.

— Você?! Aqui?! — pergunto, colocando todo o sarcasmo que posso.

— Amanda, minha filha. Vamos jantar, sim?! — Meu pai, como bom conciliador que é, apazigua a situação.

— *Buenos!* O mais importante é que tudo está fluindo e eu já estou atendendo clientes de forma independente — Vega comenta animada, enquanto sento-me à mesa.

— Quem bom, minha querida.

— Eu já falei a ela, Claudio. Isso é desnecessário.

— Mas eu quero.

— Você e sua mania de achar que pode controlar tudo, né, Antônio?! —falo, ácida.

Antônio que já tinha tomado seu lugar a mesa antes de mim, larga os talheres e me encara com os olhos estreitos. Eu nunca fui rude com ele, sempre o tive como um segundo pai e ele sempre fez de um tudo para suprir a falta de nossa mãe.

Desde que brigamos na fazenda e ele tentou me tratar como a criança que não sou mais, eu não tenho mais paciência para lidar com esse lado protetor dele.

— Quer me dizer alguma coisa, irmãzinha? —ele questiona, com o timbre de voz carregado.

— Não que eu saiba — respondo, cortando meu bife como se não tivesse notado sua irritação.

— Sabe qual o seu problema? Eu te mimei demais! — Rispidez exala dele.

— É mesmo? Pois então, está na hora de parar de me ver como criança.

— Faça por onde, minha cara! — responde com arrogância.

Penso em responder, mas quando olho ao redor vejo Caio me encarando com reprovação e fazendo um sinal praticamente imperceptível com a cabeça em sinal de negação.

Como sempre ele está me achando a criança e infantil da situação e isso me deixa ainda mais chateada. Resolvo me calar e abstrair toda essa conversa estranha.

Vega começa a falar sobre sua gravidez e a mesa toma uma atmosfera mais leve.

Assim que o jantar acaba, eu me despeço de Vega, dou boa noite ao meu pai e a meu irmão, subindo em seguida para meu quarto.

Não estou em um bom momento para interagir e resolver minhas questões com Antônio e eu não quero sentir a frieza de Caio hoje.

Entro em meu quarto, tiro o vestido e coloco minha camisola.

Escolho a *playlist* da *sofria*, jogo-me na cama e entrego-me ao sono que invade

rapidamente meus pensamentos sôfregos, e isso é um alívio para meu coração.



## Capítulo 2 Aquele Sorriso que não Sai da Minha Mente

# Amanda

Acordo em mais uma manhã atribulada devido a minha intensa rotina nos últimos tempos. Tudo tem sido totalmente cronometrado em meu dia.

Arrumo minha bolsa de roupas e materiais para o dia e desço para tomar meu café. Não sou muito fã da refeição matutina, mas se eu não comer ao menos uma fruta e tomar alguma coisa, meu pai vai fazer um drama.

— Bom dia, pai.

— Bom dia, minha princesa. — Beijo a sua testa.

— Quero só um mamão com granola, Cida — peço a nossa empregada que está servindo um café a ele. — E bom dia.

— Bom dia, criança. Eu vou buscar.

— Como foi o restante do jantar com o chato do meu irmão? — pergunto enquanto me sirvo de um copo de suco.

— Tudo perfeitamente bem, como sempre.

— Sei...

— Sabe? Realmente?

Ele para de comer e me observa.

— O que o senhor quer dizer com isso?

— Filha, você e seu irmão têm uma ligação muito forte e eu sei que essa birra entre vocês está afetando a ambos.

— Não é birra, pai! Antônio precisa entender que tenho limites e que eu não sou mais a criança que ele pensa.

— Então seja a adulta que quer e converse com ele — sugere tranquilamente, porém isso me atinge mais do que o imaginado.

De fato, comportando-me da forma que fiz ontem, só comprova a teoria dele e de muitos de que sou a criança mimada que me julgam.

— Tudo bem, eu vou falar com ele — resigno-me.



— Ótimo!

— Aqui está, criança.

— Cida, eu não sou criança — falo em lamento.

— Tudo bem, adulta. Aqui está seu mamão — Cida diz, sorrindo e entregando minha fruta.

Acabo de comer e me despeço dos dois, partindo para mais uma maratona pesada do meu dia.

Guio meu carro pelo trânsito e como sempre, a *playlist* da sofrência toca nos alto-falantes do carro. Chego à faculdade sem tempo para nada, indo direto para a sala de ensaio, onde Carla já está me esperando.

— Bom dia, garota. Vamos aquecer e ir desde o começo. Espero que sua cabeça esteja aqui hoje! — Como sempre, ela é bem direta.

Conheci Carla em uma convenção de Jazz no Rio de Janeiro e trocamos nossos números. Pouco tempo depois soube por ela que estaria dando algumas aulas na faculdade aqui em São Paulo e acabamos nos aproximando ainda mais.

Ela é uma excelente bailarina de Jazz e quando foi proposto o solo a mim, não consegui pensar em outra pessoa para me ajudar com a inserção do jazz nos passos que não fosse ela.

Faço uma bateria de treino de 3 horas seguidas.

Impressionante como consegui uma melhor concentração hoje. Meus passos ficaram marcados; meu foco totalmente direcionado aos meus movimentos e as orientações que ela me passava.

— Muito melhor, Amanda. Muito melhor! — ela elogia quando finalizo o último movimento e cravo minha coreografia.

— Obrigada.

— Foco é tudo, garota.

Chego a pensar que essa mudança no meu desempenho tenha a ver com a visita de ontem e aquele sorriso que não sai da minha mente, mas rapidamente me recupero e disperso essas ideias de minha cabeça.

Nós nos despedimos e eu vou para o vestiário tomar uma ducha rápida e me trocar para a aula teórica do período da tarde.

— Oi, amiga. — Encontro com a Claudinha na saída do vestiário.

— Olá.

— Pronta para a aula do professor André? — Claudinha estampa um sorriso pervertido no rosto.

— *Para* com isso!

— Paro nada. Só você não percebe o mole que aquele gato *te* dá.

— Você que vê coisas demais onde não existem.

— Ok, dona Amanda. Veremos hoje na aula.

Ela nunca perde a oportunidade de me atormentar. Nosso professor neste semestre sobre Desenvolvimento Humano e Social é o André.

Ele é um amor de pessoa. Suas aulas são ótimas e eu sinto uma euforia quando fala sobre a questão social do país e as possibilidades se houvesse mais investimento na área cultural e artística aqui.

Às vezes penso que ele é um idealizador assim como eu.

— Bom dia, turma — todos respondem. — Hoje falaremos um pouco sobre projetos sociais, quais seus fundamentos, possibilidades e sua importância no meio.

Fico encantada com o tema, afinal, faço parte de um e quero futuramente ter meu próprio programa social.

Ele dá início às explicações e rapidamente cria-se um debate na sala sobre isso. André tem o dom de despertar o consenso social dentro das pessoas.

— Então, Amanda. O que você pensa? — Olho-o surpresa.

Até o momento eu estava calada, somente ouvindo e absorvendo tudo que foi dito por ele e pelos colegas. Não sou uma apreciadora de falar em público, mas não nego a tarefa quando me é designada.

— Bom, professor, penso que como em qualquer ramo ou atividade em que trabalhamos com pessoas e, no nosso caso, lidamos diretamente com a forma de expressão, precisamos, sim, estar atentos ao redor e levar a possibilidade disso a quem puder. Faço parte de um projeto de dança em uma comunidade e, além da minha gratificação pessoal por isso, sinto que estou abrindo portas a quem só as tiveram fechadas até hoje. Claro que cabe a mim, como orientadora, não somente mostrar o lado bonito da dança e, sim, despertar a vontade de vencer as barreiras

que a sociedade e as condições de vida colocam para elas.

— Muito bem!— Ele acena com a cabeça e vejo um sorriso de canto em sua boca. Isso realmente o torna mais bonito.

— Uau! Ganhou um sorriso do professor delícia — Claudinha não perde a oportunidade de sussurrar para mim.

Não lhe dou atenção para que ela não estenda seus comentários impertinentes.

A aula prossegue a todo vapor e André nos mostra vários pontos consideráveis dentro do tema. Aproveito para anotar tudo que posso. Isso vai me ajudar muito com meu projeto pessoal.

— Aula encerrada. Espero o artigo de vocês sobre o tema abordado para daqui duas semanas, então não façam corpo mole.

Pego meu material e encaminho-me para a porta junto com Claudinha. Sinto alguém segurar meu braço e quando olho, vejo o professor André me olhando com um sorriso no rosto.

— Gostaria de ter uma palavra com você, Amanda. Pode ser?

Olho para Claudinha atônita. Eu nunca dei trela para as piadas dela, mas já percebi que André me olha diferente e sua atenção comigo não é sem fundamento.

—Tô indo nessa, amiga. — Claudinha pisca para mim e sai da sala.

— Sim, professor.

Retorno meu olhar e vejo-o sentado na beirada da mesa meio de lado, deixando uma perna no chão e a outra suspensa. Ele me encara dos pés à cabeça, pareando seu olhar com o meu, e o sorriso que me dá termina de revelar o homem por trás do papel de educador.

Ele é realmente bonito.

— Achei muito interessante sua resposta e fiquei curioso com seu projeto.

— Ah, sim. É algo que venho sonhando há muito tempo.

— E onde você dá aulas atualmente? Gostaria de conhecer. A gente pode... quem sabe, tentar alguns patrocínios.

— Isso seria ótimo, mesmo! — Me animo com a possibilidade de ajuda.

— Me passa seu número. Assim entro em contato com você quando eu puder ir, e você me ensina o endereço. — Ele saca seu celular e aguarda eu passar o número.

— Tá legal. — Falo o número e ele o anota rapidamente.

— Ótimo! Vou lhe mandar um oi, assim você me adiciona e, no que precisar e a qualquer hora, pode me chamar.

— Tudo bem, professor. Agora eu preciso ir — digo, dando passos para trás e virando-me para sair da sala.

— Amanda! — Viro, encarando-o. — Pode me chamar para qualquer coisa mesmo — ele fala com um sorriso no rosto e eu entendo o recado.

— OK!

Saio o mais rápido que posso da sala.

Realmente, agora não posso mais negar o interesse dele por mim.

Engraçado, eu nunca tive medo dos garotos, mas homens mais velhos me deixam um pouco nervosa. André não é tão velho assim, deve ter em torno de 35 anos no máximo. Ele é muito bonito e confesso que tem um charme muito cativante.

Saber que ele de fato tem interesse em mim, deixa-me encabulada.

— Então?! — Claudinha surge do meu lado.

— Ai, que susto, bandida! — Levo minha mão ao peito.

— Não enrola e me conta! Ele *te* chamou pra sair?

— Não, Claudinha! Ele não chamou. Só está interessado no projeto que damos aula.

— Ah... Só isso?

— Sim! — Omito o fato de ele pedir meu número e da direta que me deu quando estava saindo da sala.

Se ela souber disso, vai falar por dias a fio e eu realmente não quero pensar sobre isso.

— Vai para onde agora?

— Vou encontrar com o Lucca. Ele me pediu uma ajuda em uma sessão de fotos aqui perto.

— Ai, que legal. Posso ir?

— Acho que não teria problema.

Chego ao meu carro e vejo que na vaga de trás está parado o SUV dos “sombras”.

Resolvo brincar um pouco com eles. Dou um *tchauzinho* e Claudinha olha na mesma direção e, percebendo quem são, também acena.

— Acho isso muito engraçado— ela comenta, entrando no carro ao meu lado.

— Eu acho um saco, mas desisti de lutar contra.

Dou partida e rumo ao nosso destino.

Desde que a espanhola arretada da minha cunhada entrou na vida do meu irmão, ela trouxe a tropa Aldria e Lucca junto e eu amei conhecer cada um deles.

Lucca, como sempre, nossa mãe galinha, é um fofo e muito amigo. Sempre disposto a dar os melhores conselhos. Aldria já é mais ácida, mas quando preciso de um chacoalho, ela é uma boa opção.

Ambos sabem do meu amor platônico por Caio. Acredito que até Vega saiba, mas com ela ainda não tive coragem de falar sobre.

Chegamos ao endereço e vejo que é um estúdio de dança, acho interessante e sorrio animada para Claudinha.

Mal entro no ambiente e vejo um Lucca muito diferente do seu habitual.

— GAROTA, SE ENXERGA! VOCÊ ESTÁ AQUI COMO UMA MODELO FOTOGRÁFICA! NÃO SE ACHE A ESTRELA! — Ele grita para uma garota que está com os braços cruzados encarando-o e batendo o pé direito no chão.

— Eu sou a estrela. É *meu* rosto e corpo que estarão estampando a campanha.

— Então, estrela, coloque-se nas pontas dos pés por mais de cinco segundos para que eu possa capturar as imagens.

— Sou modelo e não bailarina.

— ENTÃO PORQUE ACEITOU UM TRABALHO QUE REPRESENTASSE UMA?  
— Novamente ele grita e bate os braços na lateral das pernas.

— Não grite comigo! — A tal modelo bate o pé.

Lucca solta o ar com força e joga as mãos para cima soltando um foda-se audível e quando ele vira dá de cara comigo e Claudinha que olhamos espantadas para a cena que se desenrolou a nossa frente.

— Amadas! —Ele ameniza seu timbre e sorri quando nos vê.

— Olá, Lu, como está?—Pergunto quando ele abraça e beija a mim e Claudinha.

— Péssimo. Tem gente se achando a *Gisele Bundchen* e isso tem tirado totalmente meu humor — ele eleva a voz no comentário sobre a modelo famosa provavelmente para cutucar a garota afetada.

— Você é hilário, Lucca. Bom, estou aqui. O que precisa de mim?

— Sim, claro. Preciso que você seja a minha Gisele nesta campanha. Tenho tentado há uma semana fazer esta garota que eles escolheram entrar no papel de dançarina e o que consegui foram irritações sem fim e nem uma foto pra contar história— ele fala animado e Claudinha solta uma gargalhada do meu lado.

— Como é que é? Você quer que eu pose? É isso?

— Exatamente isso! Já falei com os patrocinadores na dificuldade de fotografar esse projeto de modelo mirim e eles concordam que precisamos de alguém com mais experiência em dança.

— Isto é loucura! — Respondo nervosa.

— Isto é o máximo! Se ela não quiser, eu topo! — Claudinha diz, animada.

— Fica quieta, garota! — Falo, rindo para Claudinha que está mais eufórica que eu.

— Diga que sim, querida! Você é perfeita para o papel.

— Eu não sei...

— Ei, fotógrafo! Vamos logo com isto? — Escuto a menina irritante chamando o Lucca.

— Olha, o cachê é bom e você vai adorar o resultado, tenho certeza.

— Mas,Lucca, eu não tenho tempo para nada.

— Não se preocupe. Faremos um ensaio hoje e se ficar bom marcamos uma tarde da semana que vem.

— Aceite logo, Amanda! — Claudinha me incentiva e eu acabo cedendo.

— Tudo bem.

— Maravilha! — Lucca me abraça e rapidamente se vira para a garota mal-humorada.  
— Querida, seus serviços estão dispensados. Você não está acertando o papel necessário nessa campanha e tanto eu quanto os patrocinadores achamos melhor trocar a modelo.

— COMO É QUE É? — Ela grita e vem em nossa direção.

— Exatamente o que ouviu. Pode pegar suas coisinhas e partir, queridinha.

— E quem vai ficar no meu lugar? Essa aí? — Ela sinaliza em minha direção e me olha com desdém.

— Ela mesma. E com certeza desempenhará um papel muito melhor que o seu.

— Duvido! — Ela coloca as mãos na cintura e me encara.

— Escuta aqui... — Corto Lucca no meio da sua fala.

— Ei, magrela. Aceite que dói menos, amor. Você não tem calibre para o papel e eu me mantereí por mais tempo na ponta dos pés do que você na fila do Botox.

— Ai... – escuto Claudinha soltar e rir atrás de mim.

A garota percebendo que não tem resposta, sai batendo os pés e ameaçando toda a produção de processo.

— Como sempre... petulante! — Lucca comenta, mas está rindo da minha resposta.

— Não tenho culpa se instigam o pior de mim. — Dou de ombros.

Rapidamente Lucca me puxa para trás de um biombo e começa a me despir para eu colocar o primeiro figurino do teste. Não me incomodo com quem está a volta, afinal, estou acostumada com a coxia das apresentações que já participei na vida. Não temos tempo de um ato para o outro e acabamos nos trocando na frente um do outro, sendo homem ou mulher.

— Então, como está indo com Caio? — Lucca pergunta enquanto termino de vestir o collant preto que ele me entregou.

— Não tem ido. Eu não tenho mais o mesmo contato.

—Humm...

— Que foi?

— Nada. Estive conversando com a Aldria e como sabe, Júlio e Caio se conhecem e treinam juntos. Ele mencionou que o grandão anda com um péssimo humor desde que voltamos daquela visita no sítio dos pais da Aldria.

— E o que isso tem a ver comigo?

— Garota, foi depois disso que você sumiu do grupinho — ele fala em tom conspiratório.

Começo a maquinar todas as possibilidades daquele homem realmente estar

incomodado com meu sumiço e a doente dentro de mim cria esperanças.

Será que ele sente minha falta assim como sinto a dele? Será que realmente existe algum interesse ou uma chance de ele se interessar por mim?

— Aloww! Acorda, Amandinha. Vamos focar, ok?! Depois pensamos no gostoso do Caio. — Ele ri.

— Deixa o Eduardo ouvir isso.

— Ah, nem me fale do meu bofe. Com certeza ele me castigaria de uma forma deliciosa.

— Informações demais, Lucca.— Ele ri quando me vê tapando os ouvidos.

— Vamos, gatona. Hora de brilhar e ostentar este corpo dos deuses.

Eu rio com seu comentário e vamos para a sessão de fotos improvisada.

Só Lucca consegue me enfiar nesse tipo de coisa e eu ainda executo essa loucura rindo e feliz.





# Capítulo 3 Não Vou Ficar Chorando

# Amanda

Saio exausta do ensaio. Nunca pensei que fazer poses e fotografar fosse algo cansativo, acabei surpreendida nesse teste.

Segundo o Lucca, eu tenho jeito para a coisa e as fotos parecem ter ficado satisfatórias, já que ele e toda a equipe eram só sorrisos para os resultados.

Claudinha e eu nos despedimos, e, pelo horário, ainda pego Antônio no Centro de Treinamento. Preciso conversar com ele e resolver nossas questões.

Deixo minha amiga em seu apartamento e rumo ao meu destino.

Mesmo com a relutância de Antônio e Júlio sobre suas mulheres e eu frequentarmos a academia de Caio, isso não nos impediu.

Continuamos insistindo nas aulas de defesa pessoal com a diferença que os únicos que fazem contato conosco são eles e, claro, o Caio.

No começo fiquei muito animada com o fato de ter contato corpo a corpo com ele, mas depois das primeiras aulas onde ele foi realmente profissional e até rude comigo no contato corpo a corpo, eu desanimei.

Entro no prédio e subo direto para a arena de luta. Ele provavelmente está lá terminando seu treino.

Quando passo pelo corredor das salas individuais, vejo uma silhueta conhecida e volto para trás para tirar a dúvida.

É Caio, e ele está conversando muito próximo de uma mulher. Ela passa a mão em sua cintura e apesar de sua postura rígida, ele não faz nenhum movimento para inibir o toque dela.

Continuo observando e ela fala alguma coisa que o faz segurar seu cabelo estilo chanel em punho, forçando seu rosto para cima em direção aos seus olhos.

Sinto um aperto no peito, a intimidade que eles demonstram me leva a acreditar que ele já dormiu com ela e pelo jeito que a cena se desenrola, isso não teve fim.

O ciúme toma conta de mim e eu invado a sala sem pensar em mais nada. Meu único objetivo é parar aquilo que provavelmente acontece com frequência entre eles, mas não hoje.

— Opa! Desculpe! — falo com cara de inocente.

Caio solta seu aperto dos cabelos da mulher e se vira me encarando seriamente. Ela não se abala em nada por ser pega em uma cena mais íntima e continua com a mão na cintura dele. Que vontade de enforcá-la!

— Amanda?! O que quer aqui? — Ele se afasta dela e vira-se totalmente para mim, cruzando os braços na altura do tórax.

— Estou procurando meu irmão. Você não deveria estar com ele?

— Seu irmão está na arena terminando o treinamento e eu aproveitei para verificar algumas pendências da academia.

— Não parecia. — Ergo as sobrancelhas para ele.

— O que parece não é da sua conta, garota. Se quer seu irmão, já sabe onde ele está.

Como sempre, ele é um grosso. Vejo a mulher dando uma risada contida e minha raiva aumenta, então acabo falando o que não devo.

— Mas é da conta do meu irmão saber que o seu chefe de segurança fica fodendo vadias por aí ao invés de cuidar da sua segurança — acuso, assumindo a mesma postura que a dele.

— Escuta aqui, garota...

— Deixa, Margô. Com ela eu me entendo.

Ele avança sobre mim e segura meu braço com força, arrastando-me para fora da sala. Eu tento me soltar do seu aperto, mas ele coloca mais pressão.

— Me solta, seu ogro idiota!

— *Te solto quando entregar a criança birrenta ao irmão.* — Odeio quando ele diz que sou criança.

— *ME SOLTA!* — Grito enquanto ele arrasta-me corredor a fora.

— Quieta! Isso é um local de treinamento de uma empresa séria e comprometida com o meio da segurança e zeladoria. Você não pode achar que vai entrar aqui como a princesa do castelo e fazer o que quiser.

— Eu não acho isso, seu babaca! — Puxo meu braço e consigo a muito custo me soltar dele.

— Escuta aqui, sua mimada...

— O que está acontecendo aqui?

Ambos olhamos para o lado e damos de cara com Antônio um pouco mais à frente no corredor nos observando. Caio pigarreia e assume novamente a cara de bom moço e segurança preocupado.

— Desculpe, senhor. Mas sua irmã estava tumultuando os corredores da academia e eu tive que ser enérgico para explicar a ela que isso não é correto.

— Isso é mentira! Ele achou ruim porque o peguei quase fodendo uma mulher em uma das salas e eu disse que ele deveria estar cuidando da sua retaguarda e não da dela.

— Amanda!

— Antônio!

— Amanda, por favor. O que o Caio faz da sua vida pessoal e da empresa que é dele não me diz respeito. Eu estava em treinamento e o dispensei por alguns momentos. Pelo amor de Deus!

Dou de ombros e não dirijo meu olhar para o linguarudo ao meu lado.

— Podemos conversar?

— Claro! Estou indo embora, quer ir comigo?

— Pode ser, mas estou de carro então eu te sigo.

— Não precisa. Caio, você pode guiar o carro da Amanda e ela vai comigo?

— Claro, senhor.

— Ótimo! *Te* encontro na saída. — Ele vira-se para sair, mas volta-se para mim. — E Amanda, comporte-se!

Ele sai e eu mostro a língua para ele. Quando me viro para Caio, ele está me encarando com brasa nos olhos.

— Que foi?

Ele balança a cabeça negativamente e volta pelo caminho de onde viemos.

Volto para a recepção cabisbaixa e meu coração se aperta mais uma vez. Com certeza ele teria avançado o sinal se eu não tivesse chegado, ou, provavelmente, fará isso mais tarde ou em qualquer outro dia.

Nunca vi Caio propriamente com nenhuma mulher, mas não sou boba. Ele deve ter muitas que babam por ele e provavelmente usa disso a seu bel prazer.

Sinto-me mal e minha vontade é somente de ir embora e não olhar na cara dele, mas preciso enfrentar meus demônios.

Tenho que colocar de uma vez por todas na minha cabeça que minhas chances com esse homem são praticamente nulas.

Meu celular apita com uma mensagem do aplicativo e verifico o número que enviou e não reconheço.

***Número desconhecido – Olá, moça.***

***Eu – Olá. Quem é?***

***Número desconhecido – André. Seu professor da faculdade.***

***Eu – ahhh... sim... tudo bem, professor?***

***Número desconhecido – Sim, tudo bem e com vc? E, por favor, me chame de André.***

***Eu – Tudo certo, também. Ok! Chamarei... é o costume.***

***Número desconhecido – Ok! Estou enviando a mensagem para que possa salvar meu número, se precisar de qualquer coisa, é só chamar. ;)***

Não acredito! Ele está me mandando uma carinha piscando.

***Eu – Tudobem... já salvei seu número.***

Fico sem saber direito como agir, afinal, ele não é um amigo comum e nem é de meu convívio. Não quero que ele interprete nada errado entre nós. Mesmo sendo lindo, eu não tenho a menor intenção de sair com ele.

***André – Perfeito! Agora pode me chamar sempre...rs...***

— Tá rindo de quê? — Dou um gritinho e me assusto com a voz de Caio que está muito próxima de mim.

— Nada que você tenha que saber! — Respondo fechando o aplicativo e guardando o celular na bolsa.

— Me dê as chaves do seu carro, vou guiá-lo.

Pego o molho e lhe entrego. Ele não me dirige um segundo olhar e sai da academia para executar a tarefa incumbida a ele.

— Vamos, Amanda? — Antônio chega ao meu lado e apoia a mão em meu ombro.

— Claro, mano. — Ele me olha de canto de olho e sorri.

Acho que as coisas entre nós já estão recuperadas, só bastava darmos o braço a torcer. Vou o caminho inteiro até seu apartamento escolhendo as músicas mais melosas e dramáticas e ele insistindo nos *rock's* antigos que tanto ama.

— Pare de ser pentelha! Vamos ouvir algo de qualidade.

— Da época da nossa avó? Deus me livre!

— Não é pra tanto. *Me* diga uma coisa. Porque você implica tanto com o Caio?

— Eu... eu não implico... Ele que é um ogro...e... — Tento caçar as palavras para a pergunta fora de hora do meu irmão.

Antônio nunca questionou as farpas que Caio e eu sempre trocamos e essa pergunta agora me deixa nervosa. Será que ele está desconfiando de algo?

— Caio é um homem duro, Amanda. Faz parte da criação e formação que ele teve.

— Que formação?

— Ele é ex-tenente da Marinha Brasileira. Pediu baixa logo após sua formação de quase dez anos e em seguida veio para São Paulo. Pouco tempo depois nos conhecemos e ele veio trabalhar para mim.

— Nossa, eu não sabia disso. Você nunca me contou.

— Não era uma coisa que você tivesse tido interesse em saber.

— Claro! — Disfarço meu entusiasmo com essa nova informação.

Mal sabe meu irmão o quão aguçada fiquei para descobrir ainda mais sobre ele. Nunca imaginei Caio um Oficial da Marinha e agora pensamentos dele numa farda branca invadem minha mente e meu corpo inteiro se aquece com isso.

— Então...

— O quê? — Olho para ele confusa.

— Por que essa hostilidade toda com o chefe da minha segurança?

— Sempre fomos assim. Incompatibilidade de gênios. Você nunca me questionou. Por que isso agora?

— Nada demais. Antes eu achava implicância infantil sua, mas poxa, você cresceu e continua com essa mania.

— Eu o acho muito grosso e abusado. *Me* trata feito criança e eu já sou uma mulher.

— Mas assim como eu, Amanda, Caio te vê como a adolescente impertinente que você era, e é difícil para ambos aceitarmos que você não é mais aquela garota. Embora muitas vezes se comporte como se fosse.

— Eu não faço isso! — Cruzo os braços, emburrando a cara.

Antônio ri da minha expressão e não fala mais nada. Resolvo fingir chateação com ele para que não me questione mais e, principalmente, para não ter de ouvir novamente o quanto Caio me acha criança.

Chegamos ao apartamento e quando entramos vou direto para a cozinha ver a Greta. Estou morrendo de saudades de agarrá-la.

— Gretaaaaaaaaa...

Entro fazendo festa na cozinha e dou de cara com Vega devorando algo verde na bancada e mais ao canto Caio está se servindo de uma xícara de café.

— Olá, *chica*. Celinha não está aqui hoje — Vega responde de boca cheia.

— E que gororoba é essa?

— Guacamole. Você quer?

— Não! Isso está esquisito.

— Olá, pequena! — Antônio cumprimenta sua esposa com um beijo na testa e alisa a barriga dela.

— Oi, amor. Você quer?

— Não! O que é isso no meio do abacate?

— Ketchup!

— ECA! — Antônio, Caio e eu nos espantamos com a combinação nada convencional de Vega.

— O que posso fazer? É desejo!

— Coisa mais esquisita e nojenta, isso sim!

— Pequena, essas combinações podem não fazer bem a você e ao bebê.

— Então diz isso para ele, porque toda vez que penso em abacate com Ketchup, minha

boca saliva.

— Tudo bem. Vou tomar um banho e resolver algumas coisas no escritório, se precisar me chame. Amanda, mais tarde conversamos, pode ser?

— Claro. Farei companhia para a Vega.

Antônio sai da cozinha e eu vou até a geladeira em busca de água.

— Lucca me disse que tem uma nova modelo.

— Lucca é linguarudo demais.

— Ele me mandou algumas fotos. Você está um mulherão.

Rio do comentário da minha cunhada.

— Que nada. Essas fotos foram somente um piloto. Vamos fazer pra valer semana que vem.

— Você vai ficar linda, tenho certeza.

— Assim espero. Ele disse que irei fotografar somente de sapatilhas para a matéria da revista.

— Uau!

Escutamos algo bater na tuba da pia e quando olhamos, Caio já está saindo a passos largos da cozinha.

— Nossa, que bicho o mordeu?

— O bicho do incômodo, talvez— ela fala e sorri de forma inocente.

— Não sei porquê.

— Mesmo, *chica*?

— Mesmo! Você sabe de alguma coisa?

— Acho que não. Mas vamos falar do que interessa. Aldria e eu vamos planejar um chá de bebê em conjunto. Vai ser lindo! — Ela fala toda animada.

Eu entro na onda e começamos a pesquisar pelo celular todas as novas tendências para esse tipo de evento.

Mesmo com muita vontade de questioná-la sobre Caio e suas reações sem sentido, preferi me calar e não dar mais bandeira sobre isso.



Após o jantar vou para o escritório do meu irmão para nossa conversa sobre o ocorrido meses atrás.

— Amanda, eu me excedi. Reconheço.

— Peço desculpas também, mano. É que tem horas que eu ajo por impulso e fico incoerente.

Abraço meu irmão e me sinto em casa. Antônio sempre foi meu pilar e apoio na vida, não havia nada que ele não fizesse por mim e depois que nossa mãe morreu, isto só se intensificou.

Ficar esses meses sem vê-lo direito e com algo mal resolvido entre nós prejudicou a ambos.

— Tenho que ir. Amanhã o dia será puxado.

— Como tem ido na faculdade?

— Ótima! Minha apresentação de semestre será mês que vem e eu conto com você e com a Vega.

— Estaremos lá.

Pego a chave do meu carro e despeço-me de Vega que está se empanturrando de pipoca. Eu não sei como ela não passa mal comendo tanta porcaria.

Quando entro no elevador, uma mão impede que as portas se fechem e um Caio com roupas informais passa por ela.

— Vou acompanhá-la.

— Não precisa. Obrigada.

— Não faço por você. É meu trabalho.

Mordo a língua para não responder. Ele não consegue ser delicado nunca.

Sinto seu cheiro invadir a pequena cabine e o ar começa a faltar em meus pulmões.

Foram raras as vezes que eu o vi assim, vestido de forma despojada. Ele fica com uma aparência mais nova dessa forma.

Está vestindo um jeans escuro ajustado em suas pernas, uma camiseta preta lisa, coturno preto e pelo perfume se banhou há pouco tempo. Sua barba continua ali, desenhada e aparada, deixando-o impecavelmente mais atraente e chamativo.

— Vai a algum lugar depois de me deixar em casa?

— Sim.

— Onde?

— Onde crianças não entram.

— Ha, ha! — Finjo rir de sua piada idiota. — Já sou maior de idade, posso entrar em qualquer lugar.

Ele me olha de canto de olho e não responde nada.

O elevador chega à garagem e eu saio rapidamente acionando o alarme do meu carro.

Não sei por que eu insisto em algum dialogo com esse ogro. Sempre terminamos com ele me chamando de criança ou eu agindo feito uma.

*Exaustivo!*

Dou partida no meu carro e saio cantando pneu da garagem. Olho pelo retrovisor do carro e vejo o SUV preto logo atrás de mim.

Aciono minha *playlist* da sofrência e sigo meu rumo, mas não para minha casa. Não vou ficar chorando e desejando um pouco mais de esperança que algum dia será diferente.

Aciono o *bluetooth* do carro e disco o número da minha amiga de todas as horas.

— Alô.

— *Te encontro em 20 minutos no Pub.*

— Fechou.



## Capítulo 4 Seguir em frente

# Amanda

Quando Caio, que me segue no carro de trás, percebe que mudei a rota de curso, me liga.

— Aonde vai?

— Sair.

— De jeito nenhum. Eu disse que *te* acompanharia até sua casa.

— E eu disse que não era preciso, funcionário eficiente! — falo com sarcasmo. — Eu vou encontrar com Claudinha no Pub que as meninas costumam frequentar. Provavelmente deve ter algum sombra me acompanhando, então coloque-o para trabalhar.

— Inferno!

O som fica mudo e eu percebo que ele desligou na minha cara.

*Quanta agressividade!*

Estaciono meu carro no meio fio, pego minha bolsa e vasculho inteirinha pegando lápis, batom e um blush para dar um *up* no meu visual.

Não estou com as melhores roupas para sair, mas como é um pub e muita gente faz o famoso *happy hour*, dou-me ao direito de fazer também. Estou usando um jeans claro baixo, uma regata bastante cavada na cor branca com um *StapyBra* preto, suas tiras trançando no meu colo com falsa alça caída no braço e meu converse preto.

Desço do carro e antes de alcançar a porta de entrada sinto um puxão no meu braço e nem preciso olhar para saber de quem se trata.

— O que você quer? — Viro-me irritada para Caio.

— Já está tarde. É melhor você voltar para sua casa.

— Você está maluco? Eu já sou maior de idade e não devo satisfações a você e nem a ninguém. *Me deixa!*

Solto-me de seu aperto e entro no pub. Escuto um “merda” atrás de mim e, pelo arrepio que sinto, tenho certeza que Caio está me acompanhando e muito de perto.

— Olá. Uma *bud*.—Peço ao atendente do balcão.

— Uma coca pra ela, a *bud* é pra mim.

Olho para Caio que está logo atrás de mim e minha indignação cresce em níveis extremos.

—*Tá* de brincadeira? Escuta aqui. Se você quiser tomar o refrigerante, fique à vontade. Eu sou maior de idade e vou beber o que eu quiser.

— Não dirigindo — ele simplesmente responde, me encarando.

— Se esse for o caso, você também não pode beber, pois está conduzindo.

— Já chamei um “sombra” para guiar. E eu sou responsável pelo seu bem estar e não o contrário.

— Está aqui.

O atendente coloca as duas bebidas sobre o balcão e antes que Caio se aproxime, pego a cerveja e dou uma boa golada.

— Então o “sombra” conduzirá meu carro e você pode ir embora.

Ele só nega com a cabeça e senta na bancada ao meu lado empurrando a coca para longe.

— Ei! *Me* dê outra *bud* e pode recolher isto — Ele aponta para o refrigerante que ele mesmo pediu.

Dou um sorriso disfarçado e bebo mais um gole da minha cerveja. Olho em volta e o movimento do pub está mais intenso. Evito olhar ao máximo em direção a ele, pois sua presença não está ajudando em nada no meu objetivo de extravasar minhas frustrações, mas, ao mesmo tempo, sinto um formigamento me consumir só por tê-lo aqui, mesmo que seja para ele cumprir seu papel de vigiar a irmãzinha do Antônio.

— Quer outra? — Olho espantada para ele.

— Pra quem não queria me deixar beber a primeira, até que você está maleável.

— Vai ou não? — Ele fecha a cara e ignora minha cutucada.

— Sim.

Resolvo mandar uma mensagem para Claudinha. Já era para ela ter chegado.

Ergo meu olhar e vejo Caio encarando um ponto fixo e sigo seu olhar para saber o que lhe atrai tanto. Então vejo duas morenas do outro lado do salão, bebendo algo e conversando, mas o olhar das duas se mantém nele.

Engulo em seco e meu coração acelera com a cena de flerte que acontece bem na minha frente. Meus olhos ardem e eu sinto a raiva me dominando. Não creio que ele esteja fazendo isso na minha cara.

— São bonitas!

Ele me olha e eu aponto com a garrafa para as duas morenas deixando claro a ele que vi o que estava acontecendo.

— Sim.

Ele responde, voltando seu olhar para onde estão as meninas.

Respiro fundo e não suportando pensar que ele ou alguma delas pode tentar alguma coisa, dou um jeito de sair de cena.

— Vou ao banheiro.

Não espero pela sua confirmação e me viro caminhando para o corredor dos banheiros. Sinto meus olhos lacrimejarem e começo a inspirar e expirar fortemente para tentar conter isso.

Entro no banheiro, vou até a torneira, abro e molho minhas mãos, pulsos e umedeço minha nuca. Respiro fundo algumas vezes e me olho no espelho.

— Vou embora.

Claudinha está demorando demais e em meus planos eu queria extravasar um pouco e esquecer tudo que me atormenta nos últimos tempos. Tê-lo do meu lado e ainda mostrando o quanto ele é receptivo para todas, menos para mim, não está me ajudando em nada.

Saio do banheiro determinada a ir embora, mas sou parada por um rapaz.

— Oi, gata! — ele fala, colocando suas mãos na minha cintura.

— Oi e tchau — respondo, tentando desviar do seu agarre, mas ele me mantém cativa.

— Calma, docinho, vamos conversar.

Ele mal termina de falar e avança para meu pescoço, tentando me beijar. Reúno minhas forças e o empurro, fazendo-o tropeçar para trás

— Sai fora, seu babaca!

— Ei, qual é, maluca?

— O que está acontecendo aqui, Amanda? — Escuto a voz de Caio e vejo-o se aproximando cautelosamente.

— Nada — respondo e saio em disparada.

Chego ao caixa para pagar minha comanda e sinto uma mão cobrindo a minha quando tento passar a ficha para a atendente.

— Deixe comigo.

Sinto um calor onde ele tocou na minha mão e rapidamente afasto-me dele e de seu toque. É torturante demais quando coisas assim acontecem e eu tenho que controlar a euforia que brota dentro de mim.

— Tudo bem.

— O que o cara fez?

— Nada. Ele tentou me agarrar, mas eu o empurrei.

Caio que parecia tranquilo, franze suas sobrancelhas formando um vinco na testa. Sua postura endurece e eu vejo seu nariz dilatar e os olhos endurecerem.

— Fique aqui, eu já volto.

Ele não me dá tempo de reação e volta ao caminho por onde viemos feito um trem desgovernado. Rapidamente eu pago as duas comandas que a atendente estava cobrando e quando ela me dá o comprovante de saída, saio rapidamente à procura dele.

Vejo uma movimentação próxima do corredor para o banheiro e me aproximo. Pressinto que isso tem muito a ver com o grandão que saiu em disparada.

— AI, MERDA!

Quando vejo a cena, me espanto.

O cara que me assediou está no chão de bruços com uma das mãos puxadas para trás, totalmente torcida. Caio tem um pé da sua bota no meio das costas dele e com uma mão ele mantém a torção no braço do rapaz.

— Espero ter sido bastante claro. Nela você não toca!

— Caio!

Ele olha para trás e quando me vê solta o braço do rapaz e tira seu pé que estava pressionando o mesmo no chão.

O cara mal consegue se mexer e Caio simplesmente sai da roda que se formou em torno deles, pega-me pelo cotovelo e nos leva em direção da saída.

— O que foi aquilo?

— Você pagou as comandas?

— Sim! Dá pra me responder?

— Vamos embora daqui.

Ele ignora totalmente meu questionamento e nos direciona à saída. Quando chegamos à calçada, reconheço um dos “sombas” vindo em nossa direção.

— Dê a chave do seu carro.

— Pelo amor de Deus, Caio. Eu tomei só duas cervejas, estou perfeitamente em condições de dirigir.

— Prefiro eu mesmo te levando.

Ouvindo que é ele quem irá me levar isso me anima e eu abro mão mais rápido do que deveria de querer guiar meu carro. Eu entrego as chaves ao segurança e ele me guia até o SUV que ele está dirigindo.

Ele destrava o alarme, eu entro no carro e quando Caio assume a direção, me encara.

— Você está bem?

— Sim — respondo sem entender.

— Ele te machucou?

Levo um tempo para entender do que ele está falando. Caio me encara com os olhos preocupados. Ele pensa que o cara que me assediou fez algo muito abusivo comigo e isso ganha meu coração.

— Ele não me tocou um terço perto do que você fez com ele. — Rio.

— Eu deveria ter quebrado a cara dele.

Ele responde com raiva e no impulso de tranquilizá-lo, eu me aproximo, colocando minha mão sobre a dele, que descansa em sua coxa.

— Não se preocupe. Ele não me traumatizou.

Sorrio olhando em seus olhos e vejo sua outra mão alcançar uma mecha do meu cabelo e delicadamente ele a coloca atrás da minha orelha.

Meu coração acelera, eu não consigo desviar meus olhos dos seus e sinto minhas



bochechas pegarem fogo. Minha boca e garganta secam e eu umedeço meus lábios.

Sinto uma vontade incontrolável de avançar sobre ele e beijá-lo como nunca fiz com ninguém em minha vida. Quero mostrar a este homem o quanto eu o desejo e mesmo que isso que sinto não seja recíproco, sinto o bastante por nós dois.

A respiração de Caio se torna pesada e ele olha para meus lábios e entreabre os seus. Fico surda com as batidas do meu coração que ecoam em meus tímpanos e minha respiração ofega.

Sua mão desce para minha face e ele passa o polegar sutilmente pelo meu lábio inferior. Seu olhar está fixo em minha boca e novamente vejo o vinco que se forma em sua testa toda vez que ele está chateado ou concentrado em algo.

Vejo-o fazer menção de aproximar sua boca da minha e eu me preparo para algo que esperei pela vida toda. O beijo do homem que eu amo.

Instintivamente fecho os olhos, esperando que nossas bocas se unam e eu finalmente sinta o gosto verdadeiro do desejo e da paixão nos lábios de Caio.

Um som faz com que ele se afaste rapidamente e eu abra meus olhos. Seu celular está vibrando e com dificuldade ele tira do bolso para atender.

— Sim! — Sua voz está mais grossa que de costume e ele pigarreia para voltar ao normal. — Já estou a caminho, Margô.

Ele me olha no momento em que solta o nome da mulher e eu não consigo esconder minha cara de espanto. É a mesma mulher que eu o vi em uma cena íntima na academia.

Todo o desejo que eu senti nesse pequeno momento se desfaz e rapidamente me endireito em meu lugar e coloco o cinto de segurança.

Olho para fora da janela e observo as pessoas na calçada. Faço um esforço incomum para não explodir com ele e questioná-lo por coisas que eu não tenho direito. A vontade de gritar e sair correndo é tão grande que quase me sufoca.

Sinto-o dar partida no carro e continuo focada no movimento da rua. Ele já encerrou sua ligação e eu sinceramente não ouvi em que momento isso aconteceu.

Ele ganha as ruas e eu não movo minha postura. Continuo concentrada na rua até que sinto meu celular vibrar. Era uma mensagem da Claudinha se desculpando por não ir, pois seu pai resolveu ficar no seu pé.

Respondo qualquer coisa e guardo meu celular na bolsa. Ouço *Gold, Imagine Dragons*

tomar o som e sinto a batida da música.

Analiso a letra e começo a questionar se eu não sou o tipo de pessoa que tudo que toca vira ouro. Será que essa é minha sina? Ter tudo e ao mesmo tempo não ter nada?

Entramos no meu condomínio e eu me preparo para sair do carro. Não quero dar tempo de ele tentar falar nada, afinal não há nada que precise ser dito.

Quando ele estaciona em frente de casa eu rapidamente solto meu cinto e abro a porta, saltando do carro.

— Amanda!

Ele me chama antes que eu consiga bater à porta do carro e sem alternativa alguma, eu o encaro. Seu olhar já não mostra mais a intensidade que tinha em nosso momento especial e agora eu só consigo identificar o pesar.

Talvez ele esteja se sentindo culpado por quase flertar com a irmãzinha do patrão e pense que eu vou usar isso contra ele.

— Eu sinto muito.

Sabia. Culpa por quase me seduzir.

— Não seja tolinho, Caio. Aquilo foi só um lance que já passou. — Dou uma piscada e consigo a muito custo dar um sorriso sacana.

Bato a porta do carro e corro para dentro de casa o mais rápido que posso.

As lágrimas invadem meu rosto antes mesmo de eu alcançar a porta.

Entro feito um foguete e vou direto para meu quarto, trancando a porta e ali mesmo eu desabo.

Escorrego pela porta chorando em silêncio e tento respirar para que o ar entre em meus pulmões e abrande os gritos que não posso soltar.

Fecho meus olhos e a imagem de Caio concentrado em minha boca e passando as mãos por meus lábios queimam em mim. Só mais um minuto e eu teria realizado meu maior desejo, sentir seus lábios nos meus.

Ele parecia tão entregue quanto eu naquele momento, era como se ele estivesse cativo, hipnotizado e que o próximo passo seria certo.

Como eu não vivo em um maldito conto de fadas, a realidade bateu fortemente naquela ligação. Como eu suspeitava, ele realmente tem algo com a tal Margô, até o nome dela amarga

minha boca, e agora ele está a caminho dela.

O beijo que me foi negado será dela, e, com certeza, eles não ficariam somente nisso.

Levanto da minha condição miserável e vou para o banheiro, preciso de um bom banho relaxante e minha trilha sonora da sofrência nível *hard*.

Só assim eu vou conseguir ter uma noite provavelmente mal dormida e tirar forças do inferno para levantar amanhã e seguir em frente.



Capítulo 5  
Está na Hora da Batalha e Eu Vou pra Cima!

# Amanda

Saio da aula correndo, o professor André nos segurou além da conta hoje num debate sobre sociedade e oportunidade. Eu fiquei muito entusiasmada e confesso que há tempos eu não defendia algo com tanta vontade e vigor.

Quando ele deu por encerrada o debate, percebi que estava muito atrasada para a aula no Centro Recreativo. Para ajudar, hoje a Claudinha avisou que não viria à aula e também não poderia comparecer ao Centro, deixando-me na mão.

Passo correndo pelo corredor das salas individuais e quando viro em sentido ao estacionamento, trombo com uma parede de músculos que não me viu passando.

— Ei, cara, *tá* cego?

Abaixo-me rapidamente, juntando todo meu material que não tive tempo de guardar dentro da mochila na sala e quando pego meu estojo, sinto uma mão forte sobre a minha, parando meu movimento.

Meu coração acelera em questão de segundos e quando ergo meu olhar, Caio está a minha frente de joelhos e encarando-me de maneira séria.

— Eu não sou cego, você que veio feito um trem para cima de mim.

Saio do meu transe habitual toda vez que o vejo e puxo minha mão da sua que me segurava. Termino de pegar meus livros e me levanto apressada.

— Tudo bem! Eu preciso ir, estou atrasada!

— OK!

— O que faz aqui? Onde estão os “sombas”?

— Estou no lugar deles hoje. Venha, eu vou te levar.

— Estou de carro. É só me seguir, assim como eles fazem.

Passo por ele e continuo meu caminho. Por mais tentador que seja continuar próxima dele e tendo qualquer tipo de diálogo, eu estou muito atrasada.

Claro que também não me esqueci do acontecido de ontem. Mal consegui dormir e quando o fiz, meus sonhos foram tomados por aquele par de olhos penetrantes e eu acordava suada e desejosa.

— Eu te levo e o segurança leva seu carro.

— Já disse que não precisa! E você acabou de dizer que eles não estavam aqui.

— Não estão os de costume, nunca trabalhamos sozinhos. E não seja teimosa! Preciso falar com você!

Paro meus passos abruptamente e olho para trás.

— Tudo bem.

Respondo voltando a caminhar, agora mais devagar, pois senti um formigamento tomando conta das minhas pernas e eu estou muito ansiosa para saber o que ele quer comigo.

Entramos no SUV e eu entrego, pela janela, a chave do carro ao segurança que se aproxima do carro.

Caio dá partida e ganhamos as ruas a caminho do Centro Recreativo. Minha cabeça já se desligou dos meus compromissos e o fato de eu estar quase 30 minutos atrasada para a aula de hoje.

A única coisa que consigo pensar é o que este homem quer falar comigo que o fez mudar sua rotina de trabalho para fazer isso.

— Eu... queria falar sobre ontem...

*Respira, Amanda!*

— Sim.

— Não quero que pense que eu iria fazer algo antes do meu celular tocar. Eu não ia! Só fiquei preocupado com o que aquele babaca pudesse ter feito com você.

— E para isso precisava verificar minha boca de perto?

Não resisti e cutuquei.

— Não seja infantil, menina! Eu só tentei ser sensível pelo momento que passou. Só isso!

Eu, literalmente, bufo e cruzo meus braços. Além de me tratar como uma criança, ele ainda quer que eu acredite que ontem não rolou nada entre nós. Caio realmente me tem como uma completa imbecil.

— Não foi o que pareceu.

Olho para ele fazendo minha melhor cara irônica, ele alterna sua visão entre a rua e eu.

— Corta essa! Põe uma coisa nessa sua cabecinha de vento, menina: eu não sinto nada por você! — Ele eleva um pouco a voz no final da frase.

Não demonstro, mas aquilo corta meu coração de uma forma muito dura. E mais uma vez, Caio consegue me ferir e fazer meu coração doer um pouco mais.

*Ele pensa que sou muito criança para não perceber os olhares que me dá?*

*Ele pensa que nunca notei o quanto fica admirado quando me vê de biquíni ou collant?*

— Tudo bem, Caio. Eu já entendi!

Não tocamos mais no assunto e quando chegamos ao meu destino, desço do carro indo até o meu para pegar as minhas coisas para a aula.

— Deixa que eu te ajude. — Ele pega o aparelho de som que eu tentava tirar do porta-malas.

Quando entramos na quadra onde acontecem os ensaios, ela está vazia. Confiro meu relógio e vejo que estou 50 minutos atrasada. Realmente era tempo demais para as crianças estarem me aguardando.

— Merda!

— Onde estão os alunos?

— Já foram. Perdi totalmente a hora.

— Isso que dá ter tudo na vida.

Ele fala isso baixo, mas eu escuto perfeitamente sua insinuação.

Jogo minha bolsa no chão e vou para cima dele com o dedo em riste.

— QUE MERDA VOCÊ PENSA QUE ESTÁ FALANDO DE MIM?

Ele coloca as duas mãos no bolso e não se altera em nada com meu arroubo descontrolado.

— Fala, seu idiota! Pensa que sou uma mimada, irresponsável? É isso? Você não sabe nada da minha vida, Caio. NADA! — grito descontrolada, batendo os braços a sua frente.

Na mesma posição que ele estava, se mantém.

Respiro fundo e pesadamente. A ira tomou conta de mim e eu explodi com o único culpado por todas as minhas frustrações ultimamente. Aproximo-me dele e mesmo sendo mais baixa que esse ogro eu o encaro nos olhos, não me deixando intimidar.

— Não. Fale. Merdas. Que. Não. Sabe — falo pausadamente e num tom mais controlado, porém raivoso. — Imbecil!

Mal termino de falar e Caio avança sobre mim, pegando-me pela cintura com uma mão enquanto a outra imobiliza meu pescoço.

Assusto-me com sua atitude e automaticamente seguro sua mão que está em volta do meu pescoço.

— Me solta, seu animal! — exijo, sentindo toda a raiva triplicar em meu corpo.

— Cala a boca, sua mimada!

Não consigo responder.

Caio toma minha boca na sua e eu sinto meu corpo inteiro se arrepiar. Sua língua me invade de uma forma rude e eu o sinto chupar e morder meus lábios a cada avanço que faz.

Seu agarre em minha cintura aumenta e sua mão que está em meu pescoço escorrega para minha nuca, e sobe, juntando um punhado dos meus cabelos que estavam soltos, em suas mãos.

Ele fecha seu punho e eu sinto o aperto em meu couro. Isso o possibilita controlar-me como quiser. O que ele não entende é que eu já estou entregue a seu bel prazer, desde que ele uniu nossos lábios.

Minhas pernas fraquejam e eu levo minhas mãos em seu ombro para me amparar. Não penso em nada além desse momento e o quanto ansiei por sentir o seu gosto.

E ele exala tentação e perigo, assim como imaginei.

Caio puxa meu cabelo, forçando minha cabeça mais para trás. Ele separa nossas bocas e eu gemo. Sua boca pecadora desce por meu queixo, me lambendo e chupando. Passa por minha mandíbula e agora ele ataca meu pescoço.

Continuo gemendo descontroladamente, e a ânsia de senti-lo deu lugar ao fogo que consome meu interior. Quero-o e faria qualquer coisa para que ele me tomasse aqui e agora.

— Caio... Eu quero você... — falo em lamento, enquanto ele suga meu pescoço.

Sinto um choque quando Caio se afasta rapidamente de mim.

Olho-o assustada, sem entender o que aconteceu para tirá-lo tão bruscamente desse momento.

Ele arruma o paletó e sai em direção a saída da quadra, sem me dar um segundo olhar.



Quando penso em questioná-lo sobre o que aconteceu, ele vira-se para mim e eu já não vejo mais o homem desejoso, mas sim o segurança frio e controlado que meu irmão contratou.

— Isso nunca aconteceu! — Sua voz rouca entra como uma faca em mim.

Ele sai me deixando sozinha no meio da quadra. Sinto as minhas conhecidas e fieis lágrimas rolarem pelo meu rosto, não acreditando que acabei de ser rechaçada pelo homem que eu amo.

\*\*\*

Chego a casa e procuro pelo meu pai.

Depois de me recuperar do choque de ser desprezada por Caio, juntei todas as minhas coisas e saí do Centro Recreativo com o coração em pedaços e a mente perturbada.

Eu sempre sonhei com esse momento; imaginei diversas vezes como seria e o que eu sentiria quando finalmente ele me tomasse em seus braços.

Eu não consigo entender nada que se refere a este homem. Ao mesmo tempo em que ele pareceu me desejar ontem quando quase me beijou ou nas incontáveis vezes que eu já o vi me observando, hoje quando algo realmente verdadeiro aconteceu, ele pareceu indiferente.

Suas atitudes me mostram coisas totalmente contraditórias de seus olhos, porque esses, sim, têm fogo quando me encaram. Eu vejo lá dentro e sei que ele tem desejo por mim.

Chego à porta da cozinha e vejo meu pai no quintal, mexendo nas roseiras da minha mãe. Resolvo não o incomodar. Ele fica totalmente absorto quando está ali.

É como se de alguma forma se conectasse com ela e sentisse sua amada esposa ao seu lado. Palavras dele.

Meu coração se aperta ao pensar na vida de meu pai. Um homem apaixonado e encantador que perdeu sua esposa para uma doença horrível. Mas como ele costuma dizer, “Tudo tem seu tempo e sua hora para acontecer, durar e acabar.”

*Será?*

Reflito sobre essa frase que tanto já ouvi do meu pai, mas tentando colocá-lo na minha vida hoje. Nem tudo é para ser ou acontecer. Acho que não entendi todos os sinais passados, ou meu coração apaixonado acabou confundindo todas as coisas.

Sim, ele me beijou com ardor e com vontade, mas também foi bruto e rude, demonstrando certa raiva. Talvez essa foi a maneira que ele encontrou de me fazer calar no meu

momento de explosão.

Ele tinha acabado de dizer que não tinha o menor interesse por mim e chegou a debochar do meu compromisso com a ONG.

Penso em todas as vezes que eu percebi Caio me olhando. Sempre foi raro termos momentos sozinhos, ele sempre se manteve perto e, ao mesmo tempo, longe o suficiente para que eu não tivesse a oportunidade certa.

Claro que isso nunca me poupou de mostrar a ele a mulher que eu me tornei. Minha dança e todo o aprendizado que tive sempre serviram para que eu demonstrasse a sensualidade que me despertou.

Eu sei que ele me olhava quando ele pensava que ninguém estava atento, principalmente eu. E nesses momentos, eu aproveitava para mostrar a ele o quão atraente eu poderia ser.

Fosse treinando uma dança qualquer; aproveitando a piscina no apartamento do meu irmão; ou bolando alguma forma de desfilar na frente dele, usando o mínimo de roupas possível.

Nada.

Absolutamente nada nunca tirou Caio do seu estado frio, contido e polido.

Eu só sabia que algo em mim mexia com ele, pois seus olhos sempre o entregaram. O desejo e a vontade de tocar era palpável em sua íris e por mais que ele tentasse disfarçar, eu sempre percebi.

Meu celular me tira de meus devaneios e quando confiro o aparelho, sorrio para a mensagem que acusa na tela.

**Aldria – E aí, pirralha? Aprontando todas com o segurança gostosão?**

Somente Aldria e seu humor franco seriam capazes de me fazer rir com vontade num momento como esse.

Então uma ideia surge a minha mente e eu começo a pensar que preciso de alguém com a experiência dela para lidar com o ogro que detém meu coração.

Sem pensar muito bem nas consequências, disco o número dela.

— Alô.

— Olá, pirralha!

— Preciso da sua ajuda.

— Diga.

— Prefiro pessoalmente.

— Coisa séria, pelo jeito.

— Preciso que você me ensine a como enlouquecer um homem.

— Ah, Caio... você está tão fodido!

— O quê?

— Nada! Passa aqui em casa e conversamos.

E com isso ela desliga o telefone sem nem um tchau ou qualquer questionamento sobre quem ou o que eu estava falando.

Respiro fundo pela milésima vez hoje e decido parar de me lamentar por aquilo que eu não tenho.

Está na hora da batalha e eu vou pra cima!



## Capítulo 6 Eu Ferei Caro Para Mim

# Amanda

Chego ao apartamento de Aldria e Júlio.

Desde que se casaram, ela veio morar aqui, deixando Lucca sozinho com o apartamento que eles dividiam com a Vega.

Apesar de que agora namorando o Eduardo, ele não fica mais tão sozinho assim. Fico feliz de ver que cada um encontrou sua metade e seguem a vida, agora mais completa, mas mantém a mesma amizade de antes.

— Olá, pirralha! — Aldria me abraça assim que abre a porta.

Fico assustada com sua atitude, já que ela nunca foi de muito contato físico. Acho que o lance da gravidez está realmente afetando seus hormônios e comportamento.

— Oi.

— Entra! Lucca já está chegando.

— Eu disse que queria falar com você, não com o quartel inteiro! — digo em lamento.

— Relaxe! Nem chamei a general Velásquez.

— Só essa que faltava!

— Olá, Amanda! — Júlio entra na sala e me cumprimenta.

— Olá, Júlio. Como vai?

— Bem! Na medida do possível.

Aldria vira sua cabeça para ele com uma cara de poucos amigos. Júlio dá seu sorriso de lado. Contido, mas bem charmoso.

— Na medida do possível... Eu posso mudar tudo isso em dois tempos.

Ela fala para ele e coloca as duas mãos na cintura. Júlio solta uma risada sutil e se aproxima da sua mulher, dando um beijo casto em seus lábios e outro em sua testa.

— Calma, minha linda! Não mudaremos nada, pois está tudo mais que perfeito.

— Bom saber disso. Agora me deixe com a Amanda, preciso planejar o inferno na vida de alguém.

— O quê?

— Aldria! —chamo sua atenção, com medo de ela revelar quem é esse alguém.

— Nada, Júlio. E você, mocinha, relaxe!

Ela sai me rebocando da sala e vamos para a cozinha.

— Conte-me tudo!

Então começo a revelar todo meu calvário. Desde que voltamos da viagem à fazenda, que eu pouco o vi neste tempo e o que aconteceu nos últimos dois dias.

— Interessante.

— Só isso? O que mais? —Questiono.

Quando penso que ela vai revelar toda sua sabedoria com homens complicados, visto que ela é casada com um, Lucca entra pela cozinha todo apressado.

— Qual o incêndio, deusas? Não tenho muito tempo, vou jantar com o boy em 30 minutos.

— Oi pra você também, bicha má. Agora que tem um pau magia não lembra mais das amigas. — Aldria com sua boca atrevida, provoca Lucca.

— Só por essa gracinha, não falo contigo, Mortícia. Venha cá. Deixe-me dar um “oi” para o pimpolho. — Lucca se curva e cumprimenta a barriga da Aldria. — E um oi para você, minha gata. — Ele beija meu rosto.

— Vou ignorar sua grosseria com uma grávida, pois o assunto requer toda a atenção.

— Tudo bem. Qual a emergência?

Ambas olhamos uma para a cara da outra e viramos em direção de Lucca, que nos encara com curiosidade estampada no rosto.

— Caio — respondemos juntas.

— Isso não é assunto, é a calamidade pública, né?! — Concordo com a cabeça e ele continua. — Querida, o que posso dizer? Este homem é pior do que a combinação de Antônio, Júlio e Eduardo juntos em um dia difícil na empresa.

Desanimo com seu comparativo. Sempre achei que fosse algo difícil, mas não impossível.

— Por isso ela vai ser uma Vega com Aldria e uma pitada de Lucca. O plano é enlouquecê-lo. — Aldria fala em tom conspiratório.

— Isso é um reforço e tanto— comenta Lucca, animado.

— Primeira coisa: arrume um boy à altura. Alguém de presença, que vá incomodá-lo. Nada de meninos, pois eles não oferecem perigo para a masculinidade daquele gostosão.

Júlio escolhe justo este momento para entrar na cozinha, acompanhado de Eduardo. Ambos estacam no lugar, pois obviamente ouviram o que Aldria falou.

— Espero que o gostosão em questão seja eu! — Júlio toma seu lugar ao lado da esposa.

— Mas é claro... que não! — ela fala para ele e todos riem.

— Boa noite a todos— Eduardo nos cumprimenta.

— Boa noite. Acho que já vou indo, Aldria. Conversamos amanhã — falo sem jeito e temerosa que essa doida continue o assunto perto deles.

— Tudo bem, pirralha. Não se esqueça do primeiro passo! — ela lembra e pisca conspiratória para mim.

Depois de me despedir de todos, saio do apartamento dela, ainda muito confusa. Eu não sei se quero arrumar alguém, mesmo que para causar ciúmes no Caio. Não consigo me concentrar em nada e ter de lidar com uma pessoa no meio disso não vai dar certo.

Meu celular apita com uma mensagem recebida e eu imagino ser a Aldria com mais alguma orientação maluca para o plano maluco.

**André – Olá!**

Resolvo não responder. Não quero mais uma dor de cabeça para ter de lidar agora, e ele seria aquela dor tamanho jumbo.

Chego em casa e vejo algumas malas feitas no canto na entrada e acho estranho. Procuro pelo meu pai e o encontro no escritório de casa mexendo em alguma papelada.

— Oi.

— Olá, princesa.

— Que malas são aquelas?

— Minhas. — Olho-o espantada.

— Você vai viajar?

— Filha, onde está sua cabeça? Tem mais de dois meses que lhe avisei que estou me preparando para um Congresso no Rio Grande do Sul sobre Investimentos.

— Nossa! Verdade mesmo. Me esqueci. Tudo bem. Quando o senhor volta?

— Daqui um mês.

— Como assim?

— Amanda, estou pensando seriamente em te levar para um médico. Eu te avisei que iria para o congresso, logo depois iria até o Rio para um encontro com investidores e, que depois disso, tiraria um tempo na Europa, conhecendo os Museus.

— Tá. Lembrei agora. Tudo bem, eu fico com a Cida aqui.

— Não. Você vai ficar com seu irmão. Cida vai tirar férias.

— Mas que droga, pai?! Eu não quero ficar no Antônio.

— Qual o problema? Você sempre ficou lá.

— Mas agora ele é casado e com um filho a caminho.

— E você se dá muito bem com Vega. Ela está animada com isso.

— Imagino.

— Amanda, estou indo viajar e não quero me preocupar mais com você do que já estou. Eu sei que tem alguma coisa acontecendo contigo e posso apostar que isso envolve seu coração. — Olho para ele muito assustada. Eu não quero revelar nada sobre meu sofrimento por Caio.

— Pai...

— Não quero saber o que é. Sei que, se você se sentisse à vontade, já teria falado. Eu volto daqui um mês para sua apresentação. Trate de resolver, seja o que for, antes disso. Ou a maior prejudicada será você.

— Eu sei.

— Minha filha... — Ele se aproxima de mim e pega meu rosto com as duas mãos. — Se esse rapaz não consegue ver quão maravilhosa você é, então ele não vale a pena.

— Obrigada, pai.

— Cuide-se. Amanhã seu irmão deve te ligar para combinarem tudo.

— Tudo bem.

Abraço meu pai apertado e despeço-me dele, já sentindo as lágrimas teimando em deixar meus olhos. Vou sentir muita falta dele. Mesmo essas viagens sendo raras, eu não estou



acostumada a viver longe dele.

Mal fecho a porta da sala e escuto um barulho vindo da cozinha. Vou até lá, pensando ser a Cida que está ajeitando alguma coisa para também partir, e estaco na porta com o corpo parado de costas para mim, mexendo em algo na bancada.

— Caio?

— Sim! Eu vim te buscar. Seu irmão acha melhor você já dormir hoje lá — ele fala sem ao menos se virar em minha direção.

— Mas ele não me ligou.

— Foi algo decidido agora.

— E por que ele não me ligou? — Agora ele vira-se para mim, dando de ombros.

— Isso você pergunta para ele quando chegar lá. Eu só vim buscá-la.

Respiro fundo.

A grosseria e indiferença voltaram em peso. Parece que ele quer fazer realmente valer o que disse naquela quadra.

Vou para meu quarto. Como não me lembrava de nada disso, busco em meu armário algumas roupas e coisas para levar. Volto para o quarto e tomo um susto quando vejo Caio parado na porta.

— Que susto!

— Por que demora tanto?

— Eu esqueci que meu pai viajaria hoje, então preciso arrumar uma mala.

— Ande com isso!

— Escuta aqui! Eu que sei o tempo que demoro! Se está com pressa, vá sozinho e eu vou depois.

Vejo-o enrijecer o maxilar, mas não responde nada para mim.

Termino de enfiar algumas mudas de roupa em uma mala e pego alguns utensílios de higiene pessoal. Sinto seu olhar me queimando e resolvo ignorar e não o olhar.

— Eu só vou jogar uma água no corpo e já volto — falo, ainda sem encará-lo.

Escuto a porta batendo atrás de mim e deduzo que ele saiu puto do quarto por ainda ter

que me esperar. Caminho para o banheiro e tiro minha roupa e abro a ducha.

Entro nela ainda fria e solto um gritinho pelo impacto com a água gelada. A porta do banheiro se abre rapidamente e eu olho espantada para trás vendo um Caio estático.

Engulo pouca saliva na minha boca e perco meu raciocínio lógico. Caio avança como um leopardo espreitando a presa, e abre o box onde estou nua e a água cai da ducha continuamente, molhando-me.

Ele me puxa para seus braços, me prendendo pela cintura, e novamente, no mesmo dia, ele une nossos lábios de forma avassaladora.

Não me importo com nada e enlaço seu pescoço, beijando-o arduamente com a mesma vontade que ele demonstra.

Caio desce a mão pelas minhas costas e me suspende pela bunda, forçando minhas pernas a subirem para seu quadril. O beijo nunca é interrompido e quando percebo, ele encosta minhas costas na cama e só agora separa nossas bocas, continuando seu ataque em meu pescoço.

Quando ele alcança meus seios, para e se afasta um pouco, admirando-os. Uma de suas mãos sobe até a sua boca e ele umedece o dedão, levando-o até meu mamilo, que implora por alguma atenção.

Ele faz movimentos circulares em torno do bico. Um toque suave e sutil, mas que acende meu corpo inteirinho, fazendo um arrepio percorrer minha espinha.

Seus olhos estão neles e os meus em seu rosto. Gosto de ver a expressão admirada dele e o quão hipnotizado ele parece. Não sinto vergonha por estar nua e ele vestido. Sei da minha beleza e apesar de não ter nenhuma experiência com homem nenhum, meu amor e desejo por ele é maior do que qualquer medo ou insegurança.

Ele leva a boca até o outro mamilo e quando o chupa, ambos gememos de prazer. Caio o ataca com sua língua habilidosa, sugando e chupando com força, e com a mão ele acaricia o outro seio, apertando e beliscando o bico entre seus dedos.

Sinto minha intimida de encharcar e um prazer absurdo toma conta do meu ventre. Eu respiro com dificuldade entre os gemidos que saem involuntariamente da minha boca.

Meu desejo aumenta, me colocando mais fundo nesse mar luxurioso que ele me coloca. Sua mão desce suavemente pelo meu corpo, enquanto sua boca ainda trabalha de forma pecaminosa em meu mamilo.

Seus dedos alcançam o topo da minha pélvis e eu estremeço quando o sinto me tocar em

minha intimidade. Ele é sutil com os dedos e voraz com a boca, e essa combinação está me colocando à borda da loucura.

Ele escorrega um dedo delicadamente para meu clitóris e ao menor toque já é o suficiente para me enlouquecer e fazer com que eu estremeça. Ele para de beijar meu seio e me encara chocado.

— Você...

— Sim!

Respondo ofegante à pergunta não feita. Eu gozei intensamente só com um leve toque dele em minha intimidade. Isso nunca tinha acontecido comigo.

Caio me beija intensamente e eu sinto sua mão cobrindo minha vagina, dando um forte aperto nela. Tremo, pois ainda está tudo muito sensível pelo orgasmo que acabei de ter.

Tento levar a minha mão até a dele para que pare o contato. Ele encerra nosso beijo mordendo meu lábio inferior e segura minha mão com força.

— Nunca tente me impedir de te tocar da forma que eu quiser.

Seus olhos estão negros e intensos, e seu aperto em minha vagina, assim como em minha mão, aumenta a ponto de me fazer ofegar alto.

Concordo com a cabeça e antes que eu possa reagir, ele dá um tapa em minha intimidade, me fazendo gritar.

— Ahhh...

— Quieta! — Ele ergue seu corpo, saindo de cima de mim. — Agora tome seu banho para que eu possa te levar ao seu irmão.

Fico confusa com o que acabei de ouvir e sem maiores explicações ele sai do quarto batendo a porta atrás de si.

Continuo deitada e fecho meus olhos.

*Que merda foi tudo isso?*

Inalo todo o ar que posso e resolvo levantar. Tomo meu banho ainda pensando em tudo que acabou de acontecer e mesmo tudo acontecendo muito rápido e estranhamente, um sorriso brota em minha face.

Ele me quer e eu sei que com um pouco de paciência e usando as armas certas, terei Caio para mim.



Capítulo 7  
Não Serei a Palhaça da Vez

# Amanda

Pego minha bolsa e respiro fundo antes de sair pela porta que me levará direto a ele. Ainda não acredito em tudo que aconteceu há pouco no meu quarto.

Tudo bem, as coisas não foram exatamente como eu imaginava ou sonhava todas as vezes que eu me pegava pensando em nós dois, mas não posso reclamar.

Ele é intenso e autoritário. Sua pegada é bruta e ele parece sentir o desejo a flor da pele e isto o torna detalhista na maneira de tocar meu corpo.

Sua atenção estava totalmente focada no meu prazer e a cada toque - ora bruto, ora suave - ele tinha o *timing* perfeito para elevar meu prazer a cada segundo, me fazendo gozar com muito, muito pouco.

Não sei se o fato de eu ser virgem e ter muito pouca experiência com o sexo oposto, mas Caio parecia ter um radar infalível para atingir meu prazer sem o menor esforço.

Penso nos garotos que já passaram algumas bases comigo e quase gargalho. Por Deus! Nós mal sabíamos o que estávamos fazendo.

Caio tem experiência e pelo que percebi não é pouca. Esse pensamento me incomoda e o bichinho do ciúme começa a dar sinais dentro de mim.

Chego à sala e ele está no pé da escada me esperando. Paro admirando sua beleza imponente e marcante, ele mantém a mesma postura.

Desço as escadas devagar e quando estou próxima o suficiente dele, solto um sorriso tímido por tudo que aconteceu ainda há pouco.

— A mala... Eu levo — ele fala secamente e isso faz meu sorriso murchar.

Entrego minha mala a ele e vou em direção à porta, mas sinto um aperto forte no braço, que me impede de prosseguir.

— Escuta. Isso que aconteceu, foi involuntário.

Encaro-o chocada.

— Acidentalmente você invadiu meu banheiro e me tomou como quis? — Cruzo os braços, encarando a cara de pau dele.

— Não. Eu ouvi um grito do corredor e achei que pudesse ser alguma coisa. Eu não

pensei, simplesmente entrei e te vi no chuveiro nua.

— E?!

— Sou homem, garota. Não sou de ferro.

Abro a boca, fecho novamente, torno a abrir e por fim desisto de responder a este machismo sem fim, e, claro, uma mentira deslavada.

Saio pela porta enfurecida e entro no meu carro dando partida e saindo do condomínio. Vejo pelo retrovisor o idiota me seguindo e minha vontade era frear com tudo, assim quem sabe com a batida ele pensasse um pouco na vida.

Além de negar aquilo que foi óbvio, ele ainda tenta jogar para cima de mim o fato de supostamente não resistir e me agarrar por eu estar nua na sua frente.

Entro na garagem do prédio do meu irmão e desço do carro rapidamente. Quando alcanço o elevador sinto Caio se aproximar do meu lado.

— Sobre o que aconteceu...

— Nada aconteceu! — falo, cortando sua tentativa de me dar o fora e aproveito para cutucá-lo. — Aliás, aconteceu sim! Seu ato involuntário me rendeu um ótimo orgasmo. Oremos por mais homens com atos assim! — Sorrio com o maior atrevimento e entro no elevador.

Não serei a palhaça da vez.

Não desta vez.

## Caio

As portas do elevador se fecham.

— Inferno! — vocifero.

Eu não sei o que está acontecendo com a minha cabeça. Em que mundo eu fui ceder àqueles olhos cristalinos me implorando para tocá-la?

Quando eu a beijei na quadra, foi algo perturbador e me afastei imediatamente. Eu já tive muitas mulheres e de várias maneiras, mas eu nunca senti a euforia que senti quando toquei minha boca naqueles lábios petulantes.

O animal que habita em mim surgiu de forma quase incontrolável e por muito pouco eu não a possuí naquela quadra mesmo. Ela mencionar o quanto me queria despertou-me da nuvem de luxúria e eu consegui recobrar minha sanidade e sair dali o mais rápido possível, mas não sem antes ser direto com ela.

Jurei me manter longe o máximo possível para que ela não criasse ideias naquela cabeça desmiolada dela. Quando Antônio me chamou pedindo para que eu pessoalmente fosse buscar sua irmã por conta da viagem de Claudio, quase neguei.

Se eu o fizesse ele provavelmente iria estranhar e para não dar margem para especulações, então fui sem questionar.

Respirei aliviado quando vi que Claudio estava na casa e seria fácil levar Amanda sem mais problemas, mas como tudo tem que se complicar quando se trata dela, tive que esperar que a princesa arrumasse suas coisas e acabamos sozinhos naquele lugar.

Mesmo sabendo que não deveria, eu subi para apressá-la. Minha mente começou a trabalhar possíveis ideias do que eu poderia fazer com ela ali e isso não seria nada bom.

Consegui me manter indiferente e até um pouco grosso, confesso, mas cometi o erro de agir por impulso quando ouvi seu grito e invadi seu quarto sem pensar no que me aguardava atrás da porta entreaberta do banheiro.

Assim que bati meus olhos nela, eu sabia que estava perdido. O objeto dos meus maiores desejos e irritações estava nu em minha frente e olhar aquele corpo, aquela pele branca, delicada e notavelmente macia me tirou de órbita.

Agi como um felino espreitando a fêmea para o acasalamento. Nada nem ninguém existia. Nenhum conceito, código de ética, diferença de idade ou a porra que fosse.

Ela era minha.

Pelo menos ali e por alguns momentos eu poderia desfrutar daquele corpo pecador com cara de anjo.

Lembro-me do seu olhar desejoso, sempre pedindo por mais, sua pele arrepiando sendo receptiva a cada toque meu, gentil ou brutal. Quando a senti gozar com muito pouco esforço da minha parte, percebi que ela era bem menos experiente que eu imaginava.

Isso fez com que eu freasse meu instinto e consegui novamente recobrar meu juízo perdido e me afastei antes que fizesse algo pior.

Volto a minha realidade e solto o ar com pesar. Deixei sua mala no elevador e preferi que ela subisse sozinha. Quando ela desceu as escadas na casa dela eu vi que ela esperava por algo e eu precisei cortar totalmente qualquer esperança.

Dei a desculpa mais esfarrapada da minha vida, mas ao menos serviu para mantê-la chateada o suficiente e isto a afastaria de mim.

Eu não sou um completo babaca que trata mulheres de forma desrespeitosa. Tudo comigo sempre foi muito consensual, mesmo eu sendo um dominante entre quatro paredes.

Esta merda de flores, de jantares e de fazer amor lentamente não é para mim. Sou um viciado em adrenalina e gosto de sentir intensidade em tudo que faço, o que não seria diferente no sexo.

Com essa garota, sim, porque eu não posso esquecer-me disto. Ela é uma menina e esta é só uma das razões para que eu mantenha distância. Com ela, eu não sei explicar o que vem acontecendo, mas me desperta uma irritação e tensão de forma inigualável e isto tem me desestabilizado, logo eu, um cara treinado para não deixar a emoção falar alto em qualquer situação.

Eu não sei em que momento a irmãzinha do meu chefe, chatinha e mimada se tornou essa mulher provocadora e despertou em mim um devasso louco para fodê-la.

Antônio e eu não temos uma amizade tão íntima, mas temos um grande respeito um pelo outro.

Na minha vida aprendi que o respeito de um companheiro é mais valioso do que qualquer coisa e, se ele descobre que seu chefe de segurança está doido para traçar sua irmãzinha, que ele morre de ciúmes, vai querer me matar.

Inferno! Eu no lugar dele me mataria.



Subo pelo elevador de serviço, assim não corro risco de encontrar com ela novamente. Sei quão irritada eu a deixei e, merda, eu também estou irritado.

Eu queria muito poder terminar o que comecei naquele quarto e talvez conseguir tirar essa menina da minha pele. Ela impregnou feito veneno e não há nada que eu faça que consiga tirar este desejo insano cada vez que eu a vejo.

—Tá mal-humorado de novo, Caio? — Greta pergunta quando me vê entrando pela porta de serviço, batendo-a com força.

— Sempre estou.

— Nota-se.

Pego uma laranja na fruteira e uma faca, encosto-me contra a pia e começo a descascá-la. Minha cabeça está longe e não percebo que estão falando comigo até a Sra. Machado estalar os dedos na minha frente.

— Acordou?!

— Desculpe, Sra. Precisa de alguma coisa?

— Corta essa, Caio. Me fala o que aconteceu! Amanda entrou direto, foi para o quarto e está trancada lá.

— Como vou saber? Só a peguei e trouxe para cá. Vai ver a princesinha não queria deixar o castelo — digo com deboche, tentando disfarçar meu desconforto.

— Ou o homem primata atacou novamente!

— Não entendi, Sra.

— Nem eu. Deixa pra lá!

E como surgiu, ela se foi.

Termino de descascar minha laranja e vou para o quarto de empregados. As palavras da Sra. Machado rondam minha cabeça. Ela com certeza desconfia de algo. Mas como? Eu nunca falei disto com ninguém e evito estar no mesmo ambiente que ela.

Algumas vezes na semana, eu durmo aqui, assim fica mais fácil para remanejar a agenda de segurança. Tiro minha roupa e vou para o chuveiro, deixo a água fria tomar conta do meu corpo e acalmar o fogo latente que sinto desde hoje à tarde.

Nunca em toda minha vida imaginei passar por algo assim. Quando conheci Antônio, eu tinha acabado de abrir o Centro de Treinamento e Segurança com mais dois amigos, Fernando e

Beto.

Nós nos conhecemos durante a formação na Marinha, mas acabamos nos separando com o tempo. Quando resolvi pedir baixa me lembrei de uma conversa que tivemos certa vez sobre ter uma empresa de segurança, e resolvi arriscar.

Começamos em São Paulo do nada e em um encontro casual com Antônio Machado em um evento que homenageava o meu pai, conversamos sobre segurança privada e ele ficou bastante interessado nas minhas ideias.

Em pouco tempo fui contratado por ele e não posso negar o quanto estar ligado a ele fez meu negócio crescer. Rapidamente conseguimos montar o Centro de Treinamentos com uma boa quantidade de clientes para prestar serviço, assim como pessoas interessadas em treinamento desse porte. Logo conseguimos estabilizar a empresa.

O apoio dele sempre foi fundamental, e eu sei que, mesmo não falando sobre isso, ele mexeu os pauzinhos para que sua influência me favorecesse.

Eu nunca deixo um companheiro para trás, assim como nunca nego gratidão aos que me estendem a mão. Por conta disso, nunca me afastei da segurança direta dele, mesmo já tendo condições para viver somente da minha empresa.

Deixei a administração com Beto e a coordenação com Fernando, eu fico mais em campo, treinamentos específicos de homens e rede de informações.

Gosto da parte oculta do negócio.

E tudo isso é mais um belo motivo para eu manter meu pau afastado da garota. Eu não posso trair a confiança de quem estendeu a mão quando mais precisei.

Ouçó meu celular, enrolo uma toalha em minha cintura e vou em busca do aparelho.

— Alô.

— Filho...

— Mãe? Que horas são?

— Não importa. Estou com saudades.

— Ele não está aí, não é?

— Não. Seu pai viajou para algum compromisso Oficial.

— Como sempre!

— Filho, não seja tão duro com seu pai.

— Se ligou para isso, mãe, eu prefiro dormir.

— Tudo bem. Vamos, fale de você. Já está namorando?

— Claro que não! — Gargalho com a pergunta descabida da minha mãe.

— Mas, meu filho, você tem quase 30 anos e...

— Mãe! Por favor, já é tarde. Prometo ligar essa semana pra você.

— Tudo bem. Eu te amo, meu filho.

— Tchau, mãe!



## Capítulo 8 Não Foi um Pedido

# Amanda

Já se foram dois dias desde que eu vi aquele insensível pela última vez e confesso que o alívio não poderia ser maior.

Eu ainda o quero com a mesma intensidade de sempre, mas estar longe dele depois do que aconteceu está me ajudando a manter a mente em ordem e o coração amortecido.

Ainda são seis da manhã e o sono já me abandonou há algum tempo, resolvo colocar meu corpo para trabalhar assim minha mente me dá uma trégua.

Coloco minha roupa de ginástica e desço para o primeiro andar do prédio, onde funciona a academia que meu irmão montou para facilitar a rotina de vida que o cerca.

Tenho a sorte de não esbarrar com ninguém a caminho daqui e respiro aliviada quando percebo que estou sozinha no ambiente. Vou para a esteira e resolvo começar com uma corrida para aquecer os músculos.

Começo caminhando e rapidamente acelero o passo e começo minha corrida. Exercícios físicos não limpam tanto a minha mente quanto a dança, mas servem para descarregar a impulsão que toma minha mente quando penso em certas coisas.

Passados meia hora de corrida, eu desacelero o passo para caminhar e finalmente parar a esteira. Já sinto o suor escorrer pela minha testa e pego a toalha que trouxe, me enxugando enquanto desço do aparelho.

Sinto um incômodo repentino e por instinto olho em direção a entrada e vejo Caio encostado no batente da porta, com as mãos cruzadas no tórax. Um rosto sério, o famoso vinco entre as sobrancelhas denunciando que está incomodado com algo e eu só posso imaginar que seja com minha presença.

— Eu já terminei.

Anuncio e não sei muito bem o porquê, mas sinto a necessidade de me afastar. Não quero sentir novamente sua rejeição por isso resolvo sair e não ficar no mesmo ambiente que ele. Se eu o incomodo tanto, me retiro sem problemas.

Caio não responde e também não altera sua postura. Parto a passos firmes e quando tento passar por ele, que bloqueia parte da porta, sinto sua mão segurar meu pulso, parando meu movimento.

Olho para a mão dele que se mantém firme me segurando, mas não tenho coragem de subir o olhar. Não quero ver a mesma dureza que vi outro dia.

Sinto seu corpo se mover devagar e sua aproximação faz com que eu me arrepie inteira. Escuto sua respiração muito próxima do meu ouvido e pelo inalar de seus pulmões percebo que ele cheira meu cabelo.

— Você cheira tão bem.

Sua voz rouca vibra em minha pele e sinto partes não muito adequadas do meu corpo despertando com o pouco que ele está fazendo. Continuo olhando para o chão e tento manter minha respiração regularmente para não denunciar o tanto que estou afetada.

— Olhe para mim.

Não foi um pedido. E mesmo assim não obedeci.

Com a mão que me segurava cativa em sua teia, Caio me gira, colocando-me de frente para ele. Por instinto eu dou um passo para trás e sinto o batente da porta nas minhas costas.

Mantenho meu olhar no chão. Não quero que ele veja o quanto está me afetando com essa inteiração estranha. Ele, que já tem seu corpo próximo do meu, se aproxima mais e sinto-o me pressionando contra a parede.

Com a mão livre ele segura meu queixo com força e o ergue, me forçando a olhá-lo e o que eu vejo me espanta: desejo. Puro, bruto e carnal, mas um desejo que toca diretamente no meu íntimo, fazendo com que aquilo que já era latente, transborde de mim.

Involuntariamente eu acabo gemendo, tanto pelo contato como pelo seu olhar para mim. Estou me sentindo a donzela que está prestes a ser devorada por seu algoz e a única coisa que não está certa aqui é o quanto ela quer que isso aconteça.

— Isso é errado.

— Então... Por que não se afasta? —Sussurro.

— Não consigo.

Caio pressiona seu quadril contra mim e eu sinto o quanto ele está excitado com tudo isso. Torno a gemer, só que dessa vez mais alto e isso tira o resquício de resistência que ele mantinha, até que novamente ele me ataca.

Seu beijo, como sempre, arde em minha boca, é brutal e indecente. Suas mãos descem por meu corpo e ele segura minhas duas pernas, forçando-as para cima. No reflexo, eu levo meus

braços ao seu pescoço e ele me prensa mais ainda contra o batente.

Um calor insuportável toma conta de mim e sinto meu coração tão acelerado que posso ouvi-lo em meus ouvidos. Caio continua seu ataque a minha boca com maestria e agora sua pélvis, que está diretamente em contato com a minha, começa a trabalhar em movimentos circulares, fazendo-me chegar à borda da loucura.

Quando ele desce seus beijos para meu queixo e pescoço, eu puxo o ar com força e ao mesmo tempo solto um gemido audível. Minhas mãos agarram suas costas e eu tento segurá-lo a ponto de quase fundir nossos corpos.

De repente sou largada no chão de qualquer jeito e Caio sai a caminho do vestiário no andar, deixando-me confusa, desejosa e mais quente que o inferno.

Quando penso em praguejar algo que ele escute vejo a porta do elevador se abrir e Antônio passa por ela, vindo na direção da academia.

Respiro fundo.

— Bom dia, princesa. Você aqui?

— Caí da cama.

Mal respondo e já saio em disparada para o elevador, aproveitando que ainda está aberto.

Por muito pouco meu querido irmão não presencia a cena de sua irmã mais nova quase transando com seu homem de confiança na porta da academia.

Seria épico.

Quase rio da cena se meu corpo ainda não estivesse vibrando pelo que acabou de acontecer.

\*\*\*

Não tomo café da manhã no apartamento. Nunca saberia como agir tendo Caio tão perto depois do que aconteceu na academia. Engulo qualquer coisa na lanchonete da faculdade e me preparo para entrar em aula.

— Pronta para ver o professor delícia?

— Não comece!

— Nossa! Acordou azedinha, foi?

— Não! Eu não acordei azedinha, só não quero aguentar *pegação* no pé essa hora da manhã.

— OK!

Seguimos o restante do caminho em silêncio e eu agradeço mentalmente por isso. Não teria a menor tolerância para a infantilidade da Claudinha.

Entramos na sala e ocupamos nosso lugar de costume. Ajeito meu material sobre a mesa e ouço um burburinho feminino na sala e, quando ergo meus olhos, vejo Caio passando pela porta da sala e vindo em minha direção.

Prendo a respiração instintivamente e sinto minha pulsação acelerar.

O que diabos ele está fazendo aqui?

— Srta. Souza, bom dia!

— Bom... bom dia... Caio.

— Seu irmão pediu que eu viesse falar com você. Pode me acompanhar?

— Nossa! Mas Antônio não tem mais celular? Esqueceu o que é *whatsapp*?

— Só cumpro ordens, senhorita. — Caio sorri, porém seu sorriso não alcança os olhos.

— Tudo bem.

Levanto-me e sigo Caio, que já tomou seu caminho para a saída da sala.

Logo que saio ele puxa minha mão, me colocando contra a parede e fazendo-me o ar na tentativa de controlar a pulsação que me toma. Ele se aproxima de mim muito devagar e apoia seu braço na parede acima da minha cabeça.

Sinto-me menos do que já sou perto dele, sua aproximação me deixa totalmente desconcertada e as lembranças da nossa manhã calorosa tomam conta dos meus pensamentos.

Seu olhar parece querer me dizer muita coisa, mas eu não consigo decifrar o que mais é intenso nele.

— Hoje seu irmão quase nos pegou.

— Sim...

— Isso não é certo, Amanda. Ele é meu chefe e seu irmão, e você é apenas uma garota!

— Eu não sou uma garota!



— Sim, você é! Meu Deus, minha irmã é mais velha que você!

— Você tem uma irmã? — Espanto-me.

Ele solta o ar, parecendo exasperado.

Caio me olha de uma forma intensa como se quisesse desvendar algo dentro de mim. Sua outra mão toca meu rosto suavemente e por instinto fecho meus olhos.

— Abra!

Quando encaro seu olhar penetrante novamente, vejo chama e desejo, então sei o que vem a seguir. Seu beijo.

Ele toca meus lábios lentamente, passando-os de leve em minha boca, testando nosso contato. Quando sua língua resolve invadir a minha boca, a calma se foi e sua intensidade como sempre se torna dura e direta.

Enrosco meus braços em volta do seu pescoço, Caio serpenteia sua mão em torno da minha cintura e eu me entrego novamente àquele que tem meu coração.

Escuto um pigarrear do meu lado, mas resolvo ignorar. Nada pode parar o contato que anseio desesperadamente todos os dias da minha vida.

Caio quebra nosso contato quando escuta novamente o pigarrear. Ao abrir meus olhos, sinto o sangue esvair da minha face. André, meu professor, está parado ao lado da porta com um rosto sério e confuso, nos encarando.

— Algum problema? — Caio praticamente rosna.

— Oi, professor.

— Olá, Amanda! — André ignora totalmente a presença de Caio e a pergunta rude que fez. — Está na hora da aula, vamos?! — Ele se afasta, dando-me espaço para passar antes dele.

Instintivamente eu olho para Caio que mantém um olhar duro para meu professor e o mesmo está fazendo lindamente o bom trabalho de ignorá-lo.

— Claro. Eu já entro. Um minuto. — Levanto o dedo fazendo o sinal de um para ele.

— Não demore ou ficará com falta — ele responde bruscamente e entra na sala.

Dou de ombros, não entendendo muito bem o porquê de tudo aquilo, e quando volto-me para Caio, seu olhar não é dos melhores.

— Está saindo com esse idiota?

— O quê? Não! Ele é meu professor. — Atrapalho-me explicando.

— Não parecia somente isso.

— Mas é! — falo incisiva.

— Não gostei dele! — Caio coloca a mão nos bolsos e sua testa forma aquele famoso vinco em sinal de carranca.

— Isso não importa. O que veio fazer aqui, além de me atacar, claro?

— Vim dizer que vou lhe dar o que você tanto quer.

— E o que seria isso?

— Uma boa foda! — Ele me encara com a face mais arrogante possível e eu devolvo com meu total espanto pelo que disse.

— Acho que não entendi.

— Entendeu, sim! Eu vou tirar essa tensão que paira entre nós. É pele, você sabe! E depois que isso acontecer, cada um segue seu caminho. Ok?!

Eu continuo encarando-o e penso estar em um sonho, aliás, um pesadelo do pior tipo. Como e porque ele está falando comigo dessa forma?

— Feche a boca, princesa! — ele diz isso tocando meu queixo com o indicador e me dá um sorriso maroto.

Ele não espera por uma resposta e se vira em toda a sua virilidade e machismo, então vai embora.

Permaneço ali por alguns minutos, tentando compreender tudo que ele acabou de me dizer. Não sei se pelo choque do que disse ou por simplesmente ele ter dito alguma coisa.

Obrigo-me a voltar a minha realidade e entro na sala de aula caminhando diretamente para o meu lugar. Arrisco olhar para o professor André, mas ele não está me encarando e respiro aliviada.

— O que aconteceu? Você está com cara de assustada — pergunta Claudinha.

— Eu estou!

— Me conta.

— Não agora.

Foco minhas anotações sobre a mesa e tento ao máximo ler o artigo que provavelmente foi distribuído enquanto eu estava com Caio lá fora, mas minha indignação não me permite focar em nada.

Só consigo pensar em uma pessoa que pode me explicar tudo isso da forma mais clara e direta possível.

Aldria.



## Capítulo 9 Inconsequente Demais

# Amanda

Faz exatamente dez minutos que estou sentada na banqueta da cozinha no apartamento da Aldria e ela me encarando, provavelmente com o mesmo olhar arregalado que o meu, quando Caio me deu a notícia bombástica.

— O que eu faço? — pergunto aflita.

Ela levanta o dedo indicador para cima e eu sei que é para eu me calar. Aldria levanta da banqueta e começa a rodear em círculos com uma mão na cintura e a outra no queixo, como se estivesse analisando alguma questão de suma importância.

— Aldria...

— Shiu!

Ela continua rodando em círculos, até que estala dos dedos e apoia as duas mãos na bancada, me encarando com um olhar desafiador.

— Você vai!

— O quê?!

— Você vai encontrar com ele. Mostre naturalidade e firmeza.

— Eu não imaginava que seria assim, Aldria. Ele simplesmente me comunicou que vai transar comigo e só!

— Ele não vai.

Olho para ela muito confusa. Não estou conseguindo entender o ponto que está tentando me mostrar.

— Explique.

— Pra uma garota petulante, você é bem lenta!

Mostro a língua para ela, desdenhando da sua gracinha, e ela me mostra o dedo do meio.

— Presta atenção, garota! Você está de quatro por esse gostosão e eu tenho certeza que ele te quer, mas não da forma que ele pensa.

— Como ele me quer?

— Amanda! Foca na questão. Caio é um homem sério, correto. Ele tem valores que o

forçam a agir de certa forma. Quando ele perceber que você é virgem, ele terá de decidir. Se ele recuar, mostra que ele ainda não tem certeza do que quer, agora, se ele avançar, prova o quanto está envolvido.

— E isso é bom?

— Claro, sua idiota! — Encaro-a fechando a cara. —Ele vai ficar ainda mais maluco por você e aí entra a parte dois do plano. Ter um concorrente em potencial para ele saber o que está perdendo.

— Não sei se isso funcionaria. Transar sem saber ao certo o que ele quer... — respondo incerta.

— Você não o quer? Não o ama?

— Sim, mas...

— Vai por mim. Arrume um concorrente, isso funciona. Funcionou com meu ser infernal.

E como se fosse evocado de algum lugar, Júlio entra na cozinha, parando abruptamente e encarando nós duas. Ele foca em sua esposa e estreita os olhos em sua direção.

— O que você está aprontando, linda?

— Eu? Nada!

— Hum...

Ele abre e fecha a geladeira, tirando de lá uma jarra de suco.

— Hoje eu vi o Caio, Amanda.

— Ah, é?! — Dou de ombros.

— Ele parecia mais calmo. Eu diria até... feliz.

— E por que isso me interessaria, Júlio?

— Eu não sei. Só comentando.

— Sei... Bom, eu já vou indo nessa. Tchau para os dois.

Despeço-me rapidamente e pego minha bolsa. Se Júlio continuar a me encarar, sou capaz de falar tudo que estávamos tramando. Escuto-o questionando Aldria sobre alguma coisa e ela justificando ser a pessoa mais coerente que habita aquela casa.

Coitado dele!

\*\*\*

Inalo o ar em meus pulmões e acalmo as batidas frenéticas do meu coração. Estou há duas horas ensaiando no estúdio de casa minha coreografia do mês que vem.

Já está tudo bem encaminhado e eu consegui achar o entrosamento perfeito com a batida, mesmo assim prefiro continuar ensaiando feito uma louca. No fundo eu sei que estou enrolando para ir embora. No apartamento do meu irmão facilmente eu cruzaria com ele e tudo aquilo que me disse ainda não está digerido totalmente.

Eu não sei se esse plano da Aldria vai funcionar, Caio é um homem determinado e fechado em seu mundo, sempre repeliu minhas tentativas de aproximação. Não entendo o que mudou para ele vir com aquele discurso.

*Aquele discurso...*

Soou tão frio e banal, sinto-me péssima em pensar que Caio só quer isso comigo, me tirar de sua pele. Eu sei muito pouco da vida dele, bem eu não sei nada praticamente, mas penso que ele não deve ter tido muitas namoradas. O cara é um ogro, impossível ele ter alguém que o aguentasse por tanto tempo.

O que eu estou dizendo? Eu o aguentaria pelo tempo que fosse se ele realmente quisesse ficar comigo. Maldito coração bandido. Foi escolher o pior dos homens para amar.

Eu nunca tive chance. Sempre o achei intrigante, bonito e conforme o tempo foi passando, fui me descobrindo e, principalmente, percebendo que o que eu sentia por Caio não era uma paixonite e sim amor.

Eu sei que o amo. Sou nova, tenho muito pouca experiência com homens, mas isso não muda o que sinto e nem o torna menos real.

Recolho minha mochila e subo para meu quarto, já que vou enfrentar os meus demônios, pelo menos que seja limpa e refrescada.

Quando saio do chuveiro, vejo meu celular vibrando em cima da cama, vou até ele e olho o visor. Sinto meu coração acelerar. O nome de Caio estampa o alerta da mensagem que ele acabou de enviar.

***Caio – Avise seu irmão que vai dormir na Claudinha amanhã. Eu tirarei a noite de folga.***

Leio e releio a mensagem, pensando se devo ou não responder, já que isso nem foi uma

pergunta. Resolvo ignorar, não tenho o que dizer diante disso.

Chego ao apartamento e vejo Vega na sala de estar e parece que algo realmente ruim aconteceu, ela está chorando de soluçar, agarrada a uma almofada e fungando sem parar.

— Oi...

— O-oi...— soluça para mim.

—Tá tudo bem? Meu irmão fez alguma coisa?

Ela só balança a cabeça freneticamente em sinal de negação e me encara batendo a mão no sofá ao seu lado. Acho que ela quer que eu me sente.

— O que houve, cunhadinha?

— O fi-filme... Eu achei tão-tão lindoooo... — E ela termina chorando altivamente.

Fico alternando meu olhar espantado entre ela e a tela da televisão que passa o final de algum filme. Estou chocada! Nunca imaginei ver a Vega desse jeito, ainda mais por um filme.

— Acalme-se, é só um filme.

Ela limpa o nariz com as costas da mão e me encara de forma furiosa.

— Não é só um filme, *chica!* Ele fala de um amor incondicional e mesmo o mocinho tendo morrido, ouça bem, morrido, ele faz de tudo para ajudar sua esposa.

— Meio mórbido— comento com um sorriso.

— Romântico!

— Tudo bem. Agora vamos parar com esse choro que isso não faz bem ao meu sobrinho.

— Pode ser uma menina. — Vejo sua raiva se transformar em expectativa.

— Eu iria amar. — E agora a versão “Vega mamãe-ursa” entra em ação.

— Ahhhhhhhhh... eu também!

Nossa, bem que Antônio disse que as oscilações de humor de Vega estão assustadoras. Ela foi do deprimente à raiva, então à brandura em menos de cinco minutos.

— E como você está? Tenho te achado meio quieta. Nem parece aquela menina petulante que todos conhecem.

— Não é nada. E eu não sou petulante, só um pouco espirituosa.



Rimos do meu comentário. Ambas sabemos o quanto eu sou petulante, e, confesso, um pouco infernal quando quero.

— Espero que não seja Caio “no modo *gilipollas*” que te deixou assim.

— Não! Caio? Claro que não, Vega.

— Não faça essa carinha de inocente, pois eu sei que rola algo aí.

— Não rola nada, cunhadinha. Agora se me der licença, preciso estudar para um seminário da faculdade.

— Tudo bem.

Saio da sala e deixo Vega de volta a suas lamentações do filme e subo para meu quarto. Estou exausta física e emocionalmente. Me jogo na cama com a roupa que estou e me entrego ao sono.

\*\*\*

— Amanda, minha amada. Se concentre! — Lucca chama minha atenção pela quinta vez.

— Desculpe.

Estou fazendo o ensaio fotográfico a que me propus, mas hoje a coisa toda parece não estar dando certo. Dormi pesadamente e acordei como se um caminhão tivesse me atropelado, e eu sei bem o nome dessa carga: Caio.

Tento me concentrar novamente no que estou fazendo, limpo minha mente e tento em vão, apagar a mensagem que ele me mandou da memória.

— Querida, respire fundo e relaxe. Você está tensa.

Faço conforme Lucca instrui e fecho os olhos. Respiro três vezes e quando abro meus olhos fico estática, olhando além das luzes de Lucca que está com a sua máquina na mão.

Caio está parado na entrada da sala, sua postura está rígida. Ele mantém as mãos no bolso, como sempre, e seu olhar não desvia do meu. Noto o vinco entre suas sobrancelhas e arrisco dizer que ele não está satisfeito com algo.

Lembro-me da mensagem novamente e do que ele disse na faculdade e algo estala dentro de mim, se ele me quer por meu corpo e por uma questão de pele, vou mostrar a ele e a quem mais quiser ver quais meus atributos.

Munida de sentimentos contraditórios e lembrando-me do que a Aldria disse, eu encaro

a câmera e começo a fazer poses de dança. Poses ousadas, que acentuam minhas curvas e mostram meu corpo de forma deliberada.

— Maravilha! — Lucca vibra com minha mudança.

A empolgação e suas palavras me incentivam a continuar, mas nada me estimula mais do que perceber Caio mais próximo da área do ensaio e pelo seu olhar posso dizer, ele está bufando de raiva.

Sorrio totalmente petulante e jogo um beijo para a câmera, mas meus olhos não saem dos seus. Vejo-o ameaçar um passo à frente, no entanto, por algum motivo, contém o movimento e leva a mão aos cabelos em um gesto nervoso.

Pelos próximos quinze minutos eu faço um ótimo trabalho e ousa em cada oportunidade que posso. Lucca vibra com o resultado e eu vibro com o prazer de ver o inconformismo no rosto de Caio.

Posso estar sob sua pele, querido, mas não lhe pertencço.

Meu pensamento faz brotar em meus lábios um sorriso muito satisfeito, e quando encaro Caio, depois de Lucca ter encerrado a sessão de fotos, eu sei que meu recado está dado.

Vou para o camarim improvisado e troco de roupa, não tenho tempo de tirar a maquiagem, pois minha ansiedade me apressa a cada passo para andar logo.

Achei que só o encontraria mais tarde. Eu ainda não estava preparada para confrontá-lo. Encaro-me no espelho e respiro fundo.

*Você pode fazer isso, garota!*

— Olá, minha gata.

— Oi.— Lucca invade a sala e me dá um abraço apertado.

— Agora entendi seu estímulo repentino. Caio está te aguardando.

Ruborizo por ser pega no flagra. Realmente estava maçante para nós dois desenvolvermos o trabalho até Caio aparecer na minha linha de visão.

— Já vou indo.

Quando chego à porta, olho para trás e Lucca me encara de uma forma estranha, como se soubesse tudo que se passa dentro de mim e, principalmente, tudo que estou prestes a fazer.

— Tenha cuidado, menina. Não deixe o Lobo Mau te devorar inteira. — Sorrio, mas o sorriso não alcança meus olhos.

Concordo com a cabeça e saio da sala determinada, hoje eu terei o homem que eu amo para mim e amanhã... amanhã será amanhã e eu não preciso pensar nisso agora.

Encontro Caio no salão principal. Ele está em sua típica pose de segurança: postura rígida, pernas levemente afastadas, mão nos bolsos e o olhar de águia, observando tudo a sua volta.

— Você aqui?

— Consegui sair mais cedo. Vamos? — Vejo seus olhos brilharem de expectativa.

— Claro— falo o mais natural que consigo.

Seu olhar fica incerto por algum momento, mas vejo um pequeno sorriso brotando no canto do seu lábio direito. Acho que ele pensou que eu daria para trás.

Saio à frente e sinto a mão firme e grande de Caio descansar na base do meu quadril. Dou uma parada e ele aumenta seu aperto, fazendo-me seguir seus passos.

— O que foi isso? — pergunto quando chegamos à rua.

— Isso o quê? — ele pergunta, já abrindo a porta da SUV que está parada em frente à saída.

— Você sabe! — Faço cara de desdém por ele tentar me enrolar.

— Muitos abrutes. Precisava mostrar que, por hoje, você está fora dos limites.

— Ah... É! Somente hoje! — Dou um sorriso forçado e Caio bate a minha porta com um pouco mais de força.

*O que deu nele?*

Ele toma seu lugar no volante e dá partida no carro, sem nem ao menos me dirigir um segundo olhar.

Minha mente começa a pensar no que estou prestes a fazer e meu coração, que já estava descompassado, parece que vai explodir. Tantos sentimentos tomam conta de mim e eu não sei o que pensar.

Sinto um peso em minha perna e quando vejo, a mão de Caio está ali, num gesto simples e íntimo. Sigo o caminho do seu braço até encontrar seu rosto que se alterna hora em mim hora na estrada.

— Tudo bem?

— Sim! — digo firmemente, mesmo que eu queira sair gritando e correndo, pedindo ajuda.

— Ótimo!

Seus lábios formam um sorriso satisfeito e ao mesmo tempo sedutor. Nunca tinha visto esse comportamento nele, até porque, ele nunca tinha dado brecha.

Sorrio de volta, porém de maneira tímida. Eu não sei o que me aguarda, mas estou ansiosa demais, eufórica demais, com medo demais e inconsequente demais para questionar.



Capítulo 10  
Você Não Vai Sair Daqui?

# Amanda

Caio estaciona o carro no meio fio de um bairro um pouco distante do que moro. Nunca vim para esse lado da cidade e fico curiosa com o ambiente.

Vejo pessoas na rua conversando. O movimento caótico da cidade parece não fazer parte daqui, acho que por isso tem tantas crianças correndo na rua, fazendo brincadeiras em grupo.

— Está pronta? — Volto meu olhar para Caio.

Ele não espera minha resposta e abre a porta do carro, descendo e contornando-o pela frente. O tempo todo ele mantém seu olhar em mim, como se quisesse me manter em seu cativeiro. Mal sabe ele o quanto já estou entregue.

Ele abre minha porta e pega minha mão, me ajudando a descer. Isso é novo e me surpreende. Seguimos para uma pequena entrada de um prédio simples, alcançamos as escadas e, na porta, Caio pega um molho de chaves do bolso e procura entre elas a correta.

Ele encontra a chave e abre a porta apressadamente me levando com ele, penso que vamos de elevador, mas ele passa direto pela porta e me leva para o lance de escadas.

Mal subo os primeiros degraus e Caio me empurra com seu corpo para a parede e toma minha boca em um beijo apressado, suas mãos passeiam pela minha cintura e me envolvem em um aperto forte e determinado.

Sua língua invade minha boca com avidez e todas as minhas dúvidas e inseguranças são empurradas de lado com o contado dele. Quando praticamente nos falta o ar, Caio interrompe o beijo e encosta sua testa na minha, ambos buscando ar para acalmar nossos corações.

— Você me deixa maluco! — ele fala, ainda puxando ar pela boca.

Não me dou ao trabalho de responder já que ele está me puxando pelas escadas apressadamente. Contornamos mais um lance de escadas e ele para em frente a uma porta, selecionando a chave e abrindo-a.

Ele abre passagem para eu entrar primeiro e sinto-o logo atrás de mim. Caio fecha a porta e logo sinto suas mãos circulando minha cintura. Ele ataca meu pescoço com uma mordida sensual e quente. Fecho meus olhos e jogo minha cabeça para trás, deitando em seu ombro. Isso dá livre acesso a ele.

Ele mantém uma das mãos espalmadas no meu ventre e me segura firmemente enquanto esfrega sua ereção muito dura no meu traseiro. A outra mão ele sobe lentamente pelo meu corpo e envolve meu pescoço, mantendo-o na posição que lhe favorece.

Sinto-o apertar sutilmente meu pescoço fazendo com que o ar que eu inalava fique restrito, isso faz meu coração bater ainda mais rápido e sinto um arrepio incomum percorrer meu corpo.

Tudo que ele está fazendo se intensifica e eu fico ainda mais sensível, a restrição do ar não me causa medo, pelo contrário, fico ainda mais instigada por seu toque em mim.

A sensação é tão boa que acabo gemendo mais alto e isso faz Caio aliviar seu aperto e finalizar seu ataque ao meu pescoço com um beijo molhado.

Ele me vira de frente para ele e encara meus olhos.

— Você está pronta.

Sua voz é sedutora e está mais grossa que o comum, como isso não foi uma pergunta e sim uma afirmação, não me dou ao trabalho de responder.

Eu não tenho experiência nisso, mas eu também consigo perceber o quão pronto ele está. Ele reflete a mesma luxúria e desejo que eu sinto agora, nossa única diferença é que eu pretendo amá-lo e ele vai se faltar de um desejo físico.

— Venha! Vamos tomar um banho.

Arregalo os olhos e ele sorri de canto. Um banho com Caio, nunca em meus mais lindos sonhos cheguei perto de pensar nisso.

Ele me puxa para um quarto. Percebo que seu apartamento é bastante simples e pequeno, mas traz um ar tão aconchegante que é como se estivesse em casa.

No quarto vejo uma cama de casal com uma linda colcha toda branca cobrindo-a. Encaro a cama e olho para Caio, que não tira os olhos de mim.

— Desistindo? — Seu olhar é cínico e o sorriso debochado.

— Jamais! — falo, aproximando o meu rosto do dele.

Ele fica sério e num movimento rápido me segura pela nuca e me beija ardentemente.

— Chega de falar, hora de agir!

Ele entra no banheiro me puxando logo atrás dele e eu sinto um formigamento nas minhas pernas. Acho que o nervosismo está tomando conta de mim.

Nunca fiquei totalmente nua na frente de um cara e começo a ficar tímida de pensar nisso. Tudo bem que ele me pegou no banheiro e depois teve aquele lance no quarto, mas aquilo foi tão rápido e afoito que não tive tempo de entender ou raciocinar nada.

Caio tira a camisa social preta que está usando. Não se dá ao trabalho de abrir os botões e a puxa por cima dos ombros, dispensando-a no chão.

— Já tirei a minha camisa... Agora... — Ele não termina a frase, mas eu entendo perfeitamente.

— Agora é minha vez.

— Sim!

Vejo seus olhos faiscarem de curiosidade e eu pego a barra da minha blusa, tirando-a lentamente. Posso não ter experiência física nisso, mas na teoria eu sei tudo.

Cansei de assistir vídeos de dança e sedução, pois, como uma dançarina, eu precisava conhecer e saber o que cada movimento do meu corpo despertaria em quem assistisse e isso acabou me tornando plenamente consciente do que fazer para aguçar a imaginação das pessoas.

Termino de tirar minha blusa e continuo olhando em seus olhos. Vejo seu peito subir e descer mais rápido e sei que ele está tão afetado quanto eu com esse jogo.

Ele abre o botão da calça e a tira junto com os sapatos e as meias, ficando somente de cueca boxe branca na minha frente.

*Meu. Deus. Do. Céu.*

*Fui ao céu e morri, só pode!*

Observo seu corpo desde o dedão do pé e vou subindo vagarosamente. Quando atinjo o topo de suas coxas grossas e torneadas, junto mais minhas pernas para tentar aliviar o incômodo que cresce em mim.

Meu olhar se demora na sua intimidade, vejo um grande volume ali e começo a pensar que, talvez, eu não seja compatível com tudo aquilo. A mão de Caio acaricia suavemente seu membro que o faz pulsar visivelmente e eu gemo.

Subo meu olhar pelo mar de gomos e músculos que seu abdômen compõe e quando atinjo seu olhar, vejo o sorriso sem vergonha que ele me lança.

— Já olhou demais. Sua vez!

Engulo a saliva que não tenho e abro o botão da minha calça. Sinto minha mão tremer,



levanto meu olhar e ele está lá, me olhando como se eu fosse a oitava maravilha da Terra.

Desço minha calça e jogo meus quadris de um lado para o outro vagarosamente para conseguir sair do agarre do tecido. Olho para Caio novamente e vejo-o segurando suas mãos em punho, como se fizesse uma força fora do normal para se conter.

Sorrio de forma irônica, ele cerra os olhos para mim e eu quebro o contato visual para terminar de tirar minha roupa.

Quando termino de ficar ereta, sou atacada pela parede de músculos a minha frente, que gira nossos corpos e nos enfia no box e logo eu sinto a água gelada cair sobre nossos corpos.

— Aiiiii! — grito e Caio me olha sacana.

— Com frio, criança?

Eu fuzilo seu olhar. Odeio quando ele me chama assim. É como se colocasse uma barreira intransponível entre nós.

— Pois é, não estou me sentindo quente o suficiente. — Estalo a língua no final e olho-o como se a culpa disso fosse dele.

Caio morde a isca e volta a me beijar com fervor e afinco, suas mãos sobem pelas minhas costas desabotoando meu sutiã e ele afasta nossos corpos puxando as alças para tira-lo de mim.

Ele interrompe o beijo e suas mãos e olhos focam em meus seios nus, ele segura-os firmemente e com os polegares faz círculos delicados e eu sinto o arrepio percorrer novamente meu corpo.

— Você é tão sensível... — ele fala e torna a me beijar.

Caio desce sua mão por meu corpo e passa seu dedo pelo cóis da minha calcinha e começa a tirá-la de mim. Conforme suas mãos descem, ele também se abaixa, quebrando assim o contato de nossos lábios.

Sua boca escorrega rente ao meu corpo e ele passa sua língua por todo o caminho que percorre. Ele termina de joelho aos meus pés, suas mãos subindo pela minha panturrilha e seu rosto tão próximo a minha intimidade que me sinto corar.

— Você cheira tão bem... — ele fala isso enquanto acaricia minhas pernas e inala meu cheiro.

Ele planta um beijo no topo das minhas coxas e eu estremeço pelo contato. Meu coração

torna a disparar e meu desejo começa a latejar em meu canal.

Sua língua circula minha intimidade e quando ele afasta minhas pernas, consegue maior acesso a minha vagina, que pinga necessitada e ele passa a língua por toda a minha fenda.

Paro de respirar e sinto meu interior tremer, eu sei que não vou durar muito. A imagem daquele homem aos meus pés, provando da minha intimidade com tanta vontade e ouvir seu gemido de prazer está abalando todas as minhas estruturas.

Ele para de me lambe e eu gemo em frustração. Olho para baixo e encontro seus olhos escuros e luxuriosos para mim. Vejo uma determinação em sua face que nunca vi antes.

— É melhor você se deixar ir, ou não vamos sair daqui tão cedo. E eu ainda tenho muita coisa pra fazer com você.

Ele termina de falar e ergue uma perna minha em seu ombro, deixando-me totalmente exposta. Caio ataca minha vagina como um homem sedento de sede e em pouco tempo eu explodo em um orgasmo alucinante.

Sinto minhas pernas tremerem e fraquejarem, só não caio porque ele me sustenta de pé e se levanta me escorando.

Ele me beija e sinto meu gosto em sua boca e isso é muito excitante.

— Chega de banho. Preciso estar dentro de você ou ficarei louco.

Ele desliga o chuveiro, me abraça e me ergue. Enrolo minhas pernas em sua cintura e ele me sustenta pelo meu traseiro.

Eu abraço seu pescoço e nos beijamos enquanto ele nos leva para o quarto. Caio se joga na cama caindo por cima de mim e isso me faz rir.

Ele me acompanha no riso e ficamos nos encarando por um momento. Meu sorriso morre e ele me olha com intensidade.

— Você é linda!

Coro com o elogio. Ele não está falando isso para meu corpo. Ele diz isso olhando em meus olhos, elogiando-me como pessoa, como mulher, e isso enche ainda mais de amor o meu pobre coração.

Ele se afasta de mim e fica de pé ao lado da cama. Tira a cueca que ainda estava usando, então vejo seu membro saltar livre, firme, duro e muito grande.

*Caramba! Não vai caber!*

— Não se preocupe, ele cabe!

Adivinhando meus pensamentos ou percebendo minha cara espantada, Caio fala com uma voz grossa e sacana. Ruborizo até os fios de cabelo e ele sorri de lado.

Ele sobe na cama feito um predador, um felino pronto para dar o bote e eu, sendo a sua caça, estou tremendo de medo e nervosismo. Ele paira em cima de mim e beija minha bochecha, meu nariz, minha testa e minha boca.

Ele começa a passar a língua pelo contorno da minha boca e quando eu avanço para beijá-lo ele afasta e sorri.

Encaro-o fingindo braveza e ele finalmente me beija. Seu beijo começa lento e tortuoso e eu tento acelerar as coisas. Caio gira nossos corpos na cama e eu me vejo por cima e sentada em seu abdômen.

— Já que tem pressa, então faça do seu jeito! — Eu olho espantada para ele e ele prende os lábios com os dentes para não soltar uma risada.

Seguro minha nuca com as duas mãos e me puxa para baixo, me beijando. Suas mãos escorregam por minhas costas, ele alcança meu quadril em movimentos ritmados, pressiona sua ereção muito grande e muito dura no meu traseiro e eu me inclino suavemente para frente, tentando um melhor encaixe.

Caio geme e aperta meu quadril com força. Finalizo o beijo e o encaro.

— Pegue a camisinha na gaveta, preciso te foder! — Olho-o espantada.

— Eu... eu não sei... eu... — Engasgo com minhas palavras e Caio franze o cenho.

— Não sabe o quê? Já falei, a camisinha está na primeira gaveta.

— Ok! — respondo soltando o ar.

Isso vai ser mais difícil do que imaginei. Achei que até aqui ele teria percebido, mas parece que terei que dizer com todas as letras.

Viro e abro a gaveta, pego uma camisinha na mão e volto para ele.

— Caio, eu não sei fazer isso!

— Tudo bem! Você nunca colocou uma camisinha em alguém... Beleza. Eu te ensino.

Ele me segura e gira seu corpo rapidamente, então novamente estou embaixo dele. Ele pega a camisinha da minha mão com a boca e quando começa a se levantar, solto a bomba.

— Eu sou virgem... — Termino num fio de voz.

Fecho meus olhos esperando sua reação, mas Caio simplesmente não se mexe. Ele continua parado e arrisco abrir um olho para fitá-lo.

Ele me olha como se eu fosse a medusa ou tivesse algo de muito assustador na minha face. Se afasta de mim e levanta da cama.

Caio começa a andar em círculos de um lado a outro do quarto e eu pego o lençol me cobrindo.

— Mas que merda! — ele brada e eu me assusto.

Ele continua rodando e eu não me atrevo a falar nada. Sua reação está pior do que imaginei, consigo escutar ele bufando daqui. De repente ele para ainda de costas e se vira lentamente para mim.

— Como você ainda é virgem? — Ele parece indignado e eu me ofendo com isso.

— Tá me chamando de que exatamente?

— Você sempre foi tão... tão... tão...

— Depreendida?

— Sedutora.

— E o que isso tem a ver?

— Nada! Eu pensei que com aquele jeito e a forma como você sempre quis me provocar, você tinha alguma experiência. Mas que merda! — novamente ele brada e leva suas mãos a cabeça.

Ele é uma delícia de corpo, meu *Deuzinho*! Mesmo irritado com o que contei, seu amigo não nega fogo e ele continua em pé, firme e forte.

— Seu amigo não parece desanimado.

Ele baixa as duas mãos cobrindo sua intimidade e eu sorrio. Ele cerra os olhos para mim e eu sinto um embate a caminho.

— Escuta aqui, garota petulante... — O telefone nos interrompe. — Tenho que atender.

Ele veste um calção que estava na cadeira ao lado da cama e sai do quarto em busca do seu celular que toca insistentemente.

Aproveito que estou sozinha e vou até o banheiro buscar minhas roupas. Pelo jeito

minha revelação quebrou qualquer clima e não serei eu a ficar insistindo em algo que ele não vai ceder.

Volto do banheiro já vestida e Caio entra pela porta me encarando.

— O que você está fazendo?

— Me arrumando.

— Você não vai sair daqui — ele fala determinado e eu encaro-o chocada.

— Eu pensei que...

— Pensou demais. Tenho que ir até a academia verificar uma situação. Pode ir comigo ou me esperar aqui. Você decide!

— Eu vou!

— Ótimo! E quando voltarmos, continuaremos exatamente de onde paramos.

Não respondo. Perco a fala e o raciocínio, não sei se sinto felicidade ou medo, alegria ou pavor. Não pensei que Caio ainda iria querer algo comigo sabendo que será meu primeiro.

— Estou pronto. — Vejo Caio vestido todo de preto e babo.

Ele pega as chaves e o celular, e estica a mão para mim. Encaro sua mão e ele vem até mim, pegando a minha mão e entrelaçando na dele.

— Por hoje... você ainda é minha!

Ele fala e me beija ternamente. Sinto uma mudança de atitude dele. Está mais cuidadoso e seu toque mais gentil.

Eu não sei o que vai acontecer e nem se estou fazendo o certo, mas eu não vou parar. Por hoje, farei tudo que este homem me pedir, pois pelo menos hoje, ele será meu!



Capítulo 11  
Chegou a Hora, Princesa

# Caio

*Isso vai dar merda!*

Esse é meu novo mantra, desde que eu cedi naquele maldito ginásio e beijei essa garota, eu não consigo mais me manter longe. Quando marquei com ela de resolvermos esse tesão louco com uma noite, e somente uma noite, eu nunca imaginei descobrir aquilo.

*Virgem!*

Ela é virgem! E ela quer que eu seja o primeiro!

Respiro fundo. Estamos a caminho do Centro de Treinamento, não entendi direito o que a Margo disse, mas como ela só me chama se algo sai do controle, eu preferi vir logo ver o que está acontecendo.

Ela ligou em um bom momento, pois provavelmente eu cometeria uma loucura com a maluca que está ao meu lado. Arrisco um olhar e vejo-a perdida em pensamentos, olhando através da janela do carro.

Eu deveria tê-la deixado partir, eu sei!

Pensar em tudo que eu tinha em mente pra fazer com ela. Eu seria um animal na sua primeira vez... Merda! Minha vontade de possuí-la estava me cegando e eu não me atentei com os sinais da sua inexperiência.

Eu deveria desistir dessa loucura, deveria mandá-la embora, mas saber que ela quer entregar algo tão especial e precioso a mim, eu simplesmente não consigo.

Eu não sei o que fazer.

Aliás, eu sei o que eu devo fazer, mas algo dentro de mim grita dizendo que devo ir pelo outro lado.

O único problema é que não sei aonde esse outro lado vai nos levar.

# Amanda

Desço do carro e Caio pega novamente na minha mão, mas eu rapidamente me desvinculo do seu aperto e ele me olha com o cenho franzido.

— Meu irmão... Ele pode estar aí.

— Ele não está — diz isso pegando novamente minha mão e me puxando para dentro.

Seu andar como sempre apressado e imponente. Caio não solta minha mão em nenhum minuto e meu coração tolo dá pulinhos de alegria por conta disso.

Chegamos ao último andar, onde funciona toda a parte administrativa daqui. Eu nunca entrei aqui e fico curiosa espiando em volta.

— Fique aqui. Vou verificar o que está acontecendo na minha sala.

— Tudo bem.

Ele sai e eu fico em uma espécie de antessala. Olho em volta e acabo sentando em uma das poltronas que ocupam ali. Escuto uma risada escandalosa e olho para a entrada e vejo a tal ruiva que estava em cima de Caio dias atrás. Ela está rindo de algo que o Fernando, coordenador daqui, fala para ela.

— Ah, Fernando! — Ela para na porta quando me vê. — Você? Aqui?

— Sim! — respondo com um sorriso cínico.

— Amanda! Quanto tempo, garota! Desistiu das aulas?

— Olá, Fernando. Claro que não! Mas como minha cunhada e minha amiga resolveram engravidar juntas, elas direcionaram para algo mais leve e eu acabei ficando sem companhia — explico, me levantando para cumprimentá-lo com um beijo no rosto.

— Não seja por isso. Eu posso te acompanhar pessoalmente em todas as aulas.

— As aulas da Srta. Souza são ministradas por mim, esqueceu?! — Ouço a voz imponente de Caio e todos viramos em sua direção.

— Caio! Ainda bem que chegou. Precisamos resolver um problemão. — A vaca ruiva fala toda derretida e eu bufo em resposta, ganhando um olhar desafiador dela.

— Eu vim aqui para isso. Entrem! Os dois! — Ele ergue a sobrancelha para Fernando e ele ri de alguma coisa.



—E eu continuo aqui? Esperando? — indago, já sem paciência.

— Sim! E quietinha! — ele fala como se estivesse instruindo uma criança e eu fico possessa.

Todos entram na sala e eu me jogo no sofá novamente. Saí tão apressada do apartamento dele que acabei esquecendo minha bolsa com meu celular.

Não sei quanto tempo se passa, mas minha paciência já não existe mais, então resolvo descer um andar e dar uma olhada no estande de tiro.

Acho muito legal essa parte do prédio, mas tanto Antônio como Caio sempre brecam a minha entrada, alegando que é um lugar muito perigoso para uma menina.

*Idiotas!*

Entro no corredor que leva às salas de treino e vejo que a recepção está vazia. Entro direto e fico observando os alunos e seus instrutores.

Sinto alguém se aproximar do meu lado, mas continuo observando.

— Olá, menina!

— Olá, velhote!

— Oww! Não sou tão mais velho que você.

Viro-me para ele e observo o tipo a minha frente. Grande, forte, não tanto quanto Caio, cabelos encaracolados até a altura dos olhos, um olhar marcado por cílios longos e grossos e um sorriso matador.

— Prazer, sou Beto, administrador daqui.

— Prazer, sou Amanda. — Aperto sua mão que está estendida para mim.

— Pretende se inscrever para as aulas?

— Ah, não! Eu só estou curiosa mesmo.

— Entendo.

— Acho que já vou subir.

— Subir?

— Sim! Estou com o Caio, e ele me mandou ficar lá na saleta esperando.

— Ah... então eu te acompanho.

Subimos conversando amenidades. contei que sou dançarina e ele mencionou que serviu a marinha com Caio. Meu queixo quase caiu quando descobri isso.

Entro na antessala e vejo Fernando passar direto para a saída e Beto se despede, indo em direção a sua sala. Novamente fico sozinha e entediada.

Vejo a porta da sala de Caio entreaberta e me aproximo. Sei que é errado, mas agora ele está com a víbora ruiva na sala dele e minha curiosidade, e confesso que um pouquinho de ciúmes, estão me forçando a essa cena constrangedora.

Ando de mansinho até estar próxima da porta, e mesmo forçando o pescoço para frente, não consigo ouvir nada.

Ouso mais um pouquinho e coloco minha cabeça no vão da porta para espiar o que está acontecendo.

Vejo vermelho, azul, verde e roxo, o arco-íris todo colorido e cintilante na minha frente. Abro a porta com força, fazendo-a bater na parede oposta e a vaca ruiva se assusta.

Caio encara meu rosto, totalmente impassível.

Eu acabo de pegar a ruiva peituda se debruçando sobre ele na cadeira e o idiota não parecia incomodado ou querendo afastá-la. O pior de tudo é ele não demonstrar nada ao ser pego nessa cena.

— Você sempre atrapalhando, hein, garotinha?

— Desculpe, vovó! Caio, você não vai foder a secretária na sala enquanto eu espero do lado de fora.

Caio não fala nada e a ruiva peituda me encara com ódio. Respiro fundo e juro que se ele agir como um ogro eu jogo alguma coisa nele.

— Eu já estava de saída, Srta. Souza! Vamos?

— Espera! Você vai com ela? Eu achei que íamos...

— Nós não íamos nada, Margô. Amanda está sob minha responsabilidade hoje e eu vou levá-la para casa— ele a corta e eu sorrio, cruzando os braços.

— Pagando de babá, Caio? — Ela ri, irônica.

— Pra você ver— ele responde, lamentando-se.

*EU NÃO ACREDITO NISSO!*

Viro as costas e saio pisando firme para fora da sala. Juro que se eu continuar ali vou socar os dois.

Onde já se viu?!

Ele me chama para sair, depois me chama para vir aqui, quase fode a secretária tarada e eu ainda tenho que aguentar que sou a menina que ele está cuidando.

*AI, QUE ÓDIO!*

Grito todos os nomes possíveis e impossíveis em minha mente, mas não dou o gosto a ela de saber que me incomodou esse comentário sem cabimento.

Aciono o elevador e agradeço a Deus por ele fechar antes que Caio ou a ruiva safada me alcançassem. Respiro fundo diversas vezes, precisando acalmar meus nervos.

Claro que ele não me defenderia. Para todos os efeitos ele é realmente minha babá. E do jeito que essa ruiva indecente é, não duvido nada que soltaria a história para Antônio na primeira oportunidade que tivesse.

Saio do elevador mais calma e vou em direção ao estacionamento para esperar aquele ogro descer. Entendi o disfarce dele, mas não é por isso que vou presenciá-lo de frescura com *aquelazinha*.

# Caio

— Nossa, que garotinha mimada!

— Pare!

— O quê?— Margô me olha confusa.

— Não fale dela. Ela só é... solitária.

*O que eu estou dizendo? Até ontem eu a achava uma mimada sem noção.*

— Está defendendo-a? Caio, Caio... Você caiu nos encantos da menina.

— Não diga idiotice, Margô!

— Tudo bem! Mas eu quero ver o que o irmão ciumento vai falar disso.

Ignoro seu comentário, mesmo ele entrando em mim feito uma lança certa. Ela chegou ao meu maior ponto de questionamento. Antônio, meu chefe, meu amigo e irmão da garota que eu estou doido para foder.

*Merda!*

Saio da sala e não me dou ao trabalho de me despedir. Margô sabe o que pode ter de mim e isso só acontece quando eu quero e onde eu quero.

Desço o elevador me perguntando onde aquela maluca se enfiou, saiu da sala feito um foguete e eu não pude fazer nada para impedir. Ninguém pode saber disso, afinal vai ser algo passageiro.

Tem que ser algo passageiro!

Pergunto na recepção e o pessoal me informa que uma loira miúda saiu em direção ao estacionamento não tem muito tempo. Saio a passos largos e vejo-a parada, encostada no carro.

Destravo o SUV e ela se assusta, olhando em minha direção. Vejo sua fisionomia mudar e a garota petulante que adora me provocar entra em ação.

— Nossa! Até que foi rapidinho com a ruiva!

— Já resolvi os problemas, agora podemos voltar de onde paramos.

— Veremos... — ela responde, abrindo a porta e entrando no carro.

Sorrio de lado. Ela acaba de despertar meu instinto competitivo e agora além de tesão eu

tenho um desafio a cumprir.

Entro no carro e ligo o som, *Simple Man*, *LynyrdSkynyrd* enche o ambiente com a batida. Arrisco olhar para o lado e Amanda tem os olhos vidrados no rádio a nossa frente.

Dou partida e pego a estrada.

Analiso a letra e como sempre me enxergo nela. Sou um cara simples, nunca tive grandes ambições e, principalmente, nunca desejei o que os outros desejavam para mim.

Como minha família sempre fez questão de dizer na minha cara, eu sou fora do contexto e não gosto daquilo que é bom. Bem, isso é o que eles pensam, mas, realmente, meu contexto de bom sempre foi diferente do deles.

Quando tomei a decisão da minha vida de não seguir a carreira de Oficial, meu mundo veio abaixo. Não por mim, eu já tinha muito claro em minha mente que não era aquilo que eu queria, mas minha família pensava diferente.

Filho de um vice-almirante, de uma família tradicionalmente de Oficiais, todos de grandes postos dentro da Marinha e fazendo parte da sociedade carioca, era natural que eles reagissem de forma negativa.

Minha relação com eles não era das melhores, eu sempre fui o rebelde. Nunca gostei da imagem de família perfeita que eles sempre fizeram questão de mostrar a todos, mas que dentro de casa era completamente diferente.

A baixa repentina da Marinha foi a gota que faltava para transbordar todos os anos de raiva, frustração e mágoas que eu sempre guardei de tudo aquilo.

Hoje temos uma relação educada. De tempos em tempos faço uma visita cordial, de no máximo 3 dias, e volto assim que posso, mas não sem ouvir do meu pai o quanto o decepcionei como homem.

Como se ele fosse um exemplo positivo para mim.

Chego à garagem do meu apartamento e desperto dos meus devaneios. Estaciono o carro e olho para o lado, vendo uma Amanda ainda brava do meu lado.

— Vai ficar assim a noite toda? — pergunto com ar debochado.

— Se for, não é problema seu.

Solto meu cinto de segurança e me aproximo dela calmamente. Ela recua até encostar suas costas na porta. Eu sorrio e continuo me aproximando. Seguro sua cintura e falo bem

próximo do seu rosto.

— É problema meu, já que você vai passar a noite comigo e eu não vou deixar você dormir.

Ela arregala os olhos e eu sorrio, achando graça do seu espanto.

Ataco sua boca em um beijo intenso, meu corpo inteiro incendeia com isso e meu amigo desperta implorando por atenção. Apesar de estar muito gostoso dar esse amasso no carro eu findo nosso beijo com uma mordida de leve no seu lábio, isso a faz gemer e eu respiro fundo para me controlar.

*Ela é virgem! Vá com calma!*

O certo seria eu levá-la embora e mandar que ela espere pelo príncipe que ela procura, já que eu não sou ele. Como sempre o bom senso me foge quando algo intenso grita dentro de mim e, no caso de Amanda, eu nem sei dizer onde foi parar meu juízo.

— Venha! Chegou a hora, princesa! — Ela sorri e ambos descemos do carro.



Capítulo 12  
Ah... essa morte!

# Amanda

Entro novamente no apartamento de Caio, mas diferente da primeira vez, agora ele está mais contido. Sinto-o medir os passos e suas atitudes, acho que ele pensa que irei sair gritando a qualquer momento.

— Espere aqui! Vou buscar umas coisas.

Ele sai da sala rumo à cozinha e eu aproveito para olhar em volta. Como havia notado, o apartamento é bem simples, totalmente masculino e muito organizado.

Vou até a janela e observo a rua. Já é noite, então o movimento que tinha antes já se acalmou. Pego-me pensando que seria ótimo morar aqui e conhecer a vizinhança, levando um ritmo de vida mais comunitário.

Uma música me desperta dos meus devaneios e viro pra ver Caio com uma garrafa de vinho em uma mão e duas taças na outra. Reconheço a batida, *Rihanna* cantando *Stay*. Fecho os olhos, tentando entender a letra.

**“Não tenho muita certeza de como me sentir quanto a isso.**

**Algo no seu jeito de se mexer**

**Faz com que eu acredite não ser possível viver sem você**

**Isso me leva do começo ao fim**

**Quero que você fique”**

Permito-me sonhar que a letra é algum tipo de mensagem dele para mim, e isso me faz sorrir. Só de causar essa confusão dentro dele e despertar o desejo de que eu fique, me basta.

Quando abro os olhos, Caio está bem próximo de mim e me olha de maneira curiosa, talvez pelo meu sorriso... não sei.

— Gosto dessa música.

— Eu também — ele responde com aquele timbre rouco que mexe com meu interior.

Caio se afasta e coloca as taças na mesa de centro e abre a garrafa despejando o vinho nelas. Ele entrega minha taça e oferece um brinde.

— A essa noite!

Respiro fundo, pois entendi sua mensagem. Uma noite e nada mais.



— E a todas as outras a partir dessa.

Sorrio petulante e encosto minha taça na sua. Vejo um brotar de sorriso em sua face e Caio enlaça minha cintura, unindo nossos corpos.

— Incline a cabeça para trás e abra a boca.

Faço o que manda e ele encosta sua taça em minha boca derramando um pouco de vinho. Engulo o líquido, mas um pouco dele escorre pelo canto da minha boca e Caio se aproxima passando a língua da base do meu queixo até o canto dos meus lábios.

Ele chupa o local e puxa meu lábio inferior com os dentes. Sinto um leve ardor e o calor que estava em meu ventre se espalha por todo meu corpo, me fazendo ofegar.

— Eu também quero beber — ele diz, voltando a encostar a taça na minha boca e eu novamente inclino a cabeça, repetindo o processo.

Só que dessa vez não engulo e Caio substitui a taça por seus lábios e língua, sorvendo todo o líquido para si. Eu quase entro em combustão com essa cena.

— Delícia... esse vinho... — Ele termina o beijo tão ofegante quanto eu.

Caio deposita sua taça na mesa e depois pega a minha, fazendo a mesma coisa. Eu não tenho reação. Estou aprisionada em sua teia e não consigo pensar em nada.

Sua mão livre acaricia minhas costas e para em meu pescoço, enquanto a outra está segurando firmemente minha cintura. Ele me encara por alguns momentos até ele me beijar de forma intensa, sinto seu corpo ferver na mesma proporção que o meu.

Passo meus braços eu seu pescoço e me agarro nele como posso, ele dá passos para trás até alcançar o sofá e se senta comigo subindo em seu colo de frente para ele, e tudo isso sem quebrar nosso contato.

Caio escorrega a mão pelas minhas costas e espalma ambas em minha bunda segurando firmemente. Continuamos nosso beijo e eu, por instinto, começo a me mexer em seu colo criando um atrito com sua calça.

Sua mão sobe e ele pega meus cabelos puxando-os com força, interrompendo nosso beijo para atacar meu pescoço. Por onde ele beija e passa sua língua, eu sinto queimar e o desejo começa a me consumir.

— Você é tão gostosa!

Sorrio do seu comentário e sinto de fato o que ele diz pela maneira que ele me devora

em seus braços. Aumento meus movimentos no quadril e a mão que Caio apertava minha bunda vai para ele e Caio aperta parando assim meus movimentos.

— Não faça isso ou eu gozo na calça.

Rio do seu comentário e ele nos vira me colocando com as costas no sofá e ficando sobre mim. Com a rapidez eu acabo rindo, mas ele me cala com um beijo intenso.

Quando ambos estamos sem ar, Caio se afasta e olha nos meus olhos. Sinto sua mão grande e forte passar pelo meu rosto e ele fecha os olhos por um momento.

— O que houve, Caio?

— Nada. Eu sei que é sua primeira vez, então quero ir devagar. Preciso ir devagar.

— Faça do seu jeito. Eu sei que vou gostar de qualquer maneira. — Sorrio para ele, que me beija.

Agora de forma mais branda, ele passa seus lábios pelos meus e levanta de repente.

— O que foi?

Caio não fala nada e vai até a caixa de som, retirando-a do plugue. Volta e me pega no colo.

— O que você está fazendo?

— Fazendo do meu jeito.

Sorrio e Caio me carrega para seu quarto, me colocando na cama. A música que estava tocando no *repeat* ele troca e ouço uma batida diferente.

Essa não conheço.

A batida é tão intensa quando a anterior, mas ela traz uma nostalgia, como se falasse de algo sublime; algo a ser alcançado pela graça do divino.

Sim, estou divagando!

— Linda música.

— Sim! Angel, da Rihanna.

Caio tira a camisa e a calça, e quando penso em fazer o mesmo ele só balança a cabeça, negando minha atitude.

— Eu terei o prazer de fazer isso.

Ele termina de tirar a roupa, ficando somente de boxe preta e eu penso que pela segunda vez no mesmo dia eu morri e fui para o céu.

Caio sobe na cama encaixando uma perna no vão da minha e começa a subir minha blusa devagar. Quando chega próximo ao meu pescoço, eu levanto meu tronco para facilitar a saída.

Ele abre minha calça e a puxa de uma vez, deixando-me completamente nua.

Caio para por um minuto e observa todo meu corpo, sinto seu olhar me queimando e meu ventre se contorce pela expectativa. Suas mãos vagam pelo meu corpo e ele não toca nenhum lugar íntimo, é como se ele estivesse rodeando seu interesse, me deixando ansiosa.

Ele deita sobre mim e me beija de maneira gentil, suave e muito cuidadoso. Essas oscilações dele na forma de me tratar me deixam desconcertada, eu nunca sei como ele vai reagir no próximo passo.

Caio me beija de forma calma, acaricia minha boca com sua língua e escorrega para meu pescoço e orelha, deixando pelo caminho o rastro de seus beijos molhados.

Uma de suas mãos escorrega pelo meu corpo e ele a encaixa entre nós dois e toca minha vagina. Sinto um choque e me retraio, ele volta a tocar de maneira sutil e eu ofego.

Em movimentos sutis e circulares somados a seus beijos em meu pescoço, eu começo a gemer e me perder na pulsação que sinto no meu canal.

— Quero que goze na minha mão.

Ele mal termina de falar e introduz um dedo delicadamente em mim. Com o polegar ele continua circulando meu clitóris e seu dedo faz movimentos sutis de vai e vem dentro de mim, mas nunca avançando demais.

Gemo alto jogando a cabeça para trás quando sinto o orgasmo tomando conta do meu corpo e dos meus sentidos. Caio para seus movimentos quando sente meu corpo tremer e me beija intensamente.

Ele vira seu corpo para pegar algo na cabeceira e quando ele volta vejo-o rasgando um pacote. Ficando de joelhos na cama, Caio abaixa sua cueca que ostentava um volume gritante e seu membro salta duro e firme.

Veste a camisinha com agilidade e isso me mostra o quão experiente nisso tudo ele é, e eu, bom, eu não sei nem como agir. Um ciúme aponta dentro de mim, imaginando a quantidade de mulheres que já passaram pela sua cama, mas eu resolvo empurrar tudo isso de lado e me

concentro no agora.

Caio volta a pairar sobre mim e ele pincela seu membro em minha entrada, já muito escorregadia.

— Você tem certeza disso?

— Sim! — respondo determinada.

Essa é a única certeza que eu tenho. Eu o quero e mesmo que essa seja nossa única noite, desejo sentir e viver tudo que puder para levá-la comigo pelo resto da minha vida.

— Vai doer, mas eu prometo que melhora.

— Tudo bem — concordo, incerta.

Caio me beija e eu sinto seu membro posicionado em minha entrada. Com um único movimento ele entra em mim e eu grito com a dor que me atinge.

— Tudo bem?

— Não... — respondo, encarando-o.

— Quer que eu pare?

— Não! — repito rapidamente.

— Tudo bem. — Ele ri. — Vou me movimentar agora e logo esse incômodo passa. Mantenha seus olhos nos meus, eu quero te ver por inteira.

Caio ergue minhas duas pernas tornando nosso encaixe melhor e mais profundo. Eu respiro fundo, pois apesar da dor eu sinto algo mais.

Ele começa a se mover muito devagar e realmente o incômodo que eu senti está se dissipando, e o que antes foi dor começa a se transformar em prazer.

Seguro seu rosto com as duas mãos e nos beijamos, eu diria apaixonadamente, mas sei que isso não viria de Caio. Mesmo assim me entrego a esse sentimento e voo.

O voo mais lindo, perfeito e completo. Caio se movimenta de forma graciosa e nossos corpos ganham um ritmo muito particular e encaixado.

Aos poucos seu movimento vai ganhando força e velocidade e logo somos gemidos, palavras desconexas e suor. Caio afasta seu tronco de mim e me olha nos olhos, leva uma mão até meu seio e belisca o bico fazendo meu prazer aumentar.

Ele escorrega a mesma mão entre nós e acaricia meu clitóris como fez da outra vez, mas

agora eu não tenho um dedo dentro de mim e sim seu membro que é muito maior.

Sinto meu ventre tremer e ele me encara com um sorriso de canto.

— Quero mais um... Mas dessa vez eu vou te acompanhar.

Sinto o fogo me consumindo e um tremor toma conta das minhas pernas, fazendo eu me agarrar nele e gritar pelo seu nome.

Caio movimenta o quadril mais três vezes e geme meu nome roucamente. Sinto seu membro pulsando dentro de mim e entendo que ele também chegou ao clímax.

Fecho meus olhos e sinto uma lágrima escorrendo, finalmente senti um pedaço do céu; finalmente me senti conectada com alguém, completa e saciada.

Sinto sua mão limpando minha lágrima e abro meus olhos para ver aquele mar azul e profundo me encarando de forma intensa.

Caio está descabelado, tem suor em seu rosto e ele está ofegante, é a cena mais linda que já vi e vou memorizá-la para sempre e revivê-la em meus sonhos.

— Eu vou cuidar de você, anjo!

Ele diz de forma calma e carinhosa, e eu acredito nele.

\*\*\*

Acordo e me espreguiço, gemo quando sinto meu corpo protestar o movimento. Estou inteirinha dolorida, parece que fui atropelada por um trem de carga.

Se eu for pensar bem, realmente eu fui atropelada, mas por um certo segurança marrento e um pouco mal-humorado.

Abro os olhos sorrindo e olho em volta, o quarto está silencioso e o lado da cama que Caio ocupava antes de eu cair no sono está vazio. Lembro-me do seu cafuné até eu dormi, o que não custou muito, pois eu estava totalmente esgotada.

Ontem, depois do que fizemos, Caio me levou para o banheiro e me banhou de forma cuidadosa e gentil. Não foi algo sexual. Apenas cuidadoso e eu arrisco dizer que carinhoso.

Depois ele me secou, me fez deitar e foi até a cozinha para voltar minutos depois com uma omelete super cheiroso e um copo de suco natural. Achei aquilo apaixonante, e, quando tentei beijá-lo, ele segurou meu pulso e beijou minha testa.

Achei aquilo estranho, mas desde que nos beijamos no Centro Recreativo, não temos agido muito dentro do normal. Comemos em silêncio e Caio retirou a bandeja e deitou junto

comigo.

Eu me acomodei em seu peito e me lembro só de ele dizer para eu dormir e, simplesmente, eu apaguei.

Levanto e vou para o banheiro tomar um banho. Meu corpo ainda protesta, mas acredito que logo passará.

Visto uma roupa que trouxe na minha bolsa, já que eu sabia que viria para cá e consequentemente o que aconteceria. Resolvi me precaver.

Visto meus shorts jeans com a minha regata preta, coloco meu tênis e saio à procura de Caio. O apartamento está em um silêncio mortal. Olho na sala e não vejo nada de diferente.

Na pequena cozinha eu encontro uma bandeja tampada e a curiosidade me vence. Tiro a tampa e vejo ovos mexidos, pão tostado e suco de laranja.

Meu estômago protesta e quando penso em atacar o banquete, vejo um papel branco dobrado próximo do copo de suco. Abro e leio seu conteúdo, um recado claro e direto de Caio.

*“Tome seu café! O ‘sombra’ te aguarda no carro estacionado na saída do prédio para levá-la para casa.*

*Cuide-se, anjo!”*

O que ele me disse aquele dia na faculdade cai como uma pedra na minha consciência e eu percebo que o conto de fadas que eu vivi, realmente, foi só na minha cabeça e o meu príncipe é na verdade o sapo.

Limpo a lágrima errante que teima em cair na minha face, respiro fundo e olho em volta, revivendo cada momento que passei ontem aqui.

Vou até o quarto e pego todas as minhas coisas e saio apressadamente de lá. O lugar que me deixou tão à vontade, agora parece me causar repugnância e eu quero distância de tudo isso.

Desço as escadas e alcanço a rua, vejo a SUV preta parada e um homem alto e grande desce do carro para abrir a porta para mim. Passo por ele e não paro, preciso respirar e absorver tudo isso. Entrar nesse carro seria assinar meu atestado da vergonha.



Capítulo 13  
For Somente uma Noite

# Caio

Repasso aquele bilhete milhões de vezes na minha cabeça e ainda tenho dúvidas se agi corretamente. Quando os primeiros raios da manhã invadiram o quarto, eu já estava desperto e observava Amanda dormir.

Ela realmente parece um anjo. Claro, quando não está acordada dando respostas petulantes com aquela boca esperta e gostosa.

Fui obrigado a sair da cama para atender meu celular que tocava insistentemente. Era da empresa, eu precisava ir urgente no treinamento tático resolver um problema.

Tomei uma ducha e coloquei uma roupa, fui à cozinha e tive a ideia de preparar algo para ela comer, pois eu sei que ela tem dificuldade de se alimentar de manhã. Fiz o bilhete com o intuito de mostrar que me importei com a nossa noite, mesmo ela sendo única, não posso negar que foi significativa.

Espero que ela tenha entendido que eu gostei do que aconteceu e que sempre irei lembrar-me do fato de ela entregar algo tão precioso para mim, mas não posso ir além disso.

Ela tem uma vida inteira pela frente e com certeza vai encontrar um homem que viva o conto de fadas que ela espera, eu não sou esse cara. Eu não posso ser.

Fecho minhas mãos em punho, um incômodo brota no meu peito em pensar que outro possa desfrutar daquele corpo que foi meu, por ontem.

— Caio!

Desperto de meus pensamentos e vejo Fernando parado na porta da minha sala e me encara de forma estranha. Olho para baixo e percebo que estava amassando um documento que estava em minhas mãos.

— O que foi? —Questiono com cara de poucos amigos e volto o documento amarrotado à mesa.

— Só vim avisar que está tudo certo. O rapaz do treinamento já foi afastado.

— Ótimo! Fernando, isso é uma merda e você sabe disso! Chamaram-me aqui ontem para um assunto urgente e quando cheguei era pra me falar de um filhinho de papai que bateu na nossa segurança, pois não queria ser controlado pela família. E hoje, nem amanhece o dia e você me liga pra dizer que esse segurança apontou uma arma para o rapaz.



— Eu sei! Também estou puto! — Ele fala e se joga na cadeira em frente à minha mesa.

— Nós não trabalhamos com crianças, caralho! — Dou um soco na mesa.

— Eu não tive culpa!

— Você que aprovou esse imbecil! Eu avisei que ele era instável!

— Mas o cara é bom e teve os melhores resultados nos testes de aptidão.

— Só não sabe respeitar uma hierarquia de comando. Não adianta você ter uma parede de músculos que não sabe controlar o próprio instinto.

— OK! Admito! Eu já o cortei da equipe.

— Ótimo! — Levanto da cadeira, caminhando pela sala e pressionando minha mão na nuca para aplacar a tensão.

— Tá tudo bem? Nunca te vi nervoso assim.

— Vai ficar bem quando eu souber que esse idiota não tem mais nada a ver com a gente.

— Considere *safo*, chefe!

Sorrio do seu comentário e para completar ele levanta da cadeira e presta continência a mim.

— Já passamos disso há muito tempo.

— Pra que mudar o hábito de uma vida? — Ele ri do próprio comentário e deixa minha sala.

Meu telefone toca e eu vejo que é uma mensagem do “sombra” que estava encarregado de levar Amanda embora, mas ao contrário do que eu esperava, ele diz na mensagem que ela passou por ele e seguiu de metrô.

*Merda!*

Ela provavelmente estava muito brava e resolveu agir com rebeldia para provar seu ponto. Disco seu número de telefone, mas vai direto para a caixa postal.

Mando uma mensagem para o “sombra” perguntando se ele a seguiu e ele confirma que sim, menos mal, pelo menos ela não está desamparada na rua.

Sento-me novamente e apoio os cotovelos na mesa e sustento minha cabeça nas mãos. Em meus quase trinta anos de vida, nunca senti essa confusão que sinto agora.

Parece que o certo está errado e o errado está certo. Pareço a porra de um adolescente que está apaixonado por sua primeira transa, querendo estar o tempo todo dentro dela, sentir seus gemidos no ouvido, provar sua boca com vontade e usufruir daquele corpo feito para o pecado.

*Merda! Estou ficando duro!*

Margo escolhe este momento para invadir minha sala, rebolando seus quadris em uma saia vermelha justa, a boca com um batom do mesmo tom da saia e a cara mais safada que ela consegue fazer.

— Olá, Caio!

— Margô!

— Problema resolvido com o pai do rapaz. Ele não vai prestar queixa, porém cancelou o contrato com a empresa.

— Ainda saímos na vantagem.

— Sim, saímos.

Ela me encara por um tempo, ainda de pé próximo da mesa e eu começo a me incomodar. Margô é uma mulher astuta e vivida. Se está me analisando é porque algum questionamento ela tem.

— O que foi?

— Nada. Estou pensando no que você fez com a garotinha.

— Que garotinha?

— Ah, você sabe fazer melhor que isso, Caio. A irmã do Sr. Machado. Ele sabe que você sai com ela?

— Eu não saio com ela, Margô. E, se saísse, não é algo que seja da tua conta.

— Nossa! Calma, querido. Só falei por falar.

— Então não fale.

— Tudo bem. Não digo mais nada. Vamos nos ver hoje à noite?

Em qualquer outro momento, eu que a convidaria para esticar a noite, mas hoje, por alguma razão, esse incômodo que estou sentindo não está me deixando com cabeça para nada.

— Hoje não!

— Amanhã, então?

— Não... Eu... não sei...

— Ah, ok! — Ela sorri de lado, como se tivesse achado as respostas que queria.

— Eu estou indo para a casa dos Machado. Qualquer coisa mande mensagem.

— Sim, chefe!

Deixo a sala aliviado. Engraçado como me incomodou a insistência da Margô. Nós sempre tivemos um excelente entrosamento; nunca buscamos por compromisso; nunca houve cobranças. Só nos encontrávamos e saciávamos a necessidade de sexo.

Acontece que esse aperto que estou sentindo está me deixando fora do meu normal. Eu preciso falar com aquela garota, olhar nos olhos dela e ver que entendeu que tudo que aconteceu, por mais gostoso que tenha sido, foi um momento.

Preciso olhar para ela e ver se ela entendeu e se vai saber lidar com isso, não quero machucá-la e nem a enganar com ilusões que nunca chegarão a nada.

\*\*\*

Entro no apartamento do Sr. Machado pela entrada padrão dos empregados, passo pela cozinha e não vejo Greta trabalhando na cozinha. Vou até o quarto que utilizo para pegar algumas roupas, quando passo pela porta me espanto com quem vejo sentado na cama.

— Sra. Machado?

— Olá, Caio! — Ela sorri de lado, sentada na cama com toda a imponência que sempre ostentou.

Sempre admirei essa mulher por ser alguém de fibra e determinada em seus propósitos. Vega nunca permitiu que ninguém a dominasse e ela conseguiu provar seu ponto para todos os homens que a cercavam quando bateu o pé em busca da sua independência.

— A Sra. precisa de algo?

— Bom, na verdade, sim, eu preciso!

— E o que seria?

— Caio, senta aqui. — Ela bate a mão no colchão ao lado dela e eu a olho confuso.

— Eu não acho que seja adequado.

— *Para* de idiotice e *senta* logo.

Bem que Antônio já mencionou várias vezes esse temperamento espanhol. A mulher não dá brecha para questionamentos.

Faço sua vontade mesmo relutante e sento-me ao seu lado. Bom, coloquei pelo menos meio metro de distância entre nós, assim não causa nenhum mal-entendido caso alguém veja a cena.

— Com medo?

— Nunca!

— Ótimo! — Ela respira fundo e finalmente começa a falar.— Caio, eu gostaria que você pensasse muito bem sobre o que está fazendo. Eu sei que Amanda não dormiu na Claudinha ontem. Mandeí mensagem para ela. O comportamento de vocês é mais do que notório, só o meu marido que não percebe.

Continuo encarando-a, impassível.

— Não me entenda mal — prossegue ele. — Eu não sou contra, caso vocês dois realmente estejam vivendo alguma coisa. Tenho certeza deque o sentimento entre vocês é recíproco, mas sua teimosia em não querer ver supera a mim e Antônio quando começamos. E você foi testemunha de que quase nos perdemos no caminho.

Ela levanta e vai caminhando até a porta. Vira-se para mim e vejo determinação e eu diria que até um pouco de raiva em sua face.

— Para você ter chegado agora e sozinho, deduzo que Amanda esteja bem amparada em algum lugar ou por alguém.

Engulo em seco, pois na realidade eu só sei que ela pegou um metrô com um segurança em seu calção e, do jeito que é maluca, não duvido que esteja aprontando alguma coisa.

— Ela está bem.

— Espero que ela realmente esteja bem, ou você será meu alvo para tratar minhas oscilações hormonais da gravidez. — Ela me dá um sorriso que parece inocente, mas eu sei que é um truque.

Vega sai do meu quarto sem dizer mais nada e eu fico me sentindo um adolescente que acabou de tomar uma bronca pesada dos pais.

Se ela percebeu, mesmo estando tão pouco no mesmo ambiente, para o Antônio perceber não vai demorar muito.

Preciso dar um fim nisso.

De uma vez por todas.

# Amanda

Andar sozinha e sem rumo me fez bem. Acabei refletindo tantas coisas e me perdi em pensamentos da minha vida. Até hoje eu nunca tive algo significativo para lutar, algo que realmente desse um jeito em meus ideais.

Penso no meu Studio de Dança e sorrio. Sim, ele é a única coisa que motiva meu dia e me traz boas sensações quando penso. É um lindo projeto e eu quero muito conseguir realizá-lo pelo meu próprio esforço.

Começo a perceber que passar a noite com Caio realmente mudou minha vida, mudou a maneira como estou me vendo agora. Engraçado, eu pensei que viveria um conto de fadas e ficaria sonhando com as milhares de possibilidades de ele me querer ao seu lado.

Sua atitude mais cedo foi insensível, mas estou falando de Caio, ele é assim. O lado positivo disso é que não houve ilusão. Aconteceu tudo exatamente como ele disse que seria na faculdade e mesmo assim eu quis embarcar.

Agora só tenho que lidar com isso e sempre repetir para meu coração, que não entende a rejeição, que foi somente uma noite.

Não me engano. Eu sei o que carrego dentro de mim e o meu amor por ele é inigualável, mas há coisas na vida que não são possíveis de acontecer e Caio e eu somos uma dessas coisas.

Eu nunca irei me esquecer dessa noite, ela ficará guardada dentro de mim e um dia ainda saberei usar isso para me permitir a abrir meu coração a alguém que realmente o queira.

Nem me dou conta que já cheguei em frente ao apartamento. Subo o elevador sentindo meu coração acelerar. Eu não sei como vai ser nosso comportamento agora e me sinto receosa.

Entro no apartamento e vejo Caio estacar na sala, olhando-me com curiosidade e acredito que apreensão.

— Você não quis o carro?

— Não! Preferi vir andando. Obrigada.

Não sei como minha voz saiu tão firme, pois senti minha perna fraquejar no momento em que coloquei meus olhos nele.

Não paro meus passos e continuo andando não dando abertura para que ele continue a conversa. Eu não preciso de mais um recado de que foi somente uma noite, o bilhete foi o

suficiente e o jeito é tentar lidar com isso de maneira natural.

Subo para meu quarto entro e tranco a porta, subo na minha cama e caio no choro abraçada ao meu travesseiro.

Pensar em tudo que pensei foi fácil, enquanto eu não o tinha visto. Relutar contra o coração não é uma tarefa fácil, mas eu vou conseguir.

Eu vou conseguir tirar Caio Barreto do meu coração e da minha mente.



## Capítulo 14

### El Inevitable Imaginar



# Amanda

Giro meu corpo tentando manter o ritmo da música, mas pela terceira vez acabo no chão. Estou exausta e mesmo assim levanto-me e olho para o espelho a minha frente, vejo meu reflexo e um pouco mais atrás minha coreógrafa analisando meu treino.

— Está mal, eu sei! — Lamento, batendo a mão na coxa.

— Sim! Mas você vai conseguir!

— Como você sabe?

— Eu vejo determinação e vontade em você. Só precisa colocar mais foco e deixar sua vida pessoal fora daqui.

Continuo olhando para ela através do reflexo e não tenho a coragem de retrucar seu comentário, pois, como sempre, ela foi precisa em suas observações.

— Continue praticando essa parte. Faltam 3 semanas para a apresentação e ela será fundamental para sua aprovação na próxima fase do curso. Não esqueça isso!

Concordo com a cabeça e me posiciono novamente. Começo a executar a sequência de passos no mesmo ritmo da música. Fecho meus olhos para sentir a batida e isso mais uma vez é meu erro.

Faz dois dias que sonho acordada com tudo o que aconteceu. Não consigo me concentrar em nada e não tenho falado com ninguém.

Claudinha tentou me visitar, mas eu sempre me esquivo, não quero contar a ela tudo que aconteceu. Ela tentou puxar conversa na aula, mas eu me mantenho calada e não dou brecha para ela questionar meu comportamento fechado.

Aldria também tentou contato comigo, mas eu não visualizei suas mensagens e quando me ligou não atendi. Vega tem me observado nesses últimos dois dias e eu sei que ela tem algo a dizer, mas por algum motivo tem se mantido calada.

Agradeço muito não ter encontrado com ele desde aquele dia. Provavelmente ele tem evitado isso e eu achei ótimo, assim ele não me vê com a cabeça voando por aí.

Eu sabia que seria difícil viver essa noite mágica e depois seguir em frente como se nada tivesse acontecido. Não sei dizer exatamente o que sinto disso tudo, mas garanto que eu não queria ninguém no meu lugar.

O som para e quando abro meus olhos, assusto-me com o reflexo que vejo no espelho.

André está parado na porta da sala me observando com braços cruzados e encostado no batente da entrada. Ele realmente é muito mais bonito quando não está na pose de professor.

Eu sorrio para ele através do reflexo e ele sai da sua posição, vindo até mim. Viro-me em sua direção e não vou negar, o homem é lindo.

Ele faz um tipo de cara intelectual, mas que esconde algo quente por trás do sorriso bobo. Acho que ele tem quase a mesma altura do Caio, não é tão forte quanto ele, mas não é um magricelo. Seu corpo é bem definido.

— Olá, moça bonita!

— Oi.

— Vim te convidar para almoçarmos.

— Eu... Não sei se é uma boa ideia.

— Não se preocupe. Vamos num restaurante ótimo que conheço e lá não tem ninguém da faculdade.

Sorrio, pois a última parte ele fala em tom conspiratório.

— Já que você garante... vamos!

Ele abre um sorriso genuíno e eu me pego sorrindo verdadeiramente depois de dois dias enclausurada com meu coração e dor.

— Maravilha! Te espero lá fora.

Antes de sair ele chega mais próximo de mim e deposita um beijo demorado em minha bochecha. Sinto meu corpo esquentando e meu coração dá uma leve batida.

Ele se afasta e sorri de lado.

— Já pode respirar, Amanda.

Nem eu percebi que estava prendendo o fôlego quando o solto com força e ele ri abertamente, então caminha para a porta.

*Uau!*

\*\*\*

— Nossa! Adorei esse lugar.

André puxa minha cadeira para eu me acomodar. Estamos em um restaurante pequeno e muito charmoso, de fato um pouco afastado da faculdade e não é um ambiente que os alunos frequentariam.

— Que bom que gostou.

Ele toma seu lugar de frente para mim e sorri de forma sincera.

— Vamos pedir? Estou com muita fome!

— Claro! — Ele ri do meu comentário e chama o garçom.

Escolhemos nossos pratos e optamos por suco, afinal, ele ainda dará aulas e eu tenho que treinar e ir para o Centro Recreativo.

— Finalmente consegui estar em um ambiente não educacional com você.

— Pois é...

— Amanda, eu não sou um homem de rodeios e sei muito bem o que quero. Desde o primeiro dia que lhe dei aula, há quase um ano, não consigo pensar em outra coisa que não seja te convidar para sair.

— Profes... André! Eu não sei o que dizer.

— Não diga nada, mas se possível, me dêa chance de lhe mostrar o cara por trás do ensino. Podemos marcar um jantar, cinema ou qualquer outra coisa que goste.

— Vamos ver. Eu ando com a cabeça muito cheia.

— É aquele cara?

— Que cara? — Olho para ele espantada.

— O cara que estava te beijando na porta da sala. Não me entenda mal, Amanda, mas se você tiver um relacionamento ou envolvida com alguém, eu prefiro saber agora e tirar meu time de campo.

— Não! Nós não temos nada! Eu acho...

— Acha? — Ele me olha confuso.

— É complicado.

— Pois se eu tivesse no lugar daquele cara, simplificaria tudo. Eu não deixaria dúvidas para você pensar em outra opção.

Sorrio envergonhada.

Era exatamente isso que eu queria ouvir, mas não de quem falou.

— Tudo passa, André. — Sorrio de forma otimista.

— Conto com isso! — Ele sorri charmosamente e eu enrubesço mais uma vez.

Para me salvar da minha miséria, ele mesmo puxa outro assunto e vamos para águas mais rasas. Ri muito com André. Não conhecia esse lado descontraído dele.

Falamos sobre nossa infância, eu sendo uma menina solitária sem a mãe e ele fala do quão difícil foi crescer no meio das seis mulheres na sua casa.

Ele tem cinco irmãs, sendo o único homem sempre foi muito paparicado e mimado e confessou que adorava isso, até entrar na adolescência e querer namorar.

Lidar com as irmãs ciumentas foi algo bem difícil para ele. Ele contou várias confusões que as garotas aprontaram com as duas namoradas que ele teve e eu fiquei com dor na barriga de tanto que ri.

Terminamos o almoço parecendo velhos amigos e, pela primeira vez em muito tempo, não senti como se um elefante andasse sobre mim.

André fez questão de pagar a conta sozinho, mesmo eu argumentando que não era justo e que deveríamos rachar os gastos.

— Minha mãe me mataria se me visse rachando a conta com uma mulher. — Ele faz cara de ofendido e eu não resisto.

— Tudo bem. Dessa vez você paga.

— E espero que se houver próximas, eu tenha esse privilégio — ele fala, se aproximando de mim.

— Senhor? Seu cartão! — a atendente nos interrompe e eu agradeço.

Tenho certeza que ele iria me beijar e eu ainda não me sinto preparada para isso. Estou uma confusão de sentimentos sem fim e não acredito que seja o melhor momento para enfiar André nessa confusão.

— Podemos?

— Claro!

Saindo do restaurante, dando de cara com Aldria, Lucca e Vega.

*Putá merda!*

— Pirralha!

Aldria é a primeira a me ver e dando dois passos ela para e encara André do meu lado.

— Achei que estaria com alguém mais moreno.

— O que disse, Mortícia? — Vega pergunta e olha para mim sorrindo.

— Nada! — Lucca responde em seu lugar e vem até mim, me abraçando.

— E quem é você? — Vega em toda sua imposição e autoridade, questiona André.

— Sou André.

— Ele é meu professor.

— Não sabia que aluno e professor almoçavam juntos.

— Não vejo nada demais, já que não somos somente isso — André responde na mesma altura.

— Concordo. André? Isso? — ele concorda com a cabeça. — Muito prazer, sou Aldria Gouvêa e essa é Vega Machado, esposa do irmão da pirralha.

— Aldria!

— Que foi? — Lucca chama a atenção de Aldria, que o olha sem entender.

Vega continua somente observando.

— É um prazer conhecer todos vocês, mas eu realmente preciso ir. Amanda, você volta para a faculdade?

— Não! Ela vai almoçar comigo — minha cunhada determina.

— Mas ela acabou de almoçar.

— Mas ela não vai comer, queridinho! — Aldria responde, conspiratória.

— Aldria! — Lucca novamente rala com ela.

— Que foi, biba? Pelo amor de Deus, me deixe em paz.

André sorri da cena e eu fico roxa de vergonha. Sinto como se meus pais estivessem me fazendo passar a vergonha do século na frente da escola.

— André, eu vou ficar. Obrigada pelo almoço.

— Disponha, Amanda. Me mande uma mensagem.

Ele beija meu rosto e eu fico vermelha.

Assim que parte, vejo três pares de olhos me encarando com curiosidade, questionamento e deboche.

— Que foi?

— Caio não vai gostar de saber disso.

Para meu espanto, é Vega quem solta esse comentário.

— Não entendi.

— Entendeu sim! A general já sabe de tudo e é melhor você entrar e abrir o bico do que aconteceu pra nós — Aldria declara e passa por mim, me deixando atônita na rua.

Lucca me abraça pelo ombro e sussurra que tudo ficará bem. E eu caminho de volta para o mesmo restaurante e o peso que pensei estar fora dos meus ombros, volta com força total.

\*\*\*

Tomo o segundo gole do suco de limão que pedi e encaro a inquisição a minha frente.

Lucca rói o canto da unha do dedão, com os dois cotovelos apoiados na mesa. Aldria me encara com um meio sorriso e eu tenho certeza deque, se ela pudesse, estaria gargalhando e falando o quanto estou fodida e Vega... Bem, Vega me encara como uma mãe super protetora que quer satisfações da filha.

— O que foi, gente?

— Bom... Comece falando por que você estava há dois dias no apartamento de Caio e hoje está almoçando com o engomadinho — Vega cospe e eu a encaro atônita.

— Eu dormi na Claudinha.

— Bééééé! Mentira! — Aldria imita uma buzina e me encara.— Eu quero saber tudo que rolou com *Caigrolicius*.

— Você dormiu mesmo com ele? — Lucca pergunta, aflito.

— Sim... — solto em lamento.

— *Chica...* — Vega pega minha mão que estava sobre a mesa. — Me diga! Ele foi um canalha? Forçou algo? Eu mato aquele *gilipollas*!

— Não! Ele foi... Tudo foi... incrível. — Sorrio e os três suspiram.

— O que aconteceu, então?

— Vega... Eu preciso seguir em frente. Caio não é meu príncipe. Ele não vai assumir nada comigo para o mundo. Tivemos uma noite maravilhosa e ele foi extremamente atencioso e cuidadoso comigo, mas no outro dia...

— O que aconteceu? — Aldria me corta.

— Eu acordei sozinha e ele tinha deixado um bilhete.

— Safado! — Lucca menciona, indignado.

— Babacão! — Aldria diz, indignada.

— Sim. Mas foi melhor assim, gente! O que faríamos no outro dia? Ele sempre deixou claro que seria algo de uma noite só.

— Não! Não é coisa de uma noite só. Mas ele é burro demais para perceber — Vega argumenta, determinada.

— Ele está mais envolvido do que eu imaginava — Aldria diz, pensativa. — Mas me conte os detalhes. Ele é bem-dotado?

— Aldria! — Vega e Lucca falam ao mesmo tempo.

— Ah, eu duvido que vocês não ficaram curiosos com isso.

Eles encaram Aldria e os três olham para mim, juntos. Rio da cena e só balanço a cabeça, confirmando a pergunta descabida da maluca da Aldria.

— Aff... Que calor! — Lucca solta, se abanando, e todas nós caímos na risada.

— Tudo bem. Curiosidades à parte, o que foi isso com o professor? Já adianto. Mesmo Caio sendo um babaca, eu torço para ele — Vega decreta.

— Eu achei esse André uma delícia e uma ótima oportunidade de mexer com o ego do *Ogrolicius* — Aldria comenta.

— Eu não vou fazer nada. E André é mais um amigo do que qualquer outra coisa. Eu não pretendo usá-lo para nada.

— Uma pena! Ele seria um ótimo consolo — Aldria fala, divagando.

— Foco, Mortícia! — Lucca chama a atenção da Aldria e me olha. — Minha linda, como pretende lidar com tudo isso?

— Da mesma forma que venho fazendo. Deixando o barco correr.

— Pois eu acho que ele está merecendo uma lição. Ele precisa ver o que está perdendo,  
*chica!*

— Se o chá de *pepeca* que tu deu nele foi bom, não vai demorar muito pra te procurar.

Fico vermelha de novo.

— Pare de envergonhar a menina, Mortícia! — Lucca ralha novamente.

— Não menti! Espere e verá como ele vem atrás.

Sorrio sem graça. Mesmo não tendo muitas esperanças que isso aconteça, é inevitável imaginar que ele possa vir atrás de mim e querer relembrar nossa noite.

Vega me salva dos comentários nada discretos da Aldria e migramos para assuntos mais brandos. Não me demoro ali e despeço-me de todos. Ainda tenho ensaio e a aula das crianças para dar.





Capítulo 15  
Por Deus... Você é Minha...

# Amanda

Chego exausta ao apartamento. Passo batido pela sala e pelo silêncio no ambiente, acredito que Vega e Antônio não estejam em casa. Subo direto para meu quarto e entro na ducha, que recebo mais que bem-vinda a água.

Nada melhor do que um bom banho em um dia tão tumultuado, como foi hoje. Saio do chuveiro e me enrolo na toalha, sentindo uma fome sem fim, pois minha última refeição foi aquele almoço descontraído com André.

Desço as escadas despreocupada, afinal, não tem ninguém na casa. Se Antônio e Vega estão fora, com certeza o cão de guarda está junto.

Entro na cozinha e abro a geladeira. Começo a caçar algo menos engordativo e suficientemente gostoso para comer. Vasculho e resolvo pegar queijo branco e comer com torrada.

Fecho a geladeira com o pé, tendo na mão uma queijeira e na outra uma jarra de suco. Levo o maior susto do mundo quando me viro e dou de cara com Caio parado no meio da cozinha, com as duas mãos no bolso, me encarando.

Continuo o que estava fazendo e vou até o armário do outro lado pegar a torrada. Sinto que ele está me observando, mas eu permaneço ignorando sua presença.

— Você está só de toalha?

Bato o prato no balcão e o encaro.

— Sim! E daí?!

— Tem circuito de câmeras e pelo menos três homens, fora a mim, estão te vendo praticamente nua agora.

— Dane-se. Eu não devo satisfações a nenhum deles e muito menos a você.

— Não é de bom tom, isso.

— Ha! Ha! Ha! Faz-me rir, senhor Caio! Você falar sobre bom tom... Bom, então falaremos sobre bom tom! EU NÃO ACHO DE BOM TOM, VOCÊ TIRAR A VIRGINDADE DE UMA GAROTA E DEIXAR UM BILHETE NO OUTRO DIA! — Termino a frase gritando.

— Fale baixo, porra!

— EU FALO COMO EU QUISER!

— EU TIVE QUE SAIR!

— Porque é covarde!

— Não! Porque me chamaram do Centro de Treinamento de novo e eu não ia te acordar em plenas seis da manhã. Fiz seu café e deixei um bilhete! O que mais você queria, garota?

— QUE VOCÊ SE IMPORTASSE!

— EU ME IMPORTEI!

— Não pareceu, já que fugiu na primeira chance!

— Pelo menos eu não estava marcando almoço com professor engomadinho!

Estaco chocada no lugar.

— Você mandou me seguir?

— Claro que não! Bem, você sempre tem um “sombra” com você, isso não é novidade.

— Sim! Mas como sabia que foi com André que almocei?

— Eu vi! Eu estava lá!

— Como?

— Isso não vem ao caso. Não sei nem por que entramos nesse assunto.

Olho desconfiada em sua direção e me lembro da minha conversa com as meninas hoje. Acho que vou seguir os conselhos que ouvi e mostrar a ele tudo que está perdendo.

— Também não sei porque citou André. Ele é um homem educado, que me convidou para almoçar e não se importou com o fato de ser visto com uma mulher mais nova. — Olho para Caio e vejo-o trincar o maxilar.

— Ele é um babaca!— ele rosna.

— Conheço caras bem mais babacas que ele. — Sorrio debochada.

Em dois passos Caio me alcança e, segurando meu rosto, ele ataca minha boca de forma animalesca. Fico prensada entre ele e o balcão. Quando ele mexe o quadril, sinto seu membro muito rijo cutucar minha barriga.

Caio desce suas mãos e me segurando pela cintura, ele ergue meu corpo, sentando-me no balcão. Suas mãos escorregam para minhas pernas e ele as abre com brusquidão e as encaixa

em seu quadril.

Interrompe nosso beijo e vai até a geladeira. Fico observando com curiosidade e expectativa, e quando ele volta, traz consigo um pote de geleia de amora.

Ele leva a mão até o nó da minha toalha e com um puxão sutil ela cai no meu colo e eu o olho sorrindo. Seus olhos brilham e vejo a brasa do desejo queimando em sua íris.

— Quero provar você.

Caio abre o pote e com o dedo e pega um pouco e passa nos meus lábios. Quando tento passar a língua sobre eles, avança e chupa minha boca.

Ele vê minha cara insatisfeita e brinca.

— Você quer? — Ele pega mais um pouco com o dedo e eu concordo com a cabeça.

Caio aproxima seu dedo e eu não perco tempo e o abocanho inteiro. Chupo toda geleia e aproveito para provocá-lo fazendo movimentos de vai e vem sugando seu dedo.

Ele me encara de forma felina e sem tirar os olhos de mim, enfia dois dedos no pote e passa a geleia no meu pescoço e desce para os meus seios.

— Amo geleia... E no seu corpo ela está incrivelmente mais saborosa.

E assim ele ataca meu corpo, beijando e sorvendo do que ele colocou ali. Sua língua trilha o caminho sujo de geleia e meu corpo termina por se acender inteiro com o que ele está fazendo.

Sua boca suga meus seios e joga a cabeça para trás, fechando os olhos para absorver a sensação de tê-lo em minha pele de novo. Algo estala em minha mente e eu o afasto de mim rapidamente, cobrindo meus seios com a toalha.

— As câmeras.

Ele me olhava com raiva, mas suaviza a expressão quando entende o motivo.

— Não se preocupe. Eu desliguei.

— Mas os seguranças...

— Não tem ninguém na casa.

— Você fez tudo isso de caso pensado?

— Nem tudo.

Ele sorri de lado e vem até mim, pegando-me no colo.

— O que vai fazer comigo? — pergunto sorrindo.

— Isso nós iremos descobrir. — Ele me leva para a área dos empregados, mas volta para trás e pega o pote de geleia. — Isso vai ser útil.

Solto uma risada e ele volta a caminhar comigo enganchada em seu quadril, rumo ao seu quarto.

\*\*\*

Estou deitada de bruços, relaxada e completamente nua. Sinto meu corpo arrepiar com o toque sutil dos dedos de Caio nas minhas costas. Meus olhos estão pesando muito e eu estou quase me entregando ao sono que me toma.

— Isso é errado.

Ele beija minhas costas com cuidado.

Acredito que não foi algo que quis compartilhar, mas ele pensou mais alto e eu acabei ouvindo.

— Não tem nada de errado nisso.

Seus movimentos nas minhas costas cessam e ele solta uma respiração pesada.

— Tem sim. Você é muito mais nova que eu e, além do mais, trabalho para seu irmão.

— Mas Vega trabalhava para o Antônio quando eles começaram e isso não os impediu. Aldria e Júlio trabalhavam juntos e isso também não os impediu.

— Isso é completamente diferente. Você é praticamente uma menina e eu... eu não quero me amarrar a ninguém.

Sinto suas palavras cravando em meu coração e a tola esperança que carrego dentro de mim morre um pouco mais.

Viro-me de frente para ele e encaro seus olhos duvidosos.

— O fato de você não querer compromisso eu até posso compreender. Agora não fale sobre diferenças de idade e o fato de eu ser uma menina. Isso é ridículo!

— Mas é a ver...

— Não! Não é! Isso é algo que está na sua mente e somente nela! — afirmo e tento me levantar da cama.

Caio gira seu corpo e fica sobre mim, deixando minhas chances de sair daqui completamente limitadas.

— Você não vai! Ainda não!

— Por que não? — Pergunto petulante.

— Porque... Por hoje... Você ainda é minha!

E ele me beija da forma que só ele sabe fazer, deixando-me perdida em seus braços mais uma vez.

\*\*\*

Acordo e sinto muito dificuldade em me mexer. Meu corpo está totalmente dolorido e sinto um peso enorme no meu quadril. Caio está com uma perna sobre mim. Consigo me virar e tirá-la de cima. Ele se mexe na cama e vira para o canto de bruços.

Sento-me na cama e passo, não sei dizer por quanto tempo, admirando sua beleza. Seu corpo é extremamente bem definido. Não existe nada exagerado ali, mas tem todas as proporções exatas para intimidar qualquer um.

Enrolo minha toalha - que estava jogada em um canto - no meu corpo, e saio do quarto sem olhar para trás. Consigo me esgueirar pela casa sem ser vista e chego sã e salva ao meu quarto.

Vou para o banheiro e depois de uma ducha caprichada, deito na minha cama e penso que, dessa vez, eu não fui a rejeitada.

\*\*\*

Sou acordada pelo zumbido do meu celular e olho o visor para ver quem é e me surpreendo em ver o nome da Claudinha estampado na tela.

— Alô.

— Oi, maluca. Onde você está? A aula já começou.

— Puta merda! Perdi hora!

— Você nunca perdeu hora.

— Eu sei! Mas sempre tem uma primeira vez. Vou me arrumar e logo estou aí.

Levanto correndo e entro no chuveiro, tomando a ducha mais rápida do mundo. Saio do banheiro me enxugando e pego o primeiro vestido de malha solto que vejo e visto.

É provável que eu tenha uma mala de roupa de treino no carro e posso usá-la para a aula de hoje. Desço as escadas correndo e topo de frente com o culpado por eu ter perdido a hora.

— Ei! Perdi a hora.

— Se tivesse terminado sua noite comigo, não teria perdido.

— Engraçadinho. Foi só por ontem, esqueceu? — pergunto, desdenhando das palavras dele.

— O ontem incluía até hoje pela manhã. Você poderia ter sido despertada de uma forma bem melhor — ele fala próximo a minha orelha e eu ofego.

*Droga!*

— Isso é passado e eu não vivo dele. Tenho que ir.

— Eu te levo.

— Não! Eu tenho carro e sou perfeitamente capaz. Vá atrás do meu irmão, ele te paga para isso.

Caio me fuzila e eu vejo raiva em seus olhos. Eu sei que fui grosseira, sei que fui indelicada, mas eu não posso permitir que ele me trate como foi no primeiro dia.

Essa coisa de só por hoje não vai funcionar para mim e ele precisa entender isso por bem ou por mal.

— Tudo bem, Srta. Souza. — Ele se afasta e o Caio frio e duro retorna em seus modos.

Meu coração dói, principalmente por saber que eu fiz isso. Eu fiz com que ele se fechasse novamente, só que eu não posso ceder todas às vezes a suas vontades e ele brincar comigo como bem entender.

Eu tenho sentimentos e mesmo que Caio não queira um relacionamento sério, como ele mesmo mencionou ontem, eu preciso que ele entenda que comigo a coisa não funciona dessa forma.

Deixo-o na sala e rumo ao elevador. Nada mais poderia ser dito, então é melhor me afastar, assim não causamos mais mágoa um ao outro.

Sinto meu celular vibrar no bolso e olho para ver uma mensagem dele no *whatsapp*.

**Caio - Você acha que vai se ver livre de mim?**

**Eu – Só estou seguindo seu lema. “Somente hoje”!**

**Caio – Eu quero você hoje!**

**Eu – Mas você já me teve ontem.**

**Caio – Foda-se.**

Rio da falta de tato dele até mesmo para mandar mensagem pelo celular. Acho tão estranho essa atitude. Ele consegue me confundir de todas as formas possíveis.

**Eu – Vou pensar no seu caso, bonito!**

**Caio – Você não tem escolha, anjo!**

Não respondo. Ele acertou em cheio. Quando se trata de Caio eu realmente não tenho escolha.

Saio do elevador com o sorriso mais brilhante do mundo e começo a pensar que as teorias malucas da Aldria realmente podem ter algum tipo de resultado.





Capítulo 16  
Vamos Ver Como o Zgro se Comporta

# Amanda

Um dia extremamente corrido, mas que, no final, compensou cada sacrifício. Mesmo chegando atrasada na faculdade, consegui acompanhar a aula, fazer meu ensaio e dar aula.

É a melhor parte do meu dia, estar entretida e ensinando tudo que aprendi àquelas crianças. Poder ver o brilho e alegria no olhar deles não tem preço e a cada dia a certeza de que é com isso que quero trabalhar, se intensifica em mim.

— E aí, vai contar pra sua melhor amiga o que tem te deixado tão calada?

— Nada demais.

— Corta essa, Amanda. Eu sei que tem alguma coisa e eu sei que é sobre o Caio.

— Vamos terminar a aula e depois conversamos, ok?!

— Tudo bem.

Encerramos a aula com os pequenos e começamos a recolher os materiais. Percebo alguém atrás de mim e olho, vendo João entrar no ginásio.

— João! — grito e vou correndo abraçá-lo.

— Olá, princesa! — Ele me pega em um abraço e me gira.

— Como você está?

— Eu estou bem, já você, como sempre, correndo.

— Sim.

— Oi, João. — Claudinha se aproxima, enrolando a ponta do cabelo nos dedos.

— Olá, Claudinha — João a cumprimenta educadamente.

— Vim lhe dizer que consegui aquele terreno que você gostou, próximo daqui.

— Não! — grito e torno a abraçá-lo.

— Sim! E o melhor... Saiu mais em conta do que imaginávamos. Na próxima semana a papelada estará pronta e você será a mais nova proprietária do terreno.

— Maravilha! Ouviu isso, Claudinha?

— Hã?! Sim! Sim, eu ouvi. Bem legal.

— Finalmente poderemos começar a erguer o estúdio.

— Acredito que no máximo em meses você terá o estúdio pronto. Conheço uma ótima empreiteira que fará o serviço num piscar de olhos.

— João, ninguém sabe, não é?!

— Fique tranquila, princesa. Seu irmão não sabe de nada.

— Maravilha!

— Você poderia muito bem falar com ele e com certeza teria o melhor estúdio na melhor localização da cidade, Amanda.

— Mas não é isso que eu quero e você sabe disso, Claudinha. — Fecho a cara para o seu comentário.

— Bom, eu passei por aqui para ver sua reação com a notícia. Agora tenho que ir, princesa. Te ligo semana que vem.

— Tá certo. Obrigada!

Abraço João e quando me afasto, vejo mais uma pessoa no ambiente.

— Caio? — Claudinha questiona.

— Sim! Boa tarde, Sr. Willian, Srtas.?

— Boa tarde! — respondemos Claudinha e eu ao mesmo tempo.

— Boa tarde, Caio. Você por aqui?

— Sim! Tivemos que remanejar os “sombas” e eu fiquei incumbido de levar a Srta. Amanda.

— Hum... sei. Bom, tenho que ir. Boa tarde! — João sai, mas não sem antes encarar meus olhos.

João sempre soube que sou apaixonada por Caio. Como ele dizia, eu sempre trouxe isso estampado na minha face e nos meus olhos. Só meu irmão que sempre foi tolo o suficiente para pensar que nada acontecia.

— Estão prontas?

— Quase. Se quiser pode levar essas bolsas. — Claudinha toma a frente e indica ao Caio o que fazer.

— Claro! — Ele me encara e vai fazer o que ela pediu.

— Ele de novo?

— O que é que tem?

— Ele nunca ficou na sua guarda e ultimamente isso está muito comum.

— Como ele disse: problemas com os “sombas”. Eu não resolvo isso, Claudinha.

Ela torce a boca, mostrando descontentamento comigo. Sabe que estou escondendo algo, mas, por algum motivo, não sinto vontade de dividir isso com ela.

Sempre fomos amigas. Ela foi meu apoio em diversos momentos, mas Claudinha e eu temos visões diferentes para várias coisas e eu não me sinto mais tão à vontade de dividir isso com ela.

Terminado de recolher tudo, partimos para deixar primeiro Claudinha na casa dela e quando seguimos o caminho, reconheço o percurso para a casa de Caio.

— O que está fazendo?

— Vamos fazer uma parada em outro lugar.

— Na sua casa?

— Na minha cama. — Ele me olha.

Fico muda. Não sei lidar com esse Caio. Ver a fome nos olhos dele, faz despertar meus próprios desejos e eu sinto minhas mãos começarem a suar de ansiedade.

Eu não deveria estar fazendo isso. Tinha que me impor e dizer que dessa forma eu não quero, mas não tenho forças suficientes para negá-lo.

Entramos no apartamento atacadados um ao outro. Somos mãos, bocas e corpos, unidos e se alimentando um do outro. Caio me levanta pela bunda e me coloca sobre a bancada e continua me beijando.

— Tire a roupa! — Ele finaliza o beijo, ofegante, e se afasta.

Caio me ajuda a descer do balcão, vai até a geladeira e tira de lá uma única cerveja *longneck*, abre e toma um gole. Tudo isso ele faz ainda me encarando e esperando que eu faça o que mandou.

— Quer que eu fique nua? — pergunto petulante.

— Mantenha as peças íntimas.

Por que tudo que ele fala me excita? Começo a puxar minha blusa para tirar, mas ele me para.

— Aqui não! Ali — Ele aponta para o meio da sala.

— Ok! — Eu vou caminhando até o meio da sala em toda a imponência que aprendi na dança.

Caio pega um controle ao lado do aparelho de som e se senta de frente para mim no sofá. Ele tem a camisa colocada para fora da calça, as mangas arregaçadas até os cotovelos, suas pernas estão afastadas e ele toma um gole da sua cerveja enquanto aperta algo no controle, apontando para o aparelho de som.

— Comece.

*Work, Rihanna* começa a tocar e eu sorrio. Amo essa música e se o que ele quer é um show, bem, ele vai receber um espetáculo.

Começo a me mover no ritmo da música, mas concentro no quadril a batida que a melodia tem. Estou de costas para ele. Lentamente tiro minha blusa e jogo para um canto.

Solto meus cabelos e passo as mãos na raiz, dando a eles movimento e uma impressão selvagem. Viro de frente e vejo Caio com a cabeça meio de lado, me olhando fixamente.

Solto a corda da minha calça e giro para ficar de costas novamente. Lentamente eu movo meus quadris em ondas laterais e vou baixando a minha calça, quanto mais eu a baixo, mais eu vou inclinando meu tronco para baixo, até estar com a calça no tornozelo e a cabeça no vão das minhas pernas.

Sutilmente eu afasto minhas pernas e continuo mexendo minha cintura e quadril, vendo Caio inclinar o tronco para frente e continuar olhando meu traseiro arrebitado.

— Fique assim. — Caio levanta do sofá.

Ele caminha até mim e contorna meu corpo, com certeza observando. Caio para novamente atrás de mim e eu fecho os olhos quando sinto uma mão dele deslizar pelo meu tornozelo e subir sutilmente pelo interior da minha coxa.

Meu corpo inteiro reage ao seu toque e sinto minha perna estremecer levemente. Quando alcança minha intimidade ele passa a mão por toda ela e com um dedo puxa o forro da minha calcinha para a lateral.

Abro os olhos e vejo que ele está de joelhos atrás de mim. Sinto algo molhando minha bunda e logo uma lambida apressada pelo mesmo caminho.

— Amei a cerveja no seu corpo.

Ele continua chupando todo o lugar e arrasta aquela língua pegadora até minha intimidade e eu me retraio.

— Relaxa. Eu não farei nada demais... Ainda.

Respiro fundo e relaxo meu corpo, então Caio passa a língua lá. Exatamente lá. Eu sinto um fogo tomar conta do meu íntimo. Não sei se pela vergonha ou choque de ele estar fazendo isso.

Sua língua passeia por ali e rapidamente ele desce um pouco mais alcançando, minha vagina. E ali ele começa sua mágica.

Sinto as duas mãos de Caio na minha bunda, me mantendo firmemente no lugar enquanto ele chupa minha intimidade com toda vontade.

Sua mão afasta da minha bunda e rapidamente sinto o impacto e um estalido.

Ele me bateu!

E pior, isso me fez ofegar e sentir uma fisgada deliciosa onde ele trabalha com a língua.

— Você gosta disso, anjo?

Não respondo, mas pela minha respiração ele sabe o quanto estou afetada e já sentindo um orgasmo maravilhoso se formar em mim.

— Responda! — Outro tapa.

— Ahhh... sim! Eu gosto disso!

— Bom...

Ele volta a me devorar com a boca e não demora muito para que eu sinta minhas pernas tremerem violentamente e um orgasmo incrível tomar conta de mim.

Caio sobe a mão me amparando pelo quadril, caso contrário, eu estaria no chão.

Nós nos levantamos juntos e Caio rapidamente gira meu corpo e beija minha boca. Sinto meu gosto em sua língua e eu acho isso indecentemente excitante.

Ele interrompe o beijo só para abrir sua calça e tirar seu membro para fora. Caio pega uma camisinha do bolso e com muita agilidade ele a veste.

Voltamos a nos beijar e ele me ergue pelo traseiro me forçando a engancha minhas pernas em seu quadril. Seguro em seu pescoço, Caio me sustenta com uma mão pela cintura e

com a outra eu sinto-o posicionar seu membro na minha entrada.

— Vou te foder gostoso! — E ele faz.

Caio entra com força dentro de mim, fazendo com que eu jogue a cabeça para trás e grite de prazer. Seus lábios alcançam meu pescoço e agora ele movimenta meus quadris para realizar um movimento tão prazeroso e profundo.

Estou de olhos fechados e a cada impacto que sinto, meu corpo estremece de prazer, eu sei que ele também está gostando, pois a cada movimento escuto seu grunhido mais alto.

Caio aumenta seus movimentos e a pressão no meu ventre começa a crescer rapidamente.

— Me dê sua boca.

Nos beijamos intensamente e em meio ao barulho dos nossos corpos se chocando, a batida do som nos embalando, chegamos juntos ao ápice.

Caio dá dois passos para trás e como ainda estou em seu colo, ele desaba no sofá. Estamos agora ofegantes. Apoio minha testa na dele e passo as duas mãos no seu rosto e ele sobe as suas, acariciando minha coluna.

— Incrível.

— Sim... — ele responde, recuperando o ar.

Abro meus olhos e encaro seu rosto. Caio tem uma beleza bruta. Ele traduz em sua feição dura a brutalidade e domínio que carrega dentro de si.

— Você está bem?

— Sim.

— Ótimo. Vamos tomar um banho e voltar?

— Claro.

\*\*\*

— Olá, família feliz.

— Oi, princesa!

— Olá, *chica*!

Cumprimento-os e tento passar despercebida pela sala.

— Cabelo molhado, *chica*?

*Droga!*

— Sim. Tomei uma ducha no ginásio.

— Amanda! Isso é perigoso, eu já disse a você.

— Não se preocupe, senhor. Eu estava lá! — Caio entra em cena.

— Menos mal.

— Interessante — Vega fala maliciosamente.

— O quê, pequena?

— Nada não. — Ela me olha e sorri de lado.

— Bom, eu vou subir e guardar minhas coisas.

— Vai lá, *chica*. O jantar sai daqui à meia hora.

— Maravilha!

Subo as escadas correndo, com o coração saindo pela boca. Como aquela espanhola maluca me coloca naquela situação?

Busco uma muda de roupa limpa e escuto meu celular apitando com mensagem.

**André – amei nosso almoço!**

**Eu – também curti...**

**André – espero poder repetir... em breve...**

**Eu – vamos ver! Preciso ir jantar, nos falamos depois.**

**André – tudo bem... até!**

Solto o ar que eu nem percebi que estava segurando. Todo o encanto e conforto que senti no almoço não me fizeram nem cosquinhas agora.

Caio conseguiu apagar totalmente minha vontade de estar próxima de André, é como se estar com André fosse algo muito antigo, passado, uma lembrança que nem faz falta.

Termino de me trocar e quando desço a mesa já está servida.

— Venha, *chica*! Me conte, como estão os ensaios para a apresentação?

— Ah, cunhadinha, estão a todo vapor. Estou colocando uns passos novos e dando um



toque mais sensual na dança.

— Pra que sensualidade? Não acho isso correto!

— Tom, por favor!

— Antônio Machado, pare já com isso!

— Mas, pequena, ela é minha irmã...

— E daí? Ela tem o direito de expressar o que quiser dançando.

— Antônio, pare de ser cabeça dura!

— Tudo bem, não digo mais nada.

— Ah, Amanda, você poderia convidar qualquer dia aquele bonitão com quem você almoçou para jantar aqui.

— Mas o que é isso, pequena? Quem é bonitão?

— Meu professor, Antônio. Hoje encontrei com a Vega, Aldria e Lucca quando saía do restaurante com André.

— Mas... Isso é comum? Quer dizer... Ele é seu professor?

— Dentro da faculdade, querido! Fora ele é um homem muito charmoso e interessado na sua irmã.

— Pequena, menos. Você está empolgada demais com esse tal André.

— Meu amor, eu só tenho olhos para você, mas isso também não quer dizer que sou uma completa cega.

— Ele é um gato mesmo — digo só para provocar Antônio, mas o tiro sai pela culatra.

Caio entra na sala de jantar e ouve meu último comentário. Sua postura rígida e o cenho franzido deixam claro que não gostou do que ouviu.

— Chega, as duas! Pequena, essa travessura vai lhe custar caro mais tarde.

— Conto com isso.

— Ahhhhhh! Parem os dois! Eu não sou obrigada!

— Senhor, com licença, mas eu consegui a reserva que pedi.

— Que bom, Caio. Embarcamos amanhã.

— Embarcamos? Eu vou te acompanhar?

— Sim, Caio. Como sempre!

— Sim... Claro.

— Querido, para onde você vai?

— Sul. Preciso ver alguns estaleiros por lá.

— E volta quando?

— Daqui a três dias.

— Três dias?! —Solto sem pensar.

— Sim, mana, qual o problema?

— Tom, amor, eu não quero ficar 3 dias sozinha aqui. Você poderia deixar o Caio, assim me sinto mais segura.

Antônio cerra os olhos para Vega e ela continua olhando-o com a maior cara de pau, fingindo inocência. Já eu... com o coração na mão.

— Está com medo de algo, pequena? Você nunca pediu para deixar Caio.

— Nada demais, amor. Mas eu preferiria ficar com alguém conhecido, só isso.

— Tudo bem para você, Caio?

— Claro, senhor!

— Então providencie a segurança para mim e você fica com elas.

— Maravilha! — Vega se empolga e Antônio a encara.

— Mano, papai deu notícias? Tem uns dois dias que ele não me manda mensagem.

Desvio o foco e tenho sucesso. Antônio comenta que falou com meu pai ontem pela manhã e que ele está bem empolgado com as reuniões por lá.

Caio se retira da sala e eu sorrio aliviada de conseguir essa pequena conquista. Sem Antônio por aqui, vamos ver como o ogro se comporta.



Capítulo 17  
Merda!  Perdida

# Amanda

Recolho todo meu material da mesa para sair da sala de aula. Acaba de dar o sinal e eu preciso correr para comer algo, pois logo em seguida tenho ensaio com a Carla e não posso me atrasar.

Senti falta da Claudinha hoje na aula. Ela não veio e também não mandou nenhuma mensagem avisando da sua falta. Mandeí um “oi”, mas ela nem visualizou a mensagem.

— Amanda! — Escuto André me chamar quando já estou na porta da sala.

— Oi! — Viro-me de frente para ele.

— Tenho ingressos para uma peça incrível hoje no teatro. Gostaria de te convidar.

— Nossa! Que bacana, André, mas eu vou estar ocupada...

— Comigo!

Meu corpo se arrepia no mesmo passo em que eu sinto a voz gelada de Caio bem atrás de mim e eu não preciso me virar para saber que ele provavelmente encara André com um olhar penetrante de cenho franzido.

— Tem certeza, Amanda? Vai ser ótimo.

— Eu acho que você não ouviu e eu posso explicar mais de perto se quiser — Caio diz enquanto passa a minha frente, dando dois passos ameaçadores na direção do André.

Vejo que André se estica, mantendo a pose de durão, mas eu sei que, com a experiência e força que Caio tem, facilmente seria nocauteado.

Entro no meio dos dois, mesmo parecendo um enfeite de jardim, e tento de alguma forma apaziguar tudo isso.

— André, eu terei de recusar. Agradeço, mas vamos deixar para uma próxima oportunidade, tudo bem? — Sorrio sem graça.

— Você quem manda, princesa. — André sorri de lado e encara Caio.

— Veremos... — Caio resmunga, pegando na minha mão e praticamente me arrastando de dentro da sala.

Seguimos os corredores da faculdade ainda em silêncio. Ele me puxando feito uma criança impertinente e eu seguindo quieta.

—Onde estamos indo?

— Você não vai para o Centro Recreativo?

— Não. Eu tenho ensaio.

— Tem como cancelar? Eu queria lhe mostrar algo.

— O quê? — Meus olhos brilham de curiosidade.

— Cancele que eu te conto, *princesa*. — Sinto o desdém em sua voz e eu o encaro mostrando a língua.

— Só um minuto.

Saco meu celular da bolsa e me afasto discando o primeiro número. Enquanto explico meus motivos para cancelar o treino, observo Caio. Ele tem uma beleza bruta incomparável. Sua postura é sempre alerta e ele observa tudo em volta como uma ave de rapina.

As mulheres passam por ele, encaram, jogam charme e até falam algumas gracinhas, mas Caio parece alheio a tudo. Seu foco é olhar para mim e analisar o ambiente em volta.

— Feito. — Retorno para perto dele.

— Safo. — Encaro-o confusa.

— O que é isso?

— É uma expressão que se aprende na Marinha. Quando tudo está correto e dentro dos conformes nós dizemos que está “safo”.

— Entendi. Então você já foi marinheiro?

— Há muito tempo. Eu entrei pela porta da frente, fiz carreira desde muito novo e logo que concluí os estudos eu já era um Oficial graduado.

— Uau! E qual era a sua patente?

— Eu saí quando conquistei o posto de Primeiro-Tenente.

— E por que saiu?

— Isso é uma longa e chata história. Basta saber que me encheu o saco tudo aquilo.

— Um “Caio rebelde”. Nunca imaginei isso em você.

— Há muitas coisas que você não sabe sobre mim, anjo! — Caio fala e se aproxima de mim.

Sua mão desliza suavemente pelo meu rosto. Olhando em seus olhos consigo ver o desejo estampado e é como se eu enxergasse ali o reflexo da minha alma.

— Vamos.

Ele se afasta interrompendo nosso momento e sai me puxando pela mão novamente.

Chegamos ao estacionamento e vejo Caio parar em frente de um carro antigo, inteirinho preto, com um brilho reluzente. Um modelo antigo, mas isso dava um charme e um ar selvagem ao carro.

— Nossa!

— Gostou? É um *Mustang* GT 1966.

— Você tem paixão por carros antigos assim como meu irmão?

— Tenho paixão por adrenalina e essa belezinha aqui me dá isso.

Sorrio para Caio. Realmente agora que consigo estar mais em contato com ele, eu não poderia imaginar outro carro em suas mãos.

Tinha que ser algo selvagem.

Entramos no carro e rapidamente ele ganha as ruas e rumo para fora da cidade.

— Caio, para onde estamos indo?

— Você vai ver.

— Você disse que me contaria se eu cancelasse meus compromissos.

— Certo. Vamos para uma pista de saltos.

— Oi?

Encaro-o super confusa.

— Eu já falei. Não disse que explicaria os detalhes.

Bufo pela sua negação e cruzo meus braços. Caio sorri de lado e liga o sistema de som do carro e uma batida meio lenta invade o som.

Ouçoo a música e me recordo dela. Lembro do meu irmão escutando no meio dos seus infinitos discos de vinil.

— *Simple Man*, *Lynyrd Skynyrd*.

Balanço a cabeça, concordando.

Presto bastante atenção na letra e, realmente, nada definiria melhor Caio. A cada pequena informação dele que vou juntando e desvendando, Caio mostra exatamente isso.

Um cara das antigas, com uma boa dose de intensidade, mas que no fundo é um lobo solitário buscando seu caminho e mantendo a fé em algo maior.

— O que houve? O gato comeu sua língua?

— Não. Ela está bem aqui e pronta pra ser usada.

Caio me olha passando a língua no lábio superior. Eu consigo ver as coisas sujas que ele está imaginando e todas elas com certeza envolvem ele, eu e minha língua.

Mexo meu corpo no assento do banco, me sentindo de repente quente e desconfortável. É incrível como a nossa química é forte, e como um simples comentário pode despertar em ambos, algo libidinoso.

Entramos em uma estrada de terra e bem à frente consigo ver um galpão, vários pequenos aviões e algumas pessoas circulando por ali. Caio estaciona próximo ao galpão e desce animado.

Desço ainda insegura do que irá acontecer, sigo o mesmo caminho que ele e o vejo cumprimentando um homem mais velho. Eles conversam alguma coisa e por educação eu me mantenho afastada.

— Tudo certo. Vamos saltar!

— O QUÊ?

— Isso aí! Ou será que a princesa vai *arregar* agora?

Sinto o desafio na sua voz. Eu sei que é uma armadilha, ele está deliberadamente instigando meu ego a aceitar o desafio. Para ajudar, ele mantém uma postura rígida com os braços cruzados na altura do seu peitoral firme numa clara declaração de que ele é o macho alfa.

— Nunca! — Cruzo os braços e faço a minha melhor cara de cínica.

— Maravilha!

Ele bate as duas mãos rindo e eu sei que comemora a conquista.

Eu estou me borrando de medo e ele conseguiu me convencer de pular de paraquedas.

Ele me puxa pela mão até o galpão e numa área fechada começa a me passar as instruções.

— Faremos um salto duplo. Eu e você.

— Você sabe fazer isso?

— Sim. Sou formado nisso. — Reviro meus olhos.

— Claro que é.

— Exatamente, princesa.

— Pare de me chamar assim!

— Ok! Vamos ao que interessa.

— Sim, senhor!

— Eu serei seu instrutor e vou lhe mostrar algumas posições que vão facilitar nosso salto. Você estará presa a mim por um equipamento específico e eu irei comandar todo o salto. Assim que saltarmos os nossos corpos entram em queda livre, numa velocidade de 220 km por hora, mais ou menos. Então é natural no começo você sentir um pouco de falta de ar. Mantenha a calma que logo se acostuma e consegue respirar.

— Essa queda livre dura muito tempo?

— Em torno de quarenta segundos e quando chegarmos ao ponto para acionar o paraquedas, você vai sentir um puxão, como se estivéssemos subindo, logo passa e aí descemos mais devagar.

— Entendi. Mas e se o paraquedas não abrir?

— Não se preocupe, ele vai abrir. De qualquer maneira temos o reserva.

— Se ele vai abrir, por que precisa do reserva? — Olho-o assustada.

— Quer que eu tire? — Ele sorri de lado.

— Não!

— Que bom! Agora vamos treinar alguns movimentos que daqui é nossa vez.

— Ok.

Passamos um tempo treinando e Caio é sempre muito didático e explicativo. Claro que eu já tinha confiança nele antes para qualquer coisa, mas vendo-o falar com tanta propriedade me faz acreditar realmente que ele sabe o que está fazendo.

— Qual é daquele cara, Amanda?



*Hein?!*

— Do que você está falando, Caio?

— Do professorzinho babaca.

— Ele não é babaca.

— Agora você o defende?

— Só estou falando que ele não é babaca. E não tem nada demais. Ele só é educado.

— Não gosto dele perto de você.

— Mas você não tem que gostar de nada. Não temos nada.

— Mas foi a mim que você entregou sua virgindade. Isso deve significar algo. — Agora me irrita de vez.

— Significa sim! Que o babaca é você!

Caio encerra o assunto. Melhor para ele.

É muito atrevimento dele, pensar que me controla só por que foi meu primeiro homem.

O mesmo homem com o qual ele falou quando chegamos, nos chama anunciando que está na hora. Sinto o nervosismo tomar conta de mim e quando olho para Caio, vejo um sorriso genuíno estampado em seu rosto.

Facilmente perco meu lado racional para ficar admirando seu rosto. Acho que nunca vi sua face despida de seriedade e totalmente à vontade com alguma coisa.

— Chegou a hora, princesa!

— Já disse pra não me chamar assim!

— Venha!

Ele me puxa pela mão, pega dois macacões e me entrega um para eu vestir. Veste seus equipamentos de forma rápida e precisa, enquanto eu estou tentando fechar meu capacete.

Caio se aproxima e me ajuda com o restante da vestimenta e os aparates de segurança. Ele me veste com um cinto parecido com o seu, me vira de costas para ele e escuto um clique.

— Agora você está amarrada a mim — ele sussurra em meu ouvido.

Embarcamos no avião e logo ele começa a taxiar na pista. Sinto meu coração acelerar, meu corpo sua frio e acho que estou até tremendo, tamanha é minha ansiedade.

O avião decola e eu que apoiava minhas mãos nas pernas do Caio, já que estamos sentados juntos e ele atrás de mim, aperto sua coxa. Logo sinto suas mãos esfregando meus braços e sua voz me acalma.

— Fique calma. Eu nunca deixaria nada de mal lhe acontecer. Aproveite o momento.

Fecho os olhos e penso que o único mal que me atinge é exatamente ele. Minha cabeça parece uma confusão tentando entender tudo isso.

Ele não quer e deixa claro que isso entre nós não tem futuro, mas não me deixou em paz desde que nos beijamos. Sempre vem atrás, demonstra incômodo com o fato do André estar próximo e a cada maldita oportunidade ele me toca.

— Chegou a hora, anjo.

Arregalo meus olhos. Estava tão perdida nos meus pensamentos sobre nós que não me dei conta que já chegamos à altitude certa para pular.

Tudo acontece tão rápido. O instrutor abre a porta, Caio movimenta os quadris para frente e eu acabo ficando de cara com o penhasco. Travo meu corpo e logo escuto uma voz dentro do meu capacete que me acalma.

— Relaxa, anjo. Vai ser divertido!

— Como você fez isso?

— Capacete com comunicadores. Vou desligar agora. Você, com certeza, irá gritar daqui a pouco.

Caio não me dá tempo de respirar e salta do avião.

De fato eu gritei. Muito.

Apesar de não ouvir nada, pois nossa queda está muito rápida, mas conforme ele me disse eu senti a pequena falta de ar e me lembrei de controlar minha ansiedade para recuperar o fôlego.

Logo senti um pequeno tranco e quando olhei para cima vi o paraquedas se abrindo. Respirei aliviada.

— Gostando?

— Muito! Isso é incrível, Caio. É uma sensação maravilhosa!

— Eu te disse.

Rio e fico admirando a paisagem. Meu corpo inteiro se acende com a adrenalina. Me sinto tão pequena e ao mesmo tempo gigante.

Queria poder eternizar esse momento e ficar aqui, com ele. Longe dos problemas, dificuldades e da teimosia desse homem.

Começamos a nos aproximar do solo e eu sinto a adrenalina tomando conta do meu corpo novamente. Faço exatamente como o Caio me orientou e aterrissamos sem maiores complicações.

Um carro se aproxima de nós e um membro da equipe salta vindo nos ajudar a soltar o equipamento e recolher o paraquedas.

— Gostou?

— Muito!

— Faria de novo?

— Com certeza!

Ele ri de lado e me pega desprevenida, me erguendo e beijando minha boca com vontade. Eu enlaço minhas mãos e pernas em seu corpo e degusto desse beijo delicioso e desprovido de cuidados.

— Já tô duro e cheio de vontade de você. — Ele me olha com luxúria estampada na feição.

— Você conseguiu me deixar molhada, grandão! — digo, safada.

— Vamos embora daqui, agora!

\*\*\*

— Cheguei, família! — Entro sorridente na sala só para sentir meu sorriso murchar quando vejo quem está sentado na sala.

— Finalmente, *chica*!

— Olá, Amanda! — André me cumprimenta.

— Oi! — respondo acanhada.

Caio que entrou em seguida, responde um “boa tarde” muito apertado a todos, e sai a passos firmes em direção à cozinha.

Merda! Tô perdida!



Capítulo 18  
Com Aquele Imbecil Ela Não Fica

# Caio

Raiva. A raiva me domina agora e eu preciso sair daqui urgente. O que aquele infeliz está fazendo aqui?

Acerto um soco na parede tentando descontar essa raiva que cresce dentro de mim.

— Ui, essa doeu! — Viro-me depressa.

— Desculpe, senhora. Eu não sabia...

— Corta essa, Caio. Não precisa passar essa raiva, você sabe. É só ir lá e reivindicá-la.

Continuo encarando Vega, não sabendo o que responder. Já está claro que ela sabe sobre Amanda e eu, e pelo que vejo, apoia. Mas isso não está correto.

Antônio jamais aceitaria seu homem de confiança saindo com sua irmã, além do mais, nossa diferença de idade atrapalharia em tudo. Amanda quer o mundo e eu quero sossego.

— Se a senhora não precisa de meus serviços, peço licença.

— Resposta errada, homem. Depois que perder, Caio, não adiantará reclamar.

Ela sai a passos firmes da cozinha e eu não permito minha mente divagar muito sobre isso. Vega está maluca, eu não quero reivindicar ninguém.

Sempre vivi minha vida sozinho, muito bem, e não será agora, por conta de uma pirralha, que irei mudar isso. A única coisa que tem atrapalhado meus pensamentos é o incômodo que sinto toda vez que aquele professorzinho se aproxima dela.

Eu não gosto dele. Ele não me cheira bem e tenho certeza que essa pele de cordeiro que ele mostra é só fachada. Já até mandei meus homens investigarem o cara, mas não encontrei nada significativo ou ameaçador.

Desço pelas escadas e entro em meu Mustang. Preciso descarregar a energia que acabou de se acumular dentro de mim.

Sempre fui um homem controlado, mas uma veia selvagem sempre pulsou dentro de mim e foi essa mesma veia que me fez tomar as melhores decisões da minha vida.

Chego à academia e subo direto para o estande de tiro. Preciso de foco e concentração.

— Caio?

— Oi — respondo para Fernando.

— Você não ficaria afastado três dias por conta da viagem do seu chefe?

— Sim, mas consegui uma brecha e eu preciso descarregar.

— Entendi. Tome aqui sua maleta.

— Valeu.

\*\*\*

Três pentes depois e eu ainda me sinto inquieto e incomodado. Desço para a arena e vou até o vestiário. Troco minha roupa, vestindo o meu calção, pego as luvas e quando estou saindo para a arena encontro Júlio.

— E aí, cara?

— Oi.

— O que te mordeu?

— Nada.

Passo por ele sem dar muita bola. Júlio e eu nos conhecemos há um bom tempo, quase a mesma época que Antônio e eu.

Lembro-me como se fosse ontem. Eu nunca fui um cara de beber muito, mas resolvi ficar um dia depois do serviço em um pub bebendo algumas cervejas.

Passei um pouco da conta e acabei arrumando uma confusão no bar, que até hoje eu não sei por qual motivo. Três caras me arrastaram para fora e, como eu já não estava mais no meu normal, isso foi fácil de conseguir.

Mais dois saíram pela mesma porta e ali começaram a me dar socos. Eu não me lembro de sentir muito o impacto dos socos, mas o fato de estar sendo segurado para dois baterem em mim começou a me irritar.

Quando resolvi revidar dando um chute na cara de um dos agressores, Júlio chegou e, sem perguntar nada, socou a cara do outro que estava me batendo e de um dos que estava me segurando.

A adrenalina tomou conta de mim e o entorpecente da bebida já havia se dissipado. Acabamos com os cinco, colocando-os para correr dali.

Voltamos para dentro do bar e tomamos uma cerveja em comemoração, conversamos e mencionei minha academia. Júlio se interessou, pois fazia pouco tempo que havia voltado do exterior e não tinha onde treinar o *kung-fu*.

Desde aquele dia, estabelecemos uma amizade sólida. Mesmo não saindo como velhos amigos para muitas coisas, ele e eu sabemos que quando um precisa, o outro estará ali.

— O que aconteceu? Você vai rasgar a porra do saco!

— Nada — respondo ofegante.

Já faz pelo menos meia hora que estou socando esse saco e minha raiva ainda não passou. Eu preciso de algo mais palpável e que revide.

Como se alguma força divina ouvisse minhas orações, Júlio e eu olhamos para a entrada da arena e vejo o segurança imbecil e nervosinho que eu mandei demitir discutindo com Fernando.

Sorrio de lado e penso que Deus realmente existe e me mandou um presente. Caminho determinado até o infeliz, empurro Fernando que estava no meu caminho e acerto soco de direita no meio da cara dele.

O infeliz cambaleia para trás, mas não cai. Ótimo! Esse é mais difícil de derrubar e eu estava querendo mesmo um desafio à altura da minha raiva.

Ele me encara com o rosto inchado do soco e vem feito um rinoceronte para cima de mim. Primeiro erro, atacar com raiva nunca te permite ver o melhor ângulo de ataque e em 70% dos casos você fracassa.

Desvio facilmente do seu ataque, aproveito que seu corpo inclinou para frente e acerto uma cotovelada na sua nuca. Isso o joga no chão.

— Vamos, seu infeliz. Levante!

Os rapazes já formaram uma roda em volta e pelo canto do olho percebo sorrisos e muita empolgação. Hoje em dia é raro ter algum tipo de luta aqui. Não participo mais tanto dessa parte e vários iniciantes e até mesmo os caras antigos tinham vontade de me ver em ação.

Confesso que esse idiota está servindo para muita coisa nesse momento e eu quase, disse quase, sinto pena dele.

Ele levanta novamente, arma a guarda e caminhamos em círculos nunca perdendo o contato um com o outro. O olhar diz muito sobre seu adversário, ele traduz o próximo movimento antes de acontecer e isso lhe dá uma margem para criar sua defesa.

E foi exatamente assim que eu percebi que o idiota tentaria me dar um chute frontal, mas eu consigo parar seu movimento empurrando sua perna para a lateral com as duas mãos e volto meu movimento com um soco certeiro na sua fonte, o que, mais uma vez, o leva ao chão.

— Agora não levanta mais — Fernando comenta.

— Tire-o daqui — anuncio e vou para o vestiário.

Tiro minha roupa e entro na ducha fria. O choque é muito bem-vindo e acaba por apagar o resquício de incômodo que ainda estava dentro de mim. Agora sim, posso voltar para aquele apartamento e lidar com tudo que me espera.

Saio da ducha e enrolo uma toalha na cintura. Vou até o meu armário e tiro uma muda de roupa limpa de lá, caminho até o balcão, deixo ali as peças e quando tiro minha toalha da cintura, olho pelo espelho e vejo Margô parada.

Não me incomodo com isso, afinal ela já cansou de me ver de formas muito mais comprometedoras. Continuo secando meu corpo, vejo pelo espelho os olhos dela brilharem e sua postura muda.

Ela caminha até mim e eu sei exatamente o que ela quer. Viro-me de frente para ela, seguro minha toalha em uma mão, ela se aproxima e coloca uma mão no meu peito, fazendo círculos com a unha.

Continuo encarando-a, impassível. Tento entender o que sinto nesse momento, o incômodo que eu senti volta com força, mas de certa forma é... diferente.

Tenho a sensação de que algo está muito errado e mesmo assim eu continuo permitindo que tudo isso aconteça. Margô me olha oferecendo seus lábios e a fim de provar que tudo que sinto é uma idiotice, eu a beijo.

Tomo sua boca em um beijo rude, nosso único contato são nossas bocas, línguas e sua mão que agora escorrega por meu abdômen em busca de algo. Continuo beijando-a, buscando por algo, qualquer coisa que desperte interesse nela.

Margô alcança meu pau que, mesmo que pelo contato limitado, deveria estar pronto - em outra época estaria mais do que pronto-, mas não acontece aqui. Ela interrompe o beijo e encara meus olhos sem falar nada, tira suas mãos de mim e dá um passo para trás.

— É bom você resolver logo isso com ela. Ou vai se arrepender, querido.

— Do que você está falando?

— Ah, Caio. Um homem tão inteligente para algumas coisas, mas burro demais para outras. Querido, você está fora de combate, *aceita* que dói menos.

Tento responder, mas Margô joga um beijo na minha direção e sai do vestiário sacudindo seus quadris. Agora além de raivoso, eu estou frustrado.



*Em que merda de planeta eu já neguei fogo? Como meu pau não levanta para uma gostosa feito a Margô?*

Visto minha roupa, passo na arena e chamo Fernando para conversar. Eu preciso saber o que aquele idiota estava fazendo aqui.

— Que porra foi aquela, Fernando?

— Eu que te pergunto. Você acabou com o cara em três golpes.

— Não estou falando disso! Quero saber como ele conseguiu entrar na academia.

— Ah, isso também não sei.

— O que ele quer?

— Segundo ele, uma reparação.

— De quê?

— Ele acha que foi injustiçado.

— Injustiçado vai ser minha arma na boca dele se eu o vir por aqui de novo. Mande um “sombra” segui-lo. Quero todos os passos, 24/7, entendeu?

— Sim, chefe.

— Ótimo! Vou até o treinamento tático ver como estão as coisas. Se precisar de algo, estou no celular.

— Ok.

Quando estou a caminho do treinamento específico de “sombras”, ouço meu celular tocar e olho o visor vendo o nome da minha mãe estampado na tela.

— Oi, mãe.

— Ah, meu filho. Que saudade de você! Quando virá me visitar?

— Em breve, mãe. Quando ele não vai estar aí?

— Filho, pare com isso. Ele é seu pai. Já está mais do que na hora de vocês deixarem essas diferenças de lado e se entenderem.

— Diga isso ao seu marido opressor.

— Filho...

— Mãe, eu só quero saber se no mês que vem ele estará aí ou não. Descubra e me avise.

Vou pegar uns dias e irei te visitar, tudo bem?

— Sim, meu filho.

— Agora preciso ir, mãe. Beijo.

— Beijos, meu filho. Eu te amo.

Encerro a ligação.

Eu amo minha família, aliás, amo minha mãe e minha irmã mais nova. Eu gostaria muito de trazê-las para cá e finalmente dar um pouco de tranquilidade na vida delas, mas minha mãe, como sempre foi uma boa esposa, submissa, apegada a religião e aos costumes sociais, não se permite realmente viver.

Valter, meu pai, sempre foi um homem muito duro como pai e como marido. Ele, assim como eu, foi criado para ser um Oficial e conquistar o mais alto posto na Marinha brasileira, Almirante.

Hoje ele tem esse posto a um dedo das mãos e isso só o tornou um homem ainda mais arrogante e presunçoso. O fato de eu dar baixa da Marinha logo que recebi minha primeira patente após a escola de formação o deixou transtornado.

O convívio em casa se tornou impossível, como ele sabia que não me atingiria me destratando perante qualquer um, ele começou a atacar principalmente minha mãe, sendo opressor.

Em sociedade se mostrava a melhor pessoa do mundo, um homem de fibra, pai exemplar e marido perfeito. Só que nos bastidores dessa palhaçada, que ele chama de vida, minha mãe sempre foi oprimida, maltratada e a família feliz simplesmente não existia.

Resolvi sair de casa antes que fizesse algo que me arrependesse muito. Vim para São Paulo e nunca mais o vi.

Todas as vezes que visito minha família, eu escolho muito bem as datas para não encontrar com ele. Devido ao seu posto na Marinha, ele viaja muito, sempre com compromissos importantes, e eu me aproveito disso para passar uns dias com minha mãe e irmã.

Minhas visitas são muito esporádicas por conta do serviço e, confesso também, por não querer pisar mais naquele lugar. Eu nunca me senti parte daquilo e depois da minha decisão de sair da Marinha isso só se intensificou dentro de mim.

Volto a pensar em Amanda e naquele imbecil que ainda pode estar lá. Dou um cavalinho de pau no carro e volto pela mesma estrada, agora em alta velocidade. Eu não sei que

merda me deu, mas com aquele imbecil ela não fica.



Capítulo 19  
Não Sei Como Vou Seguir em Frente

# Amanda

Olho novamente para o relógio que fica acima da porta de entrada da cozinha. Aonde Caio foi?

Quando entrei no apartamento mais cedo e dei de cara com André, confesso que fiquei mais que surpresa. Primeiro que ele nem sabia onde eu morava, mas isso foi fácil de descobrir. A dona Claudinha passou para ele o endereço.

Segundo, eu achei meio abusivo da parte dele fazer isso, afinal de contas nós nem temos uma relação de amizade para que ele tome esse tipo de liberdade.

Tentando não ser grosseira, nós conversamos um pouco, mesmo minha cabeça estando no Caio que passou feito furação por nós na sala, eu me mantive firme e continuei ali.

Ele disse que tinha ótimos materiais sobre ONGs e projetos sociais, muitas coisas relacionadas com o que eu estava pretendendo fazer e isso conquistou toda minha atenção. André tem muitos contatos governamentais e isso pode facilitar minhas licenças e autorizações para o projeto.

Quase uma hora depois, eu consigo me livrar de André e finalmente ir atrás do Caio para ver o que está acontecendo. Para minha tristeza eu não o encontro em lugar nenhum e deduzo que ele saiu.

Fiquei plantada na cozinha, eu sei que é por aqui que ele vai entrar, então não tem como não o encontrar. Por Antônio estar viajando, com certeza Caio vai dormir aqui, já que ficou como responsável por Vega e eu.

Aproveito o tempo ocioso para discutir com a Claudinha. Onde já se viu, ela passar meu endereço ao André? Isso é totalmente descabido e muito atrevimento da parte dos dois.

Ela me pediu desculpas e disse que só estava tentando ajudar. Eu disse que esse tipo de ajuda dispensava e que esperava que ela não interferisse mais na minha vida dessa forma.

Ouçó um barulho na porta de acesso aos funcionários e vejo passar por ela o homem da minha vida. Sinto meu coração disparar, eu não sei o que ele pensou quando viu André aqui e eu só quero saber se estamos bem.

Nossa tarde foi incrivelmente maravilhosa. Depois do paraquedismo, ele parou em um motel na estrada e nós passamos horas nos saciando um do outro.

Foi tudo incrível e maravilhoso e em nenhum momento eu vi algum peso sobre nós. Caio agiu naturalmente e nem me provocou me chamando de garota ou fazendo qualquer menção sobre idade.

Ele passa pela porta e me encara. Seu olhar está intenso, ele mantém a postura rígida e fechada, mas eu sei no fundo que ele está o mesmo turbilhão que eu. Eu sinto.

— Oi — cumprimento-o, hesitante.

Em três passos Caio me alcança, passa seus braços enormes pela minha cintura e toma minha boca em um beijo escandaloso. Sinto meu coração bombear de emoção. Eu pensando que seria muito mais difícil convencê-lo de algo e ele age assim, tomando-me para ele.

Caio me pega no colo e vamos nos beijando até seu quarto. Ele me joga na cama e encara-me intensamente. Seus olhos percorrem meu corpo. Estou usando um baby-doll de cõton branco, top e shortinho. Os olhos dele incendeiam.

Ele tira as roupas rapidamente, puxa meu pé para a beirada da cama, segura o cós do meu short e desce ele de uma vez pelas minhas pernas.

Separa meus joelhos com as duas mãos e eu fico totalmente exposta para ele. Sem tempo de pensar, Caio vai ao ponto certo da minha intimidade e começa sua magia.

Seus atos são brutos, mas não agressores. Ele é totalmente intenso, mas só me causa prazer. Sua boca habilidosa beija o interior das minhas coxas fazendo sucção no lugar e deixando marcas por onde passa.

— Essa boceta é minha! Teu prazer é meu! Você é minha! Entendeu?

Estou delirando de prazer e sinto um tapa ardido na lateral da minha coxa.

— Responda!

— Sim! Eu sou sua! Toda sua!

Com isso Caio me toma para si e eu vou de bom grado, sentindo que agora minha vida está chegando ao eixo correto.

— Fica de quatro! Eu vou te foder gostoso!

E ele fez. A noite inteira.

Quando o primeiro raiar do sol entra pela pequena janela, eu fecho meus olhos, deitada no peito de Caio, enquanto ele acaricia minhas costas. Me entrego ao sono e a felicidade do meu coração toma conta de mim.

\*\*\*

Sou acordada com beijos suaves que circundam minha coluna. Estou deitada de bruços e, antes mesmo de abrir os olhos, sorrio.

— Bom dia, anjo!

— Bom dia, meu a... — Morro com as palavras na minha boca.

Meu coração dispara. Eu quase o chamo de amor. Isso não pode acontecer, pelo menos não por enquanto. Tenho certeza que ele ficaria chocado e sairia correndo para longe de mim.

Termino de me virar e vejo os olhos de Caio brilhando em expectativa. Parece que ele está esperando por algo.

—Você precisa levantar ou vai se atrasar.

— Sim, senhor! — Sorrio.

— Anjo, eu não quero aquele professorzinho perto de você! O que ele veio fazer aqui?

—Ele veio me mostrar um material para meu projeto da ONG. Quem deu meu endereço a ele foi a Claudinha e eu já briguei com ela.

— Não gosto dele.

—Ciúme? — Sorrio safada.

— Claro que não! Você não é nada minha para eu sentir ciúmes. Mas desde que estamos saindo, acho educado manter o respeito.

— Nada sua? Saindo? Você é inacreditável, Caio!— Fico indignada.

— O que foi?

Ele ainda se mostra surpreso enquanto eu o contorno e saio da cama indo para o banheiro. Bato a porta com força, assim ele entende que não é para entrar ou provavelmente vou socar a cara dele.

Saio do banho e visto uma camiseta dele e meus shorts. Caio não está por aqui, então provavelmente eu não o verei por hoje.

*Maravilha!*

Chego à cozinha e Greta está preparando o café, ela finge não perceber de onde eu saí e eu finjo que não me importo. Sento na bancada e pego um copo de suco que ela acabou de colocar ali.

Caio entra na cozinha, caminha até a fruteira e pega uma maçã. Ele se encosta ao balcão olhando para mim, morde a maçã me encarando e não demonstra mais nada.

Sinto uma raiva subir quando me lembro do que ele disse no quarto. Levanto do balcão e quando passo por ele, paro, encarando-o.

—Espero que o que me disse se aplique também àquela vaca ruiva da Margô, caso contrário, minha passagem para os lençóis de André será um fato consumado.

Caio franze o cenho e fecha a cara para meu comentário. Sei que atingi meu objetivo, causei o incômodo que eu queria, pisquei um olho para ele e saí de lá.

\*\*\*

—Maravilha! — Carla bate palmas.

— Obrigada!

— Desse jeito, daqui a duas semanas será lindo e com certeza sua apresentação será o destaque da noite.

— Isso depois de mim, né?! — ouço Claudinha perguntando enquanto entra na sala.

— Lamento, querida. Mas você optou por um dueto. Isso já te faz cair alguns pontos.

—Por quê? —indago.

— Quando se dança com um parceiro, o trabalho, dificuldade e a análise do aprimoramento são divididos. Um solo tem um grau de dificuldade muito maior.

— Você diz isso porque é coreógrafa dos solos — Claudinha acusa, debochada.

— Eu digo isso por que é a verdade, minha cara. Amanda, continue com esse ritmo. Por essa semana você ensaia sozinha e volto semana que vem.

—Tá legal, Carla. Obrigada!

— Ela não vai com a minha cara — Claudinha menciona assim que Carla sai da sala.

— Ou você que não vai com a dela.

— Deixe isso pra lá. Queria te contar uma coisa!

— O quê? — Animo-me com a empolgação dela.

— Ganhei uma bolsa para passar um ano naquela escola de dança no Canadá.

— NÃO ACREDITO! — eu grito e pulo nela, abraçando-a.



Ficamos feito duas malucas rodopiando abraçadas, rindo e chorando de alegria. Claudinha se esforçou muito para esse teste e é merecida essa conquista.

Na época ela queria que nós duas fizéssemos, assim poderíamos viajar, conhecer uma nova cultura, além de aprender muito e agregar isso ao nosso currículo.

No começo eu me empolguei, pois seria maravilhoso nós duas juntas viajando, aprendendo e aproveitando nossa juventude, mas depois eu pensei nas crianças, no estúdio e em tudo que eu largaria para trás.

Sim, confesso que também pensei em Caio e que eu ficaria muito tempo sem vê-lo. Talvez fosse até melhor, assim eu tentaria arrancá-lo do meu coração de vez.

Tudo pesou demais e eu desisti do teste e não quis participar. Prefiro focar todas as minhas energias no meu projeto e na segunda fase do meu curso, que vai me consagrar de vez como uma educadora de dança.

— Eu consegui, Amanda!

— Eu sabia que você conseguiria, linda! E quando vai?

— Daqui três meses.

— Que bom! Ainda terá tempo de participar da apresentação.

— Sim!

— Vou sentir sua falta.

— Eu também. Você vai ficar bem com o estúdio?

— Claro! Sempre soube que isso aconteceria, amiga.

— Pois é! Isso sempre foi mais sua praia que a minha.

Nos abraçamos novamente e eu sinto uma nova fase se aproximando para nós duas. Essa oportunidade será única e eu sei que as chances de ela voltar do Canadá são mínimas. Sabemos que quem se destaca pode se engajar na companhia e acabar ficando por lá.

Despedimo-nos e eu vou tomar uma ducha para voltar à sala de aula. Hoje vai rolar um seminário do André e eu estou interessadíssima em participar.

Meia hora mais tarde estou pronta e sentada no auditório, esperando dar início ao seminário. Saco meu celular e procuro por algum indício que Caio tenha entrado em contato, mas, como das outras vezes que olhei, não tem absolutamente nada.

Não ouvi uma palavra dele desde que o deixei na cozinha comendo aquela maçã, mas espero que ele tenha compreendido o recado que dei, se aquela vaca ruiva se aproximar dele, eu não penso duas vezes em realmente usar o André e dar o troco nele.

Logo o seminário começa e eu me perco no discurso do meu professor. André é um homem de presença, alto, forte, mas não muito, barba rala, olhos claros e profundos e cabelos num tom mel que o deixa com cara de anjo mau.

Claro que ele é bonito, mas o que me encanta e me faz admirar André é a forma como ele fala da situação social do país, das oportunidades limitadas e da não vontade em ajudar da maioria.

Entro num mundo de sonhos e vontade de fazer acontecer, esqueço-me de mim e de minhas confusões amorosas e mergulho no aprendizado e na teoria de algo que logo será palpável para mim de alguma forma.

\*\*\*

— Amanda!

Olho para trás e vejo André vindo apressado ao meu alcance.

— Oi. Ótimo seminário!

— Obrigada! Você está ocupada?

— Eu preciso...

— É rápido! Quero lhe mostrar uns dados que colhi da minha pesquisa. Podemos sentar naquele café do outro lado da rua.

— Tá legal!

Chego ao café acompanhada de André e nos sentamos em uma mesa mais no fundo do lugar, o que eu agradeço internamente, pois Caio surtaria comigo se soubesse disso.

— Então... Onde estão as coisas?

— Aqui — ele tira de uma pasta algumas folhas e me entrega.

Sinto meu celular vibrar e quando olho o visor, me gelo inteira.

Caio.

**Caio – Que merda esse professorzinho está fazendo sentado aí?**

**Eu – O mesmo que a vaca ruiva, ela trabalha para você, assim como ele é meu**

**professor.**

**Caio – Não gosto disso, Amanda!**

**Eu – Então aprenda a lidar... bj, fui!**

Dou um sorriso amarelo e volto a olhar os documentos.

— Quando você finalmente vai aceitar sair comigo?

— André... Eu já expliquei...

— Sim! Eu entendi, mas não aceitei.

— Você é terrível. — Sorrio sem graça.

— Ainda não comecei a lutar de verdade, Amanda.

Engulo em seco.

— Eu preciso ir! Tenho milhões de coisas pra fazer ainda.

— Eu posso te levar.

— Não, obrigada! Estou de carro.

Levanto para sair e André faz o mesmo, só que ele bloqueia minha passagem. Fica me olhando e eu não sei decifrar seu olhar, mas de alguma forma fico intimidada.

— Até logo, Amanda!

Ele vem até mim e me abraça. Retribuo meio desajeitada, já que não esperava por isso.

— Até...

Assim que me solto dele, saio em disparada pela porta e não olho para trás. Só consigo pensar no quão possesso Caio ficaria vendo essa cena, apesar de que, se a vaca ruiva trabalha com ele, com certeza isso deve acontecer ali também.

Franzo meu nariz em uma careta de desgosto e começo a imaginar as inúmeras situações em que aquela coisinha ridícula pode colocar o meu Caio.

Começo a rezar e pensar na minha mãe. Que falta ela me faz! Ela era muito equilibrada e com certeza saberia me aconselhar neste momento.

São tantos empecilhos e coisas acontecendo ao mesmo tempo e a única coisa que consigo pensar é que preciso dele ao meu lado, mas, como sempre, o medo me toma, eu sei que ele não quer isso e quando chegar o fim, eu não sei como vou seguir em frente.



## Capítulo 20

### Um Casal Normal e Apaixonado

# Amanda

Chego ao apartamento e escuto uma gritaria sem fim vinda da cozinha, vou até lá e vejo toda a turma reunida. Vega e Antônio, Júlio e Aldria, Lucca e Eduardo e um pouco afastado, Caio.

— Oi, gente.

— Olá, pirralha!

— Oi, mana.

— *Chica*, olá!

— Olá, lindinha! — Lucca vem até mim e me abraça apertado.

Júlio e Eduardo se limitam em um “oi” mais contido e logo eles voltam à discussão inicial que, pelo que posso entender, é sobre qual restaurante eles irão jantar hoje.

Olho em direção do Caio e ele meneia a cabeça sutilmente em sinal de cumprimento. Sorrio discretamente e abaixo a cabeça. Estranho vê-lo em roupas tão informais, já que isso é raro acontecer durante a semana.

— Já sei! Caio vai decidir onde comeremos! Afinal, ele está de folga hoje e é nosso convidado.

Ambos, Caio e eu, olhamos espantados em direção da Aldria, que sorri toda travessa, como se estivesse diante do seu maior presente de natal.

— Senhora Gouvêa...

— Não vem com isso, não. Faz eu me sentir minha sogra!

— Ok, Aldria. Eu não frequento o mesmo tipo de ambiente que vocês estão acostumados, então acho que não saberei escolher...

— Deixe de frescura e nos surpreenda. Aqui ninguém é fresco não, Caio, acostume-se com a turminha.

— Como assim, amor? – Júlio questiona o último comentário da Aldria.

Eu fico paralisada olhando tudo o que acontece e morrendo de medo da resposta que a doida da Aldria pode dar.

— Chega de conversa, vamos nos arrumar! Caio, que tipo de roupa as damas devem

vestir?— Vega intervém.

— Sem saltos e com roupas confortáveis.

— Humm, interessante — Lucca comenta com ar de mistério.

Eu, que assistia a toda a cena sem ação, sou puxada pela mão por Vega, que me arrasta pelo corredor a fora gritando que mulheres precisam de tempo, mesmo que seja para o básico.

Ela me deixa na porta do meu quarto e eu entro correndo e sorrindo. Eu corro feito uma menina sapeca e reviro meu guarda roupas pegando algo leve e despojado. Pouco me importo para onde vamos ou o que faremos. Estar no mesmo lugar que ele, minha família e amigos, faz-me sonhar com possibilidades de que isso tudo entre nós possa um dia ser real.

\*\*\*

Caio foi guiando a nave espacial que meu querido irmão chama de carro, somos seguidos por dois carros da segurança e mais dois carros de passeio, sendo um de Lucca e Eduardo e um de Aldria e Júlio.

Achei totalmente desnecessário essa comitiva sem fim, mas, como sempre, o neurótico do meu irmão achou que seria importante manter a segurança do grupo e do planeta inteiro.

Seguimos para um lado afastado da cidade, eu não me lembro de já ter passado por aqui. Caio estaciona o carro em um lugar imenso e meus olhos brilham quando vejo as luzes piscando, o barulho de música regional e quando desço do carro, o cheiro de pipoca invade meus sentidos.

— Uau! Há quanto tempo não venho em um desses! — Vega comenta.

Estamos na frente de um parque de diversões, com direito a roda gigante, barraquinhas de tiro ao alvo e inúmeras pontos de guloseimas maravilhosas.

— Arrasou, Caio! — Lucca exclama, se aproximando.

— Que merda, vou ter que andar!— Aldria reclama.

— Por isso das roupas e sapatos confortáveis, linda — Júlio fala, passando o braço pela cintura dela e beijando seu nariz.

— Bom, já que estamos aqui, vamos aproveitar! Confesso que você me surpreendeu, Caio.

— Obrigado, senhor.

— Nada disso! Aqui somos todos amigos, então sem formalidades! — Vega ralha e ambos concordam com a espanhola sangue quente.

Antônio puxa Vega para junto de si e sai liderando o grupo para dentro desse parque. Eu ainda estou sem reação observando tudo, isso me faz voltar a minha infância e uma saudade absurda toma conta de mim.

— Amanda, vamos? — Ouço Caio falar meu nome de maneira tão natural, isso me aquece.

— Sim! — Sorrio abertamente e vou caminhando ao seu lado.

Na bilheteria do parque começa a primeira confusão. Antônio com seu perfil “eu sou o dono da porra toda” quer pagar as entradas de todo mundo e nenhum dos outros homens quer aceitar, incluindo o Caio.

No fim das contas chegaram à conclusão, forçada por Lucca, Aldria e Vega, que cada casal pagaria sua entrada, assim cada um arcaria com suas despesas no passeio.

Lucca e Eduardo foram os primeiros a comprar e entrar, seguidos por Aldria e Júlio. Eu estava procurando minha carteirinha da faculdade na bolsa para usar do meu benefício de meia entrada quando sou puxada disfarçadamente pelo cotovelo por Caio.

Ele para em frente à bilheteria e pede duas inteiras. Fico olhando a cena e sinto meu coração palpitando. Olho para trás e vejo Vega acariciando o rosto do meu irmão, enquanto diz algo a ele.

Caio pega os bilhetes, entrega-me um e passamos pelas catracas. Nós nos juntamos ao grupo que já tinha entrado e logo um Antônio com cara feia e uma Vega sorridente completam a turma.

— Caio, não havia necessidade de pagar a entrada da minha irmã. — Sinto minha espinha gelar.

— Não foi problema, Antônio. Não quis me sentir deslocado do grupo e como Amanda e eu somos os únicos solteiros, achei que não teria nada demais.

Antônio meneia a cabeça e eu respiro aliviada, começo a pensar que esse passeio não será tão mágico assim. Olho para Caio e ele pisca sutilmente um olho para mim e eu abaixo a cabeça escondendo meu riso.

Começamos a caminhar dentro do parque e meu desconforto inicial se foi, estou encantada com todas as luzes, barracas, crianças brincando, até mesmo a Aldria deixou a cara azeda de lado e está sorrindo.

Lucca e Eduardo param na barraca da maçã do amor e nós continuamos caminhando. Os

dois casais vão mais a nossa frente e eu retardo meu passo para acompanhar a marcha lenta de Caio.

— Onde estão os “sombas”?

— Aqui — ele responde, ainda caminhando e sem me olhar.

— Escondidos?

— Camuflados. — Ele me olha para responder e volta a prestar a atenção à sua frente.

Antônio e Vega continuam caminhando calmamente e vejo Aldria arrastar Júlio até uma barraca de tiro ao alvo. Caio me puxa pela mão até os dois e eu rapidamente me solto do seu aperto. Vejo-o me encarando com os olhos cerrados e o cenho franzido.

— Quero o maior urso. Você sabe atirar e já até me ensinou.

Fujo do olhar mortal do Caio e foco no atendente da barraca encarando Júlio. No mínimo está pensando que ele é algum tipo de policial ou pior, um bandido.

— Vou tentar.

Júlio beija Aldria e pega a sua pistola de tinta. Assim que o atendente dá o sinal ele tem exatos 40 segundos para acertar 5 alvos e ganhar o melhor prêmio da barraca.

É claro que ele conquista o prêmio e Aldria faz a festa do seu lado quando ganha um urso de quase meio metro do seu amado.

— Você quer um urso? — Caio pergunta.

— Você quer ganhar um para mim? — pergunto sorridente.

— Não seria algo difícil pra mim, então tanto faz. — Reviro os olhos para sua falta de tato.

— Tudo bem, eu não preciso de um urso.

Ele dá de ombros e continuamos caminhando. Vejo meu irmão e Vega em uma barraca de tacos, ela está devorando um enquanto Antônio a olha admirado.

— Já comendo, cunhada?

— Claro! Já estou com fome.

Logo todos nos juntamos, mas só as grávidas e Lucca que degustam da barraca. Os homens formam sua típica rodinha e ficam observando o movimento em volta.



— E aí? Como está o passeio com o *Ogrolicius*?

— Cale a boca, Aldria! O Antônio pode ouvir.

— Só ele pra não perceber o lance do ingresso — Lucca comenta, conspiratório.

— Não teve nada demais. Ele só foi gentil uma vez na vida.

— Finalmente! — Aldria fala.

— Quero andar na roda gigante! — Vega anuncia, terminando de sugar os dedos com restos de taco.

— Ai, meu Deus! — Aldria lamenta.

— *Vambora?* — Lucca pergunta.

E eu rio e concordo com a cabeça. Chamamos os meninos para irmos e quando tento andar junto do meu irmão, sinto o cós da minha calça ser puxado. Olho para trás e vejo que Caio está me segurando.

Continuamos caminhando mais atrás e o trio continua distraído seus respectivos maridos para não despertar a atenção para Caio e eu.

Chegamos à roda gigante, um friozinho toma conta da minha barriga, uma expectativa de estar lá em cima me toma. Sempre amei roda gigante, a acho linda e romântica. Algo nela sempre fez meu coração pulsar de forma gostosa.

São cadeiras duplas, então os casais sobem conforme a roda gira, passando uma cadeira por vez. Aldria e Lucca são os primeiros a subirem com seus maridos e Antônio vira-se para mim.

— Quer esperar aqui e eu vou com você depois?

— Eu vou com ela, Antônio.

— Mas vocês não vão se matar, não é?

— Querido, claro que não. Caio e Amanda são pessoas civilizadas. Venha! Vamos subir!

Vega puxa Antônio que meio a contragosto a acompanha.

Chega nossa vez de subir e Caio me ajuda a sentar, ele se senta e baixa a trava de segurança. Mesmo assim ele passa a mão pela minha frente e segura firme minha coxa.

— Segurança? — Olho para ele debochada.

— Sempre. — Ele pisca para mim e a roda gigante começa a se mover.

Assim que a roda começa a subir, sinto o mesmo friozinho subir pela minha barriga, seguro o braço de Caio e fico admirando todo o parque aqui de cima.

Sua mão sai da minha frente e passa para a parte de trás do assento, olho para ele e sua outra mão toca meu rosto sutilmente. Fecho os olhos absorvendo esse momento e logo seus lábios quentes e úmidos tocam os meus, sua língua, dessa vez, pede licença e entra na minha boca em um beijo calmo.

Um gosto diferente toma conta de nós, algo sutil, mas significativo. Parece um reconhecimento, como se algo normal estivesse acontecendo aqui e que isso seria sempre o certo.

Calmo como começou ele também terminou e não durou tempo suficiente para eu saciar meu desejo dele. Caio se afasta e volta a sua posição original, ele se mantém sério enquanto eu sorrio para a vista e aproveito esse momento.

\*\*\*

Depois de ter aquela volta mágica na roda gigante, paramos para comer em uma mini lanchonete dentro do parque e estrategicamente acabamos sentando um ao lado do outro na mesa.

Fizemos nossos pedidos e entre risos, sarros e conversas descabidas, normalmente sugeridas pela Aldria, comemos nosso lanche de forma descontraída.

Foi inevitável eu sonhar que isso poderia ser rotineiro e comum, um grupo de amigos que convivem há muito tempo, casais apaixonados que curtem a companhia uns dos outros.

Não teve como meu coração não falhar uma batida pensando que isso poderia realmente acontecer, Caio e eu, juntos, desfrutando de momentos assim, como um casal normal e apaixonado.

Rapidamente sou puxada a minha realidade, olho em direção a meu irmão e ele me encara de forma desconfiada. Posso ver as engrenagens rodando a cabeça dele por algum motivo.

— Estou estranhando vocês dois não se alfinetarem em nenhum momento dessa noite — Antônio fala e a mesa se cala.

— Quem? Caio e eu?

— Sim!

— Segui seu conselho, *irmãozão*. Chega de criancice. Caio e eu superamos as

diferenças, não é, Caio?

— Tudo em nome da paz mundial — ele diz como se estivesse entediado.

Todos começam a rir, incluindo a mim, e eu bato com o ombro nele, retrucando sua resposta atravessada. Ele me olha e sorri abertamente e como sempre, fico hipnotizada pelo seu sorriso.

Ficamos nos encarando por um momento e sou despertada pelo pigarrear do Lucca, que faz nós dois percebermos que não estamos a sós.

A conversa continua na mesa, mas eu noto que meu irmão mudou sua feição, ele agora nos analisa de todas as formas e eu começo a pensar em algo para reverter isso.

Quando estamos voltando para o carro, depois de aproveitar tudo que o parque tinha de bom a oferecer, eu acho o motivo perfeito para mostrar ao Antônio que, Caio e eu ainda nos odiamos.

— Vá falar com aquelas meninas.

— O quê? — ele sussurra.

— Antônio está desconfiado. Vai logo falar com elas.

Ele me encara com certa raiva nos olhos, eu não entendo muito bem isso, ele quem faz questão de manter tudo às escondidas entre nós e sabemos que, se meu irmão descobrisse algo, isso seria a terceira guerra mundial.

Caio balança a cabeça em negativa e vai até as meninas. As sirigaitas ficam se derretendo quando vêem esse moreno perigoso se aproximar. Meus olhos enchem de água e meu coração parece que vai explodir pelo ciúme que começa a me dominar.

— Onde está o Caio? — Antônio pergunta assim que passo pela cancela de saída.

— Está conquistando mais umas raridades para o galinheiro.

— Amanda!

Dou de ombros e continuo caminhando para o carro. Passo pela Vega e Aldria e escuto comentários como “cachorro” e “puto de uma figa”, mas não paro, acho que se eu olhar para algum deles vou entregar a raiva que está me dominando.

Caio volta sério para o carro e além das reclamações de dor nos pés da Vega, nada mais é dito a viagem inteira.

Eu estou simplesmente possessa, mas o que eu poderia fazer? Era isso ou deixar a pulga

atrás da orelha do meu irmão e, graças a essa teimosia do Caio em nos rechaçar, fui obrigada a engolir isso.



## Capítulo 21

### Eu Quero Exclusividade

# Amanda

Estou deitada na minha cama há mais de duas horas e simplesmente não consigo dormir. Toda vez que fecho os olhos lembro-me dele falando com aquelas duas e mesmo que a ideia tenha sido minha, isso não abrandava meu incômodo.

Reviro na cama novamente e acabo levantando. Vou até a cozinha buscar um copo de água, mas eu sei que não é isso que vai me acalmar.

Olho em direção ao corredor que dará exatamente na pessoa que não deixa em paz nem para dormir.

Por impulso acabo indo até lá e quando testo a porta, vejo que está aberta. Entro tentando não fazer nenhum barulho e sou surpreendida por uma mão firme e grossa tapando a minha boca.

— O que você está fazendo aqui? — Caio me vira de frente para si, segurando-me pelos braços.

— Eu precisava falar...

— Falar o quê, Amanda? Se seu irmão te pega aqui, não tem cena que o enrole.

— EU NÃO QUERO FINGIR!

Ele se afasta de mim, vira de costas e coloca as duas mãos na nuca, numa clara demonstração do seu desconforto.

— Eu não posso! Você não entende, é muito nova e ainda irmã...

— Eu sei! Eu sei que sou irmã do seu chefe; do homem a quem você é leal. Mas não me julgue pela minha idade, Caio. Não nos julgue!

— Eu não quero um relacionamento, já disse! Eu não nasci para isso, entendeu? — Ele vira, me encarando nos olhos.

— Se não me quer... Então me deixa... Ir... — Não consigo evitar a primeira lágrima que cai pelo meu rosto.

Caio tem um olhar assustado na face. Ele passa as duas mãos no rosto, deixando claro seu nervosismo.

— Eu nunca te prendi.

— Mas se incomoda com qualquer um perto de mim. Disse que seria só uma noite e depois da primeira vez nunca mais nos largamos.

— Eu não gosto daquele professorzinho de merda, isso sim. E sobre o que vivemos, é um momento, isso vai acabar.

— Não para mim... — sussurro, confessando.

Caio vem até mim, passa a ponta do indicador pelo meu rosto, limpando as lágrimas que passaram por ali.

Ele beija minha bochecha, meu queixo, meu nariz e quando ele se aproxima da minha boca, coloco as duas mãos sobre seu peito e o paro.

— Eu não quero você com outra mulher. Me incomodou o que vi hoje. Enquanto estivermos nisso, essa coisa louca, eu quero exclusividade.

— E você terá, anjo.

Selamos nosso acordo com um beijo ardente que logo é sentido por nossos corpos.

Caio toma-me em seus braços e juntos saciamos todas as palavras não ditas e os desejos incontrolláveis que carregamos.

Quando o dia está quase amanhecendo ele me acorda com beijos no meu pescoço para eu voltar para o quarto, antes que a casa desperte.

\*\*\*

Hoje faz duas semanas daquela noite maluca e eu posso dizer que estou nas nuvens.

Não estou exatamente como eu gostaria, seria perfeito poder gritar ao mundo que somos um casal e ele finalmente desse o braço a torcer que nós nos gostamos e somos perfeitos um para o outro.

O que aquele homem tem de bonito, ele tem de teimoso e grosso. Eu sei e acredito que até ele saiba que o que estamos vivendo não é somente pele, a forma como nós tratamos quando estamos juntos mostra muito mais que isso, mas por enquanto preciso viver esse amor calada.

Temos saído em todas as oportunidades possíveis, cada minuto é um momento certo e, graças a Deus, e à minha cunhadinha Vega, Antônio está passando despercebido por tudo isso.

Consegui alguns dias da semana dizer que pousaria em alguma amiga e até inventei um seminário em outra cidade só para ter tempo livre e poder ficar no apartamento do Caio sem que levantasse suspeitas.

A única coisa que tem atrapalhado todo nosso esquema é André. Caio e eu temos tido alguns desentendimentos por causa do meu professor, o comportamento de André comigo tem se tornado cada vez mais íntimo e constante, mesmo eu tentando evitar qualquer contato.

André é muito atencioso, mas tenho que concordar com o Caio que, por vários momentos, ele abusa da liberdade que não dou.

Caio tem vontade de enforcá-lo cada vez que nos vê juntos, como ele costuma dizer, André invade meu espaço pessoal e só isso já poderia ser considerado assédio moral.

Outra que anda estranha é a Claudinha. Finalmente eu contei a ela sobre Caio e eu e ela não pareceu feliz como imaginei que ficaria.

— Não acredito que me escondeu isso!

— Eu não escondi, Claudinha. Só não estava preparada para falar.

— Bom, cada cabeça sua sentença, não é assim que dizem?

— O que você quer dizer com isso?

— Amiga, Caio sempre foi o sonho de qualquer adolescente, mas ele não é príncipe para ninguém. O cara é um ignorante, grosseirão e mal-humorado. Eu sou mil vezes o André!

— De onde veio isso, Claudinha? Você sempre me incentivou e me provocou em relação ao Caio, e quando finalmente a coisa que mais desejei no mundo acontece, você fala isso?

— Ai, amiga, sem drama. Eu sempre achei que isso que você sentia por ele era algo mais platônico. Nunca imaginei a possibilidade real.

— Mas aconteceu! E eu o quero! Eu o amo!

— Calma, Amanda. Vamos devagar, ok?! Ainda acho que você poderia dar uma chance para conhecer o André. Pelo que me contou, Caio não tem nenhuma intenção de te assumir.

— Eu não quero o André! — esbravejo.

— Tudo bem! Eu entendi. Só pense com carinho pra depois não quebrar a cara. Se fosse eu no seu lugar, não pensaria duas vezes para pegar o professor gostoso. Preciso desligar agora, beijos.

— Ok, beijos. — Solto o ar que estava prendendo.

Ela não reagiu nem um pouco como eu esperava. Anos falando de Caio, desejando Caio, xingando Caio e ela sempre esteve ali, ao meu lado. Agora vem tentar me dizer que André é a



melhor opção.

Pensando bem, seria muito bom para mim se a Claudinha realmente saísse com o André. Talvez assim ele esquecesse um pouco de mim e Caio melhoraria o humor quando estou na faculdade.

Entro na sala de ensaio e vejo Carla dando as últimas coordenadas para algumas alunas. Falta só uma semana para a apresentação e a única coisa que consegue manter meu nervosismo sob controle, são as noites maravilhosas que tenho passado com meu *Ogrolicius*.

— Amanda! Que bom que está aqui. Vamos repassar sua coreografia.

— Sobre isso mesmo que quero falar com você. Eu fiz uma pequena alteração no final e gostaria da sua opinião.

— A essa altura dos ensaios? — Ela me olha espantada.

— Sim! Você vai gostar. — Rio sem graça e vou até o aparelho dando *play* na minha música.

Ao contrário das outras vezes em que dançava de olhos fechados, hoje estou bem atenta. Executo todos os passos de forma ritmada e consigo cravar todas as entradas.

Nos últimos momentos antes da música acabar finalizo da forma que idealizei e treinei sozinha, olho para trás e vejo Carla parada de braços cruzados com o rosto impassível.

— E então? — Puxo o fôlego, respirando.

—Incrível. Perfeito.

Dou um pulo rindo e Carla se contagia com a minha reação.

— Tenho certeza que ele vai amar.

— Ele? — Paro minha dancinha feliz e encaro Carla.

— Sim. Sua dança traduz exatamente isso. Você dança exclusivamente para um homem. Se ele vier, vai adorar te ver.

Sorrio tímida. Sinto meu rosto ruborizar gradativamente e penso em Caio.

Carla aguçou a dúvida que vem rondando minha cabeça há quase um mês. A expectativa de tê-lo na plateia e assistindo a dança que eu montei totalmente inspirada nele, está me tirando totalmente a razão.

Espero que ele enxergue em meus passos tudo aquilo que eu tenho vontade de lhe

mostrar e dizer, mas a coragem e o medo de perder tudo que temos, não me permite falar.

# Caio

Eu não me lembro da última vez que senti minhas mãos suarem dessa forma. Acho que foi quando empunhei uma arma pela primeira vez ainda na escola naval.

Aprendi muito cedo a controlar meus sentimentos, principalmente em momentos de conflito. Nada me preparou para o que tenho sentido hoje durante todo o dia.

Ela, aquele anjo de corpo sedutor, está mexendo com minha cabeça. Aos poucos ela está se infiltrando em mim e tomando conta dos meus pensamentos e, por Deus, eu sei o quanto isso é perigoso, mas eu não consigo evitar.

Hoje será um dia importante para ela, sua avaliação para a nova fase no seu curso vai acontecer e ela depende do bom desempenho para conquistar isso.

E eu estou o dia todo atormentado por isso. Eu estarei lá, mas seus familiares também, seu irmão, os amigos e até aquele professorzinho de merda. Terei que me controlar para não a tomar em meus braços e gritar para todos que quiserem ouvir que ela é minha.

*Minha!*

Eu relutei, ainda reluto, só que não consigo evitar o sentimento de posse que me toma quando penso nela, menciono seu nome ou principalmente se vejo algum imbecil olhá-la.

— Caio!

— Sim, senhor — respondo à Antônio.

— Pare com isso, Caio! Você já não é mais meu funcionário e sim dono de uma empresa terceirizada.

— Eu sei, mas é o costume.

— Então se acostume a me tratar por igual. Você já está com a lista da segurança da minha família?

— Sim, está pronta e depois de hoje eles assumem — Antônio me olha confuso.

— Achei que eles assumiriam hoje no evento.

— Eles estarão lá para treinamento e ajustes, mas a guarda de hoje ainda será feita por mim — omito o fato de que eles já estão prontos.

Eu não teria motivo nenhum para estar lá, mas como explicaria minha presença na

apresentação de Amanda sendo que até tão pouco tempo nos tratávamos com farpas e alfinetadas?

Estar lá fazendo a última guarda é o motivo perfeito para vê-la se apresentar e poder, mesmo que de longe, mostrar que eu fui por ela.

Nós não falamos sobre isso e eu ainda não estou assumindo nada, mas quando Antônio sugeriu meu afastamento direto da sua segurança eu achei perfeito.

Assim não me sinto totalmente um canalha enganador e não tenho mais o vínculo protetor direto deles.

A quem estou enganando, eu ainda serei o homem de confiança do irmão da garota que eu estou fodendo feito um louco, mas eu sinto que algo mudou.

Algo dentro de mim tem sede dela, a quer pra si, para protegê-la e cuidar para que nada aconteça, para que ninguém se aproveite da sua inocência. Mesmo Amanda sendo petulante e língua dura, ela também é doce e pura. É meu anjo, que traz o melhor e o pior de mim a todo o momento e me faz acreditar que, mesmo no meio dessa bagunça, tudo está certo.

— Então vamos. Quero chegar cedo, Claudio disse que vai filmar tudo e quer sentar nos melhores lugares.

Rimos do tom tedioso com que Antônio menciona isso, somente Claudio e agora Vega conseguem convencê-lo a fazer as coisas mais absurdas, só para vê-los satisfeitos.

— Sim, senh... — Antônio me encara. — Antônio!

\*\*\*

Deixo Antônio no apartamento e vou até o meu buscar minhas coisas. Com a cabeça ocupada com ela, eu acabei me esquecendo de trazer meu terno para o apartamento dos Machado.

Aproveito e tomo banho em casa mesmo, coloco meu terno preto e camisa branca, deixo meu cabelo jogado e não coloco gravata. Não quero parecer um segurança, mesmo estando nesta posição hoje.

Quero que ela olhe para mim e veja em meus olhos que eu estou ali para apoiá-la, para aplaudi-la e estar presente como seu homem em um momento tão importante de sua vida.

Quando chego ao apartamento de Antônio para pegá-los, fico puto por saber que ela não está lá. Não nos vemos desde o dia anterior de manhã, quando ela subiu para seu quarto no apartamento do irmão, depois disso eu saí com Antônio e fiquei sabendo por ele que Claudio

chegou de viagem e que ela foi buscá-lo no aeroporto e de lá já foram para casa.

Esqueci completamente que Claudio chegava hoje e isso me lembrou de que essa rotina de a ver todos os dias, praticamente iria diminuir drasticamente, ou não.

Estando agora, desligado diretamente de Antônio e Amanda voltando para sua casa, teremos mais liberdade de nos encontrarmos e quem sabe, ela poderá ficar mais em meu apartamento.

*Que pensamento foi esse?*

Quando dou por mim, chegamos ao teatro da cidade. Pelo que Amanda me contou, a apresentação seria um espetáculo normal, porém com avaliadores para olhar o desempenho de todos que se apresentarão.

Sou o primeiro a descer e logo vejo os “sombas” ocupando seus lugares e cobrindo o perímetro. Contorno o carro e abro a porta dando passagem para Antônio que estende a mão para Vega e ambos vão a minha frente.

Sinto um tremor passar por mim e num gesto nervoso passo minhas mãos na calça, elas continuam suando. Meu coração acelera quando entramos no auditório, olho todos os lados, mas me esqueço completamente dos padrões de segurança, eu procuro por ela, mesmo sabendo que não está aqui.

Logo Antônio localiza sua cadeira e ao lado dele estão todos que vieram para prestigiar meu anjo. Lucca, Eduardo, Aldria, Júlio, Claudio e André. Aquele filho da puta arrumou um lugar perto dos familiares dela, de certo querendo se mostrar presente e se aproximar.

Fecho ainda mais a minha cara, o mau humor começa a tomar conta de mim e começo a respirar irregularmente. Abro e fecho as mãos em punho, eu preciso manter o controle, qualquer movimento duvidoso eu posso levantar uma suspeita que eu não quero.

Sinto meu bolso vibrar e pego meu celular, parte da minha raiva se dissipa quando vejo de quem se trata.

**Amanda - Oi, gatão!**

**Eu – Olá, meu anjo.**

**Amanda – Já está aí fora?**

Penso em mentir e dizer que não vim, pois não estaria na guarda de hoje, mas não tive coragem. Eu vi como ela ficou ansiosa todos esses dias no último mês e as incontáveis vezes em que ela perguntou se eu viria e eu sempre me limitei a responder que dependeria da escala dos

“sombras”.

**Eu – Sim. Todos estamos aqui.**

**Amanda – Então aproveite o show.**

Fico intrigado com essa mensagem. Nada do que Amanda fala é literal, ela sempre quer dizer algo a mais ou mostrar o outro lado do que fala. Começo a pensar que ou vou amar esse espetáculo, ou corro o risco de sair daqui algemado.

Todas as luzes se apagam, guardo meu celular no bolso e sinto novamente o tremor e a sudorese tomando conta de mim. Dou um comando no intercomunicador para que todos redobrem as atenções, pois eu agora só tenho olhos para o palco e para o anjo que acaba de entrar nele.



Capítulo 22  
Você Comanda!

# Amanda

Termino de me alongar, respiro fundo e tento ao máximo isolar tudo que está a minha volta. A movimentação na coxa está frenética, olho para meus companheiros e orientadores e o entusiasmo e apreensão é a mesma no rosto de cada um.

Tudo tem que sair certo, tem que sair perfeito para que cada um conquiste o que tanto quer. Alguns aqui têm olheiros de companhias consagradas os avaliando, eu realmente só quero passar com uma boa colocação para minha próxima fase e em pouco tempo ter concluído meu curso.

Fecho os olhos e meu coração se ilumina com a imagem dele, meu *Ogrolicius*, na minha mente. Ele foi o meu melhor presente e distração da pressão de tudo que venho vivenciando na minha vida.

Apesar de Caio ser fechado e não se comunicar muito, eu sei que ele me ouve e com esse convívio intenso, por várias vezes, eu me peguei contando a ele todas as minhas dificuldades e apreensões com a apresentação.

E a melhor maneira de me distrair disso tudo, era me jogar em seus braços e permitir que ele possuísse cada célula do meu corpo, fazendo me sentir querida, desejada e protegida.

Não resisto e pego meu celular e troco mensagens com ele, não o vejo desde ontem de manhã, quando deixei sua cama e, depois disso, eu fui buscar meu pai no aeroporto e voltei para minha casa.

Sorrio ao lembrar-me de meu pai dizendo o quanto mudei desde que ele partiu. Disse que estou mais madura e que o brilho nos meus olhos mostra a quem quiser ver que eu finalmente achei meu lugar no mundo.

Tentei justificar isso alegando que a apresentação e o início da construção do meu Studio de Dança, foram determinantes nessa mudança, mas, como sempre, o bom e velho Sr. Claudio balançou a cabeça dizendo que ele conhecia esse brilho muito bem, pois aconteceu o mesmo com ele quando conheceu minha mãe.

Meu pai me conhece melhor do que qualquer outra pessoa, e eu, como não consegui negar, simplesmente me calei.

— Está pronta?

— Carla! Oi! — cumprimento-a surpresa, pois ela disse que não viria.



— Olá, querida. Estarei na coxia torcendo por você.

— Obrigada!

Escuto o primeiro sinal e sei que é a minha deixa. Preciso ir para a concentração, já que serei a primeira a apresentar meu solo. Vejo ao longe Claudinha. Ela anda tão diferente, está distante. Eu entendo a mudança entre nós, afinal ela está partindo e eu estou seguindo com meu sonho de adolescente, mas eu sinto que não é só por isso.

Toda vez que nos falamos ou que eu a vejo me observando, sinto que algo em mim está incomodando-a e por mais que já tenhamos conversado sobre isso, ela sempre nega dizendo que está com a cabeça muito cheia.

Vejo uma roda se formando com os dançarinos dessa primeira parte e me incluo nela. Nossa professora e mentora do espetáculo pronuncia algumas palavras de incentivo, determinação e foco, fazendo-nos colocar mente, corpo e espírito neste momento.

O segundo sinal é dado e todos me olham, é minha deixa para me colocar na minha posição no meio do palco e aguardar as cortinas se abrirem.

Fecho os olhos por um segundo e na minha imaginação vejo Caio me olhando atentamente, assim como no dia em que posei para o Lucca, naquele ensaio fotográfico.

Abro meus olhos quando o primeiro acorde soa e eu começo a dançar. Toda a pressão que eu sentia em meu corpo se dilui em meus movimentos, me permito colocar para fora tudo que eu guardava.

Este é o meu momento e, principalmente, eu quero que Caio veja em cada giro o quanto é intenso os meus sentimentos por ele. Cada passo foi pensado e executado em tudo que eu sentia e oprimia dentro de mim e agora eu quero que ele veja.

Na primeira parada que faço com o corpo em diagonal, olho a frente e só o vejo. Parado, em um canto no auditório ele me olha e não sei dizer exatamente o que aquele olhar me traduz.

Giro novamente seguindo os passos, mexo meu corpo conforme o coreografado, mas diferente dos ensaios, agora eu não me sinto mais num solo.

Olho novamente para Caio e sua postura está rígida, suas mãos no bolso e seu foco estão inteiramente em mim. Seu olhar me queima e a cada movimento que faço sinto como se suas mãos me guiassem.

Sinto seu toque em minha pele através do olhar, mesmo de longe percebo o vinco em sua testa, sinto a energia entre nós e o medo de que ele veja tudo que sinto me toma e eu fecho

meus olhos.

Rumo para o final da coreografia ainda de olhos fechados, mas ainda assim posso sentir seu olhar queimando cada célula do meu corpo, é um dueto.

O nosso dueto.

Chego ao final da coreografia e finalizo como havia mostrado a Carla, giro dando as costas para a platéia e me curvo para frente, escorregando minhas mãos da minha bunda e as descendo pelas espalmadas pelas minhas pernas até alcançar os tornozelos.

Curvo meu tronco para o lado e olho para trás, abrindo meus olhos.

Sou aprisionada no olhar fugaz que Caio mostra em sua face. Estou ofegante, ansiosa e muito abalada.

A música acaba e as cortinas se fecham.

Está feito!

## Caio

Estou bufando.

*Inferno!*

Isso foi para mim. Tudo isso foi para mim.

Eu não sei explicar como, mas de alguma forma eu sei que tudo o que Amanda fez no palco era para me mostrar alguma coisa. Eu ainda não sei exatamente o que ela queria dizer com tudo isso, mas eu vou descobrir.

Passo o peso de perna em perna inquieto, tiro as mãos do bolso e percebo que estou suando mais ainda. Só me dou conta dos que estão a minha volta quando sinto a mão de Júlio apertando meu ombro.

—*Tá* tudo bem, cara?

— Hã?! Sim! Tudo sob controle.

—*Tá* com uma cara...

— Cara? Não, não tem cara nenhuma. Estou trabalhando.

— Sei.

Vejo que Antônio e os outros já estão de pé e caminham em direção à área reservada.

— Eles vão até o camarim cumprimentá-la — Júlio me explica.

— Entendido.

Sigo-os mais de longe, limpo meus pensamentos e foco na guarda de todos eles.

Mesmo me mantendo atento ao meu trabalho, sinto que a cada passo que dou meu coração martela no peito. Eu preciso vê-la sozinho, quero falar com ela e entender toda essa merda.

Eles entram por uma pequena porta que foi indicada como o camarim dela, eu penso em entrar, mas me lembro que minha função é guardar a porta e ficar de fora.

Para que eu entraria? Esse momento cabe aos familiares e amigos e a ninguém mais, eu sou só o segurança da família, logo não tenho que estar lá e confraternizar com esse momento íntimo.

Um dos “sombas” se posiciona do outro lado da porta, começo a bater um pé no chão, estou impaciente.

Minha sanidade vai ao chão quando vejo um loiro engraçadinho se aproximar do camarim. Aquele infeliz do professor para em frente à porta do camarim, eu o fuzilo com o olhar, mas ele não se abala comigo e dá uma batida na porta, entrando em seguida.

— Filho da puta! — Solto sem conseguir me conter.

— Senhor? — o “sombra” ao meu lado pensa que falei com ele.

— Nada! Continue guardando a porta, eu já volto.

Saio a passos pesados, não peço licença, mas as pessoas magicamente saem do meu caminho. Provavelmente a cara de poucos amigos que exibo deve estar amedrontando-as e para não correrem o risco de serem arrastadas por mim, optam por liberar meu caminho.

Alcanço a entrada e desço as escadas para rua, não sei o que estou fazendo e nem para onde ir, só sei que preciso extravasar parte da minha raiva, ou eu farei uma besteira épica.

Vejo um vaso grande bonito no final da escada e ele acaba de se tornar meu alvo. Assim que o alcanço eu o chuto com toda a minha força, ele balança, mas não sai do lugar.

Chuto com a sola do pé mais três vezes e solto um rugido.

— Chefe?!

— O que é? — Olho enfurecido para o segurança que estava do lado de fora.

— Tudo bem?

— Está tudo ótimo!

Levo minhas duas mãos à nuca e giro em círculos no mesmo lugar, esbravejando coisas incoerentes. Momentos se passam e com isso minha raiva se abrandando, adormece e eu me sinto melhor para voltar lá dentro.

Antes que eu siga meu caminho de volta, um senhor de idade passa por mim e ele tem um balde de botões de rosa. Tenho uma ideia e sem pensar direito acabo seguindo meu instinto.

\*\*\*

Dou duas batidas discretas na porta do camarim e abro-a. Entro discretamente e vejo todos conversando ao mesmo tempo e o alvo de todos os assuntos é ela, meu anjo.

Ela tem nas mãos um lindo buque de rosas vermelhas, grande e bem chamativo. Olho em volta e vejo vários vasos de rosas nas mais variadas cores e, por um momento, me sinto ridículo com o pequeno botão que trago atrás de mim em uma das minhas mãos.

— Caio! Já estamos indo, só esperar a Amanda se trocar — Antônio esclarece assim que me vê.

Concordo com a cabeça e olho na direção dela e seus olhos estão cravados em mim. Ela sorri docemente em minha direção e eu me mantenho impassível.

— Espero que tenha gostado das flores — o professorzinho de merda comenta, apontando para as flores que estão nos braços dela.

— Eu amei. Obrigada, André. — Minha ira começa a dar sinal de vida.

Aperto minha mão em punho e sinto o botão de rosa se dissolver em meus dedos. Solto a rosa destrocada ali mesmo e ainda tenho que assistir aquele bosta abraçando Amanda.

— Senhor, vou esperar lá fora.

Antônio concorda e eu saio o mais rápido que posso dali. Onde eu estava com a merda da minha mente quando fiz isso?

É claro que eu não poderia entregar aquela rosa para ela na frente de todo mundo, nem a cumprimentar direito eu pude. Ela não é nada minha, essa não é a nossa realidade, mas nada disso abrandando a fúria que estou sentindo.

Tomo a melhor decisão no momento e entro em um dos carros da segurança e dou

partida. Não tem nada para mim aqui, eu não me encaixo em nada e nem que quisesse, ela não é para mim.

\*\*\*

Olho pela pequena janela do meu apartamento, sinto meus lábios esquentarem com o líquido que umedece eles, meu whisky. Minha melhor companhia para hoje.

Cheguei ao meu apartamento e mandei uma mensagem para Antônio avisando que a nova equipe estaria assumindo a partir dali e que eu tinha uma emergência na empresa para resolver.

Solto meu corpo no sofá e libero a lufada de ar que me oprime, mas nada mudou. Fecho os olhos se o incômodo se intensifica. As imagens do meu anjo dançando para mim começam a rondar meus pensamentos, os momentos dela dançando aqui nesta sala se misturam com os movimentos que ela fez hoje naquele palco e eu deliro.

Ela terminar aquela dança da mesma forma que eu a comandeí aqui nesta sala, feiz minha cabeça pirar, meu pau endurecer e meu instinto assassino aflorar.

Cada maldito filho da puta lá dentro estava no mesmo estado que eu, desejando e venerando cada curva daquele corpo pecador, sonhando em poder tomá-lo para seus desejos mais imundos.

— Porra! — Esbravejo.

Vou para o chuveiro, precisando urgentemente acalmar meus pensamentos. Eu nunca me senti tão fora de mim e sem controle como aconteceu hoje.

A qualquer momento eu poderia fazer uma grande besteira e colocar tudo a perder. O pior de tudo, eu estragaria uma amizade e confiança a troco de nada.

Eu sei que Amanda e eu não temos futuro algum. Em algum momento ela vai perceber que o que vivemos é um momento, intenso e carnal. Um desejo que vai além da sanidade de ambos, mas que no fim das contas vai pesar a realidade.

Escuto um barulho na minha porta, saio rapidamente do chuveiro, enrolo uma toalha na cintura. Passo pelo meu quarto e pego minha arma e vou até a sala. Se algum idiota está tentando se dar bem hoje, escolheu o apartamento errado.

Com a arma em punho eu estaco no meio da minha sala quando vejo quem é o invasor da minha residência.

Ela! Meu anjo sedutor está parado no meio da sala e no susto de me ver armado ela

levantou as duas mãos para o alto e me olha com uma feição assustada.

— Cacete, que susto! — Abaixo minha arma.

— Eu que digo, já que a arma estava apontada para minha cara — ela fala indignada.

— Você invadiu meu apartamento. Queria o quê?

— Você deixou tudo aberto. — Ela dá de ombros.

— O que faz aqui?

— Vim buscar minhas felicitações, já que você foi o único que não me cumprimentou — diz sorrindo, sapeca.

Todos os meus pensamentos nebulosos se desfazem da minha mente e o incômodo que eu sentia até poucos minutos atrás, não fazem mais parte de mim.

Em dois passos eu alcanço a responsável pela minha insanidade completa e erguendo-a em meus braços eu tomo posse de sua boca. Eu a invado, mordo, chupo e sugo tudo que ela possa me dar. Em poucos minutos estamos ofegantes e eu percebo que já estou sem toalha e ela sem metade da roupa.

— Você é rápido! — Ela sorri safada.

Não respondo e a jogo no sofá, ela se assusta, mas continua com um sorriso malandro no rosto e isso é pista para colocar minha escuridão para fora.

Coloco um joelho no vão das suas pernas, me inclino e passo minha mão por baixo da sua nuca. Seguro um punhado dos seus cabelos na minha mão, assim mantenho o controle da sua cabeça.

Puxo-a para cima, ela vem de bom grado. Vejo seus olhos queimando de desejo, ela sabe que neste momento ela só pode me obedecer. Sem brincadeiras, gracinhas, concessões, nada e absolutamente nada vai acontecer sem meu comando.

Passo meus dedos livres em seus lábios e ela os entreabre. Enfio dois dedos na sua boca e ela passa a sugá-los com vontade. Gemo quando imagino essa sucção em volta do meu pau e é exatamente isso que faço.

Tiro meus dedos da sua boca e inclino meus quadris em sua direção. Meu anjo abre a boca e me encara nos olhos. No momento em que ela toca seus lábios e sua língua gostosa no meu membro ambos gememos de prazer.

Ela passa a sugá-lo com vontade e eu não resisto ao prazer e acabo fechando meus

olhos. Se eu continuar a olhar meu pau entrando e saindo daquela boca petulante, eu vou acabar bancando o maldito adolescente e gozando em minutos.

Sinto suas mãos segurando em meus quadris puxando minha pélvis mais rápido em sua direção. Ela quer que eu goze, mas hoje ainda não percebeu que o comando é todo meu.

Puxo seu cabelo que ainda seguro em punho para trás e encaro seus olhos. Aposto que ela está toda molhada e eu vou adorar me fartar dela.

— Eu comando. Eu digo quando. Eu decido o quê. Entendeu?

Ela não responde e eu belisco seu seio direito. Ofega e tenta juntar as pernas para aliviar a tensão em sua intimidade, mas meu joelho está ali e ela acaba se esfregando nele.

Afasto minha perna do seu contato e a encaro, esperando por sua resposta.

— Sim... Eu entendi... Você comanda! — Ela está muito ofegante e eu sei sua excitação está no limite.

— Bom... agora venha aqui que eu vou te fazer gozar.

Ela fica de pé e eu a seguro pela cintura com uma mão, a outra escorrega pelo seu caminho pecaminoso e com dois dedos eu a penetro sem pedir licença.

Meu anjo geme e joga a cabeça para trás fechando os olhos, meus dedos continuam em um movimento ritmado entrando e saindo dela e sinto-a se umedecer ainda mais, ela está perto.

Beijo seu pescoço e desço minha língua pela sua clavícula abocanhando o bico do seu seio. Eles são macios e deliciosos, eu passaria horas mamando-os e degustando o quanto ela aguentasse.

Sinto sua barriga contrair e o primeiro espasmo da sua boceta suga ainda mais meus dedos para dentro dela. Não aguento esperar, eu rapidamente sento no sofá e a puxo para meu colo, fazendo-a encaixar perfeitamente no meu pau, que já baba por ela.

Ela urra de prazer e eu abocanho seus seios novamente e a ajudo se mover em mim. Os movimentos são rápidos, intensos e desejosos. Amanda já está no seu limite e eu sinto que o meu se aproxima feito um trem.

Com mais três estocadas profundas eu sinto sua boceta apertando freneticamente meu pau e não consigo segurar o prazer tomando conta de mim e como um choque incontável, eu gozo dentro dela.



Capítulo 23  
Santa Inquisição



# Amanda

Sinto o leve passar dos dedos do Caio nas minhas costas e meu corpo se arrepia. Estou deitada sobre seu peito com uma perna e um braço transpassados sobre ele.

Posso ouvir seu coração agora batendo ritmado. Caio me possuiu três vezes seguidas. Ele parecia determinado em me marcar inteira, me tocar inteira e me envolver inteira.

É como se ele precisasse me mostrar algo que somente com o sexo ele conseguia, e o fez. Por três vezes ele me levou à loucura e em todas elas nós chegamos ao êxtase juntos.

— Você toma remédio?

— Comecei a tomar depois de... Você sabe...

— Depois que eu te comi?

Mas é um cavalo mesmo.

— Exato, senhor delicado.

— Desculpe. É só modo de falar.

— Bem grosseiro, por sinal.

Caio se mexe, pegando meu rosto com a mão livre e inclinando meu queixo e fazendo eu encará-lo.

— Não achou grosseiro meu linguajar enquanto eu te fodia agora há pouco.

— Ah, Caio! Você não tem jeito — Solto-me de seu aperto e tento levantar da cama, só para ser puxada por ele novamente.

Continuo tentando me soltar, mas ele, sendo mais forte, mais pesado e muito mais habilidoso que eu, gira comigo e me deixa embaixo do seu corpo. Guerra perdida.

— Me solta, seu Ogro!

— Tá nervosinha? Tenho um ótimo remédio pra você.

— Nem ouse!

— Está me desafiando? — Vejo a expectativa brincando em seus olhos.

— Não. Só quero que me solte — falo em tom de incômodo.

Caio morde a isca e alivia seu peso sobre mim e eu aproveito seu vacilo e o empurro, conseguindo girar meu corpo para ficar em cima dele.

— *Te peguei.*

Ele sorri de lado com meu atrevimento, puxa minha nuca com uma mão e beija minha boca com vontade. Sua outra mão desliza para minha bunda e o sinto apertá-la com força e depois vem o tapa estalado que arde no mesmo instante.

— Ai! — Interrompo o beijo.

— Não seja atrevida! — Eu sorrio e ele acaricia meu rosto.

— Por que quis saber se eu tomo remédio?

— Porque hoje nós transamos três vezes sem proteção e eu não quero que nada de mau te aconteça.

— A única coisa que poderia acontecer é você me engravidar.

— Nem brinque com isso. — Ele arregala os olhos e eu rio.

— Você não quer ser pai? Não tem vontade de ter uma família?

— Não! — Sinto seu incômodo com minha pergunta.

— Por quê?

— Eu não acredito nisso. Não acho que alguém possa ser feliz preso a alguém.

— Mas ter família não é prisão, Caio, é uma benção. Você tem família, não tem?

— Sim, tenho. — Ele se mexe desconfortável e eu saio do seu colo e deito-me ao seu lado de novo.

— E como eles são? Você tem irmãos? Quantos?

— Muitas perguntas, *Srta. Curiosa*. — Ele vira de lado e bate o dedo indicador na ponta do meu nariz.

— E você nunca responde.

— Porque não tem importância.

— É sua família. Como não tem importância?

— É complicado... *Me* responda você, como veio para cá tão rápido? Achei que ia sair com eles para comemorar.

— Saímos para um drinque rápido e eu dei a desculpa de que ia encontrar meus colegas para comemorar.

— Garota esperta.

— Por que foi embora? Achei que ficaria lá até o final.

— Eu fiquei até o final. Quando acabou eu fui embora. Missão cumprida. Nova equipe integrada e eu não sou mais segurança pessoal do seu irmão.

— Não me referi a isso, mas já que falou, fiquei sabendo ontem pelo meu irmão. Por que não me falou?

— Não tinha porque falar.

— Entendi. Eu vou tomar um banho. — Levantei-me devagar.

Meu coração estava batendo na minha garganta e eu rezava fervorosamente para conseguir chegar ao banheiro sem derramar as lágrimas desesperadas em meus olhos.

Ele não foi ao evento por mim.

Ele ia partir da minha vida sem dizer mais nada. Como é um contrato que chegou ao fim, ele sairia da segurança da minha família e eu nem seria comunicada disso.

Alcanço o banheiro e antes que eu consiga fechar a porta, a primeira lágrima rola pelo meu rosto. Sinto algo me impedir de fechá-la e logo vejo uma mão grande e firme passar pelo vão e forçar a porta a abrir.

Eu não luto. Simplesmente me afasto da porta, vou para o chuveiro antes que ele consiga ver meu rosto. Abro a ducha e com a água ainda fria eu entro nela sem pestanejar, deixando-a levar não só meu corpo, mas principalmente minhas lágrimas sentidas.

Sinto suas mãos no meu ombro, ainda de olhos fechado ele me gira de frente pra si, seu corpo se aproxima do meu e é impressionante que mesmo ele sendo bem maior que eu, nos encaixamos perfeitamente.

Caio segura minha cintura, eu tenho as duas mãos espalmadas em seu peito, ainda de olhos fechados eu sinto seus dedos grossos passarem por meus lábios.

Os dedos se afastam e logo sinto seu hálito pairando em minha boca, pedindo permissão para sentir meus lábios. Eu inclino minha cabeça na sua direção e ele finalmente me beija.

Seus lábios tocam os meus de maneira gentil, o aperto que eu sinto abrandar, mas ainda está presente. Dói saber que eu sou descartável em sua vida. Cada vez que me deparo com essa

realidade crua, sinto meu coração sangrar um pouco mais.

— O que foi, anjo? O que eu fiz de idiota para te fazer chorar?

— Quem disse que estou chorando? — Eu o encaro.

— Isso. — Ele aponta para meu coração.

— Não é nada. Eu só... Eu achei que quando chegássemos ao fim, pelo menos teríamos uma despedida, sei lá. Uma conversa que fosse.

— Quem disse que chegamos ao fim? — Ele tem um olhar espantado.

— Você. Você disse que hoje foi seu último dia e que o contrato encerrou, por isso foi no evento e depois partiu.

— E o que isso tem a ver com a gente?

— Eu pensei que você não me procuraria mais, afinal, não teríamos mais contato nenhum.

— Anjo, não seja boba. Agora, mais do que nunca, nós teremos o máximo de contato possível. Eu não sou mais diretamente o homem de confiança do seu irmão e não tem como ninguém controlar meus horários, lugares e principalmente com quem estou.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer que eu vou ter você quando, onde e como eu quiser!

— Quem disse que eu quero? — Tento esconder minha animação e pingo petulância em minhas palavras.

— Você pode não falar muito, mas já seu corpo... Ah, esse diz tudo que eu preciso saber.

Ele volta a me beijar, agora, com intensidade e fome. Caio consegue me dominar com tão pouco e em segundos estou entregue em sua teia. Me deixa ir.

— Escuta... — Ele interrompe o beijo.

— O que foi? — pergunto ofegante.

— Aquela dança... Foi pra mim, não foi? Você a terminou do jeito que eu...

— Que você me fez dançar pra você.

— Eu quis te matar e te devorar ao mesmo tempo, maluca!

— Gostou?

— Ficar puto e de pau duro ao mesmo tempo conta?

— Caio! — Dou um tapa no braço dele.

— É a verdade! — Ele me enlaça e dá um beijo estalado na boca.

Seguro seu pescoço com as duas mãos e ficamos nos encarando por um momento.

— Promete sempre me falar a verdade? Sempre?

— Sim! Eu juro! — Seus olhos escurecem e para selar nosso acordo velado, Caio me beija e novamente me entrego aos sentimentos que sempre transbordam de mim quando ele age assim.

\*\*\*

— Acorda, dorminhoca!

— Hum...

— Anjo, vamos? O que vai dizer ao seu pai? São quase onze horas da manhã.

Dou um pulo da cama como se tivesse levado um choque. Escuto a gargalhada de Caio enquanto corro nua para o banheiro, a fim de tomar uma ducha rápida.

Quase uma hora depois estou a caminho de casa no meu carro. Claro que foi a briga do século com Caio, já que ele queria e insistia que ele deveria me levar e eu argumentando que, para dizer que dormi com uma amigae ele estando afastado da segurança direta da família, eu tinha que chegar sozinha a casa.

Estaciono meu carro na minha garagem e já sinto uma dor de cabeça surgindo. O carro do meu irmão está parado na vaga dele e eu sei que assim que eu passar por aquela porta ele vai começar a gritar.

Respiro fundo e decido enfrentar de uma vez a santa inquisição. Para numa manhã de quinta-feira ele estar aqui em casa é por que a coisa é séria.

Pego meu celular para verificar as mensagens, vejo que a bateria descarregou e acabo me xingando internamente de todos os nomes. Que vacilo tamanho jumbo.

Passo pela porta e vejo um aglomerado na sala de casa. Meu pai sentado na sua poltrona habitual, lendo algum romance histórico. Vega de pé com uma vasilha de algo e mastigando, Cida, a empregada, com um terço na mão rezando e ele, meu querido irmão Antônio parado de costas para mim, admirando o grande retrato da nossa mãe que ocupa a sala.

—Chica! — Vega desperta a atenção de todos e vem até mim.

— O que está acontecendo aqui? — pergunto, fingindo inocência.

— Esperamos que você explique, Amanda! Onde diabos você se meteu de ontem para hoje? — Antônio se vira para mim e vejo preocupação em seus olhos.

— Eu estava na Claudin...

— Nem pense em mentir! Falamos com a Claudinha ainda de madrugada e ela disse que não te via desde o fim da apresentação e que, inclusive, você não apareceu na comemoração. Onde você estava? — Antônio agora parece nervoso.

— Calma, querido. Amanda já é adulta e...

— NÃO ME VENHA COM ESSA, VEGA!

Ela e eu nos assustamos com o grito que Antônio soltou. Ele nunca, jamais, falou assim com ela e nem comigo. Cida, que até então estava calada observando, caça o rumo da cozinha sem nem olhar para os lados.

Escuto o livro do meu pai fechar com força e ele se levanta.

— Antônio, acalme-se! Minha filha, onde você estava e não precisa temer para falar, Vega foi muito sabia em lembrar que você é uma adulta.

— Um adulto responsável avisaria sua família onde está, com quem está, e o que está acontecendo! — Antônio gesticula.

— Assim como você fazia aos dezoito anos, Antônio? — Meu pai vira-se para ele calmamente.

Por algum motivo, Antônio transforma seu rosto e senta na poltrona próxima da lareira.

— Filha, o que aconteceu? — Respiro fundo. Chegou a hora!

— Eu estava com meu namorado, pai.

— O QUÊ?

— Antônio! — Meu pai chama sua atenção e vira-se para mim novamente. — Namorado?

— Sim... Não... Ai, pai! É complicado!

— O brilho dos seus olhos... Entendi. — Sorrio para ele fracamente.

Sinto meu rosto molhar com lágrima se vou até ele, abraçando-o.

— Não acredito que ficará por isso mesmo! Claudio? Você não vai exigir que ela diga quem é? Que o traga aqui?

— Já chega! Você já está passando dos limites! Não é à toa que quando o conheci te chamei de *gilipollas*! É isso que você é! E não pense que eu me esqueci de que gritou comigo e pior, com o seu filho! — Vega explode como a boa espanhola que é e eu vejo meu irmão, um homem de mais de um metro e oitenta, se reduzir a pó.

— Pequena...

— Não! Hoje eu não sou sua pequena! Aliás, Claudio, por gentileza, abrigue esse *gilipollas* hoje, pois ele não vai dormir sobre o mesmo teto que eu.

— Não se atreva, Vega!

— Já me atrevi! *Gilipollas*! — Ela sai marchando de dentro da casa.

— Você não vai atrás dela? — meu pai pergunta com um sorriso no olhar.

— Do jeito que ela está? Não! É capaz de jogar alguma coisa em mim. — Não resisto e caio na risada junto com meu pai e Antônio nos encara indignado.

— Nós ainda não acabamos essa conversa, mocinha.

— Se eu fosse você, irmão, estaria mais preocupado em arrumar uma maneira de conseguir entrar em casa sem ser alvejado por sua esposa.

Jogo um beijo para ele e saio da sala.

— Essa foi por pouco. — Bato a porta do meu quarto.

Pego meu carregador portátil na bolsa e conecto meu celular para carregar a bateria. Por esse esquecimento idiota, acabei me colocando na maior saia justa e terei que arrumar uma excelente história para contar ao meu querido pai.

Por mais compreensível que ele tenha parecido, sei que ele não vai aceitar só parte da história. Vai querer saber mais, muito mais.

Ouçoo meu celular tocar na mesinha assim que ele liga. Pego-o, olhando para a tela e vendo uma mensagem da Vega.

**Vega – Relaxa, cunhadinha! O destemperado do seu irmão vai render muita dor de cabeça para ele e eu farei questão de ser uma dor em seu dedo mindinho.**

**Eu – Você encenou tudo, sua safada?**

**Vega – Claro que não! Eu estou brava com ele, mas sei que seu nervosismo foi por preocupação. Para ajudar, o Caio, seu homem de confiança, também não atendeu o celular ontem. Ele se viu louco de preocupação.**

**Eu – Agora me sinto culpada...**

**Vega – Não se sinta, só seja mais cuidadosa. Beijinho, cunhadinha! Preciso bolar um plano macabro contra seu irmão.**

**Eu- Ahahaha... ok! Ai, coitado!**





## Capítulo 24

### As Respostas Nessa Viagem

# Amanda

Passei o resto da tarde no meu quarto. Dormi, acordei, comi algo que a Cida preparou e levou para mim, voltei a dormir novamente e dei uma fuçada nas redes sociais.

Eu não quis correr o risco de sair daqui e ter de me explicar nem para Antônio e nem para o meu pai. Eu sei que é inevitável e que cedo ou tarde eu terei que confrontá-lo, mas enquanto eu puder retardar é melhor.

Eu ainda não sei o que exatamente Caio e eu temos, só sei que a cada dia e momento que passamos juntos algo muda, avança e as poucos eu sinto que ele tem se apegado a mim também. Não quero fazer nada que coloque isso em risco, preciso ter certeza de que ele não vai fugir quando finalmente todos souberem.

O grande momento que eu queria evitar chegou. Cida já me gritou das escadas avisando que o jantar está na mesa e que meu pai pediu que eu descesse para acompanhá-lo, apesar de ele nunca ter se importado de fazer suas refeições sozinho.

Agarro meu celular como se ele fosse alguma espécie de tábua de salvação e desço as escadas, implorando a todos os santos para que isso não se torne pior do que já é.

Entro na sala de jantar e respiro aliviada ao notar que pelo menos meu irmão não está presente. Um a menos que eu terei que responder perguntas que não posso.

— Pai? — chamo sua atenção, ele parece distraído.

— Filha! Sente-se, estou com muita fome.

Ocupo o lugar colocado na mesa para mim e nos servimos de uma sopa de vegetais que meu pai ama. Eu sempre comi de tudo, mas agradeço por ser algo mais leve, assim meu estômago protesta menos.

— Então? Eu pergunto ou você prefere me contar à sua maneira?

— Pai... — lamento.

— Amanda! Nunca tivemos segredos e apesar do exagero do seu irmão, ele tem razão. Você nunca precisou mentir por nada e agora aparece um namorado que ninguém sabe quem é.

— É complicado. Ele... Eu não sei se ele está preparado para assumir algo, entende?

— E isso vale a pena? Estar com alguém que não quer te assumir publicamente? — Não respondo. — Filha, olhe para mim. — Levanto meu olhar em direção do seu. — Amar não é uma

tarefa fácil. Um casal precisa fazer concessões, entender as necessidades um do outro, mas acima de tudo, tem que se ter respeito. Eu não estou te proibindo de nada, só peço que pondere até onde vale a pena aceitar certas coisas.

— Eu sei, pai. Eu entendo tudo que disse, mas é tão complicado. Ele tem medo de não aceitarem ou pior, de perder a confiança de alguém que ele preza muito e...

— Caio é muito inseguro. — Gelo por dentro.

Minha fala sumiu e eu começo a respirar com um pouco de dificuldade, pois o nervosismo está tomando conta de mim.

— Como eu já te disse, minha menina, eu te conheço melhor do que você se conhece. Sempre vi seus olhos brilharem para esse rapaz, mas eu realmente nunca pensei que ele poderia lhe dar um segundo olhar.

— Pai, ele não tem culpa. E nada, absolutamente nada, aconteceu antes que eu completasse dezoito anos. Pra ser sincera, ele só foi me notar agora, antes da sua viagem.

— Eu não julguei nada, Amanda, não precisa se preocupar. Eu não tomo Caio como um pedófilo. Nem acho que a diferença de vocês é tão gritante assim, mas eu entendo as reservas dele de certa forma. Seu irmão o tem como um homem de máxima confiança e não vai ser fácil ele aceitar isso.

— Desculpe, pai. Eu sei que o senhor jamais julgaria algo assim, mas eu tenho tanto medo de perder o pouco que temos. *Me fale uma coisa.* Como o senhor sabe que era ele?

— Sou um homem quieto, Amanda, mas muito observador. Você não viu como esse homem ficou no dia da sua apresentação. Era notável sua ansiedade, o que, para Caio, é algo bastante incomum. E teve também o fato dele deixar uma rosa despedaçada no seu camarim antes de ir embora bufando quando viu você agradecendo as flores do André.

— Nãããoooo! — Acho que eu sofri um tipo de choque ou estou delirando com o que acabei de escutar.

— Sim! Por isso eu acredito que ele tenha sim sentimentos por você, mas mesmo assim, filha, eu te peço que tome cuidado e não se anule.

— Entendi, pai. Pode ficar tranquilo. Eu vou saber o momento de parar, se for o caso.

Meu celular vibra sobre a mesa e eu verifico a tela vendo que é Caio me ligando. Olho para meu pai e com um singelo sinal de afirmação ele permite que eu saia para atender, algo muito novo, já que ele nunca permitiu que interrompêssemos as refeições por nada. Acredito que

o sorriso que estampo na face e o rubor que toma minhas bochechas o comoveram de alguma forma.

— Alô! — atendo quando já estou na sala de TV.

— Oi, garota. — Sua voz rouca arrepia minha pele.

— Já disse pra não me chamar assim.

— E eu já disse que quando você está comigo, tudo acontece do jeito que eu quero.

— Bom, eu não estou com você agora — respondo, debochando dele.

— Não fisicamente, mas você e eu sabemos, anjo, que você é minha em todos os momentos.

Droga! Não consigo responder a isso.

— Me ligou por quê? — Ele ri discretamente no telefone antes de responder.

— Quero saber se correu tudo bem por aí hoje.

— Sim. Bom, tirando o fato do Antônio estar aqui e surtar quando eu disse que passei a noite na casa do meu namorado... — As palavras morrem na minha boca assim que termino de falar.

Por um momento não ouço nada do outro lado da linha e chego a pensar que Caio desligou o telefone na minha cara.

— Namorado, hein?! E por que não disse que dormiu na sua amiga, a Claudinha? — Não interpreto uma reprovação em sua voz.

— Meu celular estava descarregado e o seu também. Ele tentou contato com ambos e não conseguiu, então saiu ligando para Deus e o mundo, inclusive ela.

— E ela não te acobertou.

— Não. Ela não sabia que eu estaria com você, acabei saindo e não avisando ninguém. Não precisa se preocupar, eu não falei nada e nem dei explicações a ele.

— E seu pai? — Engulo em seco.

— Da minha boca não saiu nada. — Não menti, apenas omiti.

— Eu te liguei, na verdade, pra dizer que vou viajar por uns dias.

— Oh! É? Pra onde?

— Vou para o Rio de Janeiro visitar minha família. — Respiro aliviada.

— Ah, bacana. Boa viagem e se cuida. Nós nos falamos por mensagem.

— Ok, tchau!

— Tchau!

A linha fica muda, meu coração fica mudo e eu não sei nem o que pensar. Será que ele inventou tudo isso para se afastar de mim? Começo a pensar inúmeras formas de ele estar me enrolando por algum motivo e em todas elas, a vaca ruiva está no meio.

Lembro-me do que meu pai contou sobre a rosa e sinto meu coração se apertar. Ele tem sentimentos por mim e a melhor parte é que não foi somente eu que viu isso. Agora só falta aquele cabeça dura abrir os olhos e enxergar também.

Vou sentir tanta falta dele. Nós nunca mais nos afastamos depois que nos beijamos naquele ginásio. Ele dizia que seria uma noite só, mas a cada noite esse acordo se renova e nós não nos importamos mais, simplesmente vivemos a cada dia.

Lembro de ter deixado meu pai jantando sozinho e volto meu caminho para a sala de jantar. O celular vibra na minha mão e olho a tela.

**Caio – Te pego amanhã às 7h na sua casa. Leve seus biquínis!**

Estaco no lugar e leio novamente a mensagem para saber se entendi direito. Isso não foi um pedido educado, mas me fez ir pulando até a sala de jantar e agarrar meu pai pelo pescoço.

— Posso saber o porquê de tanta alegria?

— Caio vai para o Rio visitar a família dele e me convidou para ir junto. — Dou um beijo na bochecha dele e sento no meu lugar.

— Que bom. Isso é um bom sinal.

— É um ótimo sinal, pai. Nessa viagem eu o convenço de parar com suas neuras e nos assumirmos de vez.

— Assim espero.

Meu pai sorri.

— Fui! — Levanto esbaforida da cadeira e rumo às escadas.

— Aonde você vai, Amanda?

— Arrumar minhas malas! — grito em resposta e continuo meu caminho.

Reviro todo meu guarda roupas e monto minha mala. Claro que segui o conselho de Caio e coloquei vários biquínis na minha mala. Vou deixá-lo maluco com as peças que estou levando.

Tomo um belo de um banho quente e tento inutilmente apaziguar meu coração que mais parece uma escola de samba ansiando por amanhã. Rolo na cama e minha cabeça ainda não consegue parar. Pego meu celular e procuro uma música para escutar. Acho *WhatAbout Us* da *Pink*, e ela é perfeita.

Não sei ao certo em que momento eu dormi, mas meus sonhos foram recheados de questionamentos e perguntas, que eu espero sinceramente ter as respostas nessa viagem.

# Vega

Estou na sala de TV do apartamento. Um prato de nachos está apoiado na minha barriga e eu nem sei por que gosto tanto de comer isso na gravidez. Minha madre disse que meu paladar mudaria, mas eu não esperava que tanto.

Ouçõ a porta do apartamento bater e eu sei que o possessivo do meu marido *gilipollas* acabou de chegar. Ainda estou uma fera com o que ele fez na casa de Claudio, sempre soube que ele era muito protetor, mas hoje ele excede todos os limites.

— Pequena...

Continuo olhando para a TV, que está passando qualquer coisa de culinária e finjo não perceber que ele está ali. Vejo a sombra dele se aproximando e ele se senta de frente para mim, na mesinha de centro.

— Amor, me perdoe. — Tiro os olhos da TV e o encaro.

Corta meu coração a cara de cachorro abandonado que meu arrogante gostoso está fazendo, mas eu preciso ser mais dura com ele. Não tem cabimento ele querer controlar a própria irmã e exigir saber da vida dela.

— Pelo que, Antônio? Por ser um *gilipollas* e gritar comigo? Por ir infernizar sua irmã por um namorado que você não conhece? Por não saber controlar seu instinto protetor? Eu preciso saber exatamente pelo que você pede perdão!

— Por tudo isso que disse e por tudo que eu possa vir a fazer. Pequena, eu te amo, eu amo nosso filho e jamais agiria daquela forma. Amanda é muito infantil e inconsequente. Ela me tira do sério e eu...

— Ela não é infantil, Antônio. Você a vê como uma criança, mas ela não é! Aceite que sua irmã cresceu e que agora ela tem alguém para amar, protegê-la e cuidar dela.

— Se ele é bom o suficiente para tudo isso, por que não veio falar com a família dela ainda?

— De que jeito? Você mais parece um cão raivoso quando se trata de Amanda. Nem Caio chegaria em você, conhecendo seu perfil.

Jogo a isca.

— Caio é um homem centrado, correto e honesto. Se minha irmã estivesse envolvida

com alguém como ele, eu ficaria tranquilo. Sei que ela estaria em boas mãos.

— Nossa, você confia bastante nele, né?

— E não deveria? É meu homem de confiança! — Ele balança a cabeça. — Não quero falar disso, amor, quero falar de nós. Você me perdoa?

— Só com uma condição.

— Qual? — Antônio já mudou a expressão da face para uma muito safada e está sutilmente deslizando suas mãos habilidosas pelo meu calcanhar.

— Que de hoje em diante você vai respeitar as escolhas da sua irmã, por pior que pareçam.

Antônio para seus movimentos e me encara, apertando os olhos. Ele me analisa e pondera tudo que eu disse.

— O que você quer dizer com isso, Vega? Sabe de alguma coisa que eu não sei?

— Eu sempre sei de mais coisas do que você, amor. Sou mais perspicaz. — Ele sobe a mão e dá um apertão na minha coxa, que fisga na minha intimidade e eu gemo.

— Não seja atrevida!

— Como não ser o que você mais ama em mim? — Sorrio de lado.

Antônio avança sobre mim, me beijando e me levando à loucura que ele sempre consegue. Passo as mãos em seu rosto e findo nosso beijo.

— Promete?

— Se é tão importante assim para você, eu prometo, pequena.

Sorrio e volto a beijá-lo.

Primeira parte do meu plano de contenção de dados está feito. Antônio é meu homem à moda antiga e eu sei que ele não vai quebrar uma promessa.

Agora é só mantê-lo a base de muito sexo, o que não é difícil com nosso apetite, e rezar para que, quando descobrir quem é o tal namorado, seja da melhor forma possível.





Capítulo 25  
♥ Que Sua Família Vá Achar de Mim

# Amanda

Às seis da manhã já estou de pé e pronta para partir. Nunca me senti tão ansiosa como estou agora, nem mesmo minha apresentação de dias atrás me deixou desse jeito.

Aqui em São Paulo está frio esta manhã, então visto um jeans, tênis, uma blusa de manga fina e completo com uma jaqueta. Meu cabelo, como sempre, preso em um coque bagunçado no alto da cabeça.

Desço as escadas com a minha mala na mão, ouço um burburinho vindo da cozinha e vou verificar. Nem amanheceu direito e a Cida já está na cozinha preparando coisas?

Quase derrubo minha valise no chão com a cena que vejo. Cida está no fogão cozinhando alguma coisa e na mesa pequena da cozinha estão Caio e meu pai sentados tomando café e conversando como já fizeram algumas vezes.

— Filha, bom dia! — Meu pai sorri para mim.

— Bom... dia.

Eu tomo meu lugar na mesa, sentando ao lado de Caio e de frente para o meu pai. Meu pai serve um copo de suco para mim e quando eu finalmente tomo coragem de olhar para o ser ao meu lado, ele está com um sorriso discreto no rosto.

— Bom dia, Amanda. — Ele coloca a mão discretamente sobre a minha e eu fico ainda mais nervosa.

— Bom dia. O que... O que está acontecendo aqui?

— Nada, minha filha. Eu queria tomar um bom café com você antes de ir viajar. Sabe que não gosto quando sai sem comer.

— Isso não faz bem mesmo e são muitas horas de viagem — Caio complementa.

— Ainda não entendo o porquê de não irem de avião. É muito mais rápido.

— De fato, Sr. Claudio. Mas sejamos sinceros... qual seria a graça?

— Realmente. Com aquela máquina que está lá fora, eu também preferiria a estrada. — Caio ri discretamente e concorda com a cabeça.

Eu fico olhando aquela cena e penso que provavelmente rolei escada abaixo enquanto desci para o café e estou no meio de uma alucinação.

— Amanda, não vai comer? Temos que sair em breve.

Caio me desperta.

— Sim, vou.

Começo a comer a torrada que me servi e tomo pequenos goles do meu suco. Eles continuam conversando sobre viagens, estradas, conforto dos carros e mais um monte de coisas que eu sinceramente não me atentei. Prefiro me manter de fora e só observar a cena mais inacreditável da minha vida.

— Terminei. Vamos? — pergunto ansiosa ao Caio, que me olha com reprovação.

— Você não comeu praticamente nada.

— Mais tarde paramos na estrada. Estou sem fome.

— Tudo bem. Sr. Claudio, pode ficar tranquilo. Eu a trarei em segurança.

— Disso eu não tenho dúvidas, Caio.

— Pai, se cuide! — peço e pulo no pescoço do meu paizinho, dando um abraço apertado nele. — Obrigada!

Quando nos separamos ele me olha e assente. Ele entendeu meu agradecimento e eu não preciso prolongar isso.

Pego minha mala na porta e saio com ela para colocar no porta-malas do carro. Caio está novamente com seu “batmóvel”. Ele não gostou do apelido, mas eu disse que é inevitável ver um carro como aquele e não se lembrar do carro do Batman.

Entramos no carro e quando Caio dá partida, consigo respirar aliviada.

— O que foi isso?

— O quê?

— Você em casa com meu pai?

— Ele me ligou ontem.

— Sério?

— Sim! Você não foi muito honesta quando lhe perguntei sobre ele, não é?!

— O que você queria que eu dissesse? “Olha Caio a casa caiu e meu pai sabe que o namorado misterioso é você”?

— Não precisaria dessa petulância toda, mas, sim, eu esperava algo do tipo.

— E o que ele queria?

— Conversar. Coisa de homens.

— Não me venha com essa! Como assim?

— Nada demais, Amanda. Ele pediu para que eu cuidasse de você e eu disse que faria isso como sempre fiz, mas agora com um toque especial.

— Toque especial? — Sorrio, ouvindo-o falar.

— Sim. Agora meu pau tem autorização para tocar sua boceta.

— Ah, seu ridículo! — Dou um tapa no braço dele, que gargalha.

— Eu falo sério. Agora temos a benção do seu pai.

— Isso quer dizer que estamos... namorando? — Sinto borboletas rondarem minha barriga.

— Estamos no caminho. Ainda há questões complicadas e que requerem tempo.

— Sim. Meu irmão, eu sei.

— Ei! Tire esse bico do rosto e me beija, vai.

— Você está dirigindo.

— Não seja por isso!

Caio freia no meio de uma avenida, que pelo horário ainda não tem movimento, vira na minha direção e com uma mão ele puxa minha nuca para um beijo faminto.

Terminamos o beijo depois de ouvir uma buzina nada amigável atrás de nós e volta a dirigir.

\*\*\*

— Amanda, acorda. — Desperto do meu sono.

Minha noite mal dormida me rendeu uma bela soneca no carro enquanto Caio dirigia rumo ao nosso destino. Espreguiço meu corpo e desperto olhando em volta para me localizar.

— Onde estamos?

— Como você é uma péssima copiloto. Eu dirigi muito e já estamos em Itatiaia no Rio de Janeiro.

— Nossa! Dormi tanto assim?

— Aproximadamente três horas, mas você deveria estar cansada, eu entendo.

— Cansada. Como sabe?

— Você roncou demais. — Acerto um tapa em seu braço.

— Não seja grosseiro. Eu não ronco.

— Ronca sim, mas vamos aproveitar nossa parada. Pegue sua mala e troque de roupa. Vamos a uma cachoeira.

— Adoro cachoeiras. — Me animo.

— Que bom, pois estamos em uma cidade que os pontos turísticos dela são exatamente isso.

— Onde me troco?

— Eu aluguei um quarto por hoje nessa pousada em frente, assim aproveitamos o dia, descansamos e pegamos a estrada mais tarde.

— Está bem.

Entramos no quarto e Caio não perde tempo em me agarrar. Nós nos beijamos com afoito, ele desce as mãos pela minha bunda e me acerta um tapa.

— Vá se trocar no banheiro. Se tirar a roupa perto de mim eu não vou sair daqui tão cedo.

— Sim, chefe! — Rio e faço o que ele diz.

Troco minha roupa e visto um biquíni estampado de onça, um short jeans e uma regata branca. Saio do banheiro e vejo Caio de bermudão jeans caído na cintura, com a beirada da sunga vermelha aparecendo e sem camisa.

Tentador demais!

— Vamos?

— Vamos!

Seguimos de carro por quase uma hora. A paisagem é incrível e bem diferente do que estou habituada. Olhar o verde da natureza, respirar esse ar serrano e sentir esse calor gostoso realmente nos faz relaxar e aproveitar o momento.

— Daqui seguimos a pé. — Desço do carro junto com ele.

Caio pega na minha mão e entramos em uma trilha pela mata. Ele parece conhecer bem o caminho, acredito que já esteve aqui. Logo consigo ouvir o barulho da água correndo e sei que estamos perto.

— Chegamos.

Olho a frente e fico totalmente paralisada. O lugar é lindo, uma beleza natural, bruta, moldada pela própria natureza. Fico maravilhada com o lugar.

Estamos perto do pequeno lago que se forma da queda de uma cachoeira, deve ter aproximadamente uns dois metros de queda.

— É lindo!

— Sim – olho para ele e seus olhos estão em mim.

Caio tira a camiseta e a bermuda e eu aproveito a chance para admirar aquele corpo gostoso que ele tem. Realmente ele foi moldado para o pecado, preciso me lembrar de agradecer a futura sogra pelo presente.

— Vai ficar olhando ou vem nadar?

— A água deve estar fria. Prefiro sentar ali naquela pedra e aproveitar o sol.

— Anjo, você tem duas opções. Ir para a água de biquíni ou de roupa. Faça sua escolha — ele diz isso muito sério, mas eu vejo a expectativa em seus olhos.

Eu sei que argumentar agora só daria motivos para Caio fazer o que ele está querendo, me jogar nessa água.

— Vou de biquíni — falo em derrota.

— Maravilha!

Tiro minha roupa e vejo Caio me olhando. Estamos sozinhos nessa parte da cachoeira e a maneira que ele me olha agora começa a despertar meus desejos.

Assim que tiro minhas roupas Caio pega minha mão e sai me puxando em direção da água. Eu tento resistir quando sinto o gelo em meus pés, mas a batalha é perdida.

Ele vira na minha direção e me pega no colo. Mesmo esperneando e me debatendo freneticamente eu não consigo me soltar dele. Entramos na água e ele me solta naquele mar de gelo feito um saco de batatas.

— Ahhhh! Que frio! — grito assim que consigo emergir do mergulho.

— Uma delícia! — Caio se afasta, batendo os pés e nadando.

— Não... Acho... — Sinto meu corpo tremer.

— Não seja manhosa! — Caio se aproxima de mim e me segura pela cintura.

— Na-não sou ma-manhosa... — Tenho dificuldade para falar com meu corpo todo tremendo.

— Droga! Você está tremendo por inteira e sua boca está roxa. Venha, deixe-me te tirar daqui.

Estou encolhida de frio. Caio me pega no colo e sai comigo da água. Ele me senta em uma pedra que está quente pelo sol que bate ali, vai até a pequena bolsa que ele trouxe e tira de lá uma toalha grande.

— Toma! — Ele enrola a toalha em meus ombros.

Ainda sinto meu corpo tremer, Caio senta atrás de mim de modo que eu fico no vão das suas pernas. Ele circula seus braços me envolvendo em seu colo.

— Já estou melhor. — E realmente estava.

— Desculpe, eu não sabia que você era tão sensível com águas mais frias.

— Não tem problema. Eu sou mais friorenta mesmo.

Caio continua esfregando meus braços e logo o frio que eu estava sentindo de dissipa por inteiro. Olho em sua direção e vejo que ele está preocupado.

— Vamos embora.

— Não! Vai nadar. Eu fico daqui te olhando e tomando um sol. Já me sinto ótima.

Ele me olha incerto, mas acaba concordando. Caio se levanta e dali mesmo pula na água novamente e sai dando braçadas para o outro lado do rio.

Não sei como ele não sente frio, essa água está congelante. Solto minha toalha e deito nas pedras. Sinto o calor do sol sobre meu corpo e eu fecho os olhos aproveitando aquela quietude.

Eu quase pego no sono, mas noto uma sombra sobre meus olhos e alguns pingos de água gelada caem sobre mim.

— Ei!

— Nada de dormir. Já roncou demais no caminho até aqui.

— Já disse que não ronco.

— E eu já disse que ronca sim. — Caio se deita ao meu lado.

— Como você consegue suportar essa água gelada tão bem?

— Já fui treinado em águas mais geladas que essa.

— Mesmo? — Olho em sua direção com expectativa.

— Mesmo. — Ele se vira para mim e joga uma perna e um braço por cima do meu corpo.

— E como foi esse treinamento?

— Bem produtivo.

— Caio! Me conte alguma coisa! — ralho com ele.

— Para ser um homem do mar, era preciso estar nele e conhecê-lo. Eu entrei na Marina aos 15 anos, pela Escola Naval, e, claro, além da formação e estudos tradicionais para alguém da minha idade, nós fizemos treinamentos específicos. Um desses treinamentos era o curso de mergulhadores. Ficávamos submersos em tanques, rios e até no mar, sempre executando algum tipo de atividade ou teste.

— Uau! Deve ser incrível.

— Nem sempre. Já senti uma forte pressão no peito a ponto de achar que seus pulmões irão estourar? — olho-o espantada. — Pois é. Algumas vezes sentimos isso.

— Você entrou bem novo para isso.

— Sim.

— Na sua casa todos aceitaram essa escolha numa boa?

— Quem disse que foi uma escolha, anjo? Eu venho de uma família tradicionalmente militar. A três gerações ocupam as patentes mais altas dentro da Marinha e meu pai decidiu que comigo não seria diferente.

— Você foi obrigado?

— Não exatamente. Por um longo tempo eu achei que queria aquilo, que desejava chegar a almirante um dia.



— E por que desistiu?

— Eu acordei.

— Como? Não entendi.

—Chega de falar disso. Vamos embora. Já está na hora de te alimentar.

Ele levanta encerrando totalmente o assunto. Espero que essa viagem consiga me mostrar um pouco mais de Caio. Sinto um grande incômodo em suas palavras quando ele fala do passado e eu quero muito entender isso, talvez assim, eu saiba o porque de ele ser tão avesso à relacionamentos.

Chegamos à pousada e Caio me leva direto para o restaurante vizinho. Nós nos servimos, eu de pouca comida, já que não sentia fome, mas ele... Pelo amor de Deus! Não sei onde vai caber tudo aquilo.

— Uau, que prato enorme!

— Eu sou enorme, anjo. — Ele sorri de lado e eu entendo o duplo sentido em suas palavras.

— Engraçadinho. Me diga uma coisa. Você já conhecia aqui?

— Sim.

—Vinha a passeio?

— Não. Trabalho.

— Que tipo de trabalho? Segurança?

— Algo a ver com isso. Alguns treinamentos de sobrevivênciae resistência eram feitos nessa região serrana.

— Da Marinha?

— Também.

— Você não dá muitas explicações, né?! — falo incomodada.

— E você deveria ser uma jornalista e não bailarina. — Sorrio e ele também.

— Tudo bem. Não perguntarei mais nada.

— Por que eu acho que isso não é verdade? —Caio sorri quando eu lhe mostro a língua.

Mudo de assunto e ele me conta de alguns lugares ainda mais bonitos por aqui e que

numa próxima oportunidade viríamos conhecer. Eu fico encantada ouvindo-o falar, é inacreditável como sua postura relaxou e ele não está mais incomodado com quem nos observa.

Terminamos o almoço e damos uma volta pela cidade conhecendo alguns lugares bem aconchegantes. Quando voltamos para o quarto ele diz que precisa fazer umas ligações para verificar se está tudo caminhando na empresa e eu resolvo tomar um banho e tirar esse biquíni.

A ducha é bem-vinda e quente, a água bate no meu corpo e relaxa meus músculos. Enrolo um pouco no banho na esperança de Caio invadir o banheiro e me reivindicar para si, mas isso não acontece. Termino de me enxugar e saio do banheiro e ele ainda está ao telefone.

— Sim, mãe. Eu estou chegando hoje à noite. Amanhã estarei com você.

Tiro a toalha que enrolava meu corpo e procuro minha mala para vestir algo leve. Caio vira na minha direção e seu olhar muda ao me ver nua. Sinaliza com a cabeça em negativa quando tento pegar minha bolsa.

— Tudo bem. Amanhã nos vemos.

Ele encerra a ligação jogando o celular na mesa de canto e vem até mim. Caio me pega pela cintura e me ergue, engancho minhas pernas em seu quadril enquanto ele captura minha boca em um beijo ardente.

Sua língua me invade com desespero e eu retribuo da mesma forma. Ele gira seu corpo e logo estamos sobre a cama. Sinto meu membro cavando na minha intimidade e eu solto um gemido.

— Vou me fartar de você e depois continuamos a viagem.

— Adorei o plano. — Sorrio atrevida.

Caio segura meu queixo com uma mão e volta a me beijar. Ele acaba cumprindo exatamente o que falou. Nos fartamos do desejo que sentimos um pelo outro e depois de um breve descanso, voltamos para a estrada.

Agora minhas preocupações começam a mudar, vindo de uma família militar e com o perfil que tem, não paro de me questionar o que sua família vai achar de mim.



Capítulo 26  
Talvez Seja Meu Nervosismo

# Amanda

Desperto quando sinto o carro parar. Olho em volta e vejo que já estamos no Rio de Janeiro.

— Você realmente não é a melhor companhia para viagem.

— Dormi de novo. Foi sem querer — falo encabulada.

— Sem problemas. Você precisava repor as energias que perdeu à tarde. Uma pena ter roncado tanto.

Olho para ele apertando meus olhos e lhe mostro a língua. Sua risada vem fácil e eu já estou me acostumando a vê-la em seu rosto.

— Venha. Vamos nos hospedar, tomar um banho e sair para jantar.

— Isso é um convite?

— Não. É só o natural a se fazer.

— É um cavalo mesmo! — resmungo com sua grosseria.

— O que disse?

— Nada. Vamos logo com isso.

Fazemos o *check-in* e subimos para o nosso quarto. Fico pensando se a casa dos pais dele não poderia nos acomodar, ou talvez, eles sejam dessas famílias tradicionais que não aceitam namorados dormindo juntos.

Eu vim poucas vezes ao Rio de Janeiro, mas confesso que amo esse lugar. Aqui as pessoas são mais abertas, receptivas, parecem estar sempre de bem com a vida ou sempre com algo bom para lhe contar.

Termino de me arrumar e descemos para jantar. Caio resolveu não comer no hotel e fomos para um restaurante ali perto. Aconchegante e bonito, o lugar tem um ar mais intimista, poderia dizer que até romântico.

— Vamos comer frutos do mar? Pode ser?

— Claro! Eu adoro.

Ele faz o pedido ao garçom e pede duas cervejas.

— Hoje você não vai pedir uma coca para mim? — Lembro-me de quando ele me seguiu até o pub.

— Hoje eu estou com você e não responsável por você.

— Certo.

Ele brinda sua garfada na minha e toma um gole da cerveja.

Meu celular apita e eu olho a mensagem.

**Aldria – Sua vaca!!!! Sai em lua de mel com o ogrolicius e não conta nada! Lucca disse que está de relações cortadas contigo.**

**Eu – Vão caçar o que fazer e me deixem curtir.**

**Aldria – Ok, vadia! Quando voltar nos procure... eu quero detalhes... sórdidos, da viagem...**

Rio das mensagens nada discretas da Aldria, mas acabo atraindo a atenção de Caio que me olha questionador.

— Amigas... — justifico.

Jantamos tranquilamente e Caio se mostra ainda mais aberto, sempre me fazendo carinho, dando beijos discretos e sorrindo para mim. Eu sinto que estou vivendo meu sonho mais profundo e rezo para nunca mais acordar disso.

Quando estamos saindo do restaurante, vejo um homem tão alto quanto Caio parar em sua frente e prestar continência.

— Você poderia ser preso por isso. Eu não sou mais um oficial.

— Não presto continência a sua farda e nem ao título, tenente. Eu lhe devo minha vida e isso não tem preço.

— Deixe de besteira, cara. — Ele puxa o homem para um abraço tipicamente masculino.

— Deixe-me apresentar. Essa é Ana, minha esposa, e Rose, nossa filha.

— Muito prazer, Ana e Rose. Essa é Amanda, minha... namorada — ele engasga para mencionar o título e eu quase rio. — Estamos a passeio aqui. Amanda, esse era meu subordinado na Marinha, subchefe Castro ou Diego.

— Muito prazer, Amanda. Eu não me canso de contar para quem quiser ouvir no convés

do barco, o quanto sou grato a este homem aqui por eu estar vivo.

— Mesmo? E o que ele fez? — Sinto Caio apertar minha mão, mas não me importo.

— Ele me salvou de um teste que tinha tudo para dar errado, e deu. Eu era um novato naquela época e diferente desse daqui... — Ele bate no ombro de Caio— eu não entrei pela porta da frente. Ingressei na Marinha com 18 anos e não fiz a escola naval tradicional. Descasquei muita batata na cozinha das praças ou em um porão de navio, mas finalmente consegui uma oportunidade de ingressar na equipe de mergulho. Fiz o teste, mas eu não estava totalmente preparado, então, Caio que era o segundo-tenente no dia do meu teste, me ajudou a sair da água, quando eu, por orgulho, não queria abandonar o teste, por não ter preparo.

— Nossa...

— Levei uma bronca dele, mas aprendi. Preparei-me muito e dois anos depois consegui uma nova oportunidade e prestei a prova. Fui o primeiro da turma — ele falava isso com tanto orgulho.

— Meus parabéns!

— Parabéns, cara. Eu sabia que conseguiria.

— Graças a você, tenente!

— Não diga isso. O mérito é seu e eu nem sou mais tenente. Saí no mesmo ano que tudo isso aconteceu.

— Eu sei, mas nem por isso deixou de ser a lenda nos navios de treinamento.

— Como assim, lenda? — Sinto mais um aperto e quando olho para Caio, ele tem reprovação nos olhos.

— A lenda! Esse cara foi o primeiro aluno em tudo que possa imaginar! No seu ano de instrução no mar, além de cumprir todos os testes e tarefas no navio, ele ainda se alistou para o curso de fuzileiro naval e fez o treinamento de combate. O curso mais difícil e puxado do Brasil.

E mais uma vez vejo o orgulho e admiração nos olhos desse homem.

— Chega disso. Não acredite em uma palavra, Amanda, isso é conversa de marujo.

Eles riem de alguma piada interna e eu e a esposa do homem nos encaramos sem entender direito. Caio encerra o assunto e nos despedimos deles.

Caminhamos pela rua calmamente, mas minha cabeça e as perguntas que se formaram dentro de mim gritam por respostas e, mesmo achando que eu não as terei, não resisto e as faço.

— Por que saiu da Marinha?

— Eu sabia que você não ia deixar isso pra lá.

— Claro que não! Eu vi admiração daquele homem, ele te tem como herói e pelo que contou. Você era incrível no que fazia. Nós só somos bons naquilo que temos paixão, Caio.

— Sei lá. Eu não achei que aquilo era para mim. Me enganei.

— Como se enganou? Ninguém deixa de amar algo assim de uma hora para a outra.

— Eu não concordei com um monte de coisa, ok?! — Ele fica irritado.

— Tudo bem, eu não falo mais nada — respondo magoadada.

Estávamos caminhando de mãos dadas. Me solto do seu aperto e acelero meus passos.

— Amanda, espere. — Ele me alcança, me parando. — Olha pra mim.

— O que foi?

— Desculpe, eu não queria ser rude. Só não gosto de me lembrar dessa época. Você tem razão quando diz que eu amava tudo o que fazia, mas com o tempo eu vi o quão sórdidas as pessoas poderiam ser. Sempre preocupadas com seus títulos, patentes e aparecer para uma sociedade hipócrita e eu não queria isso. Eu fui advertido quando salvei aquele homem.

— Como assim?

— Amanda, existem regras e tradições na Marinha, que só quem vivencia, entende. Uma delas é a dificuldade para uma pessoa que não teve o estudo tradicional da Marinha querer subir tão rapidamente de função. Eu intervim no teste dele, o cara estava quase desmaiando embaixo da água, mas eles quiseram testar seu orgulho e deixá-lo ir ao limite. Eu soquei o primeiro-tenente responsável pelo exame e entrei na água tirando o rapaz de lá.

— Credo! Que horrível!

— Isso não é nada, anjo, acredite em mim. Depois disso fui chamado pelo meu capitão e advertido, mas minha paciência para tudo aquilo já tinha se esgotado e eu pedi minha baixa.

— Foi fácil assim?

— Se torna fácil sendo filho de quem sou. Meu pai hoje é o vice-almirante da Marinha Brasileira, então digamos que eu tinha certa influência no meio.

— Entendo. Mas sua família aceitou bem a baixa?

—Não. Eu fui contra a tradição da família e meu pai tinha planos que eu não almejava,

então resolvi sair do Rio.

— Vocês não se dão bem, não é?!

— Isso é para dizer o mínimo. Agora podemos encerrar esse assunto? Não é algo que me agrade lembrar.

— Sim, eu entendo, mas acho que deveria se orgulhar por ter pessoas que te admiram. Ainda mais sendo a lenda. — Sorrio dessa última parte.

— Não me provoque, anjo. Eu não sou nada disso, só era um cara viciado em adrenalina e testava meus limites sem medo.

— Um rebelde!

— Destemido.

— Sei!

— Sabe nada! Venha cá e me beija.

Caio me ergue pela cintura e nos beijamos no meio da rua.

\*\*\*

— Acorda, dorminhoca. Nós vamos nos atrasar e minha mãe odeia atrasos. — Desperto na hora.

— Merda! Por que não me chamou antes, Caio? — Vou tropeçando para o banheiro.

— Eu chamei, mas você só sabia roncar e nada mais.

— EU NÃO RONCO! — grito antes de bater à porta do quarto.

Consigo me arrumar em tempo recorde e logo estamos a caminho da casa dos seus pais. Sinto meu estômago se revirando inteiro e não é pelo fato de ainda não termos tomado café.

Ele comentou que seus pais moram em um condomínio fechado não muito longe daqui, mas que sei que seu pai, devido às funções do cargo, vive viajando, então provavelmente só veremos sua mãe e, se dermos sorte, sua irmã. Ela estuda medicina e vive mais na faculdade com a cara nos livros do que em qualquer outro lugar.

Entramos por um belo portão, todo ornamentado em preto e eu percebo que a família do Caio tem posses. Fico imaginando de onde ele se desprende de tudo isso, visto que seu apartamento é tão simples e comum.

Ele estaciona o “batmóvel” em frente a uma casa muito suntuosa. Ela tem um ar



totalmente clássico, mas de uma beleza formidável. A porta de entrada se abre e por ela passa uma linda senhora, de cabelos negros, olhos tão claros quanto os de Caio, mas diferente dele, sua beleza é muito delicada, enquanto Caio transparece brutalidade em suas feições.

O incômodo na minha barriga atinge nível escandalosamente alto quando desço do carro. Sua mãe tem um sorriso genuíno no rosto olhando para o próprio filho, mas quando seus olhos caem sobre mim eu a vejo murchar um pouco.

Caio pega minha mão e me leva até ela. Eu quase reluto e volto meu caminho para dentro do carro, mas eu sei que não posso fraquejar agora.

— Filho! — Ela sorri e o abraça assim que nos aproximamos.

— Oi, mãe.

— Que saudades, meu menino! — ela fala segurando seu rosto e eu fico emocionada com a cena.

— Também, mãe. Deixa eu te apresentar. Essa é a Amanda, minha namorada.

— Olá! Muito prazer, Amanda. Me chamo Beatriz Alencar Barreto.

— Muito prazer, Sra. Barreto. Estou muito feliz em conhecê-la.

— Obrigada, querida. — Ela solta minha mão. — Vamos entrar.

Ela nos leva direto à sala de jantar, que, diga-se de passagem, está montada para alimentar um exército.

— Oh, não querido. Sente-se aqui.

— Ainda com essa palhaçada de lugares certos na mesa?

— Olhe o linguajar, Caio. Não é palhaçada nenhuma e sim um costume.

— Idiota, por sinal.

— Caio! – chamo sua atenção discretamente.

— Não se preocupe, menina. Caio sempre foi o contestador de casa. — Não gosto do jeito que ela me chama.

— E Bianca?

— Saiu logo cedo, tinha uma prova importante hoje. Aquela não sai de frente dos livros nunca. Você estuda, Amanda?

— Sim, Sra. Barreto. Estou terminando minha faculdade de dança.

— Dança? Que excêntrico! Minha filha faz medicina. Ela quer ser uma cirurgiã.

— Nossa, acho admirável essa profissão.

— Realmente é. — Sinto uma ponta de sarcasmo na voz dela, mas deixo passar.

— Mãe, meu pai volta quando de viagem?

— Ainda não sei, filho. Você sabe como seu pai é. Tem dia para partir e jamais para voltar. Aliás, amanhã é o 152º da Batalha Naval de Riachuelo, e seu pai não estando aqui, seria conveniente você me acompanhar.

— Mãe, eu não sou mais um oficial.

— Mas ainda é meu filho.

— Eu não sei se é uma boa ideia.

— Tenho certeza que Amanda adoraria conhecer um baile de gala tradicional da Marinha. Não é mesmo, querida? — Vejo seus olhos em expectativa para mim.

— Sim, claro.

— Está vendo, Caio? Eu já reservei seu convite, mas posso rapidamente conseguir um para sua acompanhante.

Pesco um pedaço de melão no meu prato para não responder ao meu título recém-adquirido. Acompanhante. Tenho certeza que não vou aguentar nem mais quinze minutos de conversa com essa dondoca.

Quase uma hora depois, consigo finalmente respirar aliviada quando entro no carro. Eu não abri minha boca naquela casa. Também pudera! A mãe de Caio só sabia tagarelar sobre sua vida social, os amigos da família, sobre o quão perto o pai de Caio está de conquistar o título de Almirante da Marinha Brasileira.

— Graças a Deus! — Caio solta.

— Calma, ainda tem amanhã. — Sorrio para ele.

— Não me lembre disso. Por que não disse que não queria ir? Seria mais fácil fugir disso.

— Como eu vou dizer isso para sua mãe? Acabei de conhecê-la e não acho que agradei seus olhos.

— Como assim? Não! Minha mãe parece uma dondoca da sociedade, mas ela é uma ótima pessoa. Tenho certeza que foi impressão sua.

— Bom, pode ser. — Engulo todos os meus argumentos. Não vou desiludir o Caio.

Não posso bancar a típica namorada neurótica que não se dá bem com a sogra e implica com tudo que a mulher fala ou faz. Talvez seja meu nervosismo falando mais alto e o medo de não ser aprovada.

— Vamos curtir uma praia? — Caio pergunta, apertando minha coxa.

— Vamos, claro!

Guardo minhas inseguranças e melhora meu humor. Eu vim aqui para me aproximar ainda mais dele e é isso que vou fazer.



Capítulo 27  
Ela é Minha! Agora e Sempre!

# Caio

Depois de um longo tempo, coloco meus pés na areia das praias cariocas. Uma nostalgia se faz presente e eu me recordo da minha infância.

— *Filho, o que acontece? Por que não entra no mar?*

— *Eu tenho medo, papai.*

— *Medo?! Caio Alencar Barreto, um homem da nossa família não teme a nada. Somos militares e não carregamos o medo, principalmente do mar. Você um dia será um líder, um comandante, como fará isso temendo ao mar?*

— *Eu não sei se eu quero ser marinheiro, papai. Eu gosto de proteger as pessoas. Quero ser policial ou bombeiro.*

— *Não diga besteiras! Você vai seguir a nossa tradição e se tornar a lenda da Marinha Brasileira. Você não vai me decepcionar, não é? — Meu pai se abaixa à minha frente na beira da água.*

— *Não, papai. — Eu baixo meus olhos em sinal de respeito. Foi assim que minha mãe me ensinou.*

— *Ótimo! Agora entre na água e não tema— meu pai me dá o comando e eu sei que não posso negá-lo, ou estarei sendo um fraco.*

*Já tenho oito anos de idade. Ele diz que já sou praticamente um homem e já era hora de eu aprender a nadar. Meu pai diz que um homem não pode temer a nada e se um dia isso acontecer, ele precisa ser forte e enfrentar.*

*Eu faço o que ele manda e entro no mar, eu já sei nadar, pois desde os seis anos eu faço aulas de natação, mas é diferente a piscina do mar. Eu tenho medo de alguma coisa me puxar para o fundo e eu não ter força suficiente para voltar à superfície.*

*Olho para trás e vejo meu pai na mesma pose imponente dele. Eu quero ser como meu pai, quero ser forte e corajoso. Volto a olhar o mar e decido lutar a batalha contra meu primeiro medo, o mar.*

— *Caio?*

— *Oi! — Volto da minha lembrança e percebo que estava apertando minhas mãos em punho.*

—Tá tudo bem? Você ficou aéreo de repente.

— Tudo certo. Eu vou pegar uma água de coco, você quer?

— Sim.

Vou até o quiosque buscar as águas e tento dissipar essas lembranças indesejadas de dentro de mim. Eu era inocente demais para querer ser igual ao meu pai. Eu não sou como ele.

— Toma. — Entrego uma água a Amanda.

Ela pega e toma um gole da água, me olhando. Eu não entendo por que tudo que essa garota faz me parece em duplo sentido. Devo estar maluco.

Eu não sei em que momento aconteceu, mas caí feito um idiota nos encantos dessa menina. Tudo que ela faz e fala me importa. Eu anseio estar com ela a todo o momento e, agora que seu pai sabe sobre nós, e deu sua permissão, começo a ver isso entre nós como algo real.

Eu nunca pensei que pudesse querer isso, mas eu vou namorar essa garota. Ela é irreverente, achei que fosse mimada, mas isso ela me provou que não é. De qualquer forma ela me intriga e desperta todos os meus sentidos.

Sinto a adrenalina bombear em minhas veias cada vez que a sinto me desafiar ou pior, escorregar por meus dedos, e só eu sei como sou um viciado nisso.

Gosto da tensão, do perigo, da dúvida, se isso é correto ou não. Sou praticamente um viciado em cocaína, mas no caso minha droga tem nome de anjo, corpo de sereia e uma língua do diabo.

— O que tanto você pensa? — Ela me cutuca.

— Nada demais. Gosto de olhar para o mar.

— Hum, sei.

— Como estão os planos da escola?

— Maravilhosos, Caio. Meu pai está cuidando de algumas coisas pra mim, junto do João. Semana que vem já terei a primeira reunião com a empreiteira.

— Isso é bom. Antes de acabar seu curso já terá o estúdio pronto.

— Sim! Isso não é o máximo?

— Sim. É ótimo! — Sorrio da sua empolgação.

Quando Claudio me ligou ontem, ele disse que estava deixando em minhas mãos sua

joia rara e que, se eu me permitisse, enxergaria o quão preciosa e valiosa Amanda é na vida dos que a cercam.

Eu sou obrigado a concordar com aquele homem. Ela é luz. Ela traz luz para qualquer um que esteja disposto a tê-la, até mesmo para um homem que sempre viveu nas sombras como eu.

— Vamos entrar no mar?

— Ok. — Levanto para tirar a camisa e a bermuda.

Amanda se despe de seu vestido e ela hoje usa um biquíni vermelho sangue, que contrasta perfeitamente com a sua pele branca e delicada. Ela sorri safada e vai dando passos para trás, me olhando.

— O último a chegar paga o almoço. — E se vira, correndo em direção ao mar.

Balanço a cabeça em negativa e sorrio. Ela realmente aflora minha adrenalina. Tiro minha bermuda rapidamente e disparo numa corrida rápida, alcançando-a antes que ela toque seus pés na água salgada.

Eu circulo sua cintura e a levanto com um braço. Ela grita e ri ao mesmo tempo, tenta se debater e sair do meu aperto, mas agora eu tenho um objetivo e só paro quando realizá-lo.

— O que você vai fazer, Caio?

— Mergulhar com você.

— Não! — Ela gargalha e tenta se soltar.

Quando a água já passou da minha coxa e das pernas dela, afundo na água e a levo comigo. Logo volto à superfície, trazendo-a junto de mim.

— Pronto! Agora está toda molhadinha — brinco com ela.

— Não toda — ela rebate, petulante.

— Isso eu posso resolver aqui e agora, você quer?

Meu instinto animal aflora e eu começo a criar expectativas.

— Não! — Amanda grita e sai batendo os braços e pernas para longe de mim.

— Você só aumentou minhas expectativas, anjo — digo isso e lhe dou um minuto ou dois de vantagem, e vou a sua busca.

Ninguém explicou ao anjo que não se desafia um homem do mar?

Rapidamente eu a alcanço e puxo seu pé, ela tenta se debater e continua, mas a guerra está perdida. Amanda abraça meu pescoço, me beija e, como das outras vezes que isso acontece, sinto a paz e o turbilhão de emoções tomar conta de mim.

Passamos o resto do dia entre brincar na água e curtir o sol, parecíamos dois adolescentes, bom, ela está mais próxima dessa realidade, já eu, não lembro quando fiz isso na vida.

À noite minha mãe me manda uma mensagem pedindo para que Amanda e eu a encontrássemos num restaurante onde minha família costuma jantar às vezes. Bianca conseguiu uma brecha na loucura dos estudos e queria me ver e conhecer minha namorada.

— Ficou bom?

Eu estava distraído no celular vendo algumas planilhas da empresa, e quando ergo meus olhos fico impressionado com o que vejo. Amanda tem os cabelos soltos e meio enrolados, seu rosto com uma leve pintura, nada que comprometa sua beleza natural, mas o que tira meu fôlego é o vestido que usa.

Ele tem o mesmo tom dos seus cabelos, meio creme ou dourado, eu não sei dizer. Seu pano é delicado assim como sua pele e ele acentua suas curvas de forma perfeita, parando no meio das suas coxas. Ela usa uma sandália quase no mesmo tom, também muito delicada. Perfeita!

— Está perfeita! Parece um anjo.

— Você também não está nada mal.

Minha mãe é exigente com a vestimenta para jantar fora, então para evitar um sermão de boas maneiras, vesti um jeans escuro, camisa social clara e um blazer esportivo.

— Fico feliz em saber disso. Vamos?

— Vamos!

\*\*\*

Nós quatro nos acomodamos na mesa de sempre, realmente algumas coisas nunca mudam. Desde que me entendo por gente, minha mãe gosta de vir a esse restaurante e sempre sentamos na mesma mesa.

— Meu irmão! Você conquistou uma linda namorada.

— Obrigada. — Amanda parece sem graça.



— Ela é dançarina — minha mãe comenta.

— Na verdade bailarina, Sra. Barreto.

— E logo uma coreógrafa formada. — Pego sua mão e a beijo.

— E não é a mesma coisa?! Dança!

Reconheço esse tom e não gosto.

— Não, mãe! Não é a mesma coisa — respondo sério.

Sinto um aperto na minha perna e olho para Amanda. Ela faz um sinal com a cabeça, o clima na mesa pesa, mas eu não aceito que ela tente diminuir Amanda pela profissão que ela escolheu.

— E eu me descabelando com a faculdade. Sério, eu não aguento mais!

— Eu imagino, Bianca. Terminei semana passada meu primeiro período desse ano e quase enlouqueci.

— Mas isso não se compara, minha querida. Bianca estuda medicina. Será uma *médica*. É preciso muito estudo e dedicação para isso. Já você, só... dança.

Ela termina gesticulando com a mão, como se buscasse uma definição para Amanda.

— Mãe! Já chega! — esbravejo.

— Calma, Caio. É natural sua mãe pensar dessa forma, pois ela não tem conhecimento da área. Ela não sabe que precisamos estudar a história da dança desde seus primórdios, que é preciso conhecer a anatomia do corpo para se ter uma melhor noção de como os movimentos podem ser melhorados. Ela também não sabe que uma coreografia montada requer conhecimento de vários tipos de dança, saber traduzir o que não se fala para o corpo e mostrar isso para quem assiste. Por tudo isso, Caio, é natural a falta de tato da sua mãe.

— Arrasou. — Escutei minha irmã dizer.

— Escute aqui, menina! Se você pensa que me...

— Chega! — interrompo minha mãe. — Se a senhora continuar ou insistir em mais uma palavra, eu vou embora.

Ela se cala e volta a comer. Olho para Amanda preocupado. Ela está me encarando, admirada pelo que fiz. Mal sabe que o admirado sou eu pela forma que respondeu a grosseria da minha mãe. Ela consegue me surpreender de várias formas diferentes.

Bianca salva a noite puxando assuntos voltados para sua rotina. Ela e Amanda acabam criando uma amizade e conversam sobre tudo. Música, comida, dança, festas, lugares para viajar e eu começo a me preocupar com essa possível união. Imagine minha irmã e minha quase namorada unidas? Eu estaria perdido.

Elas se levantam para ir ao banheiro e eu aproveito a deixa para falar com minha mãe.

— Eu espero que isso não se repita, mãe.

— Você está me dando ordens?

— Não! Isso quem faz é seu marido. — Ela engole em seco. — Eu estou lhe dando uma opção, se quiser me ter por perto. Se você desmerecer Amanda ou qualquer coisa relacionada a ela, vou embora e não pense que volto.

— Ela é uma menina. Mais nova que sua irmã e ainda dançarina. Eu sempre pensei que você se casaria com alguém do nosso meio e não...

— Pare! Não diga mais nada, mãe. Em que momento você se tornou tão fútil? Eu não estou te reconhecendo mais. Você conseguiu se entregar de vez para esse meio podre. E ela não é dançarina, e sim bailarina. Existe uma grande diferença.

— Eu só estou preocupada com você e seu futuro, meu filho!

— Preocupe-se com você e o seu, mãe. Pelo que vejo, ele não será muito feliz.

Bianca e Amanda retornam à mesa rindo de alguma coisa. Peço a conta e faço questão de pagar tudo. Nós nos despedimos na porta e minha mãe combina de ligar amanhã para passar o endereço e horário do baile.

Prevejo uma enorme dor de cabeça nessa festa e eu não sei se serei capaz de lidar com ela.

Paro o carro no calçadão da praia, próximo ao farol. Amanda me olha intrigada, mas desce do carro assim que me vê saindo. Eu pego em sua mão e a levo até o farol, coloco-a na minha frente e ficamos por um momento admirando o reflexo da luz da lua nas águas.

— Um marujo sempre sentia esperança quando via a luz do farol da sua embarcação.

— Ah é? Por quê?

— Pois ele sabia que a luz indicava terra firme e que ele em breve estaria em casa e de volta para sua família.

Viro Amanda para mim, envolvo meus braços a sua volta e ela circula os seus no meu

pescoço. Ficamos nos olhando por um tempo. Eu admirando sua beleza angelical e ela me olhando em expectativa.

— Você é meu farol, minha luz. Quando eu olho para você, sinto que tudo está bem, mesmo que em volta esteja o caos. Você me passa a segurança que eu sempre busquei, anjo.

Vejo uma lágrima solitária rolar pelo rosto do meu anjo e a beijo. Ela segura meu rosto e me puxa para um beijo, que diferente dos outros, começa a nos desnudar para sentimentos que até então eu desconhecia.

Ainda acho essa a maior das loucuras da minha vida, mas em compensação é a mais prazerosa. Amanda é meu erro mais perfeito e eu não me vejo saindo disso tão cedo, a cada dia, cada momento, eu me afundo ainda mais nos seus encantos e me prendo ainda mais na sua rede sedutora.

Ela é minha! Agora e sempre!



Capítulo 28  
Talvez Ele Também Esteja Sentindo

# Amanda

Ainda é cedo e eu milagrosamente consegui acordar antes de Caio. Ontem, depois do que ele disse no farol, eu não queria mais nada a não ser estar entregue em seus braços e sentir tudo o que disse.

Eu tinha fé que essa viagem pudesse me mostrar quem realmente o Caio era e que, de alguma forma, o fizesse despertar para o sentimento que temos vivido juntos.

Estou na sacada do hotel admirando o sol que já deu sua graça, sinto a brisa batendo no meu rosto, fecho os olhos e me lembro da forma como ele me tocou ontem.

Caio é um homem dominador e bruto entre quatro paredes, ontem ele tinha esse mesmo jeito, mas diferente das outras vezes, ele me perguntava a todo o momento o que eu estava sentindo e seus beijos eram suaves e delicados.

Sinto suas mãos abraçarem minha cintura e logo seu perfume natural toma conta dos meus sentidos. Ainda com os olhos fechados, Caio me gira em seus braços e me beija calmamente.

— Bom dia, anjo.

— Bom dia.

— Por que levantou tão cedo?

— Perdi o sono. O que faremos hoje?

— Vou te levar a um lugar especial agora de manhã e depois vamos comprar algo para hoje à noite.

— Tudo bem. Lugar especial? Posso saber onde?

— Não, *Srta. Curiosa*. Vai trocar de roupa. Vamos tomar café antes de sair.

— Sim, chefe!

Chegamos a uma marina, onde Caio conversa com um homem que acredito ser alguém da Marinha. Eu me aproximo quando eles se cumprimentam.

— Então?

— Vamos!

Subo numa espécie de lancha e vejo outro cara com uniforme militar. Começo a achar

isso muito esquisito. Caio não diz nada, ainda fazendo mistério com o lugar que estamos indo.

Sáímos de lancha e logo nos aproximamos de uma espécie de construção. Parece um palácio cercado pela água. É lindo de se ver.

— Essa é a Ilha Fiscal.

— Nossa! É lindo!

Quando descemos, Caio pega na minha mão e me guia em direção do palácio. Ele é ainda maior e mais bonito de perto. Me sinto no século passado. Passamos por uma entrada majestosa e chegamos a um salão enorme.

A decoração é toda antiga e nota-se que ela sempre foi assim, provavelmente se tornou algum patrimônio histórico.

— Aqui foi onde aconteceu o último baile do império, uma semana antes do Brasil se tornar uma república.

— Caio! Isso é maravilhoso. Sinto-me naquela época.

— Sim! A Marinha tomou aos seus cuidados a preservação daqui e hoje ela quem tem o poder sobre isso. Hoje não é dia de visitação, por isso está vazio.

— E como entramos? — Eu o encaro.

— Tenho meus meios — Ele sorri de lado.

Passeamos por todas as alas permitidas a visita o normal e eu fico encantada com tudo que vejo. Saio de l  muito satisfeita, apesar de já ter vindo ao Rio algumas vezes, eu nunca tinha ouvido falar dessa constru o.

Quando voltamos   terra firme, Caio me leva para uma rua movimentada do Rio, com várias boutiques de roupas a nossa volta. Entramos em uma que já conheço a marca e ele mesmo já me levou diversas vezes quando eu quis comprar algo.

— Vamos escolher seu vestido.

—E o que sugere? — pergunto sorrindo.

— Longo, preto e discreto.

— Entendido o recado, Sr. Barreto.

Somos atendidos por uma moça bastante simpática e muito interessada em agradar ao Caio. Não vai demorar muito para eu mostrar a ela que ele já tem dona. Oferecida!

— Espere aqui. Eu vou experimentar alguns desses.

— Claro, Srta. Souza. Estarei aguardando o show. — Ele pisca para mim e senta em uma poltrona próxima aos provadores.

Vontade de puxá-lo para dentro da cabine e mostrar o verdadeiro show não me faltou no momento, mas o “pinscher atendente” está em nossos calcanhares e não seria algo muito correto a se fazer.

Experimento dois modelos em preto que parecem ter sido feitos para a minha avó. Eles não têm caimento nenhum no corpo e eu me sinto o ser mais apagado do mundo. Mesmo assim saio e mostro para Caio os modelos e como resposta ele torce a boca em reprovação.

Volto para a cabine para experimentar o último modelo, esse eu tenho um pouco mais de dificuldades em vestir. Ele tem muito tecido embaixo, mas a parte de cima é bastante ajustada.

Encaro meu reflexo no espelho, perplexa com o que vejo. O vestido tem um caimento perfeito no meu corpo, ele é todo em uma renda trabalhada e estrategicamente mais detalhado nas partes íntimas. No resto do corpo ele é transparente, mostrando o forro que tem o tom da minha pele.

Suas alças são em renda trabalhada e ele não apresenta um grande decote, nem precisa já que o vestido faz total alusão à nudez. Seu tecido abraça todas as minhas curvas e quando chega à altura dos joelhos ele abre estilo sereia. É perfeito, mas não se enquadra no quesito discreto que Caio mencionou.

Mesmo assim saio da cabine, imponente e confiante de que esse é o modelo perfeito para a ocasião. Caio me olha e não muda sua expressão, continua sentado, com o calcanhar sobre uma perna, um cotovelo apoia o na poltrona que serve de apoio para sua mão no rosto.

Caio levanta e vem até mim, pega minha mão e erguendo ao alto ele gira meu corpo. Eu acabo sorrindo e quando paro de frente para ele, vejo seu sorriso discreto emergir em seus lábios e seus olhos estão mais escuros e intensos nos meus.

— Vamos levá-lo — ele decreta à “pinscher atendente” sem tirar os olhos de mim.

\*\*\*

Por mais inacreditável que pareça, eu consegui ficar pronta primeiro que Caio. Acho que minha ansiedade me fez começar a me arrumar mais cedo, fiz uma maquiagem marcando meus olhos, e tentando passar um ar mais velho.

Meu cabelo eu preendi em um coque baixo, com alguns fios soltos, coloquei um brinco

pequeno de brilhantes que ganhei do meu pai. Eu sempre o levo comigo, ele é discreto e clássico, combina com qualquer coisa.

Estou sentada no bar do hotel e começo a me incomodar com o fato de todos os homens que passam por mim, ficarem me encarando. Parece que nunca viram uma mulher sozinha na vida, tudo bem que eu estou com um vestido de gala, mas estamos em um hotel bom e renomado, não é algo tão incomum.

— Srta.?

Viro-me na banquetta e vejo um loiro alto, muito bonito.

— Sim.

— Desculpe tomar a liberdade, mas alguém tão bela como você sozinha aqui é algo que não sei lidar. — Sorrio com seu gracejo.

— Eu não estou sozinha, senhor...

— Túlio. Túlio Mendes.

— Sr. Mendes, como disse não estou sozinha.

— E quem é louco o suficiente de deixá-la aqui esperando?

— Não sou tão louco quanto o homem que tenta cortejar uma dama acompanhada. — Escuto a voz de Caio atrás do homem.

Engulo em seco, seu tom de voz demonstra que ele não gostou nada do que viu e ouviu. O homem se afasta olhando para Caio.

— Aí está você! Uma bela mulher, meus parabéns! — Ele estende a mão para Caio, que a olha e volta a olhar para Túlio.

— É melhor você sumir daqui. — Arregalo os olhos.

— Caio!

Túlio me olha com um sorriso sem graça e sai sem dizer mais nada, já Caio continua em sua postura rígida, encarando o homem que tentou ser simpático e eu ainda estou em choque.

— Não gosto de você dando bola pra esses babacas!

— O quê? Dando bola? Pensa que sou o quê?

— Eu não sei! Diga-me você, já que não posso me afastar por minutos que sempre tem um abutre em volta.



— Não acredito que estou ouvindo isso. Com licença! — Saio marchando para bem longe desse homem irritante.

A garoa fina cai do lado de fora do hotel, mas eu não me importo e saio em disparada. Quero distância dele e de sua brutalidade, a raiva que sinto faz meu corpo vibrar e ferver.

Fecho meus olhos e ergo minha cabeça aos céus em uma reza silenciosa e suplicante para que alguém lá em cima olhe por mim e me dê um sinal de que isso vale a pena.

Pouco tempo depois sinto seus braços me envolverem, por ele ser bem maior que eu acabo me sentindo acolhida. Tento evitar o sentimento, porém não consigo. Sou fraca!

— Desculpe. — Sinto seu hálito quente próximo do meu ouvido e aquela voz rouca que me doma a todo o momento.

— Você é um grosso! — falo rabugenta.

— Eu sei — ele concorda.

Continuo parada, não querendo ceder. Sinto-o me circular e descer da calçada, pulando em uma enorme poça de água que a garoa criou.

— Ei! — Ele consegue espirrar água em mim, molhando meu vestido.

— Venha! Dance comigo! — ele pede, estendendo a mão.

Eu o olho estupefata. O que ele está dizendo? Isso não é de seu feitio.

— Nem morta! — Tento soar brava, mas meu tom, e com certeza meu rosto, transparecem espanto e curiosidade.

Então ele me dá aquilo que eu mais amo nele. Seu sorriso. Um sorriso lindo, aberto, brilhante e encantador. Isso é tão raro nele, mas nesta viagem está se permitindo mais e que cada vez que acontece, fico hipnotizada.

— Ande logo! — Ele me dá um bote e agarra minha mão.

Mesmo que eu quisesse, não conseguiria fugir de seu ataque. Ele é bem mais forte que eu.

— Dance para mim, Anjo! — pede rindo e eu esqueço tudo que aconteceu e faço o que ele diz.

Rodopio em suas mãos, a água se espalha e nos molha um pouco mais.

Não me atento a quem está a nossa volta, o que acontece ou o quão infantil e ridículo

parecemos. Eu me permito sentir um pequeno momento de alegria e leveza no meio do turbilhão em que vivo desde que Caio chegou a minha vida.

— Me desculpe, anjo. Eu não sei o que me deu — ele fala, segurando minha cintura.

— Tudo bem, mas não pense que vou tolerar essas oscilações malucas de humor, Caio. Eu não tinha feito nada demais. Aquele homem me abordou e tentou flertar comigo, mas eu o cortei. Fim de história.

— Eu sei. Isso não vai se repetir.

— Assim espero. Agora vamos, essa garoa está estragando meu penteado.

Entramos no carro e seguimos para o grande baile de gala. E novamente sinto o nervosismo que vem me tomando toda a viagem. Estar aqui com Caio, e ele tendo esse comportamento que o faz parece um macho alfa, mas ao mesmo tempo um menino fofo, tem testado minha mente e coração.

Sinto que estou ainda mais apaixonada por ele e agora começo a achar que talvez ele também esteja sentindo a mesma coisa, mas ainda não está preparado para admitir.



Capítulo 29  
Sem Máscaras, Sem Pudor, Sem Medo

# Amanda

Chegamos ao baile e claro que o carro de Caio chama a atenção, um Mustang preto com cara de perigo no meio dos carros mais clássicos e modernos não sairia despercebido.

O baile acontece em um dos locais da Marinha destinado para eventos, a iluminação colocada é linda e consigo ver grande quantidade de militares em suas fardas brancas.

Um colírio para os olhos!

Apesar de que Caio se destaca no meio deles, vestido em um terno inteiro preto, ele transparece sua intensidade na vestimenta e a cara de poucos amigos não permite nenhuma sociabilidade com quem está a nossa volta.

Caio localiza nossa mesa e vejo que Sra. Barreto e Bianca já ocupam seus lugares junto de um rapaz jovem e muito bonito.

—Boa noite! — Caio cumprimenta a todos.

Bianca é só sorrisos, e apresenta o acompanhante, Edmundo, um colega de classe, mas eu acho que rola algo mais ali, já que os olhos dela brilham em direção ao rapaz.

A mãe de Caio nos cumprimenta polidamente e eu a vejo analisando meu vestido, pela cara que está fazendo acho que não agradei na escolha.

— Caio, a Mila, minha amiga, está doida para te ver. Disse que faz anos que não vê meus filhos. Estou doida para te mostrar a ela.

— Mãe, por favor.

— Ora, o que tem demais? Olha! A Martinha acabou de chegar. Eu vou falar com ela.  
— Ela se levanta toda elegante e sai pelo salão.

— Isso vai ser uma chatice! — Caio lamenta.

— Caio, sente-se e relaxe. A noite está só começando e pelo que sei, papai está aqui.

— O quê? Eu vou embora!

— Caio, calma. — Tento apaziguar.

— Já está nervosinho, moleque? — Escuto uma voz rouca, o timbre é parecido com o de Caio, mas noto que é mais experiente.

Logo entra no meu campo de visão um homem que ainda não havia visto, mais velho.

Seu rosto parece sereno, mas sua postura é rígida e firme. Ele encara Caio com olhos desafiadores.

— Boa noite, pai.

— Vice-almirante. Não se esqueça.

— Eu não sou mais oficial — ele diz entre dentes.

— Isso só prova o quão tolo você sempre foi. E quem é essa jovem?

— Muito prazer, Sr. Barreto. Eu me chamo Amanda, sou namorada de seu filho.

— Namorada? Esse moleque nunca quis compromisso sério com nada e agora tem uma namorada que pelo que noto, é muito jovem. Espero que tenha juízo na cabeça, menina.

— Idade não define caráter, senhor.

— De fato! — Ele se senta à mesa. — Então, resolveu lembrar-se da família e veio nos visitar?

— Eu não sabia que você estaria aqui.

— Eu sempre estou aqui, junto dos meus. Não abandono o barco. — Ele ri de alguma piada que só ele entendeu.

— Pai, por favor, hoje é uma festa.

— Sim! Uma festa, filha, para lembrarmos as origens dos nossos combatentes.

— Querido! Você chegou? Já conheceu a namorada do Caio? Ela é dançarina!

— Bailarina, mãe! — Noto irritação na voz de Caio.

— Ah! Uma bailarina e jovem. Realmente, meu filho, você não me surpreende em nada.

— Pois é. Eu acho que fui o único nessa família que teve peito de largar toda essa hipocrisia e querer algo mais.

— Ser babá de civis?

— Proteger as pessoas e fazer algo que valha a pena. Eu não gostaria de acabar os meus dias feito o senhor. Assinando documentos, oprimindo meus subordinados e ostentando uma vida que não vive.

— Caio! Não fale assim com seu pai.

— Deixe, Beatriz. Esse aí não tem jeito. Esqueceu tudo que aprendeu na Marinha.

— A podridão realmente eu deixei para trás, mas ainda carrego comigo caráter e honra. Você pode dizer o mesmo?

— Já chega! — Sr. Barreto se altera.

— Pra mim já deu mesmo. Venha, Amanda. — Me levanto junto com Caio e vamos para o outro lado do salão.

Paramos no bar e ele pede uma dose dupla de whisky. Eu continuo calada. Nunca vivi hostilidade dentro do meu lar, meu pai sempre foi tão amoroso, compreensivo e acolhedor, eu simplesmente não consigo entender.

— Você quer ir embora? — pergunto hesitante.

— Não até eu ter minha dança com você. — Sorrio e Caio pega na minha mão.

Vamos até o meio do salão onde poucos casais estão dançando ao ritmo de *Fly Me to the Moon/Lucky, Frank Sinatra*. Caio me enlaça e com uma leveza nunca mostrada antes, ele nos gira pelo salão.

Sorrio feito uma criança e penso que realmente fui levada à lua, a situação caótica entre ele e o pai ficou para trás e agora aproveitamos nossa dança. É como se só existíssemos nós dois naquele ambiente e em seus braços eu sonho.

Dançamos assim mais uma música, sempre com os olhos um no outro. Eu sentia que ele queria me mostrar algo, alguma coisa além do que eu vi até aqui, mas eu também via medo naqueles olhos e um rastro de insegurança ainda me sondava por conta disso.

Terminamos nossa dança e Caio nos leva para longe dali. Seguimos todo o caminho para o hotel em silêncio, somente uma energia densa pairava entre nós. Eu buscava por respostas e sabia que Caio queria me mostrá-las de algum jeito.

Entro no nosso quarto e sinto as mãos de Caio nos meus ombros. Sua respiração na minha nuca me causa arrepios pela espinha. Seus dedos escorregam pela costura do meu vestido e ele calmamente baixa o zíper expondo minha pele.

Caio puxa as alças do meu vestido e eu o ajudo a me tirar dele. Estou ainda em sua frente somente de calcinha e sandálias, as mãos dele sobem pela minha barriga e alcançam meus seios.

Sinto os bicos se ouriçarem ao seu toque, implorando por qualquer atenção, Caio beija meu ombro e passando sua língua por ali ele sobe até encontrar o lóbulo da minha orelha e chupá-la.

Uma de suas mãos continua a brincar com meu mamilo enquanto a outra desce e passa por baixo do elástico da minha calcinha, tocando minha intimidade. Gemo com o toque, ele se mantém sutil e delicado, nada do seu lado bruto se revelou e mesmo assim eu me sinto dominada e entregue.

— Me ajude a tirar a roupa — ele fala rouco, bem próximo da minha orelha.

Viro-me para ele e enxergo em seus olhos o reflexo do que sinto. Ele pode não falar, mas eu sei o que quer me mostrar. Ele quer que eu sinta. Sinta seu carinho, sinta sua paixão. Ajudo-o a tirar o casaco e ele tira a gravata enquanto eu abro os botões de sua camisa.

Caio se livra da camisa assim que termino de abri-la e eu pego no cós da sua calça para abrir o cinto. Ele segura minhas duas mãos, nós não perdemos o contato visual e agora eu vejo o fogo ardendo em seus olhos.

— Não! Tire as sandálias e deite-se. Eu termino isso. — E aí está sua voz de comando.

Faço o que ele manda, sento na beira da cama e tiro minha sandália e deito na cama. Caio já se livrou da calça e cueca e a única coisa que nos separa da nudez completa é minha calcinha.

Ele se aproxima da cama e subindo suas mãos pelas minhas pernas ele para em meus quadris, se debruça e engancha a calcinha em seus dentes. Seus olhos ainda estão sobre mim, cativos e luxuriosos, ele puxa a calcinha com os dentes e a tira pelas minhas pernas.

Sinto minha intimidade molhar ainda mais. Olho para seu corpo e vejo que ele está pronto para me receber e eu estou mais que necessitada disso.

Caio sobe pelo meu corpo beijando por onde sua boca passa, a cada beijo eu sinto meu desejo aumentando. Ele ignora propositalmente todos os meus pontos de prazer e quando ele finalmente alcança meus lábios, eu o puxo para um beijo.

Invado minha língua na sua boca buscando afoita por mais, sinto o peso dele sobre mim e eu engancho minhas pernas em seu quadril e inclino minha pélvis para cima.

Seu membro pulsa na minha entrada e eu começo a me mexer, buscando por algum atrito que alivie o que estou sentindo. Caio finda nosso beijo e com uma mão ele direciona seu pênis para minha entrada.

Sinto-o me penetrar devagar. É quase tão torturante como é prazeroso, meu corpo ferve e queima ansiando por mais, mas ele se mantém num ritmo bem vagaroso.

Seus olhos me dominam e mesmo que a vontade de fechar os meus e me permitir só

sentir, eu não consigo. Ele me transparece a paixão que também sinto, consigo ver amor e admiração, consigo ver sua alma e todas suas inseguranças. Consigo enxergar tudo que ele não consegue me dizer.

— Você é minha! — Ele começa a se mover um pouco mais rápido.

— Sim... Sua... Ah... Caio. — Ele me penetra com mais força.

— Minha! — ele repete, entrando em mim.

Seus movimentos vão acelerando e logo estamos em um ritmo frenético e intenso. Meu corpo inteiro responde ao dele e nos entregamos a esse momento. Sem máscaras, sem pudor, sem medo. Ele é meu e eu sou dele.

Minha intimidade pulsa e acolhe seu membro, sinto que ele está próximo do orgasmo e eu estou no mesmo caminho. Sem tirar nossos olhos um do outro encontramos nosso momento e gozamos juntos.

Fecho meus olhos e gemo seu nome, é tão intenso que não consigo me manter de olhos abertos. Quando os abro, Caio está me encarando. Ele parece aéreo, como se não estivesse aqui.

Sua mão desliza pelo meu rosto e ele faz carinho em minhas bochechas.

— Eu... Eu acho que te... amo — ele fala duvidoso.

— Eu amo você, Caio.

Me liberto das palavras que estavam presas em minha garganta há muito tempo.

Ele sorri e me beija. Simplesmente perfeito! O melhor momento para as melhores palavras. Ele me ama e agora está concretizado, finalmente vamos poder viver esse amor sem medos.

Finalmente eu o tenho para mim por inteiro.

\*\*\*

— ELE O QUÊ?

Acordo assustada e vejo Caio com o celular na orelha e tentando vestir a calça que ele deixou ali.

— Estarei aí logo.

— O que houve?

— Meu pai! Bebeu demais e está dando trabalho em casa.



— Espera! Eu vou com você!

— Não! Fique aqui, eu já volto.

— Eu vou! Nunca te deixaria ir sozinho, você está nervoso demais.

Falo isso enquanto já levanto e pego a primeira roupa que vejo pela frente. Caio está alterado e eu sei que se ele for sozinho vai acabar fazendo uma besteira.

Chegamos à casa dos pais dele, Caio mal estaciona e desce do carro feito um touro. Ele entra direto e eu corro para acompanhá-lo.

— MÃE! MÃE!

— Calma, Caio. — Tento fazê-lo parar.

— Oh! Aí está o merdinha... A lenda da Marinha... — O pai de Caio bufa. — Uma ova! Você não é nada!

— O que você fez com ela?

— Nada que seja da sua conta, seu inútil. Você... Você é um inútil. — Ele está visivelmente bêbado.

Eu seguro o braço de Caio com medo que ele faça alguma coisa. Olho em volta e procuro pela sua mãe ou irmã, mas nem sinal.

— Caio? — Olhamos para trás e me assusto ao ver o rosto da mãe dele marcado.

— Mãe! — Ele vai até ela e a abraça. — Você está bem? — Ele olha em seus olhos e se afasta.

— Sim, não foi nada. Eu caí.

— Seu filho da puta! Eu te mato! — Caio parte para cima do pai, segurando-o pelo colarinho com uma mão e a outra ele começa a desferir socos no rosto do próprio pai.

Ele ainda tenta se defender e reagir, mas além de estar bêbado, Caio é mais ágil que ele.

— Pare! Caio! Não faça isso! — A mãe dele chora e eu fico parada em choque.

— Você se acha o valentão? Melhor que eu? Você é igual a mim, seu idiota! — o pai dele o provoca. — Aliás, igual não. Você é um fraco! Um desistente!

— EU NÃO SOU IGUAL A VOCÊ! — Caio grita em sua face e o solta no chão.

— Filho...

— Mãe, vamos à delegacia. Você vai denunciar esse imbecil.

— Ha, ha, ha... Ela não vai, seu idiota.

— Ela vai sim! Eu vou levá-la e você nunca mais vai tocar em um fio de cabelo dela.

Eles começam a discutir. Um ofende o outro da pior forma possível. Caio começa a se irritar de novo e quando eu acho que ele vai partir para cima do pai novamente, sua mãe intervém.

— JÁ CHEGA! — Ambos a encaram. — Eu não vou a lugar nenhum, Caio. Seu pai bebeu demais e por isso perdeu o controle. Estou cansada dessa guerra entre vocês, pelo amor de Deus.

— Cansada a senhora deveria estar de viver com esse homem opressor. De levar uma vida medíocre de aparências. Onde está Bianca?

— Ainda não chegou. E eu te peço que não me julgue. Você fez suas escolhas, meu filho, eu estou fazendo as minhas.

— Eu vou embora daqui. Vamos, Amanda!

— Não! Espere! Sra. Barreto, quer ajuda com isso? — Aponto para seu rosto machucado.

Ela concorda com a cabeça e eu olho para Caio, que assente para que eu vá. Subo as escadas seguindo-a, e entramos em um quarto de casal lindo e espaçoso.

— Tenho um kit de primeiros socorros no banheiro.

— Vamos até lá, então.

Entro no banheiro, ela pega o kit e eu peço que ela se sente na banqueta que fica ali. Abro a bolsinha e pego a gaze e o soro para lavar o machucado.

Antes que eu a toque ela segura minha mão e me olha nos olhos. Vejo ali uma mulher sofrida, toda sua pompa e máscara de dama da sociedade se esvaíram e eu noto somente a dor.

— Não me julgue, por favor.

— Jamais, senhora. Meu pai me ensinou que nós somos inteiramente responsáveis por nossas escolhas e a mim não cabe julgar a sua consequência.

— Ele sempre foi um homem duro, mas sempre amou os filhos. Ele nunca aceitou bem o fato do Caio largar a Marinha.

— E por isso ele bebe e bate? Para aplacar a frustração.

— Não! Ele só perdeu o controle. — Ela não encara meus olhos.

Não falamos mais nada e eu termino de cuidar do seu machucado. Quando chego ao térreo não tem sinal nem de Caio e nem do pai dele. Vou até a porta e vejo que ele está dentro do carro, com a cabeça apoiada no encosto.

— Acho melhor nós irmos. Fique bem.

— Obrigada, menina.

E diferente das outras vezes que ela me chamou assim, sinto carinho em sua voz.

Ela me dá um abraço apertado e somos despertadas pela buzina do carro de Caio. Olho para trás e noto sua impaciência no volante. Sua mãe acena e ele não retribui, está bravo.

— Dê um tempo a ele.

— Sim. Eu sei.

Despeço-me dela e vou para o carro. Mal termino de bater à porta e Caio arranca com seu Mustang a toda velocidade. Decido não falar nada, sinto seu corpo emanando ira e eu sei que a qualquer momento esse pavio pode explodir.

No hotel ele sobe calado, quando entramos no quarto e vejo-o pegando uma muda de roupa. Resolvo falar alguma coisa.

— Você quer conversar?

— Não!

— Aonde vai?

— Sair.

— Para onde? — pergunto confusa.

— Sozinho! Vou correr e espairecer. Posso? — Ele é rude nas palavras.

Não respondo e ele entra no banheiro batendo a porta. Troco minha roupa por um pijama e deito na cama. Por hoje é melhor deixá-lo com seus demônios e não debater mais.

Percebo quando ele sai do banheiro e em seguida a porta do quarto bate. É melhor ele correr, caminhar e fazer qualquer coisa que extravase sua raiva. Eu o entendo, não consigo imaginar viver com um pai assim e pior, uma mãe que aceita qualquer coisa por aparências.

Agora eu entendo por que ele é assim, avesso a relacionamentos.



Capítulo 30  
Me  vive, Anjo . Eu Samara's Farla Yss 

# Amanda

Caio me acordou logo cedo e disse que precisava voltar para casa. Estranhei sua pressa já que ele disse que ainda ficaria mais uns dias, tinha até combinado com a irmã de sairmos juntos.

Não questioneei, percebi que seu humor não havia melhorado em nada. Quando tentei dar um beijo nele na mesa de café ele desviou o rosto e pediu que eu me apressasse.

Meu coração murchou nessa hora e eu comecei a temer que tudo que aconteceu, pudesse de alguma forma retroceder nosso quase namoro. Estamos a duas horas viajando no carro e nada mais se escuta que não sejam as músicas na *playlist* do rádio.

Eu resolvi lhe dar espaço e esperar que ele me procure para conversar, desabafar ou sei lá. Acho que ele precisa de um tempo para digerir tudo o que aconteceu e eu não quero bancar a namorada neurótica que fica no pé dele.

Paramos para almoçar na beira da estrada e logo voltamos à viagem. Resolvo ignorar seu mau humor e acabo dormindo o resto do caminho.

— Amanda, acorde!

— Hum?! Oi?

— Chegamos.

— Ah, que bom! Você quer entrar?

— Não acho uma boa ideia. Eu ainda vou para o centro de treinamentos.

— Entendi. Então, me manda mensagem mais tarde.

— Tá! —o encaro.

— Tá tudo bem? Quer dizer, nós estamos bem?

— Sim, estamos. Eu só estou cansado e com a cabeça cheia.

Ele me dá um beijo sem muita vontade. Eu desço do carro e pego minha bagagem.

Vejo Caio partir e por algum motivo eu sinto que ele não vai voltar. Sinto que o que vivemos no Rio e o que ele me disse na camanã vai se repetir.

\*\*\*

Fazem exatamente quarenta e oito horas que eu não vejo Caio. Não tenho notícias dele e não consigo parar de pensar nele. Mandeí inúmeras mensagens no seu celular e ele não visualizou nenhuma. Liguei para Vega, mas ela não conseguiu descobrir nada. Quase fui até a academia, para ver se o encontrava lá, mas achei isso muito humilhante.

É notório que ele não quer me ver, não quer estar comigo por algum motivo e não tem nada que eu faça para mudar isso. Eu só não consigo entender, ele disse que me amava e depois aconteceu tudo aquilo com a sua família e ele simplesmente se fechou.

Voltou a ser o Caio de antes, fechado, recluso, me colocou para fora da sua vida sem direito à explicação. Voltei com as aulas no Centro Recreativo antes do combinado, ficar em casa estava me colocando ainda mais maluca.

Dar aulas para as crianças me mantém distraída, pelo menos por alguns momentos posso respirar outros ares.

Hoje vou visitar o terreno com João. Ele me disse que já começaram a mexer na obra. Meu pai tem vistoriado tudo para mim e eu lhe sou muito grata.

Ele não questionou minha cara de desânimo desde que voltei da viagem e também não perguntou o que aconteceu entre mim e Caio. Agradeço por isso. Consegui não chorar nenhuma vez até agora, me recusando a entrar em um poço de sofrimento por um mal-estar entre nós.

— Alô? — Atendo meu celular que tocava insistentemente logo cedo.

— E aí, pirralha?

— Fala, Aldria!

— Voltou de viagem e não veio nos contar o que é aquele *Ogrolicius* 24/7 na sua cola. Isso enfraquece a amizade.

— Ah, nem eu sei. Foi tudo tão perfeito, mas rolou um lance pesado com a família dele e pronto. Caio virou uma ostra e quis vir embora. Medeixou em casa há dois dias e eu não tenho notícias dele.

— E por que não foi ao apartamento dele?

— Ah, sei lá! Não achei certo!

— Querida, acorde! Você é a namorada dele, vai logo lá e descobre o que está acontecendo.

— É! Acho que você tem razão.

— Eu sempre tenho razão. Vai lá e depois passe aqui me dar detalhes sórdidos de tudo!

— Você não tem jeito, doida!

— A gente tenta, né?! Vai que cola?

Despeço-me da maluca e resolvo seguir seu conselho. Já são nove da manhã, talvez eu nem o encontre por lá, mas não custa tentar. Pego minha bolsa, as chaves e saio animada.

Conforme me aproximo do prédio dele, minha ansiedade aumenta. Eu batuco meus dedos no volante para tentar dissipar o nervoso que sinto. Tomara que ele esteja em casa.

Bingo! O carro está na porta.

Eu guardo comigo uma cópia das suas chaves. Quando meu pai voltou de viagem, Caio me deu as cópias para que eu pudesse entrar e sair quando fosse possível.

Subo para o apartamento e sinto as borboletas do meu estômago se alvoroçarem. Espero que ele tenha melhorado o humor. Estou louca de saudades dele e do seu lado quase fofo.

Abro a porta e o apartamento está em silêncio. Ele provavelmente está no banho, mas eu sinto um incômodo no meu peito de que algo não está certo.

A porta do seu quarto está entreaberta, eu levo uma mão abrindo-a e choco com a cena na minha frente. Caio está de pé, usando apenas uma cueca boxe preta e sentada na cama, apenas com um lençol cobrindo sua nudez, está minha melhor amiga de infância, Claudinha.

Sinto um gosto amargo subir pela minha garganta. Minha respiração fica ofegante e as lágrimas que eu relutei em derramar por dois dias, transbordam pelos meus olhos.

— Amanda, não é nada disso que você...

— Que eu estou pensando? Por favor, você pode fazer melhor que isso.

— Ops! — Escuto a vagabunda sentada na cama pronunciar.

A raiva me domina. Traída e humilhada duas vezes, por ele e por ela. Minha melhor amiga. A pessoa em quem eu mais confiava e dividia minhas incertezas. Para quem eu contei sobre meu amor por esse homem.

Sou tomada pela ira e quando dou por mim estou montada em cima da Claudinha na cama, estapeando sua face. Ela tenta se defender, mas minha raiva é tamanha, que uma força incomum toma conta de mim e eu aproveito para descarregar tudo nela.

— Amanda! Pare! — Caio tenta me tirar de cima dela, mas eu acerto uma cotovelada no nariz dele, o que o faz afastar.



Quando vejo sangue na boca e nariz da vadia eu paro e pegando-a pelos cabelos, arrasto-a até a sala. A indecente está de calcinha e sutiã. Nojenta!

— Sua louca!

— Louca? Não, sua vadia! Você ainda não viu a louca! Você tem dez segundos pra sair da minha frente ou vai ser muito pior.

— Caio, faça alguma coisa!

— Eu? Nem sei o que você está fazendo aqui.

— FORA!

— Eu preciso das minhas roupas.

— Foda-se. Vadias feito você conseguem uma carona fácil.

Ela sai do apartamento e eu viro meu ódio para ele.

— Anjo, calma. Você está nervosa e eu entendo, mas nada disso é o que parece.

— Você conseguiu, Caio. Você matou tudo que eu sentia por você. TUDO!

— Não fale assim. — Ele tenta se aproximar e eu me afasto.

— Não chegue perto. Eu tenho nojo de você. Você foi fraco, foi pior que seu pai! — solto sem pensar. Eu queria feri-lo como me sentia ferida.

— Sim. Eu sou igual a ele. Sangue do mesmo sangue.

— Que bom que pelo menos admite.

— Você um dia me pediu que eu nunca mentisse para você e eu jurei nunca o fazer. Sou igual ao meu pai sim, eu não acho que seja um homem moldado a relacionamentos, mas Amanda, eu não dormi com ela.

— Eu não acredito em você — sussurro enquanto as lágrimas caem no meu rosto.

— Me ouve, anjo. Eu jamais faria isso.

— Não tem nada mais a ser dito. Você deu o basta quando voltamos do Rio e eu não quis enxergar. Achei que era um momento, raiva reprimida e lhe dei espaço. Não tem explicação para minha melhor amiga acordar no seu apartamento praticamente nua.

— Eu sei que é difícil, mas você precisa acreditar em mim.

— POR QUÊ? — grito, perdendo minha paciência.

— Porque eu te amo! Eu amo você! — Ele tenta se aproximar, mas eu me afasto novamente.

— Agora é tarde! — digo isso e me viro, saindo do seu apartamento.

Desço as escadas o mais rápido que consigo e quando chego na calçada, olho em direção ao seu carro e sorrio.

Pego uma barra de ferro que eu tenho no meu carro para casos de emergência como esta. Rodeio seu carro e paro na lateral da frente. Olho na saída do prédio e vejo Caio com os olhos arregalados. Sorrio e acerto o vidro da frente com toda a força que posso.

— Não! — Caio grita e vem em minha direção.

Contorno o carro no sentido oposto ao seu e aproveito para passar a ponta da barra de ferro no contorno inteiro.

— Amanda, pare já com isso!

— Isso o quê, amor? — Miro a janela do carro e acerto em cheio o vidro. — Ah, isso? — Aponto para a obra de arte que acabei de fazer.

Caio xinga todos os nomes possíveis e eu aproveito para ir embora.

— Adeus, baby!

— Amanda, espere!

Ele tenta me alcançar, mas sou mais rápida e entro no carro travando as portas. Dou partida enquanto ele bate no vidro chamando meu nome. Como último ato de dignidade, eu lhe mostro o dedo do meio e arranco com o carro.

— Caio, você pra mim morreu!

# Caio

Olho para meu carro destruído na beira da calçada e não acredito.

— Que merda aconteceu aqui? —indago, olhando para o céu.

Espero que alguma providência divina me explique como aquela garota foi parar na minha cama e Amanda chegar ao meu apartamento no momento em que eu a estava questionando sobre isso.

Olho para meu carro e levo as duas mãos à cabeça. Amanda fez um baita estrago no meu Mustang.

Inferno!

Ela fez um baita estrago na minha vida.

Subo para meu apartamento, pego meu celular e tento ligar para ela. Só chama e não atende. Troco de roupa e mando mensagem para Margô. Preciso do contato dessa Claudinha. Eu vou descobrir o que aconteceu.

Eu fui um completo babaca quando voltamos do Rio. Ver que meu pai não mudou em nada e pior, minha mãe aceitar ser subjugada por ele daquela forma, me corroeu por dentro.

Ele foi meu principal motivo de desistir da Marinha. Sempre imponente, ostentando seu cargo e sua posição. Para todos, um homem perfeito, íntegro, mas dentro de casa um ser desprezível.

Quando resolvi sair da Marinha, ele se tornou ainda mais hostil e para que não piorasse a situação, eu resolvi vir embora para São Paulo. Levar Amanda até eles talvez tenha sido um erro.

Eu tinha acabado de dizer que a amava na cama e depois de ver o quanto um casal pode se deteriorar, comecei a questionar se um dia eu ficaria dessa forma. Reconheço vários defeitos do meu pai em mim e eu jurei quando sai da Marinha que jamais seria como ele.

Foi difícil não responder as mensagens dela nesses últimos dois dias, mas eu estava confuso. Eu não sabia o que fazer, nunca quis um relacionamento e de repente eu estava vivendo um e da pior maneira, mentindo para o irmão dela.

Ontem à noite eu saí com uns colegas da academia, fomos a um pub que costumamos beber. Eu nunca passo meu limite, mas ontem eu estava cansado de relutar, sentia saudades dela

e a queria perto de mim. Como consequência, acabei me afundando na bebida.

Lembro-me da Claudinha aparecer ao meu lado. Meus companheiros já tinham partido e eu estava mais bêbado do que um gambá. Perguntei da Amanda e ela disse que a amiga estava no meu apartamento, eu sorri feito bobo acreditando na conversa.

Saí de lá trançando as pernas e lembro-me de ela me ajudar a entrar num táxi e pedir meu endereço. Quando cheguei a casa eu apaguei.

Não me lembro de mais nada a partir daí. Se meu carro estava aqui é por que algum “sombra” o trouxe embora, mas como ela ficou aqui? Eu não fiz nada, tenho certeza! Eu desmaiei!

Preciso achar essa garota e fazê-la explicar tudo para Amanda. Eu não posso perdê-la; não posso perder a única pessoa que vê algo de bom dentro de mim.



# Amanda

— Não acredito que aquele grandão metido a besta fez isso? — Lucca me abraça enquanto eu choro em seu colo.

Estou no apartamento da Aldria e para ajudar toda a cúpula está reunida. Vega e Aldria me olham questionadoras, enquanto Lucca me consola.

— Muito estranho! — Aldria fala.

— Muito mesmo. Mesmo Caio sendo um grosseirão, ele não tem esse perfil enganador. Ainda mais com sua melhor amiga.

— Nunca gostei daquela piranha mirim — Aldria solta.

— Ma-mas foi siiim... — Mais choro. — Eu peguei os dois na cama.

— Cachorro! — Lucca esbraveja.

— Safado! — Aldria também.

— Amanda, vamos ser racionais. Eu já me enganei com seu irmão uma vez e eu não era nada do que eu imaginava. Por isso digo, temos que ver todos os fatos.

— Mas ele se afastou dela quando voltaram da viagem, Vega — Aldria argumenta.

— Sim! Mas a história não se encaixa, Mortícia.

— Não interessa. Você fez muito bem feito. Queria eu estar lá com uma pipoca e assistir você socando aquela vadia e destruindo o carro dele. Menina, você é perigosa.

Dou um meio sorriso e me sento no sofá. Não quero mais fazer o papel da pobre coitada. Eu fui traída e humilhada, mas não vou ficar na condição de sofredora.

— Já chega! Caio é página virada e eu vou seguir minha vida.

— Falando nisso, André deve estar doidinho pra te ver — Aldria fala, conspiratória.

— Aldria! Ela ainda está abalada com tudo isso. Não dê ouvidos a ela, lindinha — Lucca contesta.

— Aldria tem razão. Eu vou dar atenção a quem me valoriza.

— Cuidado, Amanda. Não se pode apagar um amor como o que você sente, com outra pessoa — Vega me alerta.

— Mas pode causar raiva no ex — Aldria diz sorrindo e eu concordo com ela.

— A Aldria tem razão. Eu vou tocar minha vida e se André servir para ajudar a causar raiva em Caio, que seja!

Os três me encaram, não acreditando que estou dizendo isso. Sempre fui contra esse tipo de joguinhos, nunca gostei de manipular as pessoas, mas quer saber, eu não ligo. Sou uma mulher ferida e magoada e não me importo mais com ninguém além de mim.

\*\*\*

Chego a casa e entro direto. Não quero que ninguém me veja com a cara chorosa. Subo as escadas e quando entro no meu quarto fico espantada com a quantidade de rosas brancas espalhadas por aqui.

Meus olhos se enchem de água e eu pego um cartão que estava no arranjo mais próximo, olho a caligrafia e reconheço a letra de Caio.

*Aceite essas rosas como símbolo do meu amor por você. Eu escolhi as brancas como uma oferta de paz. Nós não acabamos aqui, meu anjo.*

C.

Choro copiosamente quando leio o bilhete, nunca imaginei Caio me enviando flores e, principalmente, buscando significados para elas. Olho para todos os vasos e buquês espalhados no meu quarto, me aproximo de uma e quando a toco me vem a cena dele e Claudinha praticamente nus no quarto.

Jogo o primeiro vaso que vejo na parede e quando pego o segundo para fazer o mesmo, meu pai entra no quarto e eu paro meu ato. Solto o vaso no chão e vou para seus braços.

— Minha filha!

— Pai! — Choro em seu ombro.

— A burrada foi pior do que imaginei, não foi?

— Muito pior.

— Venha. Deite no meu quarto. Eu vou mandar a Cida tirar todas essas flores daqui.

Aceito o conselho do meu pai e vou para seu quarto. Pego meu celular e deito na cama, abrindo o aplicativo de mensagens.

**Eu – Me esquece!**

Envio a mensagem para Caio e desligo o celular. Não quero falar com ninguém. Só quero dormir e pensar que esse dia não passou de um terrível pesadelo.

# Caio

— As flores não adiantaram. — Sento ao lado de Júlio no vestiário da academia.

— Calma, cara. Também não é assim. Foi uma cagada épica, eu não quero pensar nem no que a minha mulher faria se fosse comigo.

— Eu preciso falar com ela. Preciso explicar!

— Ela não vai te ouvir, principalmente se o trio a está protegendo.

— Que trio?

— Lucca, Vega e Aldria.

— *Tô* fodido!

— Sim, está! Agora trate de descobrir o que aconteceu e arranque uma confissão daquela maluca da Claudinha. É sua única chance.

— Já estou trabalhando nisso.

Saio do vestiário e começo a pensar que a minha situação está pior do que eu imaginava. Amanda sozinha já é um perigo, aliada a aqueles três, eu não terei nenhuma chance.

— Caio?!

— Antônio! Oi, cara!

— Oi. Parece assustado.

— Cabeça cheia. Precisa de alguma coisa?

— Não. Só vim treinar. Achei que estaria no Rio.

— Eu estava, mas voltei por uma emergência.

— De coração partido — Júlio solta atrás de mim. Idiota!

— Não sabia que você estava namorando. — Antônio cruza os braços, intrigado.

— Não! Sim! Eu estava, mas eu fiz uma cagada e eu não sei se tem volta.

— Se há amor, sempre se tem um jeito.

— E o que você aconselha, Dom Juan? — Júlio brinca e eu quase dou uma cotovelada nele.



— Música. Elas falam melhor do que as palavras. Envie músicas a ela mostrando seus sentimentos.

— Música? Pode ser uma boa ideia. Valeu, cara. Eu preciso ir.

— Vai lá e boa sorte. Se ela não for igual as nossas esposas, você se dará bem.

Sorrio sem graça e Júlio solta uma gargalhada. Mal sabe Antônio o quão a minha namorada é parecida com essas mulheres. Deixo os dois no corredor e vou para meu escritório.

Sento no computador e sobre minha mesa já está a pesquisa que mandei fazer da Claudinha. Nela tem tudo, nome, endereço, telefone, conta bancaria e até o nome do periquito do seu pai.

Deixo isso de lado por enquanto e abro o buscador do meu micro e procuro pela música ideal. Preciso encontrar a música que traduza exatamente tudo o que sinto por ela, algo que a faça se lembrar de mim todas as vezes que ouvir.

# Amanda

Acordo quando a noite já caiu. Levanto e vou para meu quarto tomar um banho. Deixo a água quente cair pelo meu corpo e sinto meus músculos tensionados irem relaxando aos poucos.

Depois de uma meia hora saio do banheiro e noto que todas as flores já saíram do meu quarto e eu agradeço por isso. Ele pensa que me conquistaria com uma atitude romântica e que tudo seria esquecido, está muito enganado.

Abro minhas mensagens e vejo que ele me respondeu a mensagem que enviei, é uma música. Fecho o aplicativo e ignoro. Eu não quero saber nada dele, não quero suas tentativas frustradas em torno de mim.

Pego meu celular de novo e abro a tela de mensagem, digito e envio. Busco no meu guarda roupa um *look* ousado, hoje eu vou sair e eu quero me sentir a mais bonita de todas.

Entro na boate mais badalada da cidade. Já fazia algum tempo que eu não vinha aqui, com o curso, a apresentação e Caio na minha vida, eu não tinha mais cabeça para baladas.

Agora minha realidade será outra. Vou curtir minha vida. Ainda sou nova, meu projeto está de vento em popa e a faculdade daqui a pouco chega ao fim. Paro no bar e peço uma soda com vodka, o barman me mede de cima a baixo e eu sorrio graciosamente.

Não demora muito para eu avistar duas barrigas significativas e uma biba abrindo passagem no meio da multidão. O que esses três malucos estão fazendo aqui?

— Não! Nós não íamos deixar você sair pra farra sozinha e correr o risco de beber feito uma vaca louca e ainda transar com qualquer um — Aldria responde minha pergunta não dita.

— *Chica!* Que lugar cheio!

— Ai, lindinha, tem tanto bofe aqui.

— Aquiete a periquita que você não tem! Você é uma biba casada! — Aldria adverte.

— Vocês são malucos, sabia?! Eu mandei a mensagem, dona Vega só avisando que eu estava vindo. Não era pra vocês aparecerem aqui grávidas.

— Ei! Acha que a gente não dá conta de uma baladinha só porque carregamos um saco de arroz na barriga? Pirralha, nós arrasariamos qualquer coração aqui, viu?!

— Disso eu não tenho dúvidas, minha linda. — Júlio chega na roda, acompanhado de

Antônio, Eduardo e Caio!

— Caio! — Soltamos nós quatro.

— Qual o problema de Caio estar aqui? Aliás, pequena, o que você está fazendo aqui?

— O que você está fazendo aqui com esse idiota? — Vega aponta em direção a Caio.

— Vega! Amor, por que está falando assim do Caio? E você não respondeu minha pergunta.

— Nem você a minha, *gilipollas*! Vamos sair daqui, meninas. Hoje a noite é nossa! — Vega lidera o grupo e nos tira do enrosco.

Antes de partir eu olho na direção do Caio e vejo seus olhos brilhando em expectativa. Sonha, neném. De mim você não consegue mais nada.

— Que merda! Eduardo *tá* uma arara.

— Que bom! Sexo de reconciliação é o melhor. Por que acha que eu vim? — Aldria fala e todos riem.

— Achei que tinha sido por mim, Mortícia!

— Também, queridinha. Mas irritar nossos homens é a parte mais divertida do casamento e o sexo de reconciliação é o mais gostoso.

— *Tá* bom, já entendi. Eu não quero ficar presa aqui no camarote. Eles ainda podem nos ver do bar e eu quero dançar.

— Pois vá, *chica*! Deixe Caio ver o que está perdendo. — Vega pisca para mim e eu entendo o recado.

Desço pela outra saída do camarote e caio direto na pista de dança. Fecho os olhos e me jogo na música, uma batida sensual toma conta da pista e eu começo a dançar de olhos fechados.

Sinto duas mãos no meu quadril e eu rebolo ainda mais, sinto sua frente raspando em meu traseiro e eu me empolgo. Começo a imaginar que é Caio dançando comigo, suas mãos correndo pelas minhas pernas nuas e eu sinto o mesmo arrepio que ele me causa quando me toca.

Sinto seu perfume invadir meus sentidos, parece tão real. Logo uma raiva me toma, lembro-me do quão safado ele é e resolvo acabar com a fantasia. Quando viro na direção do meu acompanhante, dou um pulo para trás ao perceber que é Caio.

— O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO?

— Dançando com você — ele responde receoso.

—EU NÃO QUERO QUE VOCÊ ENCOSTE EM MIM. TENHO ÓDIO DE VOCÊ.

— Anjo, não faz assim. Vamos conversar.

— NÃO. TEM. CONVERSA — grito ainda mais.

Olho em volta e puxo o primeiro cara que eu vejo do meu lado, seguro seu rosto e o beijo com vontade. O rapaz estranha, mas logo entra na minha e me abraça afundando nosso beijo. Abro meus olhos e percebo que Caio não está mais ali e solto o cara.

— Uau, loirinha, você é quente.

— Pois é, e demais para seu bico.

Saio da pista de dança e volto para o camarote. Sento no puffe desanimada.

— O que foi aquilo, *chica*?

— Eu, sendo louca.

— Achei que tinha perdoado o idiota quando os vi dançando — Aldria comenta.

— Não! Eu achei que fosse um cara qualquer. Ai, gente eu quero beber.

— Então beba! — Lucca me entrega uma dose de alguma coisa e eu viro para dentro.

Olho em direção ao bar e não vejo Caio, que provavelmente foi embora ou achou alguma outra sirigaita para passar a noite.

— Ele foi embora. Sozinho — Vega avisa, quando me vê observando o bar.

— Dane-se ele! — Volto a beber.

E não paro de beber até que Antônio tira o copo da minha mão e diz que basta. Eu tento argumentar, mas minha língua enrola as palavras e eu não consigo falar na mesma velocidade que eu penso.

Acho que passei todos os estágios da bebedeira hoje. Bebi a ponto de dançar feito maluca, depois fiquei jogando charme para qualquer um que me olhasse, praguejei contra toda a raça masculina e finalmente atingi minha última etapa, a choradeira.

— Venha, pirralha! Vamos embora!

— Me deixa. Todo mundo me deixa mesmo. Ele me trocou pela minha melhor amiga.

— E eu choro sentido.

— Cala a boca, *chica*. Está falando demais.

— É a verdade! Tudo porque é um covarde e tem medo de relacionamentos e de você! Você também é culpado, irmão! — Aponto o dedo para Antônio, que me olha intrigado.

— Culpado pelo que exatamente, Amanda?

— Ela está mais do que bêbada, Antônio. Vamos levá-la embora — Vega me interrompe.

— Shhhiuuuu, cunhadinha. Me deixa falar. — Solução. — Eu, eu... Sou uma infeliz que nunca vai amar novamente. — Solução de novo.

— Amanda, menos, garota — Aldria me puxa de cima do sofá.

— Meu irmão é um pé no saco. — Rio sem parar. — E por conta disso eu fiquei sem namorado. Faço um brinde a você, Antônio, meu irmão, que tem a vida perfeita.

Abaixo pegando a garrafa da mesa e viro-a direto na minha boca, consigo beber um pouco e logo sinto-a sendo puxada da minha mão e quando eu olho, vejo o meu príncipe.

— Príncipe... — sussurro.

— Vamos embora daqui, Srta. Souza. — Ele vem me tirar de cima do sofá e eu tento lutar.

Minha cabeça gira e quando eu desço do sofá, ele me ampara para que eu não caia no chão. Sinto-o me erguer em seu colo. Estou tentando fixar meus olhos nos seus, mas a zonzeira não me permite.

Levo uma mão até seu rosto e o acaricio. Ele sorri de lado para mim e eu tento retribuir o sorriso.

— Meu príncipe... — digo e apago.



Capítulo 32  
Eu me Apaixonei Pela Mulher que ela se Tornou

# Amanda

Minha cabeça dói. Tudo dói. Sinto como se eu tivesse sido atropelada duas vezes. Não me lembro de muita coisa ontem, só de ter enchido a cara feito uma louca depois de ver que Caio foi embora.

Viro-me na cama e arrisco abrir um olho, fecho rapidamente com a dor que sinto nele. Acho que eu realmente peguei pesado.

— Bom dia, minha filha! — saúda meu pai.

— Pai! Shiuuuuu!

— Hora de levantar, tomar um banho, lavar a vergonha e a ressaca para longe. Você tem uma reunião com os empreiteiros da obra em aproximadamente duas horas.

— Cancela. — Cubro minha cabeça com meu travesseiro e ele destampa.

— De forma alguma. Eu criei uma filha responsável e sei que ela vai cumprir com seus prazos.

— Pai...

— E tem mais. Seu irmão disse que queria falar com você assim que abrisse os olhos.

— Ah, não...

— Ah, sim! Depois de eu vir Caio entrar por essa porta na madrugada com você nos braços e um Antônio nada amistoso atrás, eu acho que você vai ter muito que explicar.

— Não! — Levanto com tudo da cama.

— Sim! Agora vá tomar um banho e se prepare para um dia daqueles. — Meu pai sai do quarto e eu corro para pegar meu celular.

Vasculho minhas mensagens e vejo uma meia dúzia da Aldria dizendo que criou vários *meme's* de eu bêbada.

*Por Deus!*

Vega manda uma pedindo que eu ligasse para ela assim que acordasse e mais nada.

Vejo a música que Caio me mandou por mensagem e eu não quis olhar direito. Não resisto e acabo abrindo *One and Only*, da Adele. Meu coração acelera conforme eu escuto a voz da cantora e tudo que ela diz.

Não resisto e abro uma pesquisa, pegando a letra e salvando em um bloco de notas do celular. Coloco a música para repetir e fico por alguns minutos lendo a letra.

Ele diz que sou a primeira e única, mas como eu posso acreditar nas suas palavras depois do que eu vi. Ele me traiu e foi da pior forma, conseguindo me ferir de duas maneiras diferentes, o que só faz piorar a situação.

Limpo meus pensamentos, deixo o celular sobre a bancada e vou tomar um banho. Preciso tirar esses pensamentos da minha cabeça. O que aconteceu ontem não tem perdão e nem justificativas. Ele fez sua escolha e com ela abriu mão de mim.

Escuto meu telefone tocando no quarto e saio do banheiro apressada para pegá-lo.

— Alô!

— *Chica!* Finalmente voltou para o mundo dos vivos. Preciso te avisar, Antônio está desconfiadíssimo depois da cena de cinema que você protagonizou com o *cafachorro* do Caio.

— Cena? Que cena?

— Isso que dá beber e não se lembrar de nada. Ontem você se excedeu na bebida e nós até tentamos te tirar de cima do *puffe*. Caio entrou no meio e tomou a garrafa da sua mão e você quase caiu em cima dele. Ele te pegou no colo e você o chamou de príncipe antes de apagar.

— Não...

— Sim, *chica*. Seu irmão estava do lado e viu tudo, mas isso não foi o pior. Antônio tentou te pegar dos braços de Caio e ele não permitiu, disse que te traria para casa em segurança, mas teve que aguentar seu irmão na cola dele.

— Que merda!

— Pois é. Tome cuidado com o que vai dizer a Antônio. Eu tentei agir naturalmente com tudo isso para ver se ele esquece, mas vindo do seu irmão, sabemos que ele não vai deixar passar.

— Obrigada por avisar, cunhadinha.

— Se cuida, Amanda.

Encerro a ligação com uma dor de cabeça pior do que quando eu acordei. Desço as escadas e vejo meu irmão sentado na mesa de jantar ao lado do meu pai.

O dia só melhora!

— Bom dia, família!



— Bom dia, Amanda. Precisamos conversar.

— Ok, mas eu tenho uma reunião com os empreiteiros agora cedo.

— Não tem problema, podemos falar durante o café. — Antônio se mantém neutro.

— Tudo bem! Sobre o que é?

— Você e Caio. — Engulo em seco. — Vocês têm alguma coisa?

— Como assim, Antônio?

— Quero saber se ele é o tal namorado com quem você terminou ontem!

— Antônio, eu...

— Sim ou não, Amanda?

Fico encarando meu irmão e as palavras somem da minha boca. Não sei o que responder. Por um lado, quero colocar todas as cartas na mesa, principalmente por agora não ter mais nada a ver com aquele homem, mas por outro, eu não quero mais alardes sobre isso.

— Sim! É ele!

— Pai!

— Claudio, você sabia?

— Todo mundo sabia, Antônio. Só você que não.

— Pai!

— Todo mundo? Desde quando isso acontece, Amanda? Por Deus! Você era menor de idade até pouco tempo atrás.

— Há quase dois anos que não sou menor de idade, Antônio! E isso começou bem recentemente. Bom, pelo menos da parte dele.

— Como da parte dele?

— Ai, Antônio! Eu sempre fui apaixonada pelo Caio. No começo achei que fosse algo platônico e que logo passaria, mas não foi. Minha paixão virou amor e eu sempre sonhei que ficaríamos juntos.

— Eu vou matar aquele desgraçado!

— Não, você não vai! Acabou, irmão. Caio mostrou o verdadeiro canalha que é, e ontem de manhã eu o peguei na cama com a... a Claudinha!

Antônio fica me encarando por alguns momentos e então ele solta uma gargalhada. Olho para o meu pai que parece tão surpreso quanto eu e volto a encarar meu irmão e ele ainda está rindo.

— Isso é uma brincadeira. Certo?!

— Pareço estar brincando? — Antônio fica sério.

— Agora eu o mato. Duas vezes. — Antônio se levanta da mesa.

— Antônio, espera...

E ele já foi. Penso em ligar para Caio avisando que o trem desgovernado do meu irmão provavelmente está indo ao seu encontro, mas opto por me abster. Eles que são homens, eles que se entendam.

# Caio

Acordo preocupado com Amanda. Penso em ligar para ela, mas o medo de ser ignorado me acovarda. Então ligo para Claudio e explico tudo como realmente aconteceu. Ele lamenta e diz que terei uma dor de cabeça dos diabos para convencê-la do contrário.

Concordo com ele e ainda recebo o alerta de que Antônio já sabe tudo sobre nós. Não tem os detalhes, mas sabe que sou o namorado “oculto” e que, ainda por cima, supostamente, trai a irmã dele.

A porta da minha sala é escancarada e por ela passa o homem por quem eu mais tenho consideração nesta vida, Antônio Machado. Ele vem em minha direção e eu já sei o que ele quer e não vou impedi-lo.

— Esse é por mentir pra mim. — Ele acerta o primeiro soco e eu cambaleio para trás. — Esse é por mentir para minha irmã. — Mais um soco do lado esquerdo e eu tonteio. — E esse é por ser um imbecil. — Ele me acerta mais um e eu sinto meu nariz molhar, provavelmente de sangue.

— Eu não menti para você, eu omiti. Sim, concordo em ser um imbecil, mas eu nunca enganei ou menti para sua irmã. Isso é a merda de um terrível engano.

— Não me interessa, seu canalha! Você traiu minha confiança quando se aproximou dela. Você era pago para protegê-la, porra!

— EU SEI! MAS EU ME APAIXONEI, OK?! — Antônio recua.

— Se apaixonou por uma menina? — Ele ri com descaso.

— Não! Eu me apaixonei pela mulher que ela se tornou e, por pior que pareça, eu nem vi isso acontecer. Amanda foi a única pessoa que conseguiu ver além da minha casca dura e eu não soube valorizar isso, pois estava preocupado demais em não trair sua confiança.

— Besteira. Você não se importa com ela.

— Quem é você para me julgar? Antes de conhecer a Vega não queria compromisso com ninguém, mas não demorou muito tempo para cair de amores pela espanhola.

— Ela é diferente. Você conhece minha irmã desde os 15 anos de idade, seu pervertido!

— E eu nunca olhei para ela dessa forma, mas acorde, Antônio, sua irmãzinha cresceu e se tornou uma bela mulher. Bonita, atraente, envolvente e foi inevitável eu me render a ela

quando nos beijamos pela primeira vez.

— Cala a boca! Você não tem o direito de falar assim dela. Estava tão apaixonado que a traiu com a sua melhor amiga.

— Eu não a traí! Eu estava bêbado, mas eu sei que não a traí.

— Boa sorte com isso, companheiro. Se bem conheço minha irmã, ela nunca vai te perdoar. — Ele vira as costas para sair.

— Antônio! — Ele me olha. — Eu amo a sua irmã!

Ele não diz nada e sai da minha sala assim como entrou. Sento na minha cadeira e deito a cabeça na mesa.

Ele tem razão. Conseguir o perdão do meu anjo e provar que sou inocente será algo bem difícil.

# Antônio

*Merda! Merda! Merda!*

Bato no volante do carro enquanto dirijo até minha empresa. Sinto meus dedos doerem pelos socos que eu dei em Caio e ainda foi pouco. Eu deveria tê-lo esfolado vivo.

Sinto raiva por ter sido enganado por ele, pela minha irmã e por todos que sabiam. Caio era meu homem de confiança, a ele eu confiei a vida do bem mais precioso da minha vida, minha família.

O que mais me deixa nervoso é o fato de olhar nos olhos dele e ver que falava a verdade. Aquele imbecil realmente ama a minha irmã e eu sei, conheço seu caráter, ele jamais teria a traído dessa forma.

Desço do carro e entro na empresa. Diferente dos outros dias, hoje eu não cumprimento ninguém, pois meu humor está péssimo para socializar. Chego ao meu andar e não atendo minha secretária passando direto por sua mesa e não dou ouvidos quando ela me chama.

Abro a porta da minha sala e parte da minha raiva se dissipa. Venho minha amada e errante esposa sentada na minha cadeira olhando para mim.

— Você bateu nele?

— Sim — digo, fechando a porta.

— E sua raiva passou?

— Não! — Vou até o bar e sirvo uma dose generosa de whisky.

— Não acha meio cedo para beber, meu bem?

— Pequena, eu estou puto agora. Caio traiu minha confiança, Amanda mentiu para mim. Todos sabiam e mentiram para mim, até você!

— Antônio, eu só quero o bem da sua irmã. Você precisa aceitar que ela cresceu e se pensar bem, que bom que ela se apaixonou por alguém como Caio. Bom, não agora que ele fez essa cagada épica.

— Ele não fez — afirmo.

— Como você sabe?

— Eu o conheço, Vega. Caio tem muita honra para fazer algo do tipo.

— Então você acha que os dois podem reatar? — Ela se levanta e vem até mim. A safada quer me dobrar.

— Eu não vou dizer nada sobre isso.

— E sobre nós, querido? O que você tem a dizer? — Ela passa as mãos pela lapela do meu paletó e o sangue em minhas veias começa a bombear em outro lugar.

— Que você é uma pequena atrevida que merece um bom castigo.

— Se isso incluir eu chupando você, querido, pode começar agora — Vega puxa meu paletó e me beija.

Eu sei que ela quer me seduzir e me dobrar com sexo, mas o que eu posso fazer? Sou louco por essa mulher e o sexo com ela é a melhor recompensa.



Capítulo 33  
Eu Vou Reconquistá-la

# Amanda

Agradeço aos responsáveis pela empreiteira e fico muito feliz com o resultado da reunião. Se eles cumprirem os prazos, em até dois meses eu tenho a o Studio pronto.

— O que você tem, princesa?

— Nada, só estou cansada.

— Estou indo para a empresa. Se precisar de algo me chama.

— Obrigada, João. Se puder, acalme meu irmão.

— Ele já sabe? Do Caio? — Olho-o espantada.

— Como você sabe do Caio?

— Princesa! Apesar de te considerar minha irmã mais nova, eu te via com olhos diferentes de Antônio. Ele não te permitiu crescer em sua visão, já eu consegui ver cada passo até você se tornar essa linda mulher.

— Obrigada.

— Sempre soube da sua paixonite, mas nunca realmente acreditei que aquele homem brutamontes mal-humorado— Rio do seu apelido para Caio. —, iria querer algo com você.

— Mas não deu certo. Ele só provou ser um canalha.

— Isso me admira ainda mais. Canalha é uma coisa que Caio nunca foi.

— Para tudo se tem uma primeira vez. Eu preciso ir, João. Ainda tenho que passar na faculdade e pegar minhas notas do semestre.

— Vai lá, princesa. Se precisar, já sabe, é só me ligar.

— Obrigada! — Nos despedimos e eu sigo meu caminho para a faculdade.

Resolvo algumas pendências na secretaria e consigo pegar meu quadro de notas. Pulo sozinha no corredor de saída, quando vejo que recebi nota máxima na apresentação de dias atrás.

— Que felicidade é essa? — Escuto atrás de mim e me viro no mesmo instante.

— André?! — Sorrio sem graça por ser pega na minha dancinha feliz.

— Olá, princesa. Eu não me lembro de ter visto essa graciosidade toda no palco.



— Ah! Que sem graça! Eu vim buscar minhas notas e vi que fechei a apresentação com nota máxima.

— Uau! Parabéns, princesa! — André me pega de surpresa em um abraço apertado.

— Obrigada! — respondo sem graça.

— Vamos comemorar. O que acha de um almoço?

— Eu tô sem fome.

— Um cachorro quente, então?! Na barraquinha da esquina. Vamos, Amanda, eu não serei mais seu professor. Você me deve isso. — Ele sorri graciosamente e eu não resisto.

— Tá bem. Um dogão na esquina.

— Assim que se fala.

Caminhamos lado a lado até o carrinho de *hot dog*. André pede dois completos. Ele comenta sobre o novo período letivo e eu conto sobre os avanços com o meu projeto.

— Fico muito feliz por você. Eu sempre soube que conseguiria.

— Espero conseguir levar esse projeto ao máximo de crianças e adolescentes possível.

— Você vai conseguir. Tenho alguns contatos com outras ONGs, vou te mandar uma mensagem e te colocar em contato com eles.

— Eu adoraria isso.

Comemos nosso dogão especial, mas eu começo a sentir um incômodo, como se estivesse sendo observada. Olho em volta procurando por alguma coisa, mas não há nada, só um carro preto do outro lado da rua.

Eu me atrapalho com o lanche e acabo me sujando minha boca, antes que eu alcance um guardanapo para me limpar, André se aproxima e limpa um resto de molho na minha boca e leva o dedo até a sua boca chupando.

Engulo em seco, ele me encara com intensidade e eu me incomodo. Nós assustamos com o barulho de pneus cantando e quando olho para a rua um carro preto passa por nós dando duas aceleradas na nossa frente.

— Que maluco!

— Pois é. — E eu acho que conheço esse maluco.

Tenho certeza que era Caio. A sensação de estar sendo observada era ele. Deve ter se

irritado com a atitude de André e saiu todo nervosinho daqui. Sorrio. Acho ótimo ele estar provando uma pontinha do próprio veneno.

— E então? Será que agora podemos finalmente sair para jantar? Não sou seu professor.

— André... É complicado. Eu estou saindo de um relacionamento e não está sendo fácil.

— É só um jantar. Como amigos?

— Vou pensar, prometo! Agora eu preciso ir. Obrigada pelo lanche.

— Sempre que precisar.

Nós nos despedimos com um abraço e eu parto de lá. Não consigo me sentir à vontade em usar André para irritar Caio ou até mesmo para esquecê-lo. Vai ser difícil passar por isso. Eu sempre soube que seria quando finalmente acabasse, mas nunca pensei que aconteceria dessa forma.

# Caio

Estou aguardando Júlio me atender na sede dos Gouvêa. Eles prestam acessória jurídica para minha empresa, mas meus motivos aqui são outros. Se ele conseguiu domar a fera da esposa dele na época do problema com o ex-senador e sua filha maluca, com certeza vai conseguir me ajudar a reconquistar meu anjo.

— O senhor pode entrar agora.

— Obrigada.

— Caio! Que surpresa. A que devo a honra?

— Corta o papo furado. Você sabe porque estou aqui — digo, cumprimentando-o e me sentando a sua frente.

— Sim, eu sei. — Ele ri. — Mas não sei exatamente o que eu posso fazer.

— Preciso provar pra Amanda que eu não comi aquela amiga safada dela. Hoje eu a vi com aquele professorzinho de merda na porta da faculdade.

— Você está seguindo-a?

— Claro. Eu não vou deixar aquele idiota ter o que é meu. — Júlio encosta na cadeira, sorrindo.

— Você está mesmo de quatro por ela.

— Estou, e daí? Você arrasta um vagão pela sua mulher.

— E você sempre gostou de fazer piadas com isso.

— Tá! Empatamos no quesito paga-pau — concordo com ele.

— Já conseguiu falar com a menina?

— Sim, já fiz minha pesquisa sobre ela e coloquei um “sombra” em sua cola.

— Por que você não marca um encontro? Enrole-a, atraia para perto de você e arranque a confissão dela.

— Não posso simplesmente perguntar?

— Pra ela ter feito isso com a melhor amiga, boa índole ela não tem.

— Tem razão.

— Ora, ora, ora! Se não é o mais safado do momento aqui. — Aldria entra na sala sem bater.

— Linda, eu estou em uma reunião. — Júlio se levanta, indo até sua esposa.

— Reunião uma ova! Você não é responsável pela conta da empresa dele. — Ela vem em minha direção e eu me levanto. — Você é um safado sem vergonha. Como pôde fazer isso com a pirralha? Ela te ama, sabia?

— Sim, eu sei. — Ela para seus movimentos e me encara.

— Se sabia, por que fez isso com ela?

— Eu não fiz, Aldria.

— Linda, isso não é da nossa conta.

— Cala a boca, Júlio! Então como aquela vadia acordou na sua cama praticamente nua?

— Eu não sei. Estava bêbado, mas eu garanto que não fiz nada com aquela garota.

— Jura? — Ela tomba a cabeça de lado, me encarando. — E qual seu argumento para justificar isso?

— Eu amo a Amanda. Ela é tudo pra mim e eu vou reconquistá-la.

Aldria volta alguns passos para trás, ainda me encarando. Vira-se para seu marido e segura seu rosto, lhe dando um beijo discreto.

— Boa sorte, bonitão! Você vai precisar — ela fala olhando para mim e então sai da sala.

— Que merda foi essa?

— Essa é minha esposa. Louca, doida de pedra, mas eu a amo. Eu acho que consegui convencê-la, o que para você é muito bom.

— Uma do trio a menos para eu me preocupar.

— Quarteto, meu amigo. Não pense que Amanda não tem carteirinha vitalícia naquele covil.

— Já entendi. Eu estou fodido, mas como atrair a garota?

— Use seu charme de homem das cavernas. Use uma escuta e arranque dela a verdade.

— Não sei se isso é viável. Se Amanda souber...

— Você não a quer de volta?

— Quero. Claro!

— Então faz o que eu tô dizendo.

\*\*\*

Depois de visitar Júlio, eu volto para a empresa. Resolvo algumas questões na administração, mas minha cabeça não consegue focar em nada. A imagem daquele merdinha tocando nela hoje me deixou possesso. Com certeza, se ele estivesse mais próximo do meio-fio, seria muito fácil passar com o carro por cima dele.

— Caio? Posso entrar? — Margô bate na porta que já estava aberta.

— Claro.

— Fernando pediu pra te avisar que aquele ex-segurança foi preso hoje. Foi pego roubando uma joalheria. O cara realmente não era boa coisa.

— Ótimo! Um problema a menos para mim.

— Está tudo bem? Você parece preocupado.

— Cabeça cheia, só isso.

— A menina está dando trabalho?

— Margô, não! Eu não quero falar sobre ela com você.

— Pelo jeito a coisa realmente é séria.

— Mais do que você possa imaginar.

— Espero que você não estrague tudo, Caio. A menina parece realmente gostar de você. Aproveite a chance e vá ser feliz. — Ela sorri e não parece debochada.

— Eu já estraguei tudo — lamento.

— Se ela te ama de verdade, bonitão, você consegue dar um jeito. — Ela pisca um olho para mim e sai da minha sala.

Quando contratei Margô para trabalhar comigo, eu sabia que ela era uma Loba. Ela não se acovarda e não tem medo de mostrar o que é, mas o melhor de tudo é que ela consegue interpretar as pessoas. Margô tem o dom de ler situações e pessoas, isso sempre ajudou muito aqui.

Fico feliz que ela tenha entendido que nosso caso não existe mais, assim fica mais fácil de trabalharmos juntos. Difícil mesmo vai ser convencer meu anjo disso.

*Isso se ela me perdoar um dia.*

Pego meu celular e abro mandando uma mensagem para a tal Claudinha. Ela responde de imediato e morde a isca quando eu a convido para tomar alguma coisa no pub e conversarmos.

Envio outra mensagem, agora para meu anjo, dizendo o que mais estou sentindo agora.

**Eu- sinto sua falta :’(**

Ela visualiza, mas como das outras vezes, não responde. Fico louco com essa frieza, eu sei que isso não é dela, que seu ciúme está falando mais alto que a razão. Eu faria a mesma coisa, ou ainda pior, mas ela não vê? Não entende que eu a amo?

Recebo um alerta do “sombra” que está responsável pelos cuidados de Amanda informando que ela já está em sua casa e segura. Respiro aliviado.

Resolvo descer para a arena, minha adrenalina está a mil e eu preciso descarregar em alguma coisa, ou com muita sorte, em alguém. Nada melhor para aplacar minha ansiedade do que pondo para fora tudo que eu estou guardando dentro de mim.

# Júlio

Eu sabia que um dia aquele casca dura do Caio cairia de amores por alguém. Nunca pensei que seria a irmã do Antônio, mas uma coisa que eu aprendi com a minha própria experiência é que não comandamos nosso coração.

Pego o telefone e ligo para Antônio, preciso colocar a segunda parte desse plano em andamento. É algo meio maluco, mas, se der certo, Caio reconquista sua mulher e eu ganho pontos com a minha. Nunca se sabe quando eu vou precisar.

— Alô!

— Antônio, boa tarde! Cara, você sabe que ele ama sua irmã, não sabe?

— O que exatamente você está querendo, Júlio Gouvêa?

— Provar para você e sua irmã que vocês estão errando com Caio. Amanhã ele vai encontrar a maluca em um pub e vai tirar a limpo a história do que realmente aconteceu.

— Eu não tenho nada com isso.

— Qual é, Antônio? Poderia ser qualquer um querendo sua irmã, mas é o Caio. Seu homem de confiança, o cara que sempre deu a vida dele por vocês.

— Ele me traiu e traiu minha irmã.

— O termo correto é omitiu e em relação a sua irmã, não existem provas disso.

— Não me venha com esse papo de advogado.

— Então veja com seus próprios olhos. Leve a Amanda amanhã. Vou te passar o endereço. E Antônio?

— O quê?

— Ele não sabe que vocês estarão lá.

Desligo o telefone e mando a mensagem com o endereço que Caio me passou para Antônio. Não conto a parte em que Antônio e Amanda estarão lá escutando tudo, assim ele age naturalmente - ou quase naturalmente - e se concentra em tirar daquela garota a verdade.



Capítulo 34  
Saudade Não Deveria Doer Tanto



# Amanda

Saudade não deveria doer tanto, pelo menos não quando a pessoa em questão é um completo idiota. Eu não consigo me conformar do meu coração tolo ainda o querer.

Antônio passou aqui em casa mais cedo e insiste que eu deva acompanhá-lo hoje à noite em algum lugar. Não entendi direito. Ele diz que é algo do meu interesse, o que eu duvido muito, mas não consegui recusar.

André é outro que não para de me enviar mensagem. Ele insiste em uma data para sairmos e, de tanto falar, concordo em ir jantar com ele no sábado. Eu gosto dele, mas essa pressão está me incomodando.

Passo o dia trancada no meu quarto. Revezando meu dia entre escutar minha *playlist* da sofrência, comer besteiras, olhar as fotos que tenho de Caio - essa parte é decadente - e chorar.

A noite chega e eu tomo um banho rápido, coloco um jeans, uma blusa básica, sandálias e nada de maquiagem. Não sinto a menor vontade de me arrumar, então vou desse jeito mesmo.

Às nove em ponto, Antônio me manda uma mensagem avisando que me espera na porta. Estranho o comportamento, isso não é comum nele. Desço e me despeço do meu pai, entro no carro e vejo que só estamos nós dois.

— E Vega?

— Está em casa.

— Por que ela não veio?

— Eu vim direto da empresa.

— E aonde vamos?

— Tirar a prova.

— De quê?

— Perguntas demais, irmãzinha. Você vai saber quando chegarmos.

Eu o olho intrigada, mas não me manifesto mais. Antônio arranca com o carro e nos leva a um pub conhecido. Já vim algumas vezes aqui com a vadia da minha ex-amiga, Claudinha.

Entramos e Antônio nos leva para uma mesa mais no canto, afastada da movimentação

do lugar. Ele pede duas cervejas para o atendente, que vem até a mesa e não fala nada.

— O que vim fazer aqui, Antônio? *Happy hour*?

— Espere e vai ver.

Tamborilo os dedos na mesa, encarando meu irmão. Ele mantém seu olhar fixo na porta atrás de mim. Essa situação começa a ficar ridícula e eu me levanto da mesa.

— Já chega, Antônio! Eu não vou ficar aqui feito uma...

— Schiuuuu! — Ele puxa minha mão para que eu sente novamente.

— Schiu nada! Eu vou embora! — Tento me soltar do seu aperto.

— Você não quer saber se Caio realmente te traiu?

— O quê?

— Fique quieta e logo terá a prova.

— Do que você está falando, Antônio?

— Cheguei! — Júlio se senta ao lado de Antônio.

— Que demora! — Antônio reclama.

— Tive que despistar minha mulher. Ela sente cheiro de coisa escondida, só pode.

— O que está acontecendo aqui? — questiono os dois.

— Caio vai encontrar com a Claudinha aqui em alguns minutos.

— E o que eu vim fazer aqui? Antônio, era isso que você queria? Me mostrar que eu me apaixonei por um babaca? Pois adivinha, irmão, eu já percebi isso no dia em que o peguei na cama com outra.

— Calma, Amanda. Eu pedi para Antônio te trazer aqui. Armamos um encontro com a sua amiga para que ela confesse o que realmente aconteceu.

— Ex-amiga. Você acha realmente que isso vai adiantar? Quem me garante que tudo isso não é uma armação de vocês?

— Amanda! Eu jamais faria isso com você, até porque, eu não sou o maior apoiador desse relacionamento. — Antônio se ofende.

— Tudo bem! Você pode estar de fora, mas você, Júlio, é amigo do Caio.

— Mas é meu marido, pirralha, e, por amor a própria vida, ele não estaria apoiando algo

errado, não é, amor? — Aldria para ao nosso lado na mesa.

Olho para trás e vejo Lucca e Vega acompanhando a doida da Aldria. Olho para Antônio e Júlio e eles parecem chocados. Acabo sorrindo da situação. Se isso era pra ser uma operação secreta, não deu muito certo.

— Pequena! O que faz aqui?

— Vim ver o que vocês vão ver, amor. Chega pra lá e dê espaço pra mim e seu filho.

— Linda, como você descobriu que eu estava aqui?

— Amor, você não consegue esconder mais nada de mim, aprenda isso. Vi o endereço que você mandou para o Antônio ontem, avisei a Vega e resolvemos vir conferir. Ah, a biba veio de enxerida.

— Eu amo um mexerico. Agora falem o que está acontecendo — Lucca fala enquanto se acomoda na mesa.

— Caio vai encontrar a Claudinha aqui.

— Safado!

— Cachorro!

— *Gilipollas!*

— Calma, gente! Isso tudo é uma armação. Caio está com uma escuta e nós poderemos ouvir tudo.

— E quem garante que isso não é um teatro? — Lucca questiona.

— Foi a mesma coisa que eu disse — concordo.

— Ele não sabe que você está aqui, Amanda. Ele acha que estarei gravando para ele lhe mostrar numa outra oportunidade. Eu deduzi que você poderia não dar credibilidade à gravação, por isso pedi que Antônio te trouxesse aqui.

— Que seja! — desdenho.

— Chegaram — Antônio anuncia e eu gelo por dentro.

Olho para trás e vejo Claudinha passando por Caio que segura a porta do pub aberta para ela. Ela passa por ele rebolando. Eu conheço aquela vadia quando está tentando seduzir alguém.

— Dá *play* nesse negócio, Júlio — Aldria pede, afoita.

— Linda, já está ligado. Agora é só esperar.

Escuto um ruído no aparelho, mas não desvio meus olhos deles. Caio e Claudinha sentam de lado para minha visão. Um de frente para o outro e eu consigo enxergar tudo, cada movimento.

— *Então! Me chamou aqui para quê, Caio?*

— *Eu queria entender aquele dia.*

— *Você pareceu muito incomodado comigo quando acordou.*

— *E eu estava. Lembro-me de chegar no apartamento e mais nada.*

— *Comigo, né, gato?! Eu te acompanhei até lá.*

— *Mas eu não me recordo de ter te convidado, Claudinha. Lembro-me de te ver nesse pub. Perguntei da Amanda e você me disse que ela estava no meu apartamento.*

— *Você estava muito bêbado mesmo. Não se lembra de nada?*

— *Qual é, Claudinha? Pode abrir o jogo pra mim.*

— *E o que eu ganho com isso?—* Vejo-a se inclinando sobre a mesa e sinto meu sangue ferver.

Caio também se aproxima. Eles ficam com os rostos muito próximos.

— *Isso podemos discutir depois. Primeiro os fatos, depois a diversão.*

— *Feito! —*Ela passa a mão pelo rosto dele.

Calma, Amanda!

— *Eu vim encontrar umas amigas no pub naquele dia. Vi você com seus amigos, achei que estivesse com a Amanda, mas como ultimamente não estamos tão próximas, pensei que pudessem estar separados. Ela sempre foi apaixonada por você, mas eu nunca achei que você realmente a olharia com outros olhos.*

— *Entendo. Nem eu pensei que isso seria possível.*

— *Pois é. Você sempre foi um gato inatingível para nós, as novinhas! Fiquei tentada em saber como você era, sabe... intimamente. Esperei seus amigos partirem e cheguei junto, mas você só falava dela.*

— *Eu estava bêbado.*

— *Percebi. Então contei uma mentirinha pra te levar embora dali. Entrar no seu apartamento não foi fácil, você ficou muito ruim. Consegui fazer com que você chegasse quase se arrastando no quarto. Você até conseguiu tirar a roupa, mas apagou quando caiu na cama.*

— *Mas nós... fizemos alguma coisa?*

— *Sexo? Não, gatinho. Você não me deu um beijo sequer, por isso resolvi ficar até o outro dia. Quem sabe não te convenceria a algo quando acordasse.*

— *E quando acordei e te perguntei o que estava fazendo ali a Amanda chegou.*

— *Sim! Que droga! Eu fiquei mal. Achei realmente que vocês não estavam mais juntos e ela nem ficaria sabendo se rolasse algo, assim como fiz com André.*

— *André?*

— *Sim, nosso professor. Ele se interessou pela Amanda. Ela sempre foi sortuda. Todos os caras mais bonitos a queriam, mas eu sempre dei meu jeito de tirar uma lasquinha.*

— *Isso não é muito honesto.*

— *Não, não é. Mas eu não nasci para ficar com vontade, gato. E por falar nisso, agora você me deve algo.*

Levanto da cadeira sem pensar em mais nada. Tenho um único foco: confrontar a garota que me deu apoio quando eu mais precisei na minha vida e que eu não sei dizer em que momento ela mudou tanto.

— Amanda! — ambos falam.

— Claudinha, como você pôde? Eu ouvi tudo o que disse. Por quê? POR QUÊ? — grito com ela.

— Porque você sempre teve tudo e eu sempre fiquei com as migalhas. Até meus pais preferiam você a mim.

— Isso não é verdade.

— É sim! Você não sabe o que é viver na sombra de alguém e era assim que eu me sentia. Então eu fiz! Eu não achei que vocês estivessem realmente juntos. Você não me contou desse detalhe. Eu já não era mais tão importante assim para você.

— Você é louca! Uma maldita louca invejosa! — Avanço sobre ela, mas Caio me segura.

— Calma, Amanda!

— Me solte! Eu vou acabar com ela!

Claudinha se levanta sorrindo, olha para Caio jogando um beijo em sua direção, e sai do pub. Caio me solta e eu me viro para ele bufando.

— Calma.

— Você deveria ter me deixado acabar com ela.

— Não vale a pena, anjo. Eu só queria uma prova para te mostrar que eu não dormi com ela. Nunca quis nenhuma mulher depois de estar com você.

— Isso não muda nada. — Encaro-o com raiva.

— Como não?! Amanda, você viu o que ela disse...

— Não importa! Como eu vou saber que você não vai se afastar de novo? Que não vai passar por alguma crise ou dificuldade e descontar na nossa relação? Eu sei que o que o seu pai fez não tem perdão, Caio. Mas eu não posso viver sendo ameaçada por toda essa situação.

— Anjo, eu amo você.

— Você me disse essa mesma frase naquela noite, mas isso não te impediu de sumir por dois dias sem responder minhas mensagens.

Volto até a mesa e todos estão parados olhando o desenrolar dos fatos. Pego minha bolsa na cadeira e viro, marchando para a saída. Eu estou amortecida.

— Amanda! — Paro na saída quando o escuto me chamando.

Olho para trás e vejo Caio parado de pé, ao lado da mesa. Sua imponência se foi e eu vejo um menino. Um menino triste e perdido.

— Você disse que eu era igual ao meu pai e eu sei que tem razão, mas, por favor, me ajude. Me ensina a ser melhor que ele.

— Não... Não dá. Você não entende... A sua melhora depende de você, Caio. Sua vontade de ser diferente é que tem que prevalecer.— Limpo a lágrima que escorre na minha face e saio dali.

Entro no taxi parado na porta do pub. Meu coração sangra, minha cabeça dói e eu sinto o ar começar a sumir dos meus pulmões. Eu estou destrocada. Não acredito que eu estou realmente fazendo isso.

Eu acabei de deixar o homem da minha vida.



## Capítulo 35

### Aprender, Tropeçar e Perseverar

# Amanda

## Um mês depois

Verifico os acabamentos das salas do Studio e fico muito satisfeita com o resultado. A empreiteira conseguiu fazer um excelente trabalho em tão pouco tempo. Em mais alguns dias eles finalizam os acabamentos e eu finalmente posso inaugurar a ONG Ana Luiza Machado.

O nome da minha mãe foi a melhor escolha para esse lugar. Ela foi a melhor pessoa que conheci. Tão serena e equilibrada, sempre soube dar o melhor conselho e a melhor explicação para tudo.

Ela é minha inspiração e, assim como ela, espero conseguir direcionar essas crianças por um bom caminho. Quero ser uma boa orientadora e trazer a cada uma delas um fôlego na dificuldade da vida.

Verifico as horas e vejo que estou atrasada para o ultrassom daquelas duas doidas. Elas marcaram a ultra como se fosse um evento e ainda criaram um grupo no aplicativo de mensagens para isso.

Chego à clínica e fico sabendo que acabaram de ser chamados. Ainda não entendi como autorizaram duas grávidas, dois pais e mais três intrusos lá dentro para o exame.

Cumprimento a todos e aproveito pra zoar com Aldria que, como sempre, é hostil. Ficamos na expectativa esperando a divulgação do sexo do bebê dela. Quase caímos de costa quando o médico anuncia que são dois. Um menino e uma menina.

— Parabéns, papais! — cumprimento os dois quando Aldria troca de lugar com Vega.

— *Tu* vai ajudar a olhar, pirralha! — Aldria decreta e eu rio.

— Hora da Sra. Machado — o médico fala e eu me animo.

— Finalmente vamos saber se é um *monstrinho* ou uma *monstrinha*.

— Amanda, não fale assim do seu sobrinho — Antônio chama minha atenção.

— Com o tanto de coisa esquisita que a Vega come, não tem como pensar outra coisa.

O médico começa o exame e logo o monitor ganha imagem e o som barulhento de um coraçãozinho batendo enche meus ouvidos e, mais uma vez, eu choro emocionada.

— É... Uma menina! Uma linda e forte menina.



— Parabéns, mano e cunhadinha!

— Parabéns, minha flor!

— Se ferrou, Antônio — Júlio fala, *sarrista*.

— No dela não tem dois também? — Aldria pergunta, olhando para o monitor.

— Não, Sra. Gouvêa. Ela está grávida de uma forte menina.

Vejo meu irmão se aproximar de Vega e falar algo em seu ouvido, ela fecha os olhos sorrindo e ele beija sua testa. Olho para o lado e vejo Aldria e Júlio abraçados, e ele acariciando sua barriga. Lucca e Eduardo estão próximos do monitor, admirando a imagem e falando alguma coisa um para o outro.

Sinto um incômodo no meu peito e saio da sala para respirar um pouco. Faz um mês que eu não o vejo, não sei nada dele, não recebo uma mensagem, nada.

Vega e Aldria dizem que eu estou sendo dura demais com ele, até Antônio veio falar comigo para saber se eu não acho exagero, mas eles não entendem. Eu preciso que ele prove que mudou, que não vai se deixar abalar por qualquer coisa que aconteça com a sua família ou a nossa volta.

Recebo uma mensagem no celular do André. Ele tem se mostrado um bom amigo nessas últimas semanas. Nós conversamos sobre a Claudinha, ele disse que realmente tinha saído com ela uma vez, mas que seu interesse sempre foi em mim.

Eu deixei claro a ele que nunca tive interesse nele e depois de saber dele e da Claudinha, eu não conseguiria pensar diferente. Ele entendeu e mesmo assim se manteve em contato comigo. Já saímos algumas vezes para jantar, como amigos, claro, mas é engraçado como eu me sinto incomodada quando isso acontece, como se eu estivesse sendo julgada por alguém, sei lá.

Confirmo nossa saída hoje à noite, marcamos num barzinho que fica perto do Studio. Ele quer saber como estão as finalizações do projeto e eu me animo para dividir isso com mais alguém.

Tem sido muito difícil conviver com a turma, todos eles têm seus pares e eu sou sempre a que está sobrando. O pior é aguentar os olhares reprovadores para mim, como se eu fosse a culpada de todo o meu sofrimento.

*Será que sou?*

\*\*\*

André entra no bar e sinalizo para ele que me vê. A sensação de incômodo, como todas as poucas vezes que saio com ele para conversar, está presente.

Ele me cumprimenta com um beijo no rosto e nós nos sentamos à mesa próxima a pista de dança. Eu gosto desse lugar, é um bar dançante, bastante animado e bom para bater papo.

— Será que hoje consigo minha primeira dança?

— Acho pouco provável. — Rio da sua gracinha.

— Ora, Amanda. Uma dança. O que tem demais?

Lembro-me de Caio me levando pelo salão naquele baile. Ao som de Sinatra ele me encantou com a destreza que tinha para dançar, nunca imaginaria isso nele. Balanço a cabeça dispersando esses pensamentos.

— Pois é... O que tem demais. — Me levanto.

André forma um sorriso genuíno nos lábios. Ele se levanta e pega na minha mão, me levando até a pista de dança. Suas duas mãos vão para minha cintura e eu apoio a minha no alto dos seus braços.

No som, uma música qualquer toca, mas eu não estou atenta a isso. O incômodo no meu peito aumenta, como se eu estivesse cometendo o maior pecado da minha vida. E estou, pois não são esses braços que eu quero em torno de mim.

Tento me afastar de André, mas ele intensifica seu aperto a minha volta. Olho em seus olhos e sem esperar ele me beija. Sua língua invade minha boca sem pedir licença e eu fico muito brava com isso.

— Não... — Viro minha cabeça para o lado.

— Amanda, qual é? Deixe acontecer. — Ele tenta avançar mais uma vez.

— Não, André! — Sou mais enérgica.

Sinto André ser tirado com brusquidão do meu aperto.

— Ela disse não, seu merda! — Um soco certeiro atinge o nariz de André.

— Caio...

Olho-o enquanto ele agarra André pela camisa e o arrasta até a saída do bar. Ninguém tem coragem de entrar em sua frente. O homem parece um trator humano.

Sinto meu corpo se arrepiar quando ele se aproxima de mim novamente. O incômodo

que eu sentia se foi e minha expectativa começa a aumentar.

— Já chega, anjo! — Ele expira com pesar.

— Chega?

— Sim! Acabou, meu castigo. Eu te dei espaço, pensei, ponderei e entendi suas dúvidas. Mas eu não consigo sem você, não sou nada sem você.

— Caio... — Uma lágrima escorre pelo meu rosto e logo outras a acompanham.

— Agora é pra valer, garota! Não tem mais volta! — Ele vem até mim e me toma em seus braços.

Seu cheiro tão familiar é reconfortante e logo sinto sua boca deslizando sobre a minha. Eu ansiava tanto por isso que não consigo ter nenhuma reação.

— Anjo...

— Oi.

— Tome isso daqui. — Ele se afasta e pega a minha garrafa de cerveja da mesa. — A língua dele passou por aí, eu vi!

Fico chocada olhando para ele e não resisto, caindo na gargalhada. Tomo a garrafa de sua mão e tomo um grande gole de cerveja.

— Satisfeito?

— Ainda não. — Caio fica sério e me puxa para seus braços.

Sua língua invade a minha boca, mas quem disse que ele precisaria de permissão? Eu sempre fui dele e isso nunca mudou. Uma melodia começa a tocar e eu reconheço a música: *If I Ain't Got You*, Alicia Keys. Essa versão é um homem cantando e é a coisa mais linda que já ouvi.

— Eu só quero você, anjo — ele fala assim que termina nosso beijo.

— Você já me tem, Caio. Sempre me teve. Eu te amo.

— Não mais que eu, anjo.

\*\*\*

Caio me carrega por cada cômodo em seu colo. Quando nossa dança encerrou no bar, ele me tirou de lá e viemos para seu apartamento. Ele falou que precisava me foder. Tão romântico!

Ele me coloca na cama com cuidado, suas mãos deslizam pelo meu corpo e ele abre o botão da minha calça. Elevo meu quadril, facilitando para ele tirá-la de mim.

Aproveitando que está de pé ele tira a camiseta e a calça, e mais uma vez eu contemplo o corpo perfeito do meu homem. Caio sobe na cama, se encaixando no vão das minhas pernas. Suas mãos percorrem minha barriga e empurram minha blusa para fora do corpo.

— Você é perfeita! — Ele alisa a lateral do meu corpo.

Caio deita sobre mim e me beija. Um beijo sentido e intenso, o toque de seus dedos grandes e grossos por meu corpo, apertando a minha anca e me fazendo arfar.

Ele libera minha boca e desce sua tortura por minha mandíbula e pescoço. Suas mãos escorregam para meu traseiro e ele me suspende pela bunda, fazendo um encaixe perfeito entre nossas intimidades.

— Você é minha! Só minha! — ele fala, entre beijos molhados pelo meu colo.

— E você é meu! Você é meu, não é, Caio? — Ele para seus movimentos e me encara.

— O que quer dizer com isso, mulher?

— Quero saber se saiu com alguma vadia. — A pulga da desconfiança cresce em minha orelha.

— Só com a minha mão. Me masturbando e pensando em um anjo de cabelos loiros. — Eu rio e acerto um tapa em seu braço.

— Tarado!

— Por você! — Caio gira na cama, me deixando por cima dele.

— Quero você dentro de mim — falo em um sussurro.

— Que seja feita a sua vontade, anjo.

Caio rasga a lateral da minha calcinha. Eu me inclino beijando seu tórax e ele tira o retalho do que era uma linda lingerie. Sinto seu membro livre da cueca cutucar minha entrada.

— Eu espero que esteja pronta.

— Eu sempre estive pronta para você.

Seu membro me penetra devagar, meu canal pulsa com ansiedade e eu volto meu corpo para trás, fazendo o peso necessário no meu corpo para ele terminar de entrar em mim.

— Ahhhh... — gememos juntos.

Espero alguns segundos para sentir seu membro todo dentro de mim e começo a me mover. Rebolo de forma sedutora, apoio minhas mãos em seu tórax e vejo Caio fechar os olhos com força.

— Quer que eu pare, amor?

— Não! — Ele abre os olhos. — Não pare! — Sorrio de lado e continuo minha tortura em cima dele.

Pela sede que sinto e a que vejo nos olhos de Caio, essa noite será exclusivamente para matar a saudade e devolver para nossos corações o ritmo certo de suas batidas.

Sem desespero, angústia, incômodo ou se achar o deslocado no meio. Agora somos um. Encontramos nossos destinos nos erros que nós mesmos cometemos, mas isso é a vida. Aprender, tropeçar e perseverar com os percalços do caminho.

\*\*\*

— Alô?

— Amanda?

— Oi, sou eu!

— Por favor, você consegue dar uma oportunidade para a Lola assim que começar a fazer a seleção do seu pessoal? Ela é uma ótima administradora, só precisa da oportunidade certa.

— Tudo bem, mas por que essa oportunidade não acontece aí na Gouvêa?

— Longa história que envolve um coração partido.

— Own...

— Pois é. Eu quero tirá-la daqui para evitar que eu mande meu cunhado para o hospital.

— Os dois estão hostis um com o outro?

— Não! Ele é um idiota e ela muito boba, e eu... Eu vou acabar sentando a mão em todo mundo por aqui! —Ela termina quase gritando.

— Já entendi! Tudo bem! Considere dela a vaga.

— Maravilha, pirralha. Quando parar de transar feito coelho com o seu macho alfa, aparece em casa. — Solto uma gargalhada pelo seu comentário.

— Quando eu parar... apareço.

— Vadia! — ela exclama, chocada.

— Beijos, Mortícia!

Encerro a chamada e vou para a cozinha. Ajeito a bandeira com algumas frutas, um pouco de suco, café preto e pães tostados. Já passa do meio dia. Caio e eu fomos dormir depois que o sol já brilhava no céu, mas era tanto desejo e vontade que simplesmente não conseguíamos parar de nos tocarmos.

Penso em Lola e sinto pena. O que o devasso do Olavo aprontou dessa vez? Aquele não tem jeito. Tentou jogar charme para cima de mim quando o conheci, mas ele traz atestado na testa, “cafajeste”. De qualquer forma ela está bem amparada. O quarteto jamais deixaria uma garota como ela na mão.

Uma coisa valiosa eu aprendi com todas essas confusões com Caio, que por mais que os homens sejam dominadores, possessivos, ciumentos e arrogantes, nós é que sempre damos a palavra final.

Como dizia minha mãe, “o homem é a cabeça de uma relação, mas a mulher é o pescoço”.



# Amanda

## 2 anos depois

Acordo na cama sozinha, minha lombar está queimando. Depois do show de ontem e da forma como meu amado marido me castigou pela minha travessura, eu estou um caco. Também pudera. Agora carregando uma jaca na barriga, eu me canso muito fácil e não consigo acompanhar o ritmo daqueles três malucos.

Consigo levantar com dificuldade e vou para o banheiro. Não sei para que uma casa tão grande. Caio e meu pai não conhecem a palavra limites. Logo que nos casamos, eu queria morar no apartamento dele com ele, mas o senhor teimoso não achou aquele lugar apropriado para uma família e resolveu comprar um terreno na mesma rua onde moram hoje meu pai; Antônio, Vega e Ana Luz; e Júlio com Aldria e os gêmeos.

Só que ele não contava com o fato de que eu não queria ser mãe tão cedo. Três crianças chegaram à família em uma tacada só. Era muita chupeta e fralda nos rondando, e eu ainda estava maluca preparando meu casamento.

Meu conto de fadas aconteceu no dia em que nos casamos. Eu quis fazer tudo na praia. Tecidos leves, a areia aos nossos pés, todos em tons claros e o entardecer cobrindo o mar azul. Foi emocionante recitar nossos votos naquela paisagem.

Escovo meus dentes e quando vou fazer minhas necessidades matinais, sinto uma fisgada por baixo. O incômodo nas minhas costas aumenta e sinto minha barriga ficar dura, enrijecida. Quando vou me limpar, vejo sangue no vaso. Sinto um desespero e volto para o quarto.

Ligo para o celular do Caio e nada. Ele provavelmente saiu para correr no condomínio. Começo a inspirar e expirar pela boca, tentando controlar meu nervosismo. Com dificuldade eu troco de roupa e pego a chave do carro.

Desço as escadas devagar, soltando o ar pela boca a todo o momento. Quando abro a porta, dou de cara com Caio, que estava entrando naquele momento. Sinto uma dor mais forte na minha pélvis e me inclino para frente.

— Amor? O que foi?

— Me leve para o hospital! Agora!

Caio me pega no colo, eu destravo o carro e ele me coloca sentada no banco. Ele entra e



dá partida. Escuto-o falar no celular com alguém, acredito que sejamos “sombras”, mas não presto muita atenção. Quero chegar logo no hospital e ver que está tudo bem com nosso filho.

— Calma, anjo. Vai dar tudo certo.

Olho para ele e concordo com a cabeça. Seus olhos me mostram o mesmo medo que estou sentindo. Fecho os meus e começo a rezar para que tudo fique bem e meu anjinho esteja a salvo.

Chegamos ao hospital e uma maca vem me buscar no carro, e logo sou levada para a emergência. Começam a tirar meus sinais vitais. Eu respondo várias perguntas das enfermeiras e nada do médico chegar.

— Onde está o médico?

— Já está vindo, Sra. Barreto.

— E meu marido?

— Logo ele poderá vê-la.

A porta se abre e eu respiro aliviada em ver um rosto amigo.

— Íris.

— Amanda, querida! Fique calma, o obstetra de plantão vai te examinar e logo você estará no quarto.

— Tudo bem.

Passo pelos exames obstetrícios e sou medicada. Apesar de não ser a especialidade de Íris, ela se mantém ali o tempo todo. Eu a conheci no chá de bebê de Ana Luz e acabamos nos conhecendo melhor.

Ela estava terminando um curso de especialização e voltou quando Vega e Aldria marcaram seus chás.

— Prontinho. Agora está liberada para ir para o quarto.

— Maravilha.

Mal chego ao quarto e ele é invadido pelo meu marido nada delicado. Os enfermeiros o olham de cara feia e ele faz questão de ignorar a todos.

— Anjo, como você está? E nosso anjinho?

— *Tá* tudo bem, amor.

— Por sorte — Íris entra falando.

— Sorte? — perguntamos juntos.

— Você teve um forte sangramento, Amanda, o que não é normal de acontecer no sexto mês de gravidez. Por acaso andou fazendo alguma atividade pesada?

— Se contar dançar no palco do show de um *viadinho*... — Caio acusa, irritado.

— Ah, e não conta as horas de sexo que você me submeteu depois disso, né?! — retruco.

— Amanda!

— Caio!

— As duas coisas provavelmente foram o que ocasionou esse sangramento. Você foi medicada, mas deverá ficar em repouso absoluto pelo próximo mês.

— Mês? — reclamo.

— Absoluto? — Percebo a dúvida na voz do meu marido.

— Sim! Mês e absoluto, ou seja, nada de shows ou sexo. — Íris ri.

— Merda! — dizemos em uníssono.

— Com licença, Amanda! Oi, princesa. — João passa pela porta.

— Oi, João.

— Eu fiquei sabendo pelo Antônio e pelo visto fui o primeiro a chegar.

— Bem inconveniente.

Escuto Íris resmungar.

— Disse alguma coisa, doutora? — ele pergunta a ela com hostilidade.

— Disse que minha paciente tem que descansar.

— Mal-amada... — João sussurra.

— O que disse?

— Disse “obrigada”... por avisar. — Ele dá um sorriso forçado. — Princesa, eu preciso ir. Se está tudo bem, eu volto para a empresa tranquilo.

— Pode ir. Não foi nada demais.

— Tchau, cara — ele e Caio se cumprimentam.

— Até mais, doutora. — Ele a cumprimenta com um aceno de cabeça e sai.

— Presunçoso esse cara, né?!

Eu e Caio nos olhamos e sorrimos da cena. Parece que estamos revivendo um filme. Depois disso meu quarto vira um auditório com o tanto de gente que entra e sai daqui de dentro.

Fico vinte e quatro horas deitada aqui em observação e Caio não sai do meu lado, preocupado, mesmo com a doutora Íris garantindo que não corro mais risco nenhum.

Recebo alta com uma lista de cuidados que devo tomar e em todas elas só consigo ver tédio. Repouso absoluto e nada de sexo. Vai ser difícil passar esse mês.

### **Um mês depois**

Finalmente acabou meu tormento. Hoje eu saio da minha seca e me acabado naquele corpo delicioso do meu marido.

Ele saiu cedo para a labuta e eu não consegui pegá-lo de jeito. Sei que ele vai dar trabalho. Caio não me deixou tocá-lo nem um diazinho desse mês; nem um carinho de leve e isso me deixou possessa.

Volto aos meus planos e já sei o que fazer. Pegó uma camisola transparente que tenho. Ela é rendada nas alças e no busto, e embaixo desce um pano leve até o meio das minhas coxas com uma fenda frontal de cima a baixo.

Escuto barulho da porta e apago a luz do quarto. Acendo algumas velas que estão espalhadas pelo ambiente. Ouço Caio me chamando, mas não respondo.

Presto atenção aos seus sapatos na escada e logo o vejo girar a maçaneta da porta. Caio entra e eu estou sentada sobre meus joelhos no meio da cama. Ele olha em volta e para seus olhos em mim, me analisando.

— Oi, amor. Ainda bem que chegou.

— Oi, anjo. O que é tudo isso?

— Hoje faz um mês, amor.

— Então, amor. Sobre isso eu falei com seu obstetra e...

— E ele disse que está tudo bem comigo. Também falei com ele.

— Mas eu acho melhor esperar, sabe?

— Nada de esperar, Caio! Você vai vir agora aqui e me fazer ter pelo menos dois orgasmos hoje! — Me irrita.

— Amanda, seja razoável.

— Eu fui razoável. Um maldito mês. Agora o que eu quero é sexo! — Bato a mão na cama.

— Eu acho melhor...

— Eu acho é que eu vou procurar outro que queira me dar o que eu quero! Hum... Será que André ainda tem o mesmo número? Certamente ele toparia... Ai! — grito com o ataque de Caio em cima de mim.

— Sua petulante! Eu aqui preocupado com nosso filho e você pensando em foder outro?

— Não seja insensível, Caio! Eu quero foder com você, mas você está dificultando isso, logo, eu preciso achar uma alternativa.

— Eu vou te dar uma boa alternativa bem aqui! — Ele toca minha intimidade e eu gemo.

— Isso...

— Você não tem jeito, garota. Consegue me deixar louco e agir contra minha própria vontade.

— Você me ama assim.

— Sim... Eu amo você assim...

**FIM!**

## Sobre a Autora

Agatha Waleska F T Santos, pseudônimo AWF Santos, tem 29 anos, casada, sem filhos, umbandista na alma e no coração. É natural de Taubaté, interior de São Paulo. Formada em Administração de Empresas e hoje gerente administrativa no ramo de varejo de combustíveis. Sempre gostou de leitura, mas sua paixão se enraizou com a Série Cinquenta Tons. É uma devoradora de romances eróticos e há pouco tempo descobriu o encantamento pela escrita. Sua primeira obra é a Série Se Entregando ao Amor, Agatha gosta da alegria da vida e é a favor de que aquilo que faz a pessoa feliz a torna alguém melhor.

<https://www.facebook.com/awfsantos>

<https://www.instagram.com/awfsantos/>